

EMILY MCINTIRE



FISGADOS

A NEVER AFTER NOVEL



LABANA VERMELHA

Table of Contents

[PLAYLIST](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

EMILY MCINTIRE

FISGADOS

A NEVER AFTER NOVEL



COPYRIGHT © 2021/2022 Emily McIntire
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.
TÍTULO ORIGINAL: HOOKED

DIRETORA EDITORIAL

Elaine Cardoso

EDITORA

Mari Vieira

TRADUÇÃO

Samantha Silveira

PREPARAÇÃO e COTEJO

Letícia Campopiano

REVISÃO

Elaine Lima

LEITURA FINAL

Gisele Oliveira

CAPA

Ellen Designer

DIAGRAMAÇÃO

Kaique Martins

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa do autor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa publicação pode ser reproduzida ou transmitida de nenhuma forma, por nenhum meio, incluindo fotocópias, gravações ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem permissão prévia por escrito da editora, exceto no caso de breves citações no corpo de resenhas críticas e outros certos tipos de usos sem fins comerciais, permitidos pela lei de direitos autorais.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, personagens, locais e acontecimentos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança a eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

PLAYLIST

Lost Boy – Ruth B.
Control – Halsey
Heathens – Twenty One Pilots
Bad Romance – Lady Gaga
Bury A Friend – Billie Eilish
Blood // Water – Grandson
In the Shadows – Amy Stroup
Look What You Made Me Do – Taylor Swift
Ocean Eyes – Billie Eilish
Lifetime – Justin Bieber

Para qualquer um que já foi o vilão na história de outra pessoa.

“Você pode ter qualquer coisa na vida, se sacrificar tudo por isso.”
Peter Pan, J.M. Barrie

NOTA DA AUTORA

Fisgados é um romance dark contemporâneo, uma versão do conto de fadas voltada para os adultos.

Não é fantasia, ou uma releitura literal.

O personagem principal é um vilão. Se você está buscando uma leitura segura com redenção e um cara mau que se transforma em herói, não vai encontrá-la nestas páginas.

*

Fisgados contém cenas de sexo explícito, além de conteúdo adulto e gráfico que não é adequado para todos os públicos.

Recomenda-se discernimento por parte do leitor.

Como sempre... Confie no processo.

SUMÁRIO

[PLAYLIST](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[SINOPSE](#)

[PRÓLOGO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

SINOPSE

Da autora internacional best-seller Emily McIntire, um delicioso e devastador romance dark inspirado no conto de fadas do Peter Pan.

Ele quer vingança, mas deseja a garota muito mais...

James sempre teve um objetivo: destruir seu inimigo, Peter Michaels. Quando a filha de 20 anos de Peter, Wendy, aparece no bar de James, ele vê sua oportunidade. Seduzir a garota e usá-la para sua vingança. É o plano perfeito, até as coisas na organização criminosa de James começarem a desmoronar. De repente, ele precisa encontrar o traidor, e seu plano de vingança fica mais sombrio quando James começa a ver Wendy não só como um peão em seu jogo, porém como algo mais.

Wendy foi isolada do mundo a maior parte de sua vida por seu pai rico e frio, mas uma noite diferente com as amigas se transforma em um intenso e viciante caso de amor com o sombrio e taciturno James. Por mais que ela saiba que James é perigoso, Wendy não consegue acabar com seu desejo por ele. Mas, à medida que a relação deles se torna mais quente e ela descobre mais do mundo em que ele vive, Wendy se vê insegura: está se apaixonando pelo homem conhecido como James ou pelo monstro conhecido como Gancho?

Fisgados é um romance contemporâneo dark e o primeiro volume da série Never After: uma coleção de contos de fadas sombrios em que os vilões ganham seus felizes para sempre. Não é uma releitura literal e nem fantasia. Fisgados apresenta temas e conteúdo adulto que podem não ser adequados para todos os públicos. Recomenda-se discernimento por parte do leitor. Para todos os avisos de conteúdo, consulte o site da autora.

PRÓLOGO

Era uma vez...

É diferente do que achei que seria.

Matá-lo.

Meus nós dos dedos se contraem ao girar o pulso e, quando os olhos dele se arregalam, sangue jorrando do pescoço e encharcando a pele do meu braço, sou atingido por uma explosão de satisfação por ter escolhido enganchar minha lâmina em sua artéria carótida. Fatal a ponto de garantir sua morte, mas lento o suficiente para aproveitar cada segundo de sua vida miserável esvaindo, levando sua alma patética junto.

Sabia que demoraria apenas alguns segundos para ele perder a consciência, mas é tudo o que eu preciso.

Alguns segundos.

Tempo suficiente para ele olhar nos meus olhos e saber que sou o monstro que ele ajudou a criar. A encarnação em pessoa de seus pecados voltando para semear a justiça.

Mas *queria muito* que ele tivesse implorado. Só um pouco.

Fico agachado por cima dele por muito tempo após o grande fluxo de seu sangue que esguichava cessar, minha palma calejada ao redor de seu pescoço, a outra mão agarrando a bainha da minha faca, esperando por *algo*. Mas a única coisa que chega é o frio que começo a sentir quando seu sangue esfria na minha pele e o fato de saber que não é a morte *dele* que me trará paz.

Só quando meu telefone vibra no bolso que eu o solto, o peso de seu controle se afastando à medida que seu cadáver cai dos meus braços.

— Oi, Roofus.

— Quantas vezes tenho que dizer para não me chamar assim? — retruca, irritado.

— No mínimo, mais uma — respondo, sorrindo.

— Está feito?

Atravesso o escritório e entro na suíte, abro a torneira até a água ficar morna, colocando o celular no viva voz e começando a enxaguar as manchas de sangue dos braços.

— Claro que sim.

— Qual é a sensação? — Ru resmunga.

Minhas mãos agarram a beirada da pia e me inclino para me encarar no espelho.

Qual é a sensação?

Nada de coração acelerado. Sem fogo disparando nas veias. Nenhum poder escorrendo pelos meus ossos.

— Um pouco anticlimático, receio. — Agarrando uma toalha do gancho de parede, enxugo-me e volto para o escritório, pegando o terno.

— Bem, não é surpreendente. James Barrie, o garoto mais difícil de agradar em toda a porra do universo.

Sorrio ao abotoar o paletó e ajusto os punhos da camisa, enquanto retorno para pairar sobre o meu tio. Olho para ele no chão, seus olhos negros encarando vagamente o teto, a boca aberta e relaxada... como sempre forçou a minha a ficar.

Que engraçado.

Mas minha inocência foi roubada muito antes dele.

Chuto sua perna para tirá-la do caminho, as horríveis botas de crocodilo manchadas do sangue que empoçou embaixo de seu corpo.

Suspirando, belisco a ponte do nariz.

— As coisas ficaram um pouco... bagunçadas.

— Eu cuido disso. — Ru ri. — Relaxe, garoto. Você se saiu bem. Te vejo no Jolly Roger? Hora de comemorar!

Desligo o telefone sem responder e percebo que este é o último instante que vou passar com um parente. Fecho os olhos e respiro fundo, à procura de uma lasca de arrependimento.

Nada.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

O ruído atravessa o silêncio, arranhando minhas entranhas. Meus dentes rangem enquanto abro os olhos, meus ouvidos exaustos daquele barulho *incessante*. Agachando-me, tiro o lenço do bolso do terno e enfio a mão na calça jeans do meu tio, pegando o relógio de bolso dourado.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Sinto a raiva me contorcer por dentro e minha mão esmaga o relógio no chão. Meu coração dispara quando me levanto, ergo o pé e piso com força no objeto horroroso, repetindo o movimento até o suor brotar na testa, escorrendo pelo rosto até o assoalho. Só consigo relaxar depois de ter certeza de que consegui silenciá-lo.

Endireito-me e respiro fundo, arrumando o cabelo para trás e estalando o pescoço. *Pronto. Assim está melhor.*

— Adeus, tio.

Guardo o lenço de volta no bolso do terno e me afasto do homem que gostaria de nunca ter conhecido.

Agora estou um passo mais perto do responsável por tudo. E, desta vez, ele não será capaz de fugir.

1

WENDY

Nunca estive em Massachusetts, mas ouvi falar que não faz calor por aqui. Portanto, embora a mudança de temperatura em comparação à Flórida seja um choque, não fico tão surpresa. Ainda assim, ao estremecer sob a regata, a leve brisa soprando em meus braços, não consigo deixar de desejar ter ficado para trás, em vez de ter escolhido seguir minha família até sua nova casa em Bloomsburg.

Mas não suporto a ideia de não estar a um telefonema de distância se precisarem de mim. Meu pai é viciado em trabalho, ainda mais depois da morte de minha mãe, e sem mim por perto, meu irmão de 16 anos, Jonathan, estaria sozinho.

Sempre fui a garotinha do papai, mesmo com ele dificultando as coisas. Esperava que, depois da mudança, meu pai maneirasse e dedicasse mais tempo para a família em vez de procurar a próxima grande empreitada para agarrar com unhas e dentes. Mas Peter Michaels não é de sossegar. Sua sede por novos empreendimentos se sobrepõe a sua necessidade de conexão familiar. Ser nomeado o melhor empresário segundo a Forbes, pelo quinto ano consecutivo, denota que possui muitas oportunidades nesse sentido. E ser o proprietário da maior companhia aérea do hemisfério ocidental deixa claro que tem muitos recursos para tanto.

VoeAlém. *Basta sonhar e voamos você até lá.*

— Deveríamos sair hoje à noite — diz minha amiga Angie, enquanto limpa os balcões do The Vanilla Bean, a cafeteria onde nós duas trabalhamos.

— E fazer o quê? — pergunto. Na verdade, eu só queria ir para casa e descansar. Trabalho aqui há pouco mais de um mês e tenho ficado tão ocupada que não consegui passar uma única noite com Jonathan. Embora ele esteja naquela fase adolescente do “Não preciso de nada, nem de ninguém”, então, de qualquer maneira, pode ser que ele não me queira por perto.

Ela dá de ombros.

— Não sei. As garotas estavam falando em ir ao Jolly Roger.

Faço uma careta. Tanto pelo uso de “as garotas” quanto pelo nome de onde quer que ela esteja falando em ir.

— Ah, qual é, Wendy. Você está aqui há quase dois meses e não saiu comigo nem uma vez. — Ela faz beicinho, as mãos se unindo para implorar.

Balançando a cabeça, suspiro.

— Acho que suas amigas não gostam de mim.

— Não é verdade — insiste ela. — Só não te conhecem ainda. Afinal, você teria que, de fato, *sair* com a gente para isso acontecer.

— Não sei, Angie. — Afundo os dentes no lábio inferior. — Meu pai viajou, e ele não gosta quando saio e chamo a atenção.

Ela revira os olhos.

— Você já tem 20 anos, garota. Corta logo esse cordão umbilical.

Dou um sorriso forçado. Ela, como a maioria das pessoas, não entende como é ser filha de Peter Michaels. Mesmo que eu quisesse, não *tem* como me tornar independente dele. Seu poder e influência alcançam todos os cantos do universo, e não há nada ou ninguém que escape de seu controle. Ou, se houver, nunca conheci.

A campainha acima da porta da frente toca e a amiga de Angie, Maria, entra, seu longo cabelo preto refletindo a luz da luminária suspensa enquanto ela desfilava até nós.

Minhas sobrancelhas arqueiam quando olho para ela, depois de volta para Angie.

— E que tipo de lugar vai deixar alguém de 20 anos entrar, de qualquer maneira?

— Você não tem identidade falsa? — pergunta Maria, aproximando-se do balcão.

— *Com certeza*, não. — Nunca entrei em um bar ou boate na vida. — Meu aniversário é daqui a algumas semanas, vou com vocês na próxima vez. — Faço um aceno para dispensá-las.

Maria me olha de cima a baixo.

— Angie, você não tem a identidade da sua irmã? Elas são... parecidas. — Ela estende a mão e toca meu cabelo castanho. — É só mostrar um pouco desse corpo e nem vão olhar para o rosto no documento.

Dou risada ao desconsiderar as palavras dela, mas sinto um calor por dentro, que sobe pelas veias e colore minhas bochechas. Não sou do tipo que quebra as regras. Nunca fui. Mas a ideia de sair hoje à noite, de fazer algo errado, provoca arrepios de excitação em mim.

Maria é uma das “garotas” e não vem sendo nem um pouco agradável comigo. Mas quando a vejo sorrir e passar os dedos pelo cabelo, penso se talvez Angie está certa. Quem sabe não é tudo coisa da minha cabeça e acabei não dando uma chance a ela. Nunca tive um grupo de amigas próximas, portanto não tenho certeza de como essa coisa toda funciona.

— Não ligo se você não quer ir. — Angie faz beicinho, jogando seu pano úmido em mim. — Já tomei a decisão final.

Dou risada, balançando a cabeça ao terminar de reorganizar as xícaras para amanhã.

— Hmm. — Maria estoura a bola de chiclete com um ruído alto, os olhos escuros queimando a lateral do meu rosto. — Você não quer ir?

Dou de ombros.

— Não é isso, é só que...

— Talvez seja melhor assim — interrompe ela. — Acho que o JR não é o seu tipo de lugar.

Minha coluna se arrepia e eu me endireito.

— O que você quer dizer com isso?

Ela dá um sorrisinho malvado.

— Quero dizer que... não é para *crianças*.

— Maria, para. Não seja uma vadia. — Angie entra na conversa.

Maria ri.

— Não estou sendo. Só comentando. E se *ele* estiver lá? Dá pra imaginar? Ela ficaria assustada pelo resto da vida por sequer estar no mesmo lugar que ele e fugiria correndo para contar pro papai.

Ergo o queixo.

— Meu pai nem está na cidade.

Ela inclina a cabeça, os lábios afinando.

— Para sua babá, então.

A irritação dispara pelo meu corpo e a necessidade de provar que ela está errada me faz tomar uma decisão, forçando as palavras para fora da minha boca.

Olho para Angie.

— Eu vou.

— Aí, sim! — Angie bate palmas.

Os olhos de Maria se iluminam de forma enigmática.

— Espero que dê conta.

— Dá um tempo, Maria. Ela vai ficar bem. É um bar, não uma casa de *swing* — zomba Angie antes de se virar para mim. — Não dê ouvidos a ela. Além disso, só vamos lá para ela tentar chamar a atenção do homem misterioso.

— E *vou* conseguir a atenção dele.

Angie inclina a cabeça.

— Ele nem sabe que você existe, garota.

— Em algum momento, minha sorte vai mudar. — Maria dá de ombros.

Confusão faz minhas sobrancelhas se arquearem.

— E de quem vocês estão falando?

Um sorriso lento se espalha pelo rosto de Maria, e um olhar saudoso paira nos olhos de Angie.

— De Gancho.

2

JAMES

— Tem uma nova proposta para avaliarmos.

Coloco dois dedos de Basil Hayden no copo de cristal, adiciono um cubo de gelo e saboreio a bebida antes de me virar para encarar Ru.

— Não sabia que íamos aceitar novas propostas.

Ele dá de ombros, acendendo a ponta do charuto e soltando fumaça pela boca.

— Não íamos. Mas sou um homem de negócios e este tem um grande potencial.

Sua voz soa abafada enquanto fala com o charuto na boca, mas anos absorvendo suas palavras como uma doutrina fez entendê-lo ficar fácil.

Roofus, conhecido por todos como Ru, é a única pessoa na minha vida digna da minha confiança. Ele me salvou do inferno, e jamais serei capaz de pagar essa dívida. Mas esta cortesia só se estende a ele, o que *complica as coisas* quando ele decide trazer novas pessoas para a nossa operação.

Ele ficou mais imprudente com a idade.

— Um dia, sua incapacidade de recusar algo *potencial* vai te matar — digo a ele.

Seus olhos se estreitam.

— Não tenho a menor intenção de morrer e deixar meu legado para um britânico.

Sorrio. Tudo isso já é meu de qualquer maneira, ele só não gosta de dizer isso em voz alta. Não quer admitir que o aprendiz superou o mestre; que ele só

segura as rédeas porque eu o permito. Essa tem sido a verdade desde quando o sangue do meu tio se derramou nas minhas mãos, há oito anos, no dia em que fiz 18 anos. Eu o esviscerei como o peixe imprestável que ele era, depois usei a mesma faca para cortar meu bife no jantar, desafiando qualquer um a questionar por que meus dedos estavam manchados de vermelho.

Ru pode ter o título de chefe, mas é a *mim* que todos temem.

Colocando o copo na beira da mesa, sento-me em uma das poltronas.

— Sua mortalidade não é algo com o que eu goste de brincar.

Às vezes, acredito de fato que Ru acha que é intocável. Isso o torna negligente. Faz com que confie com muita facilidade. Permite que as pessoas se aproximem demais. Ainda bem que ele tem a mim e, com a minha faca, vou cortar fundo a barriga de qualquer um que tentar algo, deleitando-me ao ver a vida sendo drenada de seus olhos conforme o sangue escorre em minhas mãos.

Acho que, quando já se vivenciou o mesmo que eu, acaba aprendendo bem rápido que a imortalidade só é concedida através das memórias das pessoas.

Ru se inclina para frente, descansando o charuto no cinzeiro ornamentado no canto da mesa.

— Então preste atenção. Temos alguém interessado em ser um novo *parceiro*. — Ru dá um sorrisinho. — Quer expandir nossa distribuição. Levar nosso pó para novos cantos do universo.

— Fascinante. — Tiro um fiapo do meu paletó. — Quem é? — pergunto, apenas para apaziguá-lo. Não tenho interesse nenhum em trazer alguém novo. Vínhamos usando nosso traficante atual pelos últimos três anos, e o investiguei pessoalmente. Eu o vi suar nas roupas enquanto observava nosso pó mágico ser carregado no avião, escondido dentro de caixas de lagosta. Sentei-me ao lado dele na cabine do piloto durante todo o voo, girando minha lâmina em gancho entre os meus dedos enquanto ele se borrava de medo.

Se quer garantir a lealdade de alguém, precisa ter certeza de que entendam *por que* a merecem. E me certifiquei de que as pessoas entendessem que a dor é maior quando a pessoa empunhando a lâmina gosta de causá-la.

Ru passa a mão pela boca.

— Já ouviu falar da companhia aérea VoeAlém?

Paraliso no lugar, o sangue congelando nas veias. Tenho certeza de que nunca mencionei esse nome para ninguém, ainda mais para Ru.

— Acho que nunca ouvi falar. — Minha mandíbula se contrai.

— Bem, você deve ser o único. O dono, Peter Michaels, acabou de se mudar para cá.

Meu coração bate forte. *Como pude deixar isso passar?*

— Ah, é?

Ru assente.

— Ele está procurando uma nova *aventura*. — Ele sorri, os dentes ligeiramente tortos brilhando. — Nada mais justo do que recebê-lo como se deve, mostrar como as coisas funcionam por aqui.

Minhas mãos se contraem com a raiva que se agita dentro de mim sempre que ouço o nome Peter Michaels. Estendo a mão e pego meu copo, o aperto se intensificando ao redor do cristal enquanto a ansiedade floresce no peito.

Era muita sorte ter o homem que desejo matar se servindo para mim numa bandeja de prata.

— Bem, acredito que isso parece uma oportunidade maravilhosa. — Sorrio.

Ru pega o charuto.

— Não estava pedindo sua permissão, garoto, mas estou feliz que você está de acordo.

— Então, quando nos encontramos com ele? — Tomo um gole da minha bebida, tentando domar as batidas aceleradas do meu coração.

— *Eu me encontro com ele hoje à noite. Sozinho.* — Ele estreita os olhos. Eu me contraio por dentro.

— Me deixe ir com você, Roofus. Não deveria encontrá-lo sozinho.

Ru suspira, passando a mão por seus cabelos ruivos e vibrantes até demais.

— Você é muito intimidante, garoto. Preciso que essa reunião seja amigável.

Não posso discutir com ele quanto a isto.

— Pelo menos leve um dos rapazes. — Imaginar Ru sozinho com Peter Michaels me dá calafrios.

Ru sopra um anel de fumaça no ar.

Inclino-me para a frente, apoiando os nós dos dedos na sua mesa.

— Roofus. *Prometa* que não vai sozinho. Não seja imprudente.

— E não se esqueça do seu lugar — retruca ele, bravo. — Quem manda aqui *sou eu*, não você. Você obedece a *mim*. Que tal mostrar sua gratidão e, pelo menos uma vez, fazer o que eu mandar, porra?

Meus dentes rangem com seu tom e, se ele fosse outra pessoa, eu o agradeceria pelo lembrete logo antes de cortar sua língua. Mas Ru se safava de muitas coisas das quais ninguém mais escapa.

Eu vi Ru pela primeira vez quando tinha 13 anos, dois anos depois que fui

enviado para os Estados Unidos para viver com meu tio. Eu estava lendo na biblioteca quando ouvi uma confusão no corredor e fui investigar o barulho. Espiando através de uma fresta na porta do escritório, observei, hipnotizado, enquanto um homem grande com pele morena e cabelos ruivos tingidos pairava sobre a mesa do meu tio, ameaçando matá-lo. Uma arma em sua têmpora e a ameaça sangrando através do sotaque carregado de Boston. Foi algo inspirador, de verdade. Nunca tinha visto meu tio se acovardar diante de ninguém antes. Geralmente, seu passatempo favorito era ver outros caírem de joelhos perante *ele*.

Como figura política, isso acontecia em público com frequência.

Como uma pessoa irritada e perversa, isso ocorria ainda mais no privado.

Então, achei esse homem misterioso fascinante, e comecei a segui-lo quando saiu, desesperado para imitar seu poder. Suponho que daria para chamar de obsessão, mas eu nunca tinha conhecido ninguém igual a ele. Jamais tinha visto alguém impor a obediência de um homem que dominava o mundo.

Também queria saber como fazer isso.

Mas aos 13 anos eu ainda não havia dominado a arte de não ser detectado, e Ru percebeu que eu o estava seguindo o tempo todo. Ele me acolheu e me ensinou tudo o que sabia. Apresentou-me às ruas de Bloomsburg e me manteve são através dos pesadelos que atormentavam meu sono.

Portanto, vou me submeter ao que ele quer, porque não existe uma única alma neste planeta que cuidou de mim do jeito que ele fez.

Houve uma vez, mas foi há muito tempo. Em outra vida, na verdade.

— Você está certo — digo. — Confio no seu julgamento. São nos demais que não confio.

Ru ri e abre a boca para responder, mas uma batida na porta interrompe.

— Entre — resmunga Ru.

Starkey, um dos nossos recrutas mais jovens, enfia a cabeça pela porta entreaberta.

— Desculpa interromper, chefe. — Seus olhos deslizam para os meus, arregalando-se enquanto desviam depressa. — Tem umas garotas tentando entrar com identidades falsas. Dando um trabalhão pra gente lá embaixo.

— Veio aqui nos incomodar com essa merda? — esbraveja Ru. — E te pagamos pra quê, inferno?

Sorrio com o mau humor de Ru e vou até as câmeras de segurança, olhando para a que mostra a entrada. Como Starkey disse, tem três garotas, uma das quais está neste momento gritando na cara do nosso segurança. *Ridículo*.

Continuo a examinar, meus olhos se fixando na beldade parada ao lado.

Sinto um aperto por dentro quando meu olhar percorre seu corpo em um vestido azul justo. Seus braços envolvendo a própria cintura, os olhos oscilando entre o segurança e os táxis alinhados na rua.

Irritação pressiona meu peito por não poder vê-la de forma tão clara quanto gostaria. Mas o que vejo basta para saber que parece desconfortável. Inocente. Com certeza, não pertence a um lugar como este. E, por alguma razão, sinto um tesão disparar direto para o meu pau, fazendo-o engrossar e pulsar ao imaginar todas as maneiras que este lugar poderia corrompê-la. Não existem muitas pessoas que arranquem uma reação de mim. Uma vida inteira *sem* reações havia se derramado sob a minha pele, endurecendo em um escudo impenetrável; sem permitir a entrada ou saída de nada. Só uma casca vazia com um único propósito.

O fato de essa garota ter despertado meu interesse, mesmo que mínimo, atíça minha curiosidade.

— Deixe-as entrar — interrompo, meus olhos ainda na bela morena.

Starkey para de tagarelar, seus olhos disparando para mim antes de voltarem para Ru.

— Tem certeza, eu...

— Por acaso não fui claro? — indago, virando-me para encará-lo. — Ou talvez seja o sotaque que atrapalha a sua compreensão?

— N-não, é só que...

— É só *que*... — interrompo. — Pelo visto, você está precisando de um pouco de orientação em relação a como lidar com a situação. Ou será que entendi mal o seu raciocínio ao trazer esta questão trivial à nossa atenção?

Ru sorri, recostando-se na cadeira.

— Não, Gancho. Você não entendeu mal.

— Hum. Então é um problema, com certeza. — Assinto. — Me diz, você concorda que precisamos demitir quem quer que esteja trabalhando na porta?

— Hum, não — Starkey começa.

— Afinal, se ele não é capaz de controlar um grupo de mulheres, como podemos ter certeza de que vai dar conta de qualquer outra pessoa? — Inclino a cabeça.

Starkey engole, seu pomo de adão subindo e descendo.

— Eu... Elas são...

— Sabe — continuo, tirando a lâmina em gancho do bolso e abrindo-a. — Subjugar uma mulher se trata apenas de controle. — Ando em direção a ele,

girando o aço inoxidável entre meus dedos, o intrincado padrão marrom do cabo deslizando pela minha pele. — Uma delicada mistura de poder. Um dar e receber, se preferir. Suprindo-as com o *prazer* absoluto de seu domínio.

Parando na frente dele, seguro a faca com firmeza.

— É óbvio que o nosso segurança de hoje tem um gene mais submisso. — Estendo a mão livre, endireitando sua gravata. — Entendo como deve ser difícil reconhecer o mesmo traço em si mesmo.

Inclino-me para perto, permitindo que a ponta da lâmina descanse em sua garganta.

— Seja um bom menino, Starkey. Deixe. Elas. Entrarem.

— Sim, senhor — murmura.

Dou um tapinha em seu ombro, ele gira e sai correndo.

Ru aponta para mim com o charuto, diversão em seus olhos.

— E é por isso que você não vai à reunião.

Sorrio, endireitando os punhos do paletó.

— Justo. Estou indo para o andar principal, de qualquer maneira. Tenho um segurança para fazer desaparecer e um súbito apetite por algo *bonito*.

Ru ri.

— Apenas se certifique de que estão dentro da lei.

Segurando a maçaneta da porta, eu paro.

— Ru?

Ele grunhe.

— Garanta que Peter saiba que estou *muito* ansioso para conhecê-lo pessoalmente.

3

WENDY

Há uma hora, eu poderia jurar que estávamos prestes a ser presas, mas agora estou sentada na área VIP de um bar chique e bebendo champanhe supercaro, cortesia de “um admirador”.

Pelo visto, a idade legal para beber é mais uma *sugestão* por aqui do que uma exigência real. O constrangimento me atinge quando me lembro de todas as pessoas lá fora, observando Maria gritar porque o segurança não acreditou na minha identidade falsa. Não estou surpresa, não pareço nem um pouco com a irmã de Angie. Estava a dois segundos de me enfiar no táxi mais próximo e fugir, mas, de repente, um homem loiro em um terno sob medida apareceu e sussurrou no ouvido do segurança. Em seguida, fomos levadas para a área VIP.

Eu me sinto muito deslocada, mas sem dúvida estou me divertindo bem mais do que nos últimos anos, e isso me faz sentir ridícula, considerando que não estamos fazendo nada além de beber e observar as pessoas.

Ou, mais especificamente, observando uma pessoa.

Gancho.

Reviro os olhos por conta do nome, mas não consigo evitar a coceirinha da curiosidade que floresceu dentro de mim. Parece que ele é o principal motivo de elas sempre virem só a *este* lugar, em vez de a qualquer outro. Só pela esperança de vê-lo de novo.

Maria jura que ele é sua alma gêmea, então todo fim de semana ela volta aqui, os olhos bem atentos e as pernas já entreabertas, esperando que ele desça de sua torre de marfim para ela poder roubá-lo.

— Então, me conta sobre o seu homem — digo a Maria, enquanto tomo um gole da minha taça de champanhe e olho ao redor.

Angie geme.

— Ai, não começa com isso.

O rosto de Maria se divide com um sorriso.

— Aconteceu há cerca de um mês quando eu estava no bar pegando a próxima rodada e, juro para você, o povo abriu caminho e lá estava ele. Sentado como um deus na mesa dos fundos, a fumaça do charuto girando ao redor dele.

— Foi falar com ele? — pergunto.

Angie ri.

— Ah, como se pudesse. Ela teria que passar por todos os lacaios dele pra isso.

Inclino a cabeça.

— Lacaios?

Ela levanta um ombro.

— Ele está sempre cercado por homens.

A minha surpresa é tanta que ergo as sobrancelhas.

— Talvez ele seja gay.

Angie gargalha, mas o olhar de Maria se estreita.

— Tivemos um momento.

— Um momento tão significativo que ele nunca mais a procurou — zomba Angie.

— Ele é um homem ocupado, óbvio — diz Maria, ríspida, afastando uma mecha de cabelo do rosto. — Mas é por isso que estamos aqui agora. Uma noite dessas, ele vai me encontrar.

— E vai te levar para a cama e te partir ao meio com o pau monstruoso dele. — Os olhos de Angie se arregalam ao estender as mãos na largura dos ombros.

Rindo, esfrego o rosto.

— É, parece *bem* realista.

O lábio de Maria se curva.

— Gata, por que veio se vai criticar o tempo todo? Podia ter ficado em casa e nos poupado todo o trabalho.

Eu me encolho, a culpa me queimando por dentro.

— Desculpa, acredito em você, sério. — Meus dedos se entrelaçam no colo, enrolando-se um no outro. — É só que você o faz parecer tão... mítico.

Ela revira os olhos.

— Não é como se ele fosse fruto da nossa imaginação, *Wendy*. Ele é um homem de negócios. É o dono da porra do bar! — As mãos dela batem no assento do banco.

Minhas sobrancelhas se arqueiam.

— É o dono?

— Pelo menos acho que sim. Ele nem sempre está aqui, mas, sempre que está, vem dos fundos e se senta no mesmo lugar toda vez. — Maria aponta para o canto mais distante do salão, onde tem uma mesa, um espaço vazio na boate lotada.

Ela toma um gole de sua bebida.

— Enfim, a sorte está do meu lado. Posso sentir. — Ela bate a unha longa e vermelha na têmpora.

Inclino-me, batendo a minha taça de champanhe na dela, tentando fazer as pazes, pois, obviamente abalei a amizade antes mesmo que pudesse ser estabelecida.

— Acho que você tem razão. Parece mesmo que vamos ter sorte hoje.

Maria sorri, o primeiro sorriso genuíno que ela já me deu, e a satisfação se expande no meu peito. Talvez eu me saia bem com essa coisa de amizade, afinal.

De repente, sinto um calor arrepiar minha nuca e me viro no banco, uma sensação inquietante de estar sendo observada recaindo sobre mim. Mas, quando me viro, não vejo nada.

Estranho.

Tomo o resto da bebida e me levanto, inclinando-me em direção às meninas.

— Já volto. Preciso ir ao banheiro.

— Ei! — grita Angie quando estou na metade do caminho. — O daqui debaixo está sempre lotado. Vá pelo corredor à direita do bar, tem um nos fundos que não é muito usado.

Assentindo, memorizo sua instrução e saio, abrindo caminho e desviando das pessoas na área principal. Minha visão embaça só um pouquinho por causa do champanhe e eu tropeço, batendo em um corpo.

— Merda, desculpa. — Minhas mãos se estendem por instinto, encontrando uma parede sólida de músculos. Mãos com palmas ásperas agarram meus ombros e o calor do toque do estranho faz arrepios percorrerem minha pele.

— Palavras sujas para uma boca tão bonita.

A voz profunda e com o sotaque carregado desliza pela minha pele feito

seda e me envolve, um arrepio desliza por minhas costas. O aperto dele se intensifica, as palmas se movendo até roçarem os meus braços. Minhas mãos ainda estão pressionadas contra seu peito, o tecido preto do terno macio sob as pontas dos dedos. Minha respiração falha conforme ele me suga com seu olhar, os olhos parecem um vidro azul e a beleza deles é quase de uma frieza assombrosa.

Quebro nosso contato visual, enfim deixando meu cérebro filtrar suas palavras.

— Como é que é?

Ele sorri e eu observo as maçãs do rosto salientes, um destaque natural acima de ângulos afiados, um forte contraste com suas sobrancelhas negras e cabelos bagunçados.

Meu estômago se contrai quando percebo como esse homem é atraente.

Sua boca desce até se aproximar da minha orelha, sua respiração fazendo cócegas no meu pescoço, provocando um calor em meu interior.

— Eu disse...

— Não, eu ouvi o que disse — interrompo. — Minha pergunta era retórica.

Ele se inclina para trás, um sorriso lento se espalhando por seus lábios, os polegares esfregando para cima e para baixo em um movimento rítmico contra minha pele.

— Ah, é?

Faço que sim com a cabeça.

— Sim.

Meu peito aperta quando olho em volta, observando o lugar. Dezenas de pessoas e, ainda assim, parece que só tem ele aqui. Sua energia crepita no ar, desesperada para se agarrar à pele dele. Este homem exala poder e, por uma fração de segundo, fico pensando como seria mergulhar nos problemas que são a cara dele. Viver sem limites, só por um tempo.

Ridículo.

Balançando a cabeça, eu me afasto, meus dentes afundando no lábio inferior.

— Está certo, bem, isso foi...

— Um prazer — sussurra de modo sensual. Ele se aproxima de novo, pegando minha mão e trazendo-a para os lábios, deslizando-os para frente e para trás em um beijo que não passa de um roçar.

Meu coração acelera.

— Eu ia dizer estranho, mas, claro... um *prazer*.

Afastando a minha mão, meu estômago revira. Quase me sinto desapontada por deixá-lo e o sentimento é inquietante. Eu me movo para dar a volta por ele, mas ele agarra meu braço, puxando-me para trás até eu sentir cada linha firme de seu corpo contra as curvas suaves do meu. Arquejando, congelo no lugar. Este homem – este *estranho* – me toca como se fosse direito seu. Como se eu pertencesse a ele.

— Posso saber seu nome? — A voz dele vibra no meu pescoço. Minhas pernas se contraem com o timbre profundo de sua voz.

Ninguém nunca me tratou assim. Alguém assim jamais me deu atenção. É irritante e inebriante ao mesmo tempo, a estranha mistura de emoções fazendo o nervosismo ferver sob a minha pele.

Soltando um suspiro, tento conter o tremor na voz. Talvez seja o champanhe, ou talvez seja o próprio homem, mas o desejo de ser uma Wendy diferente faz minha língua afrouxar antes que eu possa pará-la.

— Não. Acho que você não fez por merecer. — Arranco meu braço de suas mãos. — E, só para constar, esses lábios bonitos dirão a *porra* que quiserem.

Seus olhos queimam e o canto da boca se contrai, mas ele não fala nada. Apenas coloca as mãos nos bolsos de seu terno de três peças e se mexe, desconfortável, seu olhar ardendo nas minhas costas enquanto viro para me afastar.

4

JAMES

Meu coração bate forte no peito.

Wendy Michaels.

Eu a conheço, é claro. A filha do homem que tenho vigiado desde os meus 11 anos. O pai dela a mantém escondida do mundo agora que está mais velha, talvez para mantê-la a salvo do lado repugnante de seus negócios, mas, quando se vive a vida seguindo o legado de um homem, você aprende tudo a respeito dele, incluindo o formato de suas sombras.

É por isso que não sei como a mudança dele para cá me passou batido.

Ainda assim, nunca guardei rancor da filha pelos pecados do pai. Somos todos um subproduto do mal, alguns de nós nascidos nele e outros criados a partir das circunstâncias. No entanto, se o universo a está colocando em minhas mãos, o mínimo que posso fazer é lidar com ela de maneira adequada.

Meu pau cresce ao pensar em meter nela até parti-la, deixando feridas que cicatrizarão com o lembrete de que estive lá. Maculando sua inocência e depois jogando-a aos pés de seu pai, uma versão corrompida da garota que ele criou.

Delícia.

Observei-a desde que entrou no meu bar, e quando a reconheci fiquei sem fôlego; agora a vendo com nitidez que a resolução granulada de nossas imagens de segurança não me permitia.

Um sorriso se espalha nos meus lábios quando volto para o escritório, onde continuarei a segui-la pelas câmeras. A emoção da perseguição percorre minhas veias, a expectativa de pegá-la penetrando em meus ossos.

A verdade é que as coisas andam meio entediadas ultimamente. Estou salivando por algo novo no qual afundar os dentes, e Wendy Michaels é o projetinho perfeito para ser um animal de estimação. Fico tonto só de pensar em domá-la até ela ronronar, depois mandá-la de volta com um novo mestre controlando sua coleira – uma bela harmonia enquanto conduzo a sinfonia da destruição de Peter.

Desabotoando o paletó, deslizo para o assento de couro atrás da minha mesa, digitando o nome de Wendy, observando os artigos aparecerem na tela. A empolgação forma um nó no meu estomago ao ler a respeito do amor de Peter por sua filha.

Sua pequena sombra.

Acho um apelido adequado. Afinal, ninguém deixa a sombra para trás sem dar falta dela depois.

Uma imagem grotesca minha, metendo fundo nela em cima dos restos mortais dele, meu esperma pingando entre suas coxas e se misturando com a poça de sangue abaixo de nós, faz meu pau tremer com violência, arrancando um gemido da minha garganta conforme toco a ereção dolorida.

Isso não vai bastar.

Pegando meu celular, envio uma mensagem para uma das garçonetes servindo bebidas hoje, Moira, dizendo a ela para parar o que está fazendo e vir me encontrar. Agora.

Fechando os artigos, abro as imagens das câmeras de segurança, uma satisfação profunda no peito quando a vejo bebericando champanhe e tentando agir como se pertencesse a este lugar.

Ela não se encaixa.

Aqui não, e sem dúvida ela não se encaixa no grupo patético de garotas com as quais está acompanhada. Sua inocência brilha como um farol – uma joia cintilante no meio do lixo, uma isca para minha escuridão se aproximar e sufocá-la por inteiro.

A porta se abre e se fecha e o corpo alto e parcamente vestido de Moira caminha em minha direção, um sorriso malicioso nos lábios vermelho-rubi.

— Gancho — sussurra, andando ao redor da mesa de carvalho. — Senti sua falta.

Permito que um pequeno sorriso brinque em meus lábios, ignorando a maneira que a voz dela irrita os meus ouvidos. Com a mão, afasto uma mecha de cabelo preto para trás do ombro dela, seguro sua nuca e a puxo até que esteja a centímetros de distância, sua respiração úmida deslizando pela minha pele.

Ela afasta a cabeça.

— Desculpa, tatuagem nova. Ainda está um pouco dolorida.

— De joelhos.

Ela se abaixa, obediente, as mãos com unhas feitas esfregando meu comprimento, a boca pressionando beijos contra o tecido. Meus dentes rangem e me aborreço com sua tentativa porca de preliminares. Seguro sua cabeça por trás, os dedos envolvendo seus cabelos enquanto forço seu rosto para cima. Com a mão livre, pressiono a mandíbula dela até conseguir sentir a arcada dentária através da pele, meu polegar tirando o batom vermelho de seus lábios.

Ela se contrai, as bochechas encovadas enquanto agarro seu rosto com força, fazendo com que um pico de prazer deslize por minhas costas.

— Esse terno é de caxemira, querida. Não o manche com batom barato, entendeu?

Ela engole em seco e assente.

— Boa garota. — Dou um tapinha em sua bochecha antes de abaixar sua cabeça para o meu colo.

Meu olhar vaga de volta para o computador, observando o verdadeiro objeto do meu desejo. E, à medida que a boca quente de Moira envolve meu pau, oscilando ao longo do comprimento e me sugando garganta abaixo, meus olhos ficam travados nas câmeras, imaginando o dia em que Wendy estará no lugar de Moira.

E vou fazê-la se engasgar com algo imundo *de verdade*.

*

— Posso ver que ainda está vivo — digo, impassível, quando Ru entra no escritório.

— Vivo e melhor do que nunca. — Ele sorri, caminhando até o gabinete bronze de bebidas em formato de globo onde guarda seu conhaque e se servindo de um copo.

— Presumo que isso significa que a reunião correu bem? — Minhas sobrelhas se erguem, percebendo o horário. Havia se passado apenas poucas horas.

Senti uma ansiedade desconfortável enquanto esperava seu retorno. Independentemente da imagem de bom moço de Peter Michaels, sei que é um

homem perigoso. Também sei que Ru, às vezes, perde a cabeça e, embora eu esteja agradecido por nada nefasto ter acontecido, ainda gostaria que ele tivesse me deixado acompanhá-lo, mesmo que só para garantir sua segurança.

Não dominei a arte do decoro apenas para perder a compostura assim que visse Peter. Eu teria mantido a calma. Apertaria sua mão e olharia em seus olhos ao mesmo tempo em que imaginaria todas as maneiras pelas quais gostaria de causar sua morte torturante.

Ru suspira, afundando no sofá preto contra a parede, tomando um gole de seu copo e pegando um charuto.

— O cretino não apareceu. Mandou um garoto qualquer para fazer seu trabalho sujo, como se eu fosse colocar *tudo* em risco por um pivete.

Uma estranha sensação de alívio inunda meu peito.

— Que absurdo.

— Desrespeitoso — cospe Ru.

— Isso significa que mudou de ideia quanto a trabalhar com ele? — Minha cabeça se inclina.

Espero que ele diga que sim, porque se Peter estiver envolvido em nossos negócios ficará complicado quando chegar a hora de acabar com sua vida. Não seria impossível, apenas *desafiador*.

Ru dá de ombros, olhando para o charuto e rolando-o entre os dedos.

— Eu disse ao garoto para enviar uma mensagem ao sr. Michaels. Avisá-lo como as coisas funcionam por aqui e, com isso, espero que ele perceba que não importa quanto dinheiro tenha, se não puder mostrar respeito pela *porra* do meu nome... — O aperto de Ru se intensifica, o charuto desmanchando sob os dedos. — Sabe, acho que mudei de ideia, garoto. Se ele quer uma reunião, é justo que conheça nós dois.

Euforia toma conta de mim.

— Ótimas notícias.

Meus olhos se desviam para a tela do computador, notando que Wendy e suas amigas estão indo embora. Levantando-me e abotoo o paletó.

— Se me der licença, tenho alguns assuntos pendentes desta noite que estou desesperado para concluir.

Ru me dispensa com um aceno, bebendo seu conhaque.

Deixo a sala, usando a escada dos fundos para sair do clube e não ser visto. Esgueirando-me pela lateral do prédio, observo Wendy abraçar suas amigas, despedir-se e entrar em um táxi amarelo. Fico indignado por sua imprudência e pelo completo desrespeito que suas amigas têm por sua segurança.

O pai dela tem dinheiro, mas nem sequer paga um motorista para ela?
Nenhum tipo de proteção?

Entrando no meu Audi, pego a rua movimentada para segui-la de perto e garantir que chegue segura em sua casa. Não tenho interesse em possuir algo danificado, mesmo que temporariamente.

E, até eu decidir o contrário, Wendy Michaels é minha.

5

WENDY

— O que quer dizer com “ensino domiciliar”? — pergunto ao meu irmão, Jon.

Ele dá de ombros, o cabelo escuro balançando com o movimento e o braço gesticulando para os papéis espalhados à frente dele.

— É exatamente o que parece. Perguntei ao papai se podia ser assim e ele concordou.

Minhas sobrancelhas franzem. *Por que ele não me contou isso?*

— Legal. Então, você e o papai tiveram uma boa conversa? — Caio sentada na cadeira ao lado dele à mesa da sala de jantar.

Seus lábios se curvam ligeiramente.

— Wendy, fala sério. Quando foi a última vez que o papai falou comigo de verdade?

Sinto um aperto por dentro e suspiro, as desculpas pelo nosso pai deslizando pela minha língua; já as repeti tantas vezes que quase não consigo sentir o gosto das mentiras.

— Ele só está ocupado, Jon, só isso. Você sabe que ele te ama e gostaria de estar aqui.

Jon faz um som zombeteiro, agarrando o lápis com tanta força que os dedos ficam brancos.

— Ah, tá, claro.

— Além disso — continuo —, você tem a mim, e nós dois sabemos que sou tudo o que você precisa.

Ele dá um sorriso amarelo, revirando os olhos por trás de seus grandes óculos com armação quadrada.

— Tem razão. Quem precisa de pais quando se tem você? Você manda mais em mim do que qualquer outra mãe nessa maldita cidade.

Finjo uma cara feia, a diversão atravessando meu peito.

— Ei, olha a boca.

— Está vendo só? — Ele ajeita os óculos no nariz. — Mas está tudo bem... sobre o ensino domiciliar. Fico mais feliz assim.

Ele não está errado. Suponho que tomo conta dele mais do que uma irmã normalmente faria, mas sou tudo o que ele tem. Nossa mãe morreu quando Jon tinha apenas um ano; um acidente de carro fatal causado por um motorista bêbado. Embora eu nunca vá admitir isso em voz alta, sem dúvida o meu pai não dedica o tempo necessário ou dá a atenção que Jon merece. É um assunto delicado em nosso relacionamento, um no qual não gosto de focar por muito tempo.

— Bem, fico feliz por ele deixar você ficar em casa, se é isso o que quer. Não acha que vai sentir falta da convivência?

Ele solta um suspiro, revirando os olhos de novo.

— Não. Os adolescentes são babacas.

Meu coração dói. Talvez o ensino domiciliar *seja mesmo* a melhor opção. A esperança irrompe no meio do meu peito, imaginando se meu pai de fato ouviu todas as vezes que o implorei para intervir com o bullying que Jon sofria.

— Está certo, bem, preciso ir trabalhar. Quer assistir um filme hoje à noite? — Sorrio.

— Por que você trabalha se não precisa do dinheiro? — pergunta ele.

Dou de ombros, mordendo o lábio inferior.

— Acho que para não morrer de tédio.

— Ir para a faculdade é sempre uma opção. — Ele sorri, olhando para mim.

— E te deixar aqui? O que faria sem mim?

Ele dá um sorriso largo, inclinando-se sobre os cadernos e me dispensando.

Suspiro e me levanto, deixando-o com suas tarefas. Adoro estar perto dele, mas sinto falta dos dias em que se prendia às minhas pernas ou colocava as mãozinhas todas babadas no meu rosto e me dizia que eu era a sua pessoa favorita no mundo.

À medida que crescia, ele foi se fechando, as crueldades de ser intimidado o fazendo se esconder atrás das paredes que acabou sendo forçado a construir.

Uma dor se espalha pelo meu peito, e fica comigo por todo o caminho até The Vanilla Bean.

Duas horas mais tarde, depois de eu ter estragado dois *macchiatos* e derramado um galão inteiro de caramelo no chão, percebo que hoje *não* vai ser o meu dia. O outro barista não veio, então estou sozinha e, por alguma razão, não consigo fazer uma única tarefa sem estragar tudo.

— Alguém aqui pode me atender? — a voz de um homem grita da área principal.

Eu me levanto de onde estou limpando os restos de caramelo e tiro o cabelo dos olhos, dando uma olhada na porta. Nem ouvi ninguém entrar.

— Oi! Desculpe, só um segundo.

O homem fecha a cara e cruza os braços, ostentando um grande relógio em seu pulso.

— Algumas pessoas têm o que fazer. Estou aqui há cinco minutos.

A irritação me apunhala. Largo o pano no balcão, a água escorrendo até o chão e vou para a frente da cafeteria.

— Sinto muito pela espera, senhor.

Ele bufa, a mão batucando nervosa no balcão. Estou acostumada com clientes grosseiros – infelizmente, no setor de serviços, aparecem com muito mais frequência do que os educados –, mas hoje estou nervosa demais e sinto a bola de fogo se formando no meio do estômago, girando e crescendo, as chamas me lambendo por dentro.

Coloco um sorriso forçado no rosto.

— O que vai querer?

— Café preto, grande.

Aceno, soltando um suspiro aliviado por sua bebida ser simples. Ele paga e me viro para preparar seu pedido, olhando de lado para a pequena poça que se formou no chão onde o pano sujo não parava de pingar. Enquanto sirvo o café dele, o sino acima da porta de entrada toca e me assusta. Antes que eu possa virar a cabeça, meu pé escorrega na poça, fazendo-me ir com tudo para trás, o café escaldante derramando e queimando minha pele. Meu cóccix lateja com uma dor aguda enquanto permaneço deitada no chão frio, os olhos fechados, tentando me recompor da enorme humilhação apenas o bastante para me levantar e apenas *terminar* o pedido desse cara.

— Meu *Deus*, tem alguém aqui que é competente o suficiente para trazer minha bebida?

A ardência do café quente se mistura com as lágrimas que se acumulam

em meus olhos fechados.

Que se *foda* esse cara.

Eu me ajoelho devagar, soltando respirações lentas e constantes para acalmar o coração disparado. Hoje sem dúvida *não* é o meu dia.

— E eu aqui achando que os homens deviam saber como tratar uma dama.

Meu corpo paralisa, a camiseta encharcada de café grudada na pele, minhas mãos conseguindo se firmar no piso. *Esse sotaque.*

O cliente irritado faz um som de escárnio, batendo a mão no balcão para acentuar suas palavras, seu relógio chamativo marcando os segundos de forma audível.

— E *eu* aqui pensando que conseguiria comprar uma xícara de café sem uma cena.

Meu rosto esquenta e eu me levanto devagar, estremecendo com a dor latejante na parte inferior das costas. Meus olhos se fixam no mar azul, o homem misterioso que conheci na outra noite parado como se tivesse sido arrancado dos meus sonhos e colocado bem na minha frente.

Maravilha. Ele tinha que aparecer durante a minha humilhação.

Meus olhos se estreitam para o outro cliente, tentando manter a respiração estável e a raiva sob controle, e meu sorriso no rosto se estende de orelha a orelha.

— Peço desculpas por tudo. Farei outro para você, por conta da casa.

Seus lábios se curvam para baixo enquanto me encara, enfurecido.

— Eu já paguei. Só faça o maldito café!

Meu estômago revira e sou atacada por visões minhas fazendo outra xícara para ele e depois a jogando em seu rosto.

— Pare. — A voz do meu homem misterioso me faz hesitar.

Estaria mentindo se dissesse que não pensei nele nos últimos dois dias, mas nunca em um milhão de anos esperaria vê-lo aqui.

Ele se inclina contra o balcão de vidro, o terno de três peças alinhado com perfeição, dando-lhe um ar de sofisticação que engole o cara ao lado dele por inteiro.

— Você tende a permitir que homenzinhos falem com você dessa maneira, querida?

A vergonha me faz encolher por dentro.

— Não, eu... — Pigarreio. — Ele é um cliente, só isso.

— Não, cara, é essa vadia que não sabe fazer um trabalho simples.

Uma risada baixa ressoa do peito do meu homem misterioso, o som

vibrando pela cafeteria. Ele já é mais alto que o outro homem, mas se transforma como um mutante, sugando toda a energia ao seu redor e a usando para se expandir ainda mais. Nunca vi nada parecido, e meu olhar fica hipnotizado pelo que vejo.

Ele se inclina bem perto da orelha do cliente.

— Seu relógio está muito barulhento.

O homem faz uma cara confusa.

— Hã?

Meu homem misterioso gesticula para o pulso do idiota, o relógio incrustado de diamantes brilhando como um farol.

— Seu relógio. Está... fazendo *tique-taque*.

— Sim, e daí?

Ele suspira, uma mão começando a esfregar a mandíbula. Meus olhos acompanham o movimento, percebendo como ele é extraordinariamente atraente, ainda mais à luz do dia.

O idiota se vira para mim, os olhos arregalando quando bate a palma da mão no balcão *de novo*, o som estala dentro de mim, parecendo pregos raspando contra um quadro-negro.

— Está gostando do show? Faça meu café.

Trinco os dentes. Se eu não estivesse no trabalho, não estaria tentando tanto morder a língua, mas gosto de trabalhar aqui. É o primeiro emprego que já tive e, mesmo sem *precisar* nem um pinga dele, a sensação de conseguir algo por mérito próprio é boa. Algo que não recebi só por causa do meu sobrenome e do sangue que corre nas minhas veias.

Por mais que ame meu pai, às vezes, fica pesado viver na sombra dele.

— Não faça o café dele, querida. — O apelido carinhoso me faz sentir frio na barriga, e meus olhos disparam entre os dois homens.

O rosto do cliente fica vermelho, mas ele não fala nada. Não discute. Ao que tudo indica porque *até ele* é capaz de sentir o poder irradiando do homem ao seu lado.

A língua do meu estranho desliza por seu lábio inferior, causando uma dor aguda entre minhas pernas.

— É admirável — diz ele, encontrando meus olhos. — O jeito que está agindo. Diz mais sobre o seu caráter do que o dele.

O calor se espalha em meu rosto, a gratidão me iluminando igual as luzes de Natal. Como é possível que este homem foi capaz de acabar com a minha humilhação e transformá-la em algo bonito com apenas algumas palavras

simples?

— Vá se foder — xinga o idiota.

Os olhos azuis do homem misterioso ficam furiosos, um sorriso tenso retorcendo seus lábios. Ele desliza a mão para dentro do bolso, inclinando-se para perto do cara, murmurando algo em seu ouvido.

Meus ouvidos ficam atentos, incapaz de evitar tentar escutar, mas ele fala tão baixo que é impossível ouvir. O que quer que ele diz faz os olhos do homem se arregalarem, e ele se vira e sai correndo pela porta sem dizer outra palavra.

Estou congelada no lugar, o coração batendo acelerado no peito enquanto olho em volta. E só então percebo que há outras pessoas na loja. Dois jovens, parados na lateral, ambos de terno preto e com rostos idênticos. *Gêmeos*.

Fiquei tão focada no que estava acontecendo que nem sequer os vi. Os olhos do homem misterioso se voltam para os dois e ele dá um breve aceno de cabeça. Sem outro olhar, os jovens saem para a rua.

Estranho.

Ele volta sua atenção para mim e, como uma mariposa atraída pela luz, sou sugada por seu olhar, as perguntas desaparecendo no fundo da minha mente.

— Você está bem? — pergunta.

Meu coração acelera.

— Sim, estou. Mas obrigada por me defender.

— Ele era um canalha, querida. — Seus olhos brilham. — Não é digno de sentir o ar que você respira.

Minhas bochechas coram. Tinha esquecido como ele é direto – como é estar em sua presença que é, sem dúvida, intensa.

— Se você diz. — Sorrio, olhando para minhas unhas cor-de-rosa antes de voltar o olhar para ele. — E qual vai ser o seu pedido?

— Um encontro.

Minha respiração vacila e o frio na barriga volta com tudo.

— O... quê?

Ele sorri, um lado da boca se curvando para cima.

— Acho que me ouviu.

Franzo a testa, o mesmo fogo que senti há dois dias voltando à vida.

— Ouvi.

— Ótimo. — Ele olha para as mesas vazias. — Quando sai do trabalho?

Coloco as mãos no balcão.

— Agradeço o convite, mas... Tenho planos hoje à noite.

— Isso mesmo — responde. — Comigo.

A irritação cresce por dentro.

— Com você, *não*. Santo Deus, você é arrogante pra cacete, né?

Seus olhos faíscam.

— Lá vem você de novo com essa sua boca.

Sorrio, o coração palpitando no peito. Ele se inclina no balcão.

— Me diga seu nome.

— Não conseguiu descobrir quando achou onde trabalho? — Inclino a cabeça.

Ele ri baixinho, endireitando-se, os olhos me perfurando.

— Uma feliz coincidência, te asseguro.

— Qual é o *seu* nome? — retruco.

— James. — Estica a mão sobre o balcão.

Sinto um nó no estômago e meus dentes afundam no lábio inferior. Devagar, ergo a mão, colocando a palma na dele, o calor de sua pele disparando pelo meu braço.

— Wendy.

— Wendy. — Ele gira a minha mão, levando-a aos lábios. — É um *prazer*. O calor dispara por dentro de mim.

O sino toca acima da porta e uma jovem entra com crianças, então puxo a mão da sua, arrumando meu avental.

O lado esquerdo de sua boca sobe, seus olhos nunca deixando meu corpo.

— Vejo você depois, Wendy, querida.

Então, ele se vira e sai todo tranquilo; a mulher que acabou de entrar fica olhando para ele com a boca entreaberta.

Não posso dizer que a culpo.

Respirando fundo para me acalmar, ignoro a maneira como fico toda quente por dentro. Nunca recebi esse tipo de atenção que ele me dá, e não consigo deixar de pensar se ele é assim com todos – como se o mundo dele parasse de girar, seu eixo se inclinando somente para você.

De qualquer forma, eu gosto.

Só horas depois que fechei a cafeteria e me acomodei para a minha noite de cinema com Jon percebi que ele não pediu algo para tomar em momento algum. Um pequeno sorriso ilumina meu rosto, aquele frio gostoso na barriga ao pensar que talvez ele só tenha ido lá por minha causa, afinal.

Deveria ficar atenta, mas, em vez disso, a euforia me inunda.

E, naquela noite, quando vou para a cama, sonho com o azul celeste.

James.

6

JAMES

Meu sapato ressoa no chão de pedra do porão do JR. Sorrio ao lembrar de quando Ru brigou comigo por instalá-lo, porque ele queria usar concreto. Mas insisti. O concreto é poroso, mais difícil de limpar. Ficou agradecido depois de perceber que ter uma masmorra de cimento embaixo de um bar pareceria muito mais suspeito quando os agentes da polícia federal viessem farejar.

O que fazem a cada poucos anos.

Ainda mais depois que Ru ficou descuidado – atirando em um homem em plena luz do dia, na expectativa de não ter nenhuma consequência.

Se fosse qualquer outra pessoa, eu deixaria apodrecer. A única maneira de aprender com os erros é viver as consequências deles, afinal. Mas se trata de *Roofus*. E, se Ru é a areia, eu sou a onda que apaga as pegadas.

Portanto, cuidei das coisas. E agora, temos a polícia federal em nossa folha de pagamento, focando em nossa concorrência, garantindo que nada com nossos nomes passe por suas mesas. Rédea solta, contanto que também encham os bolsos e mantenham suas famílias vivas.

Os Garotos Perdidos, como os jornais nos rotularam de modo tão carinhoso, andam por aí completamente à vontade.

Tenho certeza de que seria um choque para as pessoas que não entendem o jogo. A maioria dos americanos vive sob a ilusão de tudo funcionar como deveria. Que o governo e as pessoas que fazem um juramento *de fato* os protegem e servem.

E é o que fazem. Só que a mim, e não aos outros.

É uma das razões pelas quais acho *tão* adorável que Peter Michaels e sua filha tenham aparecido bem no olho do furacão. Ele é um homem poderoso. Mas, aqui, o nome dele é inútil. Seu dinheiro nada mais do que papel tingido.

As pessoas nesta cidade obedecem a *mim*.

Incluindo o desperdício de humano amarrado à cadeira de metal no centro do porão. Aquele que pensou que poderia chamar Wendy Michaels de vadia e não ter que lidar com as consequências. Não gosto de desrespeito, ainda mais quando estão exercendo poder desmedido sobre uma mulher que estou planejando possuir.

— Então — começo, meus sapatos ressoando no chão enquanto me aproximo e paro na frente dele. — Aqui estamos. — Sorrio, meus braços se levantando ao meu lado.

O homem tenta forçar as braçadeiras que o prendem, os olhos arregalados e vermelhos. Ele murmura algo, mas é difícil ouvir por cima da fita adesiva que cobre sua boca.

Meu sorriso cresce e me inclino para frente.

— Desculpe, o que disse?

Olho para os gêmeos; dois irmãos que trabalham para mim desde que os encontrei pedindo esmola quando tinham 15 anos. Eles são idênticos, e eu costumava confundi-los com tanta frequência que parei por completo de me referir a eles por seus nomes.

— Vocês o entenderam? — pergunto a eles.

— Não, Gancho. Não consegui ouvir nada — responde um deles.

— Hmm. — Olho para o homem preso na minha frente, batucando o dedo na minha boca. — Difícil ouvir com a fita. Talvez devêssemos removê-la.

O Gêmeo Um acena com a cabeça e se aproxima, arrancando a fita adesiva. Os olhos do homem estremecem, a boca em carne viva pela fita ter sido arrancada de sua pele.

— Pronto. — Aceno. — Agora... o que você gostaria de dizer?

— Vá se foder, cara — xinga ele.

A irritação faísca no fundo do meu peito quando olho para a baba empoçada no chão bem de onde pingou de sua boca nojenta.

— *Me foder?* — Aponto para mim, rindo ao caminhar até a mesa de metal que está encostada à parede, desabotoando o paletó. — Acho sempre divertido quando um homem não tem a capacidade de entender que sua vida está em perigo. Acredito que quase sempre é uma entre duas razões. Gostaria de ouvi-las?

Silêncio é minha única resposta. Então volto a falar.

— É muito interessante, lhe garanto. — Pegando as luvas pretas, deslizo as mãos para dentro delas, mexendo os dedos assim que estão cobertos pelo couro, admirando a sensação na minha pele. — Ou é uma questão de orgulho, ou é falta de consciência. E ambos são traços terrivelmente inapropriados. — A ansiedade ferve dentro de mim. — Sabe qual deles é o seu caso? — Eu me viro para ele, colocando a mão no bolso e pegando meu gancho. Abrindo-o, eu o passo entre os dedos enquanto caminho devagar até a cadeira dele, parando bem em sua frente.

Ele não responde, seus olhos seguindo o movimento da lâmina. Eu me aproximo e seus braços se agitam nas braçadeiras, o plástico raspando contra o encosto da cadeira.

— Não? — Inclino a cabeça. — Se me perguntasse... — A ponta do gancho desliza por sua bochecha conforme ando por trás dele. — Você não tem o tipo de consciência que é preciso para entender o perigo. Para *sentir-lo* de verdade. Pois, veja, se tivesse... — Minha mão enluvada descansa em seu ombro. — Saberia muito bem que não deveria continuar desrespeitando Wendy Michaels na minha presença.

— Olha, não sei quem é você, mas se é sobre a cafeteria, desculpa, cara. — Ele gagueja as palavras, sua voz ficando aguda e tensa.

Estalo a língua.

—Aí está a perda de orgulho. Pena que não posso desfrutar.

— Me deixa ir embora! Farei o que quiser, vou me desculpar com aquela garota, se é isso que você quer. Só... *por favor*. — O pânico dele escorre por suas palavras.

Meu aperto aumenta e me inclino até estar com o rosto ao lado de sua orelha.

— *Pare* de falar, ou vou cortar sua língua e dar para os cães comerem enquanto sangra por todo esse seu terno de poliéster barato.

Seu corpo fica tenso sob minha mão, mas ele não diz nada.

Eu me endireito, apertando o ombro dele.

— Bom garoto.

Andando até a frente dele, olho para seu corpo trêmulo, a forma da minha sombra criando uma aura assombrosa.

— Onde estava essa autopreservação na cafeteria, amigo? — Meu sorriso se alarga. — Podíamos ter poupado tanto tempo se você apenas tivesse reconhecido o seu lugar.

Minha cabeça se inclina quando ele não responde, meu estômago se contraindo, animado com o medo fervilhando em seu olhar turvo. Eu me aproximo mais, a voz baixa:

— Eu te fiz uma pergunta.

— Eu n-não s-sei... Eu só... desculpa... por favor, me deixe ir em-embora.

— Pronto, foi tão difícil assim? — Eu me viro para encarar os gêmeos. — Sério, é rude a frequência com que as pessoas não respondem quando falam com elas. — Voltando-me para o homem, reparo na mancha molhada se formando na frente de sua calça, o tecido cinza claro ficando escuro e molhado. Mijando na calça, sem dúvida.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto e uma risada baixa escapa do peito.

— Relaxe, *cara*. Só estava brincando quando falei sobre cortar sua língua.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Um arrepio me arranha por dentro, fazendo minha cabeça estremecer. Respiro fundo pelo nariz, tentando acalmar a náusea que me ataca, crescendo como um fogo selvagem e descontrolado.

Perco a batalha.

Eu me lanço para a frente e agarro o rosto do homem entre os dedos enlurvados. Ele grunhe de dor.

— Já te disse antes que essa merda de relógio é barulhenta, mas continua o usando na minha presença?

Seus olhos se arregalam, lágrimas escorrendo pelo rosto vermelho.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

O ruído faz com que tudo dentro de mim estremeça, memórias voltando à vida, lembrando-me de todas as vezes que não tive poder. De todas as vezes que fui forçado a posições onde o orgulho e o respeito não existiam. Todas as noites em que fiquei deitado na cama quando era um menino de 11 anos, recém-chegado da Inglaterra e sofrendo com a morte da minha família, imaginando por que raios Deus fez com que *eu* sobrevivesse.

O que eu tinha feito de tão errado?

Meu estômago revira e se agita, a bile queimando no fundo da garganta, enquanto a cabeça gira com as recordações. Estou cercado pelo estalo das botas de crocodilo do meu tio no assoalho de madeira. Meu peito se contrai com força

enquanto ouço o barulho de seu relógio de bolso, o *tique-taque, tique-taque, tique-taque*, contaminando o silêncio da noite depois que ele fecha a porta do meu quarto ao entrar.

A raiva se expande do meio do estômago, espessa e pesada, explodindo por dentro, cegando-me da explosão até que tudo o que vejo é fogo.

Meus dedos agarram a mandíbula dele até seus lábios se deformarem, forçando sua boca a se abrir em um “o”. Minha outra mão, segurando a faca, vai em direção do buraco aberto e agarra a ponta da língua, puxando-a até ouvi-lo gritar, o corpo se debatendo na cadeira. Sentir a lâmina cortando a língua carnuda faz uma ligeira satisfação percorrer minha espinha.

— Bem — digo ao cortar o último pedaço de tecido conjuntivo, o *rasgo* do músculo me fazendo sorrir. — Acho que menti.

Jogando o pedaço inútil de língua em algum lugar atrás de mim, prendo o gancho embaixo da sua axila, enfiando a lâmina até a ponta encontrar a pele antes de rasgá-la; sua artéria axilar jorra, o líquido quente espirrando no meu rosto.

O sangue pinga no meu braço quando levanto a ponta do gancho por trás dele, o *estalo* da braçadeira sendo cortada, perdido entre os gritos abafados de agonia que se esgoelam de sua boca cheia de sangue e sem língua. Puxo o braço dele da cadeira, pegando a parte dura do cabo da faca e batendo em cima do relógio, lascas de vidro brilhando conforme caem no chão.

— Não. — Repito o golpe. — Me. — Os ossos do pulso dele se quebram com o impacto. — Desrespeite. — Os dedos dele desta vez. — Novamente.

De novo e de novo, continuo golpeando até que meus braços se cansam, meu cabelo caído na testa um pouco suada. Giro o gancho, a raiva queimando minha alma e me incitando a cortar a mão dele inteira. Garantir que ele nunca mais tenha o controle da minha reação desta maneira.

Como ele se atreve a pensar que poderia, para começo de conversa?

A lâmina serra através dos tendões e vasos até encontrar o osso, a extremidade inútil balançando, a pele mutilada e irreconhecível.

Continuo, fazendo cortes no tronco dele; um para cada *tique-taque* que me fez suportar.

Os gritos gorgolejantes se silenciam, assim como os sons de seu relógio e, à medida que desaparecem, a raiva também.

Aos poucos, os pesadelos somem e meus olhos piscam, voltando ao foco. Olho para baixo, meu peito arfando, vejo os respingos de sangue pela minha pele exposta e no tecido das minhas roupas.

Estalo o pescoço, mergulhando no som abençoado do *silêncio*.

Meus olhos vão dos gêmeos, descansando contra a parede ao longe, para o homem amarrado na minha frente, seus olhos vazios e a boca aberta, o cadáver encharcado de sangue que vazou dos longos e irregulares cortes em seu corpo. Seu braço está pendurado em um ângulo estranho, uma piscina de vermelho escuro formada sob a pele manchada. Ando para frente, esmagando o vidro dos cacos de seu relógio debaixo dos meus sapatos.

O aperto no meu peito diminui e solto um suspiro satisfeito. Vou até a mesa de metal, tiro as luvas e pego o paletó antes de me virar para sair. Olho para os gêmeos, que se endireitaram, e meus passos vacilam quando meu pé pisa em algo macio. Olho para baixo, a diversão fluindo através das veias, quando vejo uma língua cortada esmagada sob a sola do sapato.

Olho para os gêmeos, passando a mão pelo cabelo.

— Limpem isso e se assegurem de que ele não era importante.

Eles acenam e eu saio dali, a adrenalina fazendo com que todas as células despertem sob minha pele, o sangue bombeando rápido e meu pau duro por conta da emoção da matança.

Tem algo estranhamente gratificante em se tornar juiz, júri e carrasco de alguém. Um tipo de sensação que não pode ser reproduzida. Uma que percorre seu interior e faz você se sentir intocável. Fatal.

Como um *deus*.

Subindo as escadas dos fundos, entro no escritório, pego um saco plástico e desabotoo a camisa, seguida da calça – tirando as roupas encharcadas de sangue para que um dos rapazes as descarte.

Visto peças novas, das que mantenho no armário, sento-me na cadeira, descanso os pés na mesa e acendo um charuto, aproveitando o gosto terroso. Clicando na tela do computador, abro uma foto de Peter Michaels e sua família, o desejo me apertando por dentro quando dou zoom no rosto de Wendy, imaginando como será tê-la debaixo de mim. Submetida a mim antes de quebrá-la e mandá-la de volta para um lar sem pai.

Solto um gemido, agarrando meu pau por cima da calça, que pulsa por trás do zíper.

Wendy Michaels é um deleite delicioso, e não vejo a hora de poder desfrutar de cada mordida.

7

WENDY

— Mas você estará em casa para o jantar? — Odeio o jeito como minha voz soa, cheia de um tom de súplica com a expectativa de que meu pai volte para casa.

O som fraco de papel farfalha no fundo.

— Não vou conseguir hoje, querida, mas tentarei de tudo para voltar no fim de semana.

Mordo o lábio inferior, machucando a boca. Meu pai sempre foi um homem ocupado, mas costumava arrumar tempo para mim. Ao longo dos anos, foi aos poucos se afastando cada vez mais e agora não sei como alcançá-lo. Não sei como convencê-lo de que também precisamos de atenção.

— Você nem apareceu na casa nova, pai. Parece que... não sei.

Ele suspira.

— O que esperava, Wendy? Sabe como são as coisas.

Não quero que Jon precise continuar crescendo sozinho.

Isso está na ponta da língua, mas engulo as palavras, torcendo para que, se eu não falar nada, talvez ele volte para casa.

— O que você está fazendo, afinal?

Ele suspira de novo e, dessa vez, uma voz feminina surge ao fundo.

Meu estômago dá um nó, minha mão aperta o telefone com força.

— Você ao menos está em Bloomsburg?

Ele pigarreia.

— Agora, não.

Eu bufo, o ressentimento se revirando feito uma nuvem de tempestade no centro do meu peito.

— Pai, você *prometeu* que, quando nos mudássemos, estaria mais presente.

— Estou. *Estarei*.

Meus olhos ardem.

— Então por que continua... em todos os outros lugares, menos aqui?

Muito tempo atrás, pensei que meu pai era perfeito. Eu o seguia para todos os lugares e fazia tudo com ele. Tanto que ele me apelidou de sua “pequena sombra”. Mas, à medida que cresci, as coisas mudaram. Aos poucos, fui sendo deixada de lado. Como se não fosse ninguém importante.

Às vezes, eu me pergunto se Jon tem mais facilidade, por nunca ter sabido como era. Nosso pai nunca deu a ele a atenção que deu a mim. Ainda assim, eu faria quase qualquer coisa para ter o amor do meu pai do jeito que já tive antes, e faria ainda mais para garantir que Jon pudesse experimentá-lo pela primeira vez.

Não acho que meu pai seja um homem ruim, só acho que a sede por novos negócios superou sua necessidade por uma família, até que, em algum momento, esqueceu-se de que tinha uma.

— Sentimos sua falta, só isso. — Engulo através do nó na garganta, inchado por conta de todas as coisas que quero dizer. — Obrigada, por sinal, por deixar Jon estudar em casa.

— É, por falar nisso, mudei de ideia. Tem um internato ótimo fora de Bloomsburg e vou o mandar para lá.

Meu coração se aperta no peito.

— *O quê?*

— Eu me encontrei com o reitor outro dia e me garantiram que lá seria o melhor lugar para ele.

Meu fôlego escapa de mim, percebendo que ele se encontrou com um desconhecido, mas não conseguiu tempo para os próprios filhos.

— Internato? Pai, ele vai *odiar*. Você sabe como as coisas são para ele com as outras crianças.

— Bem, essas crianças de lá são diferentes.

— *Pai...*

— *Wendy* — imita ele. — Escuta, esse assunto não está em discussão.

Meus dedos apertam o telefone com mais força.

— Por quê?

Ele hesita e pigarreia de *novo* – seu jeito de demonstrar quando está

tentando evitar o assunto. Ganhando tempo e elaborando seus pensamentos antes de deixá-los escapar em forma de palavras tangíveis no ar.

— O reitor é um sócio de negócios. Eles me garantiram que essa será a melhor opção.

Relembro da conversa com Jon do outro dia, de como seus ombros pareceram relaxar enquanto falava de poder ficar em casa. E, simples assim, uma dose de raiva penetra no centro do meu peito, desenrolando-se igual fumaça e me envolvendo. A única razão pela qual me mudei para cá foi para ficar com Jon; na tentativa de reunir de novo a nossa família desfeita. Meu pai prometeu que ficaria mais tempo em casa, que Bloomsburg era o lugar perfeito para ele se estabelecer, criar raízes e parar de viver para todo mundo.

Agora, ele vai mandar embora a única pessoa que ainda tenho. E eu ficarei aqui. Trabalhando em uma cafeteria e morando em uma mansão. Sozinha. *E para quê?*

Aperto os olhos com força e solto um suspiro.

— Quando vai contar a ele?

— Ele só vai daqui uma semana, portanto, estarei em casa para falar com ele.

— Pai, você *não pode* deixar que eu seja quem vai lidar com isso. Ele precisa ouvir isso de você. Precisa que você explique os motivos.

Meu estômago dói ao perceber que posso falar até a garganta secar, mas não vai mudar o fato de que, em algum ponto, meu pai parou de ouvir o que eu tinha a dizer. E a cada dia distante – outra viagem de negócios, ou outros lugares que não nos incluem – ele escorrega para cada vez mais longe do nosso alcance. Para algum lugar que ninguém consegue alcançar, mesmo que quiséssemos.

— Eu ouço você, querida, de verdade. Farei isso quando chegar em casa. Desculpe pelo jantar. — *Clique.*

Engolindo a irritação, olho para a cornija da lareira, para a nossa foto que coloquei ali na esperança de me lembrar de dias melhores. Na esperança de que isso lembrasse *a ele* também. Estou sentada em seus ombros, um grande sorriso dividindo nossos rostos. Fico pensando quando foi que tudo mudou. Se fui eu que mudei e comecei a superar minha visão ingênua de conto de fadas, ou se foi ele quem regrediu após a morte de nossa mãe.

Talvez as pessoas *nunca* mudem e seja apenas nossas percepções que alteram a visão.

Meu telefone apita no segundo em que o coloco de lado, e uma esperança desconhecida me percorre, mesmo *sabendo* que não será meu pai.

E, claro, não é. É a Angie.

Angie: JR hoje à noite, gata! Nada de falar não. Eu te pego às sete.

Meu estômago se revira quando leio a mensagem, e lembro na hora do belo estranho que me convidou para um encontro e depois desapareceu.

Ele estará lá?

Mordendo o lábio inferior, digito a resposta:

Eu: Tá. Eu vou.

8

JAMES

— Peter Michaels quer marcar uma reunião.
Meu coração se aperta no segundo em que o nome passa pelos lábios de Ru.

— Já estou ciente, Roofus. Você só falou disso nessa última semana.
Ru fecha a cara.

— Não seja engraçadinho. É... como é mesmo que você fala? *Deselegante*.
Meus lábios se curvam para cima com a sua tentativa de um sotaque inglês, embora, sendo sincero, até mesmo o meu não é tão marcado quanto antes. Os anos o amenizaram até que se tornou uma mistura estranha, não exatamente britânico, mas bem longe de ser americano.

— Aonde quer chegar? — pergunto.

— O que *quero dizer* é que preciso de você lá comigo.

Solto um suspiro, desabotoando o paletó ao me sentar em frente à sua mesa.

— E por que não pude ir logo de cara, pode me dizer de novo?

Seus olhos se estreitam.

— Porque você intimida as pessoas.

Minhas sobrancelhas vão até a linha da raiz do cabelo e aponto para mim mesmo.

— Eu?

Ele ri.

— Não se faça de bobo, garoto. Nós dois sabemos que você passa... —

Gesticula o braço entre nós. — Essa impressão. Outros homens poderosos não gostam de ficar perto disso.

Seguro meu sorriso.

— Você é um homem poderoso, mas aqui estamos.

Ru sorri, girando um charuto entre os lábios.

— Conheço sua lealdade. Você trabalha para *mim*. — Ele dá de ombros. — Não estou preocupado com o meu lugar neste mundo, e muito menos com o seu papel nele.

Embora apreciasse o sentimento por trás de suas palavras, mesmo assim, elas me causam um mal-estar. Ru pode pensar que conhece meu propósito nesta vida, mas nem ele sabe a verdade. Não sabe que meu pai se mudou dos Estados Unidos quando tinha pouco menos de 20 anos, tornando-se o principal empresário de toda a Inglaterra. Que eu nasci em uma vida luxuosa e, até a morte dele, não havia ninguém no mundo que eu admirasse mais. Ru não *sabe* que cada segundo desde então foi gasto focado na vingança contra o homem responsável.

Uma dor fantasma atravessa a lateral do meu torso e meus dedos se apertam num punho, lutando contra o desejo de tocar a cicatriz irregular que marca aquele lugar.

Alguns homens nascem neste mundo com propósito, outros homens são mutilados para conseguir um.

Uma emoção indesejada ameaça aproveitar o momento para aparecer, uma dor estranha tentando pesar em meu peito. Cerro a mandíbula enquanto a forço a desaparecer. O tempo do luto já passou há muito. Agora só resta uma sede de vingança que me faz continuar.

Inclinando-me para a frente na cadeira, o fogo do objetivo da minha vida me lambe com seu calor tentador.

— Então... quando vamos nos encontrar?

Ru sorri.

— Semana que vem.

— Perfeito, tenho planos para as próximas noites, seria uma pena não darem certo.

— Ah, é?

Concordo com a cabeça, sem querer explicar – sem querer revelar o meu prêmio antes que eu a prenda na minha teia. Quero que Wendy venha por vontade própria. Para ser o destaque radiante no meu braço enquanto eu a exibio para o mundo. Para observar o olhar no rosto de seu pai quando ela me levar na

casa deles para o jantar.

Um sorriso se esgueira pelos meus lábios.

— Um *projeto pessoal*, digamos assim.

Ele ri, passando a mão pelo rosto.

— Porra, garoto. Se eu tivesse a sua aparência, estaria enfiado em boceta todos os dias. Na verdade, fico muito surpreso pela moderação que demonstra.

O músculo da minha mandíbula se contrai e engulo o desgosto com a visão que suas palavras criam. Como se eu fosse desistir do controle pelo prazer sexual. Ter o desejo é uma coisa, perder-se na tentação é outra bem diferente. Posso até usar Moira para manter meus desejos mais sombrios sob controle, mas nunca *preciso* disso. Passar anos nas mãos de alguém que perdia a cabeça com frequência me ensinaram que o controle é primordial. Ainda que foder e gozar seja um alívio para o estresse, isso é tudo que sempre será. Nunca é por verdadeira diversão.

— Mas você estará por aqui hoje à noite? — pergunta Ru e seus olhos percorrem a mesa, uma vulnerabilidade penetrando nas palavras, tão leve que quase não ouvi.

Assentindo, eu me levanto e vou até a frente de seu escritório.

— Claro, Roofus.

Enfio a mão no bolso do paletó e pego a caixinha que trouxe comigo hoje. Ru não gosta muito de presentes, mas adora seus isqueiros. Tem uma caixa cheia com a sua coleção. Este é especial. Um ST Dupont feito por encomenda, incrustado com rubis vermelhos e uma inscrição na frente.

Sempre em frente até o amanhecer.

É o primeiro conselho que ele me deu, um do qual nunca me esqueci desde então. Meu polegar desliza pelas palavras, minha mente me levando de volta àquela noite.

Com a respiração pesada pelo esforço, olho ao redor do prédio, o tijolo desmoronando sob meus dedos – evidência do quão abandonado a área está como um todo. Não estamos em uma parte boa da cidade, e minha cabeça está a mil, imaginando quem é o homem que segui até aqui. O que ele deve fazer para estar tão confortável em uma área na qual até meu tio disse para eu não ir.

— Fique longe da praça da cidade com a torre do relógio.

O cabelo ruivo do homem balança ao andar na varanda da frente do prédio, a lona verde desbotada do toldo balançando acima. Ele diz alguma coisa e os caras com quem está acenam com a cabeça antes de entrarem, deixando-o sozinho. O estranho se vira, o movimento repentino fazendo meu

coração disparar. Arquejo, virando para me esconder em uma esquina. Sinto o tijolo áspero nas costas, mesmo através do tecido da camisa.

Respirando fundo algumas vezes, espio de novo, mas, desta vez, ele está bem na minha frente, as mãos nos bolsos e os olhos cinzas brilhando com diversão.

— Está me seguindo, garoto?

Seu sotaque é forte, e meus olhos se arregalam enquanto ergo o olhar e faço que sim com a cabeça. Nunca fui um mentiroso muito bom.

Talvez eu devesse estar com medo, mas não estou. O maior monstro de todos é aquele que no jantar se senta à mesma mesa. O medo há muito tempo repousava no fundo da minha alma, e ele era como um caldeirão fervilhante, esperando que eu dominasse a bebida para poder usá-la como veneno. Então, embora talvez não faça sentido, esse homem não me assusta. Ele inspira esperança.

Um inimigo do meu inimigo é meu amigo.

— Tudo bem, você conseguiu minha atenção — continua. Seus olhos me examinam, lábios se curvando nos cantos. — Você é filho do Crocodilo?

Minhas sobrancelhas se franzem com o nome.

— Não sei quem é esse — respondo.

— Crocodilo? — Sua mão esfrega o rosto, a cabeça erguida para o céu. — Ah, merda. É você... Eu te vi nos observando do corredor hoje à noite. Que merda está fazendo aqui, tão longe?

Sinto um nó no estômago, a vergonha me percorrendo ao perceber que não fui tão furtivo quanto imaginava. Ele sabia que eu estava lá o tempo todo. Náusea provoca minha garganta quando penso em meu tio também estar ciente. Passo a mão pelo cabelo.

— Não importa. É besteira.

Eu me viro para ir embora, mas um aperto áspero no meu ombro me gira de volta para ele.

— Não vire as costas quando alguém lhe fizer uma pergunta, garoto. Você já veio até aqui. Continue, tá bom?

Fico confuso ao tentar entender suas palavras.

— Continuo até quando?

Ele aponta para a torre do relógio que fica no meio da praça, a lua e as estrelas brilhando ao fundo.

— Sempre em frente até o amanhecer.

Minha cabeça se inclina.

— *O que isso significa?*

Seu braço envolve meus ombros, trazendo-me para perto.

— *Significa que você não desiste até conseguir o que quer. Mesmo que leve toda a maldita noite. Entendeu?*

Sorrio com a lembrança, jogando o presente na mesa.

— Roofus. — Estalo a língua. — Qual é, acha mesmo que eu não me lembraria?

Ru resmunga, dispensando-me com um aceno, mas vejo o peso desaparecendo de seus ombros e seus lábios se curvando para cima.

Como se eu pudesse me esquecer do aniversário do homem que me salvou.

*

Jason é um traficante de drogas que não vale nada e que atende pelo apelido de Nibs. Ele é do tipo que não lava as próprias camisetas e acha que uma corrente de ouro faz dele um cara durão, mas sempre fez um trabalho decente em vender nosso pó. Ultimamente, no entanto, ele está com os lábios soltos, tentando provocar uma revolta junto aos outros marginais irrelevantes que trabalham pelas *minhas* ruas, achando que são deles.

Jason se mexe na mesa à minha frente enquanto acendo um charuto. A iluminação fraca do bar projeta uma sombra em seu rosto, destacando as gotas de suor que se formam ao longo da raiz do cabelo. Não sei se ele sabe quem eu sou – traficantes de nível baixo em geral não têm o privilégio de me conhecer.

— Jason, sabe por que está aqui? — pergunto.

— Por que trabalho para você?

Giro o charuto entre os lábios antes de colocá-lo no cinzeiro e apoio os cotovelos na mesa.

— Isso mesmo, Jason. Você trabalha para *mim* — digo. O rosto dele se contrai. — Esqueceu? — Minha cabeça se inclina.

— Não — murmura.

Eu me inclino para frente.

— Não, *senhor*.

Ele olha para os gêmeos de cada lado dele, seu pomo de adão mexendo enquanto engole em seco.

— Não olhe para eles — digo. — A hora de você lidar com os gêmeos já

passou há muito. Na verdade — meus dedos coçam o queixo —, foi você quem decidiu mandá-los embora, para começo de conversa. Portanto agora terá que lidar comigo. Entendeu?

Ele limpa a garganta.

— Hã... s-sim, sim, senhor.

— Bom garoto. — Sorrio, relaxando de volta no banco. — Acabei de notar que você não está tomando nada. Deve estar com sede. Gostaria de beber alguma coisa?

Gesticulo para Moira, que se aproxima desfilando e com as mãos nos quadris. Os olhos de Jason saltam entre mim, os gêmeos, Moira, e depois de volta para mim. Ele abre a boca para falar, mas uma movimentação na frente do bar me distrai do que quer que ele diga.

Como um farol afastando as nuvens escuras, Wendy Michaels entra no bar — direto para o ninho da serpente, como se estivesse esperando para ser mordida.

Como se pertencesse a este lugar.

Sinto um formigamento, meu olhar a secando, assim como o sol faz com a água. Wendy chega ao bar, seguida de perto por suas amigas. Na hora, é cumprimentada por nosso bartender Curly, que diz algo que faz sua cabeça se inclinar para trás, rindo, o cabelo refletindo as luzes ao balançar pelas costas expostas. Meus ombros ficam tensos ao me segurar para não caminhar até lá e afastá-la da atenção que ele lhe dá.

Tirando os olhos dela, eu me concentro outra vez em Jason. Estava planejando estender esse momento, mas, de repente, estou desesperado para encerrar logo o assunto. A ansiedade me faz contorcer por dentro e preciso me obrigar a deixar tudo de lado, tentando manter a mente focada na tarefa.

— Jason, você parece um homem de... muitos talentos. — O peito dele infla, parecendo um pavão. — Eu o chamei aqui hoje porque parece haver um traidor em nosso meio. E preciso de sua ajuda. — Meus lábios se contorcem quando ele concorda com a cabeça, o alívio visível em seu rosto. Uma criatura tão simples e *burra*. — Chegou ao meu conhecimento que alguém de dentro vem trabalhando contra nós.

Jason se inclina como se esperasse que eu continuasse, mas paro. Recosto-me no assento, pegando o charuto e ignorando a forma como a fumaça sufoca ao girar em volta do meu rosto.

E espero.

Os segundos se estendem em momentos agonizantes, o único som ao fundo é dos clientes no bar, e minha voz interior me incomodando para prestar

atenção na garota bonita lá na frente do bar. Mas não me mexo. Mantenho o foco em Jason, esperando-o reagir.

Quanto mais o encaro, mais inquieto ele fica, até que, por fim, seus ombros ficam tensos.

— Não, você não acha que eu...

Levanto a mão, interrompendo-o no meio da frase.

— Acho bem interessante o que acontece quando se deixa espaço para as pessoas falarem. — Dou risada. — Sabe, o silêncio é muitas vezes a melhor maneira de atrair os *ratos*.

Inclinando-me, falo mais baixo:

— Há duas maneiras de fazer isso, Jason. Você pode manter um mínimo de dignidade e permitir que os gêmeos o levem para suas novas acomodações sem fazer uma cena. — Sorrio. — Ou pode fazer isso da maneira mais difícil. — Puxando minha faca do bolso, agarro o cabo de couro e a coloco bem devagar sobre a mesa ao meu lado. — Garanto que escolher a última não acabará bem para você.

A cabeça de Jason sacode, o peito arfando com a respiração ofegante.

— Escuta, você não entende. Ele me *obrigou*. E teria me matado, cara. Eu não... não tive escolha.

Minha cabeça se inclina, arquivando as informações que deslizaram de sua língua para mais tarde. Não estou surpreso que ele não seja o único por trás dos rumores, Ru e eu temos muitos inimigos, e é mais provável que alguém do status de Jason seja um pau mandando do que um mandante. Meu estômago se contrai, enquanto me pergunto se ele falará o nome de uma vez ou se precisarei arrancá-lo de sua garganta à força.

Aceno, saindo da mesa e passando a mão na frente do paletó ao me aproximar dele. Eu me inclino na direção de sua orelha:

— *Sempre* existe uma escolha.

Então, eu me afasto, meus olhos já fixos na garota na frente do bar.

9

WENDY

— Ai, *merda*, ele está vindo — sussurra Maria, quase vibrando na banquetta ao lado da minha. Ela se concentrou nele assim que entramos no bar, cutucando-me nas costelas até doer, avisando que o homem dela estava aqui.

Ele é exatamente como Maria o descreveu – cercado por ternos, sentado na mesa dos fundos sob uma iluminação tão fraca que quase não é possível distinguir sua sombra.

Mas posso senti-lo.

Ser criada ao lado de um homem com uma presença semelhante aperfeiçoou minha capacidade de saber como é quando alguém exala poder. E, por mais que não queira admitir, entendo a atração.

Sorrio e pisco para Maria, virando-me para ver, mas suas unhas cravam em meu braço, num aperto excruciante.

— *Não olhe* — sussurra ela. — O que está pensando? Este é o meu momento. Não podemos parecer desesperadas.

Angie dá risada por cima de sua bebida.

— Como se ele não tivesse visto você olhando para lá a cada dois segundos. Como sabe que ele está vindo atrás de você? É bem possível que esteja só vindo até o bar.

As sobancelhas de Maria arqueiam.

— E quando você o viu fazer isso?

Angie dá de ombros e tomo um gole de vinho, o líquido vermelho seco me fazendo estremecer quando toca meus lábios.

— Aposto que sim — digo. — Você e ele tiveram uma conexão ou algo assim, certo? Ele só deve ter estado ocupado até agora.

— Você acha? — pergunta ela.

Faço que sim com a cabeça, desesperada para cair em suas boas graças, mesmo que ela não tenha sido nada além de uma vaca desde o segundo em que nos conhecemos.

— Aproveite o momento! — Dou uma risadinha e um soquinho no ar.

Seus lábios vermelhos rubi se dividem em um sorriso, o olhar se arregalando um pouco ao deslizarem para além de mim.

— Que bom vê-la aqui, querida.

Fico sem fôlego, o medo disparando pelo corpo, porque eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. E, pelo jeito que Maria está o encarando, tenho uma suspeita de que o *homem dela* também é o *meu estranho*.

Eu o ignoro, na esperança de que, talvez, se eu não reagir, ele acabe indo embora. Mas, nos últimos tempos, parece que nenhum dos meus desejos se torna realidade, então, é claro que ele não vai.

Maria apruma os ombros, estufando o peito e, quer eu goste ou não, meu estômago revira, porque, mesmo sem querer ter a atenção dele, não tenho certeza se quero que ela a tenha, também.

Engulo outro gole de vinho com dificuldade.

Sinto um calor formigar nas costas, fazendo meu cabelo arrepiar. Espio pelo canto do olho e vejo o rosto de Maria mudar, seus lábios se curvando para baixo ligeiramente. Olhando para o outro lado, noto o olhar de Angie oscilando entre o homem às minhas costas e eu.

— Me ignorando no meu próprio bar? — Sinto sua respiração passar pela minha orelha, e fecho os olhos, lutando contra um arrepio. — Não é muito gentil da sua parte.

Olho mais uma vez para Maria, tentando transmitir um pedido de desculpas através da minha expressão, antes de soltar uma respiração pesada e dar atenção ao homem que a demanda.

— Não sabia que era o *seu* bar.

Girando, espero que ele recue, mas ele não o faz, e meus joelhos roçam suas coxas enquanto ele invade o meu espaço. Meu peito aperta quando meu olhar encontra seus gélidos olhos azuis.

— Há muitas coisas que você não sabe a meu respeito. — Sua cabeça se inclina. — Vamos mudar isso.

Minha cabeça repete todos os nossos encontros.

— Foi você que nos deixou entrar na primeira vez? — indago, e o lado direito de sua boca se levanta. — E é o admirador secreto que pagou as bebidas?

Ele me observa, as mãos deslizando sem esforço para dentro dos bolsos, tão parecido com a primeira vez que nos encontramos.

— Quer que eu diga sim?

— Gostaria que falasse a verdade.

— E onde está a graça nisso?

— *Wendy*. — A voz de Maria atravessa no ar, interrompendo o momento. — Vai nos apresentar ao seu... amigo?

— Eu não o chamaria de meu *amigo*. — Fecho a cara. — Maria, Angie, este é James. James, esta é Maria. — Aceno para a ela, ignorando a leve agitação interna. — E Angie.

— Oi, senhoritas — cumprimenta ele, mas seus olhos nunca se afastam dos meus. — Prazer.

— Ah, acredite, o *prazer* é todo meu — Maria se intromete.

Resisto à vontade de me contorcer com a fala brega, mas espero que ele mude o foco. Perceba que tem uma mulher aqui que está se oferecendo de bandeja. Sempre presumi que os homens gostassem de alvos fáceis e, embora não queira mentir para mim mesma e dizer que não gostei de sua atenção, definitivamente *não* sou uma mulher fácil.

Ainda assim, seus olhos permanecem fixos nos meus.

Eu também não afasto o olhar do dele, sentindo que, se eu quebrasse essa conexão, acabaria perdendo algo que nem saberia como manter.

O ar fica espesso e minha língua desliza pelos lábios secos. Seus olhos escurecem quando descem para a minha boca.

Angie pigarreia.

— Então — diz ela. — Você é dono deste lugar?

Seu olhar se demora antes de finalmente, *finalmente*, se afastar e virar para Angie. Meu peito se expande quando respiro fundo, parecendo que faz um século que não respiro direito, e olho para Maria, mas ela está evitando meu olhar, os lábios franzidos e as costas rígidas.

Ótimo.

— Algo assim — responde ele. — Espero que estejam satisfeitas com tudo?

As bochechas de Angie ficam rosadas, e ela sorri.

— As bebidas poderiam melhorar um pouco.

— Ah, é? — Ele se aproxima, o calor de seu corpo sobe pela lateral do

meu e me envolve, como se fosse um cobertor, seu braço descansando no encosto da minha baqueta. Com um simples aceno dele, o barman se apressa, a toalha branca no ombro contrastando com sua pele marrom-escura.

— Senhor?

— Parece que as senhoritas não estão satisfeitas com suas bebidas, Curly.

Observo os ombros largos de *Curly* se enrijecerem e, por algum motivo, uma sensação de urgência toma conta de mim. Como se fosse importante que ele soubesse que as bebidas estão boas, que Angie estava apenas brincando, que devia ser para aliviar a tensão que ainda está irradiando de uma Maria estranhamente silenciosa.

— As bebidas estão maravilhosas — garanto. — Estão perfeitas, James. Angie só estava brincando.

Ele desvia o olhar do barman para mim.

— Tem certeza?

Afirmo com a cabeça, e ele se vira para Curly.

— Essas senhoritas são as pessoas mais importantes aqui, entendeu? É por conta da casa, e sirvam *tudo* o que pedirem.

Curly assente.

— Pode deixar, chefe.

— Nesse caso, quero outro. — Angie ri. — E vocês, meninas?

A atenção de James já está fixa em mim de novo, o olhar tão intenso que me divide ao meio e se afunda no meu peito.

— Você não precisa fazer isso — digo.

Ele sorri.

— Não *preciso* fazer nada. — Sua mão sobe e afasta uma mecha de cabelo do meu rosto. O gesto é delicado, *gentil*, e um frio na barriga me consome. — Quero ter certeza de que você está sendo bem cuidada, querida.

Sinto um calor me dominar por dentro e resisto à vontade de esfregar as coxas, sem querer mostrar o quanto ele me afeta. Como esse completo estranho pode dizer algo assim e, em vez de sentir repulsa ou nojo, fico *excitada*.

Sua palma desliza na minha, meu estômago dando saltos com seu toque, e ele a leva à boca, os lábios roçando as costas da minha mão.

— Saia comigo.

Arrepios brotam ao longo do meu braço. Vagamente, ouço um arquejo à minha esquerda, mas não consigo me concentrar nisso, porque tudo nesse homem me suga como um vórtice. Uma dimensão alternativa onde tudo é silenciado, exceto ele.

A excitação me deixa tonta.

— Tudo bem.

Ele sorri, e é tão encantador que minha respiração vacila. Antes que ele possa dizer mais alguma coisa, um jovem – o mesmo que nos deixou entrar no bar na outra semana – corre até ele, sussurrando em seu ouvido. E, simples assim, todo o comportamento de James muda, o brilho desaparecendo de seu rosto. Ele assente antes de voltar sua atenção para mim.

— Infelizmente, preciso cuidar de alguns assuntos. — Ele levanta nossas mãos entrelaçadas, pressionando-as no peito. — Não vai embora sem se despedir, certo?

Faço que não com a cabeça, incapaz de formar as palavras. Ele sobe a outra mão, o polegar passando pela minha bochecha.

— Ótimo. — Ele olha para Angie e Maria, inclinando a cabeça. — Senhoritas.

Em seguida se afasta. Fico o observando enquanto caminha, meu coração na garganta, e olhares pesados me queimando de ambos os lados.

10

WENDY

Levando a taça à boca, forço o líquido amargo pela garganta. Nem gosto de vinho tinto, mas queria me encaixar – ser *sofisticada* – em vez de admitir que nem queria beber nada. Meu peito aperta, sem saber por que me dei ao trabalho, já que, de qualquer maneira, tudo deu merda assim que *ele* se aproximou.

James.

Pelo visto, ele é o mesmo cara por quem Maria está obcecada, o que significa que ele é também o tal... *Gancho*.

A realidade me atinge e é como se tivesse levado uma marretada, jogando pelos ares tudo o que achava que sabia. Ele é a inspiração para as conversas poéticas que elas passam horas declarando. O homem que permitiriam *parti-las ao meio com seu pênis monstruoso*.

Bufo contra minha bebida, uma risadinha borbulhando no centro do peito, sem saber se é o vinho que subiu à cabeça ou os restos das sensações tão confusas que James provoca em mim.

Ele é esquivo. *Perigoso*.

Uma emoção faísca lá no fundo.

Eu não deveria estar animada com a possibilidade. Deveria estar nervosa por ele não ter escrúpulos e deixar garotas menores de idade entrarem em seu bar. O jeito que sempre está rodeado de homens, parecendo que estão à sua disposição o tempo todo. Eu *deveria* me preocupar com a rapidez com que ele me abala ao ponto de me deixar tão absorta por sua presença que mal consigo respirar.

Mas não sinto nada disso.

Talvez seja porque nas minhas partes mais profundas eu já sabia que ele era diferente. O indício de perigo se alastra por minha pele como se fosse tentáculos e venosas numa carícia misteriosa. É *excitante*, mesmo sabendo que não deveria ser. Mesmo sabendo que meu pai não aprovaria.

Porém meu pai parou de me ouvir há muito tempo, então, talvez esteja na hora de eu retribuir o favor.

— O que foi isso? — pergunta Angie.

Dou de ombros, tentando conter o rubor que corre pela minha corrente sanguínea e aquece meu rosto. Não queria ceder. Sem dúvida não queria aceitar ir a um maldito *encontro* com ele, ainda mais na frente de Maria, que vem se consolando há meses ao dizer que ele é “intocável”. Mas não é.

Ele me deixou tocá-lo.

O nervosismo me ataca por dentro e, por mais que eu tente ignorar, gosto da sensação de ser quem está chamando sua atenção. Como se eu fosse *especial*.

Maria vira o conteúdo de sua taça, colocando-a com cuidado no balcão antes de se voltar para mim, seu olhar furioso me atravessando.

— Escuta — começo. — Não sabia que ele era o cara de quem você estava falando.

Ela ri, irônica, e eu continuo:

— Desculpa mesmo, Maria. Ele tem sido... persistente. — Eu me encolho, sabendo que só estou piorando uma situação já bem ruim.

— Está bem, eu estou *bem*. — Ela pausa. — Estou surpresa, só isso. Não consigo imaginá-lo gostando de alguém como você.

Meu nariz enruga e sinto seu julgamento recair em cada parte do meu corpo. Nunca houve um momento em sua presença que ela não tivesse encontrado uma maneira de me colocar para baixo e estou cansada disso.

— Maria, não... — começa Angie.

— O que isso significa? — interrompo.

Ela dá de ombros.

— Só não faz sentido. Ele é um homem poderoso. Alguém que poderia ter qualquer mulher que quisesse, e está interessado por *você*?

Meu corpo instintivamente se contrai.

— Ai — sussurro.

Ela sorri, estendendo a mão e acariciando meu antebraço.

— Sem ofensa, claro.

Suas palavras alcançam seu objetivo, machucando meu interior e me

deixando exposta a ponto de permitir a minha raiva transbordar. Elas chicoteiam dentro de como se fossem uma tempestade de vento, mas eu acalmo tudo com algumas respirações profundas.

Não importa o que ela pensa.

— Não vou mentir, garota, ele foi bem intenso — comenta Angie. — De onde é mesmo que o conhece? Você tem escondido as coisas.

Meus dedos brincam com um guardanapo, rasgando o papel frágil em pedaços.

— Não sabia quem ele era. — Olho para Maria. — Eu *juro*. Eu esbarrei nele, literalmente, na última vez que viemos aqui, e depois ele apareceu na cafeteria.

Os olhos de Angie se arregalam.

— É *mesmo*? Eu nunca o vi lá antes.

Dando de ombros, olho para o balcão do bar, a náusea revirando meu estômago de tanto querer mudar de assunto.

— Isso não é nada demais. — Maria acena com o braço. — O mundo é cheio de possibilidades e tudo mais. Além disso, talvez ele apareça mais vezes. Você não se importa se eu o pegar assim que ele te dispensar, né? — Ela sorri.

Ela deve estar certa e sou apenas um caso passageiro. Algo inatingível no qual ele está ansioso para botar as mãos, mas imaginar eles dois juntos faz meu estômago revirar, ciúmes disparando no peito.

A sensação permanece lá pelo resto da noite, muito depois de eu ter passado a beber água com gás e assistido as garotas ficarem bêbadas.

Continuo sentindo isso quando saímos e chamamos um táxi, a decepção tomando conta de mim porque James não apareceu de novo.

Uma das minhas pernas está entrando no táxi quando uma voz chama atrás de nós.

— Senhorita.

Eu me viro para trás, o coração acelerando.

— Você. — Ele aponta para mim. — Pediram para eu me certificar de que não fosse embora.

Quando olho para frente, fico cara a cara com Maria e Angie, seus olhos arregalados, olhando de dentro do carro para mim.

É irritante eu ter esperado a noite toda, como ele me pediu, e só agora se deu ao trabalho de me impedir de sair sem falar com ele. Quer dizer, nem *ele* em pessoa fez isso.

Implorou por um encontro e, com a mesma facilidade, despachou-me

através de seus funcionários.

Minha mandíbula trava e sigo para entrar no táxi com as meninas, mas o olhar mortal e bêbado de Maria me faz vacilar e me pego repetindo todas as palavras que ela disse durante a noite – os insultos velados me atingindo com mais força a cada chicotada.

A pontada de raiva que está fervilhando em mim, por fim, transborda, e se eu tiver que escolher entre ficar irritada com James ou ser agredida verbalmente por Maria, a escolha é bem simples. Eu me inclino para dentro do carro.

— Vão sem mim, meninas. Obrigada pela noite divertida. — Os olhos de Maria se estreitam.

Angie ri.

— Tem certeza, garota?

Concordo e me afasto, caminhando até o homem sem nome e acenando com o braço em direção à entrada.

— Bem? Leve-me ao seu chefe.

O sorriso dele se transforma em um do tipo irônico, mas não diz uma palavra, sua mão na base das minhas costas, conduzindo-me à porta da frente.

11

JAMES

Meu escritório no JR é o maior de todos os cômodos dos fundos. Costumava ser de Ru, mas eu o convenci a trocar, citando a necessidade do chuveiro privativo. Não é como se ele lidasse com nenhum trabalho *sujo*, portanto, não relutou, afinal, há *certas* ocasiões que exigem que as manchas sejam lavadas da minha pele.

Esta noite não foi exceção.

Meu cabelo ainda está úmido quando me sento atrás da mesa, lembrando o que arranquei da cabeça daquele idiota do Jason. Ele desabou em soluços assim que entrei aqui, minha faca brilhando sob as luzes fluorescentes. A visão da lâmina em forma de gancho girando entre meus dedos foi suficiente para ele me dizer tudo o que sabia. Não que sua versão da verdade me ajude muito. Ele não chegou a *de fato* conhecer o homem por quem decidiu que valia a pena me trair. Nem mesmo conseguiu um nome.

Mas Jason é um exemplo patético de garoto. E garotos são inconstantes.

Homens de verdade são leais.

Dito isso, não sou idiota. Não é preciso ser um gênio para ligar os pontos. Há um novato na cidade, um com poder e dinheiro para não chamar atenção. Que não expõe sua maldade ao mundo enquanto desfila por aí como se fosse um rei.

Peter Michaels.

É inteligente, de verdade. Afinal, é mais fácil fazer coisas erradas quando as esconde à vista de todos. As pessoas não *querem* ver a escuridão à luz do dia.

Uma batida na porta do escritório me tira dos meus pensamentos.

— Entre.

Uma carranca marca o rosto infantil de Starkey ao empurrar Wendy para dentro.

O tom rosado de suas bochechas se intensifica enquanto observa ao redor do escritório, seu olhar parando em mim atrás da mesa. Suas mãos se retorcem, e engulo a satisfação por ela estar tão visivelmente nervosa.

— Vá embora — ordeno a Starkey, meus olhos não se afastando de Wendy.

O ar está espesso – do mesmo jeito que sempre fica quando ela está aqui –, a energia crepitando entre nós. As coisas seriam mais fáceis para mim se eu não me sentisse atraído por ela, mas ter esse tipo de química, sem dúvida ajudará meu plano a se desenrolar.

Colabora para torná-lo *crível*.

Ela se aproxima, seu vestido de um azul-pálido balançando em torno dos joelhos, os cabelos escuros emoldurando suas bochechas vermelhas. Sua língua desliza para lambe o lábio inferior.

— Oi — cumprimenta ela.

Sinto um frio na barriga.

— Oi pra você também.

— Você costuma mandar lacaios para fazer seu trabalho sujo?

Inclino a cabeça.

— Depende. Você está planejando ficar... suja?

Ela ri.

— Você nunca para, né?

— Parar com o quê?

— O charme. Deve ter tido muita prática, pelo tanto que é bom nisso.

Eu me levanto da cadeira, caminhando até a frente da mesa e me recostando contra ela.

— Você me acha charmoso?

Seu rosto fica um tom mais intenso de carmesim, fazendo um arrepio percorrer meu peito.

— Você não precisa de mim para inflar seu ego.

Estendo a mão e agarro a dela, olhando para o esmalte rosa em seus dedos delicados. Meu polegar desliza pelas costas de sua mão.

— Pelo contrário, querida, acredito que preciso de você para muitas coisas. Sua boca se abre, ofegando.

— Minha vez de fazer perguntas. — Eu me aproximo dela. — Eu te deixo nervosa?

— Não — murmura ela. Seu peito roça contra meu torso a cada respiração, fazendo-me arrepiar de novo.

Minha mão livre coloca uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Não minta para mim.

— Ou o quê? — sussurra.

O canto da minha boca se repuxa.

— Melhor não descobrir.

Nossos olhos se encontram de novo, e meu peito se contrai. Ela olha para mim como se estivesse tentando ver as cores da minha alma, a sensação me causa *coceira*, então quebro nosso olhar, sabendo que a única coisa que ela vai encontrar é sua ausência.

A mão de Wendy se estende e vira meu rosto, estremeço por dentro quando ela o faz.

— Por que me trouxe aqui nos fundos?

Meu olhar salta de seus olhos para sua boca e, de repente, estou desesperado para saber se o gosto dela é tão bom quanto parece ser. Inclino-me para mais perto, sentindo sua respiração dançando contra meus lábios.

— Para dizer boa noite — digo com a voz rouca.

Ela se aproxima mais de mim, suas curvas pressionadas contra todo meu corpo e, mesmo através do tecido da camisa, sinto seu calor.

Essa garota pode muito bem me fazer perder a cabeça.

— Então, você vai? — pergunta. — Dizer boa noite, quero dizer.

Minhas sobrelanceiras se erguem, surpreso pela sua ousadia. O sangue corre para o meu pau, fazendo-o endurecer. Meu braço envolve sua cintura, puxando-a contra mim, as pontas dos dedos roçando as laterais de seu corpo.

— Você gostaria que eu me despedisse?

— S-sim — gagueja.

Suas mãos pressionam meu peito e me inclino para baixo, os lábios *tão* perto de roçar os dela.

Toque-toque.

Wendy pula para trás, e minha mandíbula cerra, a frustração fluindo nas veias devido a quem quer que esteja interrompendo.

— O quê? — pergunto, irritado.

Ru abre a porta e entra marchando.

— Garoto, eu... Ah, merda. — Seus passos vacilam quando observa a

cena. — Estou interrompendo?

Sufoco a vontade de dizer a ele para dar o fora e coloco um sorriso falso no rosto.

— Se está perguntando, então já sabe a resposta.

Ele se senta no sofá encostado na parede oposta e abre bem as pernas.

— Você vai nos apresentar? — Ele gesticula para Wendy.

Meu coração para. *Não*. Eu não pretendia que Ru a conhecesse ainda. A última coisa que quero é que ele ligue os pontos e descubra que ela é a filha do homem que está tentando se meter no nosso negócio.

— Meu nome é Wendy.

Viro a cabeça para ela, depois para Ru, então... a coisa mais estranha acontece.

Uma onda quente me percorre por dentro e me reparte ao meio, até eu precisar reunir todas as forças para me conter e não a puxar para os meus braços, e me certificar de que Ru saiba que ela é *minha*.

— Wendy. — Ele sorri. — Sou o Ru. Prazer em conhecê-la.

— Igualmente. — Ela ergue a mão, dando um pequeno aceno. — Vou deixá-los à vontade. Boa noite. — Ela sorri, mas é um sorriso tenso e meu peito se contrai ao vê-la caminhar até a porta. Agarro seu pulso quando ela passa por mim.

— Me deixe levá-la para casa.

Ela nega com a cabeça.

— Não, tudo bem, sério. Vou pegar um táxi.

Meus dentes rangem, querendo discutir, mas sei que posso assustá-la se for muito incisivo.

— Pelo menos me deixe acompanhá-la até lá fora.

Ela morde o lábio inferior e assente, virando-se para a porta.

Minha palma toca a parte baixa de suas costas, meus olhos se estreitando para Ru quando vejo o sorriso gigante em seu rosto.

— Você. — Aponto para ele. — Fique aí.

Ele levanta as mãos no ar, rindo.

— Vá cuidar das suas coisas, garoto. Temos a noite toda.

Caminho com Wendy até a entrada, ignorando os poucos clientes restantes no bar. Moira e Curly estão num dos cantos fazendo a limpeza de fim de turno. Quando chegamos à rua, um táxi já está lá e esperando.

Ela se aproxima para abrir a porta, mas eu a paro, meus braços a cercando, o metal frio do teto do carro sob os meus dedos.

— Tem certeza de que não vai me deixar levar você?

Ela gira, sorrindo para mim.

— Obrigada, mas vou ficar bem.

Seguro seu rosto, meu polegar roçando seu lábio inferior. Suas pupilas dilatam sob o brilho amarelo das luzes da rua.

— Quando vou conseguir meu encontro, querida?

— Quando quer sair?

— Ontem. — Pressiono-me contra ela. — Agora. — Ela tropeça, recostando-se na porta do táxi. — Amanhã.

Suas mãos espalmam meu peito.

— Pode ser amanhã.

Eu me inclino, os lábios roçando sua orelha.

— E como vou te encontrar?

— Você pode me pegar na cafeteria às sete. — Ela fica na ponta dos pés para roçar os lábios no meu rosto. — Boa noite, James.

Então, ela entra no táxi, fechando a porta.

Paro na janela do passageiro e bato até ela ser abaixada, vendo o nome do motorista na placa de identificação e baixando a voz para que Wendy não ouça:

— Se acontecer *qualquer coisa* com ela, não haverá um canto na face da Terra capaz de escondê-lo de mim. Entendeu?

Os olhos do taxista se arregalam quando pega o maço de dinheiro da minha mão e ele acena com a cabeça.

— Bom homem. — Bato no topo do táxi e fico no meio-fio até que virem a esquina, querendo saber que sensação de calor é essa no meu peito e porque sinto que o amanhã vai demorar uma eternidade para chegar.

12

WENDY

Meu armário veio abaixo, roupas espalhadas pelo chão. Solto um gemido, olhando para as pilhas e mais pilhas. Como é possível possuir um milhão de peças, mas não ter uma única sequer para vestir?

Fico muito nervosa quando olho para o relógio e percebo que tenho meia hora até precisar encontrar James na The Vanilla Bean.

Merda.

Podia ter feito ele vir me buscar aqui, mas pensar em mostrar a ele onde moro faz meu estômago revirar. Se ele vir a mansão, vai se perguntar como estou vivendo nela e, considerando que é a primeira pessoa na minha vida que parece gostar de mim por *mim*, em vez de por saber quem é o meu pai, espero evitar isso o máximo possível.

Muitos homens tentaram conquistar meu coração, todos com um objetivo secreto por trás de seus sorrisos. Seus olhares eram carinhosos, mas era apenas uma questão de tempo antes que esses mesmos olhos se iluminassem por conta do meu pai como nunca o faziam por mim. Não que eu tenha me apaixonado por eles, de qualquer forma. Aprendi ainda jovem, aos 6 anos para ser exata, que as pessoas estavam mais interessadas em como eu poderia servir ao bem-estar delas do que se preocuparem com o meu. Até as crianças entendem a dor da solidão e, quando minha mãe morreu, todos de quem eu passei a depender foram embora. Como se *eu* fosse o problema. Como se a minha dor fosse um fardo muito pesado para suportarem.

Talvez seja por isso que sinto tanta atração por James. Porque, pela

primeira vez na vida, tem alguém que me quer por *mim*, não por todas as outras besteiras que vêm junto.

Suspirando, escolho um vestido preto justo na medida certa para mostrar minhas curvas, mas também simples a ponto de não parecer que estou desesperada. Termino de me arrumar antes de descer.

Jon está sentado na sala, umas cem peças de um aeromodelo desmontado e ocupando toda a mesa de centro. Eu me sento na poltrona em frente a ele.

Ele ergue o olhar, arregalando os olhos quando me vê.

— Você está bonita. Um encontro importante?

Sorrio, meu peito se aquecendo com seu elogio.

— Obrigada, sim, na verdade... eu realmente tenho um encontro.

— Legal. — Ele sorri. — Vou me adiantar nos estudos em casa.

Suas palavras me acertam em cheio, deixando meu peito pesado com a indecisão. Não contei a ele sobre o internato. Não parece certo saber e não contar, mas papai disse que voltaria para casa. Deveria ser *ele* a ver o olhar no rosto de Jon quando ele descobrisse que está sendo mandado para longe.

Olho ao redor, notando os aeromodelos prontos e montados em vários lugares. É algo de que Jon sempre gostou, mas, desde que nos mudamos, poderia encher a casa inteira com eles.

— Como você está, considerando tudo? — pergunto.

Ele inclina a cabeça, os olhos semicerrados para as peças que está colando.

— Pergunta vaga, Wendy.

— Quero dizer... *tudo*. Tipo, a mudança e tal? Você está bem?

Ele dá de ombros.

— Estou bem. Prefiro assim, na verdade. Se eu pudesse ficar aqui nesta casa para sempre e nunca mais sair, seria perfeito.

A culpa se espalha por dentro de mim, envolvendo-me com força até explodir. Talvez ainda haja tempo para convencer o meu pai a desistir dessa ideia estúpida de internato. Por outro lado, seria saudável para uma criança da idade dele ficar trancada em casa o dia todo só com a irmã mais velha de companhia?

Ele esfrega o nariz.

— Sério, Wendy. Estou *bem*. Você se preocupa muito.

— Alguém precisa. — Sorrio.

— Vá curtir o seu encontro. — Ele me dispensa com um aceno.

Mordo o interior da bochecha, os dedos retorcidos no colo.

— E se eu cancelasse e a gente ficasse junto?

O olhar de Jon por fim deixa seu avião, os olhos arregalados ao me

encarar.

Solto um suspiro.

— *Tudo bem*, não precisa parecer tão mortificado com a ideia.

Ele sorri com meu comentário e as covinhas em seu rosto fazem meu coração doer de tão idênticas que são às de nossa mãe.

— Tudo bem, então. Vejo você mais tarde, certo? — Eu me levanto para sair.

— Não faça nada que eu não faria.

Meus olhos se estreitam.

— Você não faz *nada*.

Ele ri.

— Exatamente.

Por meio segundo, penso em cancelar com James mesmo assim. Ele é intimidante – consome tudo de um jeito que me faz tremer por dentro e deixa os pensamentos confusos. Mas, mesmo quando penso em desmarcar, desisto, pois sei que não vou deixar de ir.

A atenção de James é uma brasa queimando em meu interior e iluminando tudo à frente. E, nas partes mais sombrias da minha cabeça espero que, se meu pai souber que estou na gandaia com um homem igual ao James, um homem que é um pouco mais velho e muito poderoso, quem sabe enfim venha para casa.

Minha ansiedade aumenta de modo furioso no caminho até a cafeteria. Vou até a entrada, minhas mãos úmidas deslizando na frente do vestido, e respiro fundo para me acalmar.

No que eu estava pensando ao aceitar isso?

Cheguei um pouco mais cedo de propósito, assim teria um tempo para me preparar, mas, quando entro, ele já está por aqui, conversando com Angie como se fossem velhos amigos, o terno vestindo seu corpo com perfeição. Vez ou outra, fico imaginando como ele ficaria usando jeans ou uma camisa velha e manchada. Parece que ele nunca está nada menos do que perfeitamente composto.

Meu olhar percorre a cafeteria. Está cheio hoje, e James ainda não percebeu que estou aqui. Meu coração bate forte no peito. Caminhar até ele se parece com mergulhar no fundo do mar sem saber nadar, mas isso não faz meus passos vacilarem. Pelo contrário, acelero o ritmo, uma sensação excitante e um pouco estranha me fazendo querer descobrir onde é o fundo.

Angie me vê primeiro, seus olhos se animando ao me observar.

— Ei, garota, olha quem está aqui. O moreno alto e bonito apareceu *cedo*.

James se vira para mim e, como uma onda de energia, meu corpo se acende, a eletricidade de seu olhar fazendo os pelos do meu corpo arrepiarem.

— Oi. — Sorrio.

Ele se endireita e vem até mim, perto suficiente para dar um beijo suave no meu rosto. Ofego, o calor de seu corpo fazendo um arrepio me percorrer. As pontas de seus dedos traçam meu braço conforme recua e sua encarada é intensa, despindo-me com apenas um olhar. Uma sensação inebriante cresce lá no fundo e se acomoda entre minhas pernas.

— Linda — elogia ele.

É uma palavra, mas é como se tivesse sido acariciada por veludo, tudo por dentro se derretendo com sua aprovação.

— Você também está bonito.

Ele sorri.

— Acha que sou bonito?

Seu tom é brincalhão e acende o mesmo fogo estranho de quando nos conhecemos, quando imaginei como seria ser uma Wendy diferente.

Minha sobrancelha arqueia.

— O quê, acha que um homem não pode ter beleza?

— Um homem pode ter muitas coisas, querida. — Ele se aproxima. — Mas a única beleza que espero ter esta noite é a sua.

Tudo dispara por dentro e o famoso frio na barriga quase me faz flutuar.

— Sua boca deveria ser proibida — murmuro. — Então... aonde vai me levar?

Angie ri.

— Quem *liga* para onde ele vai te levar, garota? Vá logo. — Ela faz um gesto com as mãos, expulsando a gente.

James olha para ela antes de descansar a palma da mão na parte inferior das minhas costas.

— Ela está certa, sabe. Você deveria relaxar e me deixar levá-la para jantar e tomar um vinho, como deve ser. — Ele se inclina, os lábios roçando o topo da minha orelha. — E, se você se comportar bem, talvez eu te mostre o *verdadeiro* motivo pelo qual minha boca deveria ser proibida.

Calor inunda meu corpo, rodopiando por dentro e pulsando entre minhas pernas. Ofego, surpresa, minhas mãos empurrando seu peito.

— Isso é muito presunçoso da sua parte.

Seus olhos brilham e ele não afasta a mão das minhas costas em momento algum ao me conduzir à porta.

— Só avisando o que vem pela frente.

Ele me leva para fora até um Audi com vidro fumê escuro. Minha mão se estende para a maçaneta, mas, antes que eu possa abri-la, ele está ali, abrindo-a e me ajudando a entrar.

Meu coração acelera. Um gesto tão simples, mas que me faz sentir tão especial. *Cuidada.*

— Sinto que deveria estar ofendida — digo quando ele se senta no banco do motorista.

James sorri, ligando o carro, mas ainda não sai, e se vira para me olhar.

— Por quê?

— Você acabou de dizer para me comportar, e você... já sabe.

Sua sobrancelha arqueia.

— Acho que não sei, não.

Ele se aproxima rápido, inclinando-se sobre o console e o corpo me apertando até que acabo presa no assento. Ele desliza o nariz pelo meu pescoço, e meu estômago se contrai tanto que perco o fôlego.

— Por que quero colocar a boca em você? — Seus lábios dançam da minha orelha ao queixo, até pairarem sobre os meus.

Meu coração martela no peito. *Estou tão deslocada aqui.*

— Prometo que vai gostar — sussurra.

E, do nada, o calor de seu corpo desaparece quando ele volta para o seu banco e saímos do estacionamento.

13

JAMES

Vou levá-la até a marina; ao meu lar. Considerei um encontro mais público, mas optei por algo diferente, sem querer correr o risco de o pai dela descobrir alguma coisa antes que eu esteja pronto.

Gostaria que ele soubesse exatamente quem sou antes de eu puxar o tapete debaixo dele.

Ainda bem que Ru não fez perguntas, deve ter presumido que ela era algo passageiro para o meu prazer. Se ele pensasse só um pouco mais, perceberia que jamais estive com uma garota aleatória no escritório, apenas com Moira, e só quando preciso me desestressar. Mas as pessoas veem o mundo através de uma lente própria e, às vezes, é mais fácil acreditar no que *você* acha que é verdade do que entender o que de fato acontece com os outros. Em geral, isso funciona a meu favor.

Nossa reunião com Peter é amanhã, e estou quase zozinho de pensar que vou ficar cara a cara com ele, ver sua expressão e olhar quando o negarmos. Ele pode ser um homem de negócios corrupto o quanto quiser – na verdade, tenho certeza de que teve muitos anos para se aperfeiçoar o papel –, mas não virá a *este* território e assumirá o controle. Já basta o que tirou de mim, não vou permitir que consiga isso também.

Um aroma de baunilha sobe até meu nariz.

Wendy.

Forço um sorriso, voltando a atenção para ela, não querendo revelar os pensamentos violentos que passam pela minha cabeça. Para minha surpresa, não

sinto nenhum ressentimento, apesar de ela ser filha do meu inimigo. Na verdade, se eu pensar bem, há algo de doentio e doce que serpenteia por dentro de mim, que se sente mal por ela ter que ser usada dessa maneira – como um peão em um jogo cujo objetivo é muito maior do que ela jamais será.

Mas nunca sou de deixar passar uma oportunidade de ouro. E é isso que ela é, um modo para eu brincar com minha presa antes de acabar com ele.

Peter Michaels não merece uma morte rápida, merece um acerto de contas.

Perceber que não tem amigos. Nem família. Ou orgulho. Que *tudo* foi tirado dele; suas escolhas despojadas e sua realidade moldada em pesadelos.

Só *então* vou matá-lo.

Entramos na marina e, antes mesmo de eu tirar a chave da ignição, Wendy já está começando a abrir a porta. Minha mão dispara, segurando seu pulso.

— Qual é a pressa? Fique bem aí.

Seus olhos se arregalam quando para.

— Ah, eu...

Soltando-a, desço do carro e dou a volta para abrir a porta do passageiro. Um pico de excitação queima em mim quando olho para baixo, seus olhos cor de chocolate brilhando ao sorrir para mim, seu rosto no nível da minha virilha. Estamos em uma posição tão bonita. Estendo a mão, e ela coloca sua palma por cima dela, meus dedos apertando de leve conforme a levanto do banco. Assim que está de pé, eu a puxo, e sua respiração falha quando ela tromba no meu corpo.

— Que tal permitir que um homem seja um cavalheiro, hein?

Sua cabeça abaixa um pouco para descansar no meu peito antes de pigarrear e se afastar. Ela olha ao redor.

— Vamos num barco?

Sorrio.

— Pode ser?

Assentindo, ela retorce os dedos.

— Pode sim, é só que... não meu dou muito bem com água.

Minha mão descansa em suas costas enquanto a guio em direção à passarela, passando pelos outros barcos, até onde um iate à vela de quarenta e três metros está atracado na última vaga. *Tiger Lily*.

— Não vamos a lugar nenhum, só achei que poderíamos jantar em algum lugar com privacidade.

Deslizando a palma ao redor de sua cintura, eu a ajudo a passar da passarela para o convés lateral. Por via de regra não trago pessoas para onde

moro e, com certeza, jamais uma mulher, mas quero que ela se sinta especial.
Diferente.

— É seu? — pergunta ela.

Assentindo, sigo atrás dela, sentindo a maciez de seu vestido preto na mão.

— É.

Os iates à vela são maravilhosos por uma série de razões. Luxuosos, confortáveis e, o mais importante, são extremamente móveis, permitindo-me escapar para uma das muitas docas que possuo ao redor do mundo, se necessário.

Ela olha ao redor da sala, a mobília na cor creme combinando de modo harmonioso com o piso de cerejeira.

— Você mora aqui?

Fico nervoso, observando-a olhar tudo.

— Sim.

— É lindo.

Calor preenche meu peito. Caminho até ela.

— Você é linda.

Ela gira e eu me aproximo, apreciando a forma como seu corpo fica corado toda vez que faço isso.

— Gostaria de conhecer tudo agora ou mais tarde?

— Hum. — Ela inclina a cabeça de lado, e resisto à vontade de me aproximar mais e deslizar meus lábios por sua pele. — Acho que primeiro o jantar, depois damos uma volta.

Assentindo, eu a levo para o terraço, onde um membro residente da tripulação, Smee, prepara o jantar. Sorrio, satisfeito com o resultado de seu trabalho. As luzes do deque estão penduradas, lançando um brilho romântico, toalhas brancas e pratos estão arrumados na mesa redonda cercada pelos bancos almofadados em forma de U com o champanhe gelando no meio.

— Uau, é lindo aqui em cima. — Suspira. — Aquilo é uma *banheira de hidromassagem*?

Puxo a cadeira para ela se sentar antes de caminhar para a minha.

— Sim. Podemos entrar, se quiser.

Sentado em frente a ela, abro o champanhe e sirvo duas taças para nós, ignorando o jeito que meu peito se contrai ao vê-la cercada pelos tons de rosa e roxo do pôr do sol. Não estava mentindo quando disse que ela era linda.

Ela é.

Dolorosamente bonita.

— Espero que goste de salmão? — pergunto.

Olhando para a comida, ela concorda, pegando o garfo.

— É perfeito.

Ela fica quieta enquanto come e eu a aprecio, meu pau crescendo a cada porçãozinha de comida que ela desliza para dentro da boca, os olhos se fechando ao mesmo tempo que geme com o sabor. Nós dois comemos tudo, nossa conversa fiada e a brisa marítima são as únicas coisas que nos fazem companhia.

Smee aparece em silêncio para levar nossos pratos, fazendo Wendy pular de susto.

— Meu *Deus*, não sabia que tinha mais gente aqui.

Sorrio.

— Esse é o Smee. Meu imediato, digamos assim.

Ele sorri, o cabelo castanho balançando sob o gorro vermelho ridículo ao inclinar a cabeça.

— Prazer, senhorita.

— Imediato. — Ela ri. — Tipo um pirata? Isso faz de você o capitão?

Sou tomado pela diversão e endireito a postura.

— Na verdade, sim. Comando *todas* as embarcações em que estou. Ficaria mais do que feliz em mostrar a você.

Ela fica boquiaberta, as bochechas manchadas de rosa.

O sol já se pôs há muito tempo, a lua lançando um brilho fantasmagórico na água. Espero Smee limpar nossos pratos e entrar antes de falar:

— Você fica maravilhosa ao luar, querida.

Tomando um gole de sua bebida, ela ri.

— Você é mesmo diferente, sabia?

Levo a taça de champanhe aos lábios, deixando um pouco do líquido gasoso borbulhar na língua antes de engolir.

— Comparado com o quê?

Ela inclina a cabeça.

— Bem... não tenho certeza. Com todos os outros homens, acho.

— E isso é ruim?

— Não, de jeito nenhum. — Ela sorri.

É um sorriso lindo, mas não ilumina seu rosto, e a irritação me queima por dentro ao saber que ela, de repente, está fingindo. Eu posso a estar usando como objeto – um brinquedo temporário –, mas não gosto quando as coisas que considero minhas não são bem tratadas na minha presença. E é isso que ela é até que eu decida o contrário: minha.

— Não faça isso.

— Fazer o quê?

— Fingir. Aqui, não. Não comigo.

Ela balança a cabeça, colocando o garfo no prato.

— Então posso ser honesta?

— Espero que nunca seja menos do que isso.

— Não sei bem como agir perto de você. Não sei dizer se está tentando mesmo me conhecer ou... me impressionar, ou o quê.

Minhas sobrancelhas arqueiam.

— E se eu *estiver* tentando impressioná-la?

Seu lábio se contrai.

— Então não está funcionando.

— Ah, não? — Minhas sobrancelhas sobem mais ainda e coloco a taça na mesa, inclinando-me. — Pois, então, o que a impressionaria?

Ela sorri.

— Se eu tiver que te contar, aí não será muito impressionante, né?

Uma risada borbulha no peito, mas a engulo, minha mão subindo para esfregar a barba por fazer no queixo.

— Quero saber de *você* — pede ela.

Meu estômago revira com suas palavras. Abro os braços e olho ao redor.

— Desculpe desapontá-la, mas este *sou* eu, querida.

Ela balança a cabeça, colocando o guardanapo na mesa antes de se levantar e dar a volta até mim. Então, senta-se bem no meu colo. Bem depressa, minhas mãos vão descansar em suas coxas, a surpresa vibrando por dentro de mim com a ousadia dela. Eu não esperava por *isso*.

— Não — sussurra, seu rosto a centímetros do meu. Minha barriga se contrai, notando pela primeira vez como manchas cor de âmbar se espalham dentro do castanho-escuro de seus olhos. — Isso é o que você tem — continua. — Quero saber o que tem aqui dentro. — Sua mão pressiona meu peito.

Meu coração acelera e torço para que ela não consiga senti-lo através da pele — sem querer admitir, nem para mim mesmo, que o que ela está fazendo está me afetando.

Mas está.

Movendo a mão para segurar seu rosto, meu polegar pressiona seu lábio inferior. Sua respiração está pesada, seu peito roça contra o meu a cada expiração. Nossos olhares estão fixos um no outro, e sinto essa sensação inquietante fermentando em meu interior. É nova e *indesejável*, e eu não sei

como controlá-la, portanto, faço a única coisa em que consigo pensar para abafá-la.

Eu me inclino e a beijo.

14

WENDY

Surpreendo-me com a maciez de seus lábios quando encontram os meus, não que eu esteja reclamando.

Entrego-me, relaxando ainda mais em seu aperto, e seu braço envolve minha cintura e me aperta mais à medida que a mão dele segura meu rosto.

Meu coração dispara com sua carícia doce, mas logo, como se o fogo lambendo minhas veias se refletisse em suas ações, ele aprofunda o beijo, a língua forçando minha boca a abrir. Solto um gemido ao sentir seu gosto, sentindo-me extasiada pelo jeito que ele me consome por completo. O calor dispara e pulsa entre as minhas coxas. Jogo uma perna sobre ele, montando-o, e meu centro fica bem em cima de seu colo.

Ele geme quando solto meu peso, seus quadris se pressionando contra mim. Arfo com o movimento, meus lábios se afastando com a sensação dele duro e grosso debaixo de mim. Sua mão puxa meu rosto de volta para o dele.

Pressiono-me para baixo, balançando para frente, a fricção de seu comprimento na minha abertura causa arrepios em mim, meu clitóris inchando quando uma onda úmida escorre de mim.

Tirando a mão do meu rosto, ele coloca as duas em meus quadris, guiando o movimento enquanto definimos um ritmo, seus lábios se afastando dos meus para descer pelo pescoço. Ele morde, suga e beija, e mesmo tendo certeza de que está deixando marcas, não consigo me importar, perdida demais na forma com que ele parece me moldar para encaixar perfeitamente em cada pedaço seu.

— Seu gosto é muito melhor do que eu imaginava — murmura na minha

pele.

Minha cabeça cai para trás, permitindo mais acesso à garganta.

— Faça-me um favor, gatinha.

— Qu-qualquer coisa — gaguejo.

— Esfrega essa bocetinha gostosa em mim até sujar todo o meu colo.

Eu gemo, mesmo que suas palavras safadas causem uma onda de vergonha em mim. Ninguém *nunca* falou comigo dessa maneira. Ainda assim, o comando em seu tom é tão sedutor, estendendo-se e envolvendo meu corpo, incitando-me a obedecer.

Minha umidade está encharcando a calcinha enquanto persigo meu êxtase. Seu comprimento pulsa contra mim, ficando mais duro a cada movimento dos meus quadris. Saber que sou a responsável por isso, que *sou eu* que estou fazendo com que ele fique duro assim, faz uma explosão de confiança tomar conta de mim e redobro os esforços, algo quente se contraindo na base do meu estômago.

Seu olhar me suga feito uma esponja e fecho os olhos, imaginando como será quando ele estiver dentro de mim. Meu núcleo se aperta, ansiando por algo para preenchê-lo, mesmo que nada tenha estado lá antes.

Ele se inclina para frente, seus lábios roçando a lateral do meu pescoço, fazendo meu corpo todo arrepiar.

— Quando está sozinha em seu quarto, como você se faz gozar?

Não consigo me concentrar em suas palavras direito, minha cabeça está turva de prazer, mas entendo o que ele está perguntando. E, por alguma razão, confio nele para saber dessa intimidade. Então, em vez de falar, algo que nem tenho certeza se sou capaz de fazer agora, mostro a ele.

Movendo sua mão de onde está descansando na minha cintura, coloco-a de volta no meu pescoço. Depois pressiono seus dedos, porque quero que ele aperte.

Seus olhos pegam fogo e o braço envolve minha cintura por completo, empurrando meu corpo contra si.

— Você gosta de ser sufocada, querida? — Seus dedos apertam com mais força ao mesmo tempo que ele empurra seu quadril. — Quer que eu aperte sua garganta até você quase desmaiar e ver estrelas? — A pressão aumenta.

Solto um gemido, meus olhos revirando quando minha cabeça se inclina para trás. Prazer desliza pela minha pele e dispara pela corrente sanguínea. A verdade é que, mesmo com minha inexperiência, tenho desejos. Noites em que me deito na cama, encenando minhas fantasias nas sombras da lua. E só tem um

jeito que consegui para me fazer gozar: prendendo a respiração até meus pulmões desistirem e tudo escurecer.

Talvez seja estúpido da minha parte permitir que esse total estranho controle algo tão vital quanto o ar que respiro, mas, por algum motivo, confio nele.

— Por favor — eu me esforço a dizer.

Ele nos vira, meu corpo maleável e disposto abaixo dele enquanto me deita no banco acolchoado. Seu corpo paira sobre mim, um perigo em forma humana, seus olhos escuros enquanto ele aplica a quantidade perfeita de pressão na minha traqueia. Sua outra mão desliza pelo meu corpo, queimando-me com faíscas por dentro, seu toque parece gasolina sendo adicionada ao fogo em minhas veias. A mão escorrega pela bainha da saia e ele desliza por baixo, correndo as pontas dos dedos ao longo do vinco da calcinha encharcada. Empurro meu quadril contra sua mão, desesperada para senti-lo tocar minha pele.

Seu aperto aumenta no meu pescoço ao mesmo tempo em que ele se esgueira sob a borda da calcinha.

— Tão molhada para mim — diz, seus dedos se erguem e ele esfrega minha excitação nos meus lábios.

Meu coração para e a tensão é tanta que por um segundo sinto que vou quebrar ao meio.

— Que tentação mais deliciosa. — Ele lambe os fluídos da minha boca.

Minhas pernas tremem.

Então, sua mão está de volta ao meu núcleo, dois dedos me abrindo e deslizando fácil para dentro de tanto que estou encharcada. Ofego, minhas costas arqueando com a intrusão.

Seu rosto ainda está ao lado do meu, a boca derramando beijos ao longo do queixo.

— Tão apertada. Alguém já tocou em você aqui antes?

Não tenho certeza se ele quer que eu diga não, mas saber que pensa que sou uma flor intocada com *zero* experiência é tão desagradável que não consigo mentir.

— Sim — digo, rouca.

Seus olhos se tornam mortais, os dedos contraindo contra meu esôfago. Sua respiração passa ao longo da orelha e desce pelo pescoço, causando um calafrio na espinha.

— Ninguém está autorizado a tocar em você aqui novamente. — Seus dedos bombeiam para dentro e para fora enquanto o polegar circula o clitóris

inchado bem devagar. — Sou um homem muito possessivo, Wendy. E quero você só para mim.

Suas palavras deveriam fazer um alarme soar alto, mas tudo o que fazem é atíçar as chamas da minha paixão, ficando difícil respirar.

Ou, talvez, seja a mão dele aumentando aos poucos a pressão no meu pescoço.

Inspiro o mais fundo que consigo através de seu aperto de ferro, sentindo que poderia morrer se não conseguir gozar. A cabeça fica tonta enquanto meus pulmões imploram por ar e a cabeça grita para eu arranhá-lo e tentar aliviar a pressão. Minha mão voa para cima, os dedos envolvendo seu pulso, as veias de seu antebraço tensas sob minha palma. Meu centro se contrai.

Seu aperto na minha garganta aumenta ao mesmo tempo em que a pressão no clitóris pulsa e lateja, espalhando um formigamento pelo meu corpo. Ardor cresce no peito, irradiando para fora, e a escuridão cerca minha visão. E explodo, minha boca se abrindo com um grito silencioso, as paredes internas ordenhando seus dedos como se quisessem sugá-lo e nunca mais deixá-lo sair. Sua mão relaxa no mesmo instante, transformando o aperto em carícias suaves e lentas conforme inspiro um bocado de ar, meu peito arfando contra o dele.

— Boa garota — ronrona.

A satisfação corre nas minhas veias e se enterra fundo no meu peito; calorosa e aconchegante, e tudo que há de bom. Ele se move, levantando meu corpo para se acomodar atrás de mim, e me enrolo nele, sua mão grande acariciando meu cabelo e sussurrando elogios.

Não tento falar, não tento pensar muito no que acabei de deixar acontecer. O jeito que ele está me tratando como se eu fosse um tipo de animalzinho de estimação do qual se orgulha – ou o que sinto quando ele faz isso. Só fecho os olhos e deixo este momento ser o que é.

Quando acordo, não estou mais no convés, e estou sozinha.

15

JAMES

A chaleira ferve no fogão, e olho para as costas das mãos apoiadas no balcão. Aquilo, o que aconteceu mais cedo com Wendy, foi inesperado. Mas, *puta merda*, o jeito que ela se desfez sob meus dedos, como me *implorou* para sufocá-la e tremeu sob meu toque, deixou-me perigosamente perto de perder o controle.

Isso é inaceitável.

Adoraria negar, mas, para minha infelicidade, conhecer as próprias fraquezas é fundamental para superá-las e é óbvio e cruel que *Wendy* está se tornando uma. Ainda mais após a carregar do convés para meu quarto e ficar a observando dormir, apreciando como seu cabelo escuro contrastava com o meu lençol cor de creme.

Olho para a chaleira, irritado por ela me afetar tanto assim. Que ela chame meus impulsos básicos e os traga à tona, fazendo-me lutar pelo controle. Com um resmungo, tiro a chaleira do fogão, passando a mão pelo cabelo.

— Posso fazer isso para você, sabe — diz Smee, entrando na cozinha com os últimos pratos do jantar.

— Não será necessário, obrigado.

Ele acena com a cabeça, indo para a pia e colocando os copos ao lado da cuba.

— Ela é uma garota bonita.

— Hum? — pergunto, o polegar e o indicador roçando o queixo.

— Eu disse que ela é uma garota legal.

Eu me viro, observando-o. Smee tem quase a minha idade e trabalha no

meu barco desde que o encontrei nas ruas ao lado do JR quando eu tinha 18 anos, no fim de semana depois que matei meu tio. Ele estava em situação de rua, implorando por trocados, mas tinha algo em seu olhar. Algo que me revelou que ele não teve sorte na vida e só precisava de uma oportunidade para recuperar o controle depois de o terem tirado dele.

E isso é algo com o qual me identifico.

Durante semanas, eu o visitei, levando um pouco de dinheiro, comida quente e roupas, observando de longe para ver se ele era um subproduto das drogas que despejo nas ruas, ou se era outra coisa. Alguém digno de uma segunda chance.

Bom para ele que era a última opção.

Quando comprei o *Tiger Lily* com a herança dos meus pais, a que foi mantida fora do meu alcance pelo meu tio, fui direto a Smee e lhe ofereci moradia e alimentação. Uma nova chance. Um novo começo. Desde que ele jurasse lealdade e só trabalhasse para mim. Fora Ru, ele tem sido a pessoa mais constante na minha vida.

Ainda assim, eu o mantenho afastado, sem permitir que saiba das partes mais sombrias da minha vida. Qualquer um pode mudar de lado se receber o incentivo certo e, embora eu saiba que Smee me seguiria até os confins da Terra, não estou disposto a arriscar que seja sequestrado e revele segredos que não são seus para contar. Seria uma pena ter que matá-lo.

— Não preciso que aprove minhas conquistas, Smee. Lave os pratos e mantenha meu barco sob controle. É para isso que te pago — advirto.

— Desculpe, chefe. — Ele acena com a cabeça e vira as costas, focando nos pratos na pia. Mas suas palavras foram filtradas pelos meus pensamentos já enfraquecidos. Eu *sei* que Wendy é uma garota legal, a inocência de seu coração puro transborda de seus poros parecendo óleo, brilhante e impossível de desviar o olhar. Talvez seja por isso que ela me atrai desse jeito – as partes escuras como breu da minha alma anseiam por sua luz.

Voltando para o quarto, lembro-me do que está em jogo. Ela é uma *ferramenta*. Algo para ser usado e destruído, um meio para um fim, e nada mais. E mesmo que eu esteja ansioso para me divertir com ela, permitir que esses *sentimentos* me confundam não vai me ajudar.

Com o propósito reforçado, abro a porta, e meus passos vacilam ao vê-la sentada no meio da minha cama, o cabelo bagunçado e os olhos ainda pesados de sono.

Um sorriso ilumina seu rosto, fazendo meu estômago se contrair.

— Oi. Fiquei preocupada quando acordei sozinha.

Sento-me na beirada da cama.

— Me desculpe. Achei que poderia estar com sede, mas depois percebi que não sei do que gosta.

— Ah. — Suas bochechas se arredondam com o sorriso. — Isso é gentil da sua parte. Por um segundo, fiquei preocupada pensando que tinha sido sequestrada. Acordar em um quarto estranho foi um pouco desorientador.

— Sequestradores maravilhosos que a mantêm em lençóis tão refinados como estes.

— Bem... nunca se sabe, poderiam estar tentando me enganar para que eu me submetesse.

Meus lábios se contorcem, a diversão borbulhando no peito.

— Te enganar?

— Sim, sabe como é. — Ela afasta uma mecha de cabelo da testa. — Síndrome de Estocolmo ou algo assim.

Minhas sobrancelhas arqueiam.

— E você acha que é suscetível a uma coisa dessas?

Ela concorda com a cabeça.

— Acho que todos somos suscetíveis a coisas estranhas quando nossos estados emocional e físico estão sob pressão.

— Muito astuta, querida. — Sinto o estômago revirar.

Ela apoia o dorso das mãos nas bochechas.

— Sinto muito ter adormecido depois de... você sabe. Não era minha intenção.

Ela balança a cabeça e uma leve camada de cor chama minha atenção. Meu braço se aproxima para passar os dedos pelas marcas rosadas que enfeitam seu pescoço.

— Nunca se desculpe por encontrar conforto comigo. — Afasto a mão, o sangue descendo para a virilha quando percebo que ela carrega minhas marcas em volta do pescoço como se fosse uma coleira. — Está tudo bem com seu pescoço?

As mãos vão das bochechas para a garganta.

— Está tudo bem.

— Tem certeza?

— Não está doendo. — Seus lábios se curvam para cima. — Está perfeito.

— Parece que vai ficar com hematoma.

Ela dá de ombros.

Eu me aproximo, inclinando sua cabeça e dando um beijo suave nas marcas.

— Gosto bastante de saber que tem uma lembrança minha na sua pele.

Ela abre a boca ao ofegar. Ergo seu queixo e fecho seus lábios com as pontas dos dedos.

— Pode ficar aqui se quiser ou posso levá-la de volta ao seu carro.

— Que horas são?

— Está tarde — respondo.

Seus dedos se retorcem no colo, nervosa.

— Acho que... talvez eu devesse ir para casa. Preciso trabalhar de manhã.

Concordo com a cabeça.

— Entendo, mas preferiria que fizesse a minha vontade e ficasse.

O trajeto de carro de volta ao The Vanilla Bean é tranquilo, e música clássica suave toca nos alto-falantes enquanto ela olha pela janela. Mais uma vez, eu me pego apreciando como ela não insiste em conversar e, em vez disso, opta por encontrar conforto em nosso silêncio. Não há muitas pessoas que conseguem agir assim e isso faz meu respeito por ela crescer.

Estaciono ao lado do carro dela e, desta vez, ela nem tenta abrir a porta. O prazer me arrebatava, sabendo que ela já está fazendo o que eu peço. Assim que abro a porta, ela segura a minha mão e se levanta antes de descansar as palmas das mãos no meu peito.

— Obrigada por esse encontro maravilhoso.

— Você pode me agradecer de novo depois do próximo. — Meus braços envolvem sua cintura e a puxam para mais perto.

— Tem tanta certeza de que haverá outro?

Sorrio, andando com ela até encostá-la na lateral do carro. Minha mão deixa sua cintura, envolvendo seu pescoço de modo gentil, os dedos passando pelos hematomas. Inclino sua cabeça para trás.

— Já disse uma vez que quero você para mim. — Meus lábios roçam seu queixo. — Acho que vai descobrir que posso ser muito *persistente*.

Sua respiração vacila e um desejo visceral me ataca, fazendo-me estremecer com a necessidade de mergulhar dentro dela. Sentir seu corpo se moldar ao meu redor ao mesmo tempo em que a destruo de dentro para fora.

Eu me esforço para me afastar, os dedos apertando um pouco antes de soltar.

— Qual é o seu sobrenome? — pergunta.

— Barrie — respondo, sem pensar. Meu coração dispara, fico sem ar. Não

queria dizer isso a ela. É muito arriscado, nossos pais trabalharam juntos por anos, e não sei dizer se ela já ouviu o nome antes. Por sorte, ela nem reage.

A lembrança de quem ela é se infiltra nas minhas veias feito veneno, a raiva atravessando a névoa de sua presença, então recupero o controle que senti se esvair.

Sua mão se ergue para tocar meu rosto, os dedos sob meus olhos.

— O que foi isso?

— O que foi o quê, querida?

Ela balança a cabeça.

— Alguma coisa... seus olhos... eles mudaram.

— Mudaram? — Eu me mexo, desconfortável, ignorando meu nervosismo crescente. — Só torcendo para que você acabe com a minha tristeza e concorde em ser minha.

Ela abaixa o olhar antes de voltar a me encarar.

— Se sou sua, então o que você é para mim?

Seu pior pesadelo.

— Sou o que você me permitir ser.

Seus dentes mordem seu lábio inferior e uso o polegar para soltá-lo.

— Diga-me que é minha, Wendy, querida.

— Eu sou sua — sussurra ela.

A satisfação dispara pela minha corrente sanguínea e sorrio, inclinando-me e pressionando os lábios nos dela, então a ajudo a entrar em seu carro.

Assim que ela vira a esquina, meu sorriso desaparece, as bochechas doendo por forçar a expressão. Mas a satisfação flui livre nas veias, o sabor da vingança fresco na língua.

16

JAMES

A vertigem corre em minhas veias da mesma forma que o pó mágico faz com um viciado, a cabeça disparando a trezentos quilômetros por hora. Estou esperando há anos para ver Peter Michaels cara a cara e o momento enfim chegou. Antes do que imaginava, a princípio, mas de qualquer maneira bem-vindo.

Fico pensando se ele vai me reconhecer. Quando era adolescente, muitos diziam que eu era a cara do meu pai, mas não sei se essa afirmação é verdadeira.

Logo após a morte dos meus pais, lembro-me de estar sentado em nossa casa vazia, estranhos tentando me confortar ao perguntar o que eu gostaria de levar. O que eu gostaria de *guardar*. Como se toda a minha vida pudesse ser resumida e despachada com algumas caixas de roupas. Fiquei em silêncio, escolhendo levar só uma pequena caixa de lembranças. Um velho livro de fábulas que minha mãe lia para mim todas as noites e uma única foto de nós três: minha mãe, meu pai e eu. Eu os mantinha escondidos debaixo da cama na casa do meu tio e, à noite, quando a dor me invadia por dentro e envolvia minha garganta, fazendo-me sentir incapaz de respirar, eu os pegava. Segurava seus rostos imóveis na mão enquanto chorava no travesseiro, imaginando a voz da minha mãe lendo contos de fadas com finais felizes.

Mas uma noite, pouco depois da minha chegada, meu tio os encontrou. Supliquei e implorei de joelhos parecendo um *cão* patético, disposto a fazer qualquer coisa para manter os pequenos pedaços deles que ainda tinha. Mas ele não se importava com isso. Não se importava com praticamente nada além de obediência e dor. E, naquela noite, garantiu que eu aprendesse o significado de

ambos. Ele me segurou de joelhos, prometendo devolver minhas coisas, seu canivete cortando meu torso, derramando gotas de sangue – a visão fez o medo se agarrar à minha alma. Ele me contou como odiava meu pai, como meu rosto o deixava enojado. E, depois que arrancou de mim qualquer inocência que ainda me restava, queimou todas as minhas coisas e riu enquanto eu chorava, vergonha e dor agonizante misturando-se ao sabor de seu prazer vil.

Mas minhas lágrimas secaram rápido e jurei nunca mais deixá-las cair.

Ao longo dos anos, tentei me agarrar à lembrança de seus rostos, o som de suas vozes e o cheiro de seus cabelos. Mas, como todas as coisas, as memórias desaparecem. A mente é muito fácil de manipular, mesmo por nosso próprio subconsciente. A verdade se torna ficção ou, pelo menos, uma versão alterada dela, o passado ficando distorcido e confuso.

— Vamos encontrá-lo na Caverna do Canibal. — A voz de Ru me tira dos meus pensamentos.

Minhas sobrancelhas se erguem, surpreso pelo lugar em que Peter está querendo nos encontrar.

A Caverna do Canibal é uma gruta abandonada nas profundezas da floresta a cerca de uma hora e meia da cidade. Há rumores de que foi usada pelo governo na década de 1950 para armazenar equipamento militar, mas faz muito tempo que foi abandonada. Aventureiros aleatórios fazendo trilha passam por lá de vez em quando, mas, no geral, é um lugar vazio, tão escondido atrás de árvores densas que nem mendigos o acham para usá-lo como abrigo.

Ru sorri, recostando-se na cadeira e acendendo um charuto.

— Então, onde estava ontem à noite? Mande os gêmeos buscarem a nova remessa, pensei que estaria lá para inspecionar o produto.

Minhas entranhas se retorcem.

— Estava indisposto. Os gêmeos podem cuidar disso.

— Mas não conhecem armas como você.

— Houve algum problema?

— Não que eu saiba.

Assinto.

— Bem, se houver algum problema, cuidarei disso.

Ru fecha a cara, levantando o dorso da mão como se fosse dar um tabefe no ar.

— A quantidade de desrespeito que sai da sua boca, garoto. Juro por Deus.

— Ah, qual é, Roofus. Você é uma das únicas pessoas vivas que eu *realmente* respeito.

Ele dá uma tragada no charuto.

— É, bem... Não disse isso no outro dia, mas obrigado pelo presente. — Eu me encolho, meu estômago se revirando. — Mas não fique tão esquisito comigo, garoto — continua. — Me deixe dizer o que preciso falar.

Suspirando, eu me levanto, caminho até o gabinete no canto de seu escritório onde fica o conhaque e me sirvo de dois dedos, girando o copo. O gelo tilinta contra as bordas.

— Você é a coisa mais próxima que já tive de um filho — diz ele.

Sinto um aperto violento no coração, meus dedos agarrando a bebida com tanta força que os relevos do copo de cristal marcam minha pele.

— E sei que você não gosta de besteiras sentimentais, então serei rápido. Temos muitos inimigos. E só estou dizendo... — Ele limpa a garganta. — Estou feliz por você me proteger, garoto.

Os tendões da minha mandíbula se tensionam quando cerro os dentes, engolindo o nó de emoção que se aloja na garganta. Inclino minha bebida para ele.

— Toda noite.

— Sempre em frente até o amanhecer. — Ele pisca.

*

A primeira e única vez que encontrei Peter foi numa “férias em família”, que, na verdade, era um código para meu pai, Arthur, vir fazer negócios nos Estados Unidos. Nunca soube de fato com o que ele trabalhava, a não ser que era poderoso e que todos em Londres pareciam conhecê-lo e reverenciá-lo. Sabia que ele tinha um parceiro de negócios aqui nos Estados Unidos, que visitava com frequência e, em geral, sem a gente. No entanto, desta vez, era o aniversário de casamento dos meus pais, e minha mãe insistiu que fôssemos junto na viagem.

Foi na manhã seguinte, no *brunch*, que conheci Peter e sua família perfeita. Na época, não liguei para nada disso. Afinal, eu tinha pais que me amavam e nunca me faltou nada. Ainda assim, por alguma razão, um senso de perigo muito forte me preencheu quando o vi pela primeira vez. Pensei que fosse por ter odiado o clima da Flórida. Era muito abafado e quente. *Claro* demais para alguém que passou a vida inteira sob os céus nublados de Londres.

Então, sua linda esposa apareceu carregando um bebê, que não poderia ter mais de um ano, enquanto segurava a mão de uma menininha de cabelos castanhos e um sorriso tão amplo que impressionava com seu brilho. A mãe deles era bonita, mas nem se comparava à beleza da minha.

Peter sorriu e apertou minha mão, a pele macia de sua palma me fazendo sentir importante. *Respeitado*. Inocente como era, eu o admirei da mesma forma que fazia com meu pai. E dois dias depois, quando voltamos para casa em um jato particular da VoeAlém, cortesia de Peter Michaels, ele pegou fogo, colidindo com árvores e matando todos a bordo. Todos, exceto eu.

Jamais esquecerei a expressão no rosto do meu pai ao ler o bilhete escrito à mão minutos antes –que o próprio Peter escreveu. Nunca imaginei que um homem vivo pudesse ficar tão branco quanto um fantasma.

É essa imagem que me assombra agora conforme dirigimos pelo caminho escuro até a entrada da Caverna do Canibal. O chiado do cascalho sob os pneus reverbera a sensação dentro de mim, sabendo que precisarei me controlar para não matar Peter bem ali.

Starkey estaciona o carro e deixa os faróis acesos – a única maneira de iluminar a escuridão da noite.

E lá está ele, encostado contra um Rolls Royce, usando uma camisa social verde e calças escuras. Seus homens estão um pouco à frente e uma loira deslumbrante está ao seu lado.

— Está pronto, garoto? — Ru olha para mim. — Seja amigável, certo?

Arqueio as sobrancelhas.

— Claro, Roofus.

— E *não* me chame de Roofus na frente dele, pelo amor de Deus.

Ru sai do carro primeiro e sigo logo depois, permitindo que ele tenha toda a atenção enquanto me esgueiro nas sombras, ainda não querendo que Peter me veja.

— Ru, presumo? — A voz de Peter flutua no ar, fazendo meu estômago revirar.

Ru sorri.

— Sou eu. Já saberia disso se tivesse aparecido na outra vez.

Peter inclina a cabeça, o cabelo grisalho balançando com o movimento.

— Peço desculpas, tenho certeza de que pode entender por que enviei um dos meus homens primeiro. Privacidade e discrição são de extrema importância.

Coloco as mãos nos bolsos, meu polegar esfregando forte o cabo da minha faca, tentando abafar as marteladas do meu coração.

— E quem é essa? — pergunta Ru, sua mão gesticulando para a mulher que está atrás de Peter.

Peter olha para ela.

— Esta é Tina Belle. Minha assistente.

O cabelo loiro dela está preso bem forte para trás, e ela sorri e acena.

— Tina, prazer em conhecê-la — diz Ru. — Bem, estamos aqui. Diga o que quer.

A cabeça de Peter se inclina, os olhos flutuando de Ru para Starkey e, por fim, para mim, parado nas sombras.

— Você me faz apresentar meu pessoal, mas não retribui a gentileza? — Ele aponta para o peito. — Se planeja trabalharmos juntos, o respeito vale para os dois lados. Precisa haver certo nível de confiança.

A raiva queima no fundo das minhas entranhas. *Confiança*. Cômico, sério. Saio das sombras e apareço na luz, com as mãos nos bolsos.

— Confiança é *mesmo* uma palavra engraçada, não é? — pergunto.

Ru se vira para mim, estreitando os olhos. Sorrio para ele e pisco.

Peter olha para mim por um longo momento, como se estivesse analisando cada detalhe. Então, seu rosto empalidece só um pouquinho.

Excelente.

— Afinal — continuo —, *confiamos* que, quando alguém do seu calibre entrasse em nosso território e solicitasse uma reunião, nos faria a gentileza de realmente aparecer. — Dou um passo à frente até ficar ao lado de Ru, minha mão apertando a faca com tanta força que os dedos estão brancos, tentando direcionar toda a raiva para meu aperto para que não apareça no rosto.

Esperei quinze anos por isso e vou levar meu plano adiante, não importa o quanto meu sangue esteja me pinicando por dentro, gritando para acabar com ele aqui e agora.

Peter lambe os lábios.

— E você é?

Dou risada, olhando para baixo antes de encontrar seu olhar.

— Pode me chamar de Gancho.

— Ah, sim. *Gancho*. — Peter ri. — Sua reputação o precede. — Ele inclina a cabeça. — Mas não sabia que era britânico.

Sorrio, encostando-me na frente do nosso carro.

Os homens de Peter se aproximam, mas ele balança a cabeça.

— Relaxem, pessoal. Somos só homens de negócios conversando. — Seus olhos queimam nos meus. — Não é mesmo?

— Sugiro que vá direto ao ponto — retruca Ru. — Você já desperdiçou bastante do nosso tempo, e posso ficar *impaciente* bem depressa.

As sobancelhas de Peter sobem até a linha da raiz de seus cabelos.

— Você sabe quem eu sou?

Ru inclina a cabeça.

— Está sugerindo que sou burro? Você entra no *meu* território, e acha que porque seu nome é Peter Michaels pode chegar mandando e desmandando em nós, e que ainda o agradeceremos por isso? — Ele balança a cabeça. — Não é assim que funciona aqui. Quer usar seus aviões e navios para transportar para nós, podemos conversar. Estou mais do que disposto a fazer um acordo amigável. Mas não pense nem por um segundo que, só porque é um homem perfeito aos olhos do mundo, vou me importar com isso aqui na minha área. — Ele aponta para o peito. — Estas ruas são *minhas*. E todos nelas pagam suas contribuições. Você me entendeu?

Tudo dentro de mim se estilhaça com as palavras de Ru, o choque me perfurando como se eu tivesse sido flechado. Ele está pensando em trabalhar com ele. Depois de concordarmos que ele negaria.

Peter fica em silêncio por um longo momento, antes de esfregar o queixo e assentir.

— Vou distribuir seu pó e suas armas, mas quero cinquenta por cento.

Meus dentes rangem, e Ru bufa com uma risada.

— Dez.

Peter sorri.

— Quarenta.

Os lábios de Ru se estreitam, seus olhos ficam sombrios.

— Acho que não me entendeu, né? Eu não *preciso* de você.

— Isso pode ser verdade — concorda Peter. — Mas seria um tolo se me mandasse embora. Pode ter transportadores, mas nenhum com a minha experiência, nem com um serviço de transporte conhecido mundialmente e que pode entrar em qualquer país a *qualquer* momento. — Ele se aproxima de Ru, e minha postura fica em alerta. — Tudo que tem a fazer é dar a ordem, carregarei seu pó e o levarei a lugares que só viu em seus sonhos.

Um toque interrompe o momento e Peter tira o celular do bolso, olhando para a tela. Suspirando, sua postura relaxa.

— Infelizmente, senhores, preciso encurtar esta reunião. — Ele olha para cima, seus olhos enrugando nos cantos com seu sorriso. — Prometi à minha filha que estaria em casa para o jantar.

Fico tenso com a menção de Wendy. O que será que ele sentiria sabendo que o gozo de sua filha estava cobrindo meus dedos na noite passada? Que segurei sua vida em minhas mãos enquanto ela me implorava para levá-la à beira da morte?

Peter se aproxima, estendendo a mão para Ru.

— Vamos finalizar os planos na próxima semana. Tome a decisão certa, tudo bem?

Depois ele vem até mim. Sua máscara encantadora escorrega um pouco quando estica o pescoço para me olhar nos olhos. Bile queima o fundo da minha garganta quando coloco a mão na dele.

Seu olhar é frio. Calculista.

— Talvez um dia você me diga seu nome?

A expectativa me atinge igual um aríete, e um sorriso se espalha pelo meu rosto.

— Estou ansioso por isso.

17

WENDY

Meu pai voltou mesmo para casa. Duas horas depois de quando falou que chegaria, e com uma mulher misteriosa ao seu lado, mas vou ignorar os detalhes porque tê-lo aqui supera qualquer um dos pontos negativos.

Mesmo que ele tenha perdido o jantar.

— Então, com o que mesmo que você trabalha para o meu pai? — pergunto a Tina, acompanhando-os até o escritório que ninguém tinha usado.

Ela sorri, segurando uma pasta debaixo do braço ao se acomodar no sofá de couro escuro. Ela é linda de um jeito chamativo. Magra e baixa, com nariz arrebitado e franja desfiada. Mas não posso evitar a inveja que me invade, sabendo que ela tem acesso irrestrito à atenção do meu pai enquanto o resto de nós implora por um pinga.

— Sou o braço direito dele. Seu pai estaria perdido sem mim. — Ela se vira para ele, sorrindo, e ele pisca de volta.

Nojento. Sugando o lábio inferior, aceno com a cabeça.

— Ah.

— Ela é minha assistente — papai adiciona.

— É dela a voz que sempre ouço antes de você se apressar para encerrar nossas ligações? — Arqueio as sobrancelhas.

Rugas se formam entre os olhos dele, seus lábios se curvam para baixo e a garotinha em mim, ainda desesperada por sua aprovação, encolhe-se com o olhar.

— Desculpe, isso foi grosseiro. — Eu me apresso em dizer. — É só que...

é difícil com você o tempo todo fora. Ainda mais com essa casa nova.

Ele suspira, olhando para Tina e depois de volta para mim.

— Vá embora, Tina.

Os olhos de Tina se arregalam e ela se mexe na cadeira.

— Peter, precisamos...

— Preciso falar com minha filha. A sós. Saia.

Ela suspira e concorda com a cabeça, colocando a pasta que está em seu colo na mesa e saindo do escritório, seus olhos se estreitando quando pousam em mim.

Vagabunda.

Eu a observo fechar a porta antes de me virar para encarar meu pai.

— Então... — Ele sorri, caminha até a frente de sua mesa e se encosta nela.

— Quais as novidades, pequena sombra?

O termo carinhoso me golpeia, envolvendo minha cintura e me puxando, a nostalgia mexendo comigo. Está na ponta da língua para dizer a ele: *estou saindo com alguém. Você o odiaria.* Mas não quero tocar nesse assunto agora, ainda quero manter James só para mim antes de apresentá-lo à família.

Forço um sorriso, uma dor pesada no meu peito.

— Apenas trabalhando na cafeteria e me acomodando na nova casa. Já andou por ela?

Seu rosto se suaviza, os olhos se aquecendo do jeito que costumavam fazer e, com aquele simples olhar, eu me derreto, toda a raiva e ressentimento sendo afogados pela esperança que flui através de mim.

— Ainda não, mas se saiu muito bem arrumando tudo — diz ele.

Faço um gesto com a mão, dispensando o comentário.

— Foi fácil. Jon e eu estávamos só tentando nos acostumar com o clima, para falar a verdade. É tão diferente da Flórida. — Fazendo uma pausa, retorço os dedos, nervosa, as palmas suando porque este é um momento agradável e a última coisa que quero fazer é arruiná-lo com perguntas e reclamações. Ainda assim, as palavras saltam da minha boca antes que possa detê-las. — Quando vai contar a ele?

Suas mãos descansam nos bolsos.

— Dizer a ele o quê?

Reviro os olhos, soltando um suspiro.

— O senhor sabe, pai. Contar ao Jon que vai mandá-lo para o internato.

Ele se mexe, a palma da mão subindo para esfregar o queixo.

— Wendy, faz cinco minutos que estou em casa. Nem o vi ainda. Vou

conversar com ele, não se preocupe.

— Quando? — repito.

— Quando *o quê?*

A frustração ferve nas minhas veias, a raiva subindo feito lava, a pressão crescendo no centro do peito até explodir como um gêiser.

Meus punhos se fecham.

— *Quando* vai ficar mais de uma noite aqui? — cuspo. — *Quando* vai perceber que seus filhos estão aqui? — Minha mão bate no peito. — Estamos aqui, pai. E o senhor está... — Gesticulo com o braço ao redor do escritório. — Em qualquer outro lugar. Você e a *Tina Belle*.

— Wendy, eu...

Ergo a mão.

— Não. Por favor, só... não fale nada. Estou tão *cansada* de palavras tranquilizadoras e promessas vazias. Estou tão *cansada* de sentir que estou falhando com Jon quando na verdade é o senhor quem está. Não é justo comigo e o senhor sabe disso. — Sinto um nó na garganta. — E eu sei que o senhor é ocupado, eu entendo. Mas, caramba, só *fica* aqui, pai. Como costumava fazer.

Suas narinas inflam quando ele se endireita, levantando-se da mesa e caminhando lentamente até mim.

Eu me encosto contra a parede, deslizando até me sentar no chão, pressionando as palmas das mãos nos olhos para tentar conter as lágrimas. Eu *nunca* falei com ele dessa maneira antes.

Sapatos entram na minha linha de visão e meu pai se agacha ao meu lado.

— Pequena Sombra. — Ele suspira, sentando-se ao meu lado, os cotovelos apoiados nos joelhos. — Não sei o que quer que eu diga, Wendy.

— Apenas diga que estará aqui. — As palavras grudam na minha garganta, o buraco no peito lateja. — Diga que vai começar a fazer da gente uma prioridade.

Papai fica quieto por longos momentos antes de seu braço passar por meus ombros e me puxar para ele. Mordo o lábio e engulo com força para segurar os soluços. A última coisa que quero é parecer fraca na frente do homem que é sempre tão forte.

— Você é a coisa mais importante do mundo para mim — diz ele.

— Não parece — murmuro.

— Mas é. Sempre foi.

— E Jon — acrescento, a irritação cortando a névoa de sua atenção.

— O quê? — Seu corpo fica tenso.

— Você disse que *eu* sou a coisa mais importante do mundo para você. Mas você tem outro filho. Esqueceu de mencionar Jon.

Ele limpa a garganta.

— Sim, claro. Jon, também.

— Às vezes... — sussurro, recobrando minha confiança recém-descoberta e a assumindo. — Às vezes, parece que esqueceu que nós existimos.

Sinto um formigamento no topo da cabeça quando ele dá um beijo no meu cabelo e me aconchego mais nele.

— *Por favor*, diga a ele — volto a implorar. — Não quero ser eu a dizer.

Ele concorda ao meu lado.

— Conversarei com ele pela manhã.

Soltando um suspiro, permito que suas palavras me envolvam como um cobertor, o alívio engolindo a tristeza – pelo menos, por agora.

Mas, pela manhã, ele já não está mais. E Jon ainda não sabe.

18

JAMES

O encontro com Peter colocou tudo de volta em foco; sua morte está tão próxima que posso sentir o cheiro no ar. Agora só preciso convencer Ru que fazer negócios com ele não vai funcionar a nosso favor. Ficarei muito *puto* se meus planos complicarem porque nosso esquema passará a depender muito do dele.

Mesmo que os dias de Peter não estivessem severamente contados, evitaria usá-lo. Anos sonhando com maneiras de matar o homem responsável por todos os traumas de sua vida lhe dão tempo suficiente para aprender as fraquezas dele. Seu passado. Descobri mais a respeito de Peter do que até mesmo seus confidentes mais próximos sabem. Sei que ele cresceu no sul da Flórida e seus pais eram tão pobres que mal podiam pagar a comida que colocavam na mesa. Que ele era um traficante de drogas comum aos 14 anos, correndo pelas ruas. Ele usava o nome Pan e sussurrava ideias de grandeza nos ouvidos das pessoas. Prometendo uma vida de *aventura* se seguissem o que ele dizia. Sei que à medida que subia ao poder, aos poucos, através da hierarquia, deixou outros para trás. A maioria dos quais acabou desaparecendo sem deixar rastro.

Descobri que quando comprou uma empresa de aviação falida foi por uma *richaria* e, de alguma forma, o antigo proprietário nunca mais foi visto.

Sei que Michaels não é seu sobrenome original. E sei que a única coisa com que se importa neste mundo além de seu dinheiro e status é sua filha.

Wendy.

Mas não posso contar nada disso a Ru sem admitir que existe uma grande parte da minha vida da qual ele nunca soube. E, embora Ru não seja um tipo de

homem intrometido, não consigo imaginar que ele aceitaria bem descobrir que me deixou entrar para seu grupo e que manteve a maior parte da história da minha vida em segredo.

Mas vou lidar com isso esta noite quando voltar ao JR.

Agora, meu foco está em uma nova padaria que abriu na Maize Street. Normalmente, são os gêmeos que fazem as rondas, arrecadando os impostos por proteção e coisas do tipo, mas, depois de ter tido problemas com o novo comércio, decidi fazer uma visita *pessoalmente*.

Suspirando, sento-me em frente a George, o proprietário, meu estômago se revirando pelo desconforto em ver a farinha grudada em todas as superfícies da cozinha. Visto as luvas, o couro preto envolvendo minhas mãos em calor, e flexiono os dedos um pouco enquanto falo:

— Então... George. — Sorrio, apoiando o pé no joelho oposto. — Me conte mais uma vez o que aconteceu.

George enxuga a testa com uma toalha branca, a barriga redonda se expandindo a cada respiração pesada.

— Eu te disse, alguém já veio, há três dias. Eu já *paguei*.

— Impossível — retruco, irritado com as mentiras descaradas deste homem. Respirando fundo, inclino o pescoço para o lado, permitindo que o estalo dos ossos acalme minha raiva. — Peço desculpas. — Solto uma risada, fechando os olhos. — Não queria perder a paciência. É só que... isso é *impossível*.

Ele ergue as mãos.

— Estou te dizendo a verdade.

— Espero mesmo que sim. — Descruzando as pernas, pego meu gancho, tiro-o da capa e passo o polegar enluvado pela lâmina, deleitando-me com a forma com que o metal brilha contra o couro. — Diga-me, sabe quem eu sou? — O homem faz que não com a cabeça. — Seus vizinhos não falaram de mim? — Pressiono a mão livre no peito. — Estou magoado.

— Escute, já disse o que sei. — O homem começa a se levantar, jogando a toalha por cima do ombro. — Tenho clientes para...

— Sente-se — sibilo.

Os gêmeos – que até agora estavam de lado – se endireitam e se aproximam. Os olhos dele se arregalam, mas ele se joga de volta na cadeira.

— Então, sou um homem razoável. E entendo como deve ser perturbador saber que foi feito de bobo por um *mendigo* qualquer. Estou disposto a ignorar seu erro, já que você não sabia.

Seus ombros cedem.

— Mas e daí, agora tenho que pagar essa merda duas vezes?

Inclino a cabeça.

— Eu disse que sou razoável, não fraco. E, por mais que queira deixar isso passar, você sabe como as coisas funcionam. — Eu me levanto, revirando os olhos ao girar meu gancho no ar. — Se você age assim com um, acaba fazendo com todos. E, sendo sincero, se você é bom em algo, nunca deveria fazer isso de graça. — Paro quando estou na frente dele, a lâmina deslizando sob seu queixo, inclinando sua cabeça até seus encontrarem os meus. — E embora nossa proteção seja cortesia, é a melhor chance de sobrevivência que sua empresa tem.

Os lábios dele se fecham, gotas de suor escorrendo pelo rosto.

— E se eu recusar?

Minha mão pressiona a faca mais fundo na sua pele.

— Podemos descobrir o que vai acontecer, se quiser.

— Mas eu não... não *tenho* o dinheiro — gagueja.

Aproximando-me, permito que a ponta do gancho se incline, cortando a pele sob seu queixo, o sangue escorrendo pela lâmina até minha luva.

— Sendo assim, sugiro que *arranje*.

— Tudo bem — ofega. — Por favor.

Afasto a faca, endireitando-me.

— Maravilhoso, Georgie. — Faço uma pausa. — Posso te chamar assim? Georgie? — O pomo de adão dele balança. — Deixe-me explicar como serão as coisas. — Enfio a mão no bolso do peito, retirando um lenço e limpando o vermelho da ponta do gancho. — Primeiro, vai me contar *tudo* o que sabe dessa pessoa que apareceu aqui há três dias. Depois, vai pagar para os meus amigos aqui — inclino a cabeça em direção aos gêmeos — o que nos deve.

— Mas acabei de dizer que...

Ergo a mão.

— Entendo, de verdade. E, como eu disse, sou um homem razoável. Se não puder pagar hoje, voltamos amanhã. Mas sinto que devo avisá-lo: não gosto de ficar esperando, Georgie. Odiaria ver o que acontecerá com nossa amizade se testar minha paciência. — Estalo a língua, balançando a cabeça.

— Vou arranjar o dinheiro.

— Excelente. — Sorrio. — Agora, me fale dessa pessoa.

— Era... era uma mulher. Disse que havia um novo chefe na cidade e que estava me fazendo uma gentileza ao permitir que eu mostrasse minha lealdade desde o início.

A raiva me sufoca por dentro. Mas é claro.

— Uma mulher — repito. — O que mais?

— É is-isso — diz ele. — É tudo o que sei. Os vizinhos me avisaram para não discutir quando vocês viessem pedir as contribuições e eu não queria começar com o pé esquerdo.

Esfrego o queixo com a mão, o gancho girando entre os dedos com a outra.

— Estou dizendo a *verdade*! — implora.

Suspirando, guardo o gancho no bolso.

— Acredito em você. Seja bonzinho com os meus meninos, entendeu? — Os gêmeos abrem um sorriso sincronizado, dando um passo à frente para tomar meu lugar.

Vão bater nele um pouco, fazer o trabalho sujo que não quero fazer. Passar o recado.

Sinto o peito apertado bem no meio, retorcendo-se até que tudo o que sinto é fúria. Rumores não são bons para os negócios, e é isso que este *aborrecimento* causará. Rumores.

Uma mulher.

Só tem uma mulher que conheço fazendo negócios com um homem poderoso, e os dois acabaram de chegar à cidade.

Minhas luvas estão pontilhadas de gotas de sangue, então as tiro, colocando-as nos bolsos enquanto empurro a porta de entrada. De repente, sou empurrado para trás, um pequeno corpo colidindo com o meu. Cerrando a mandíbula, meus braços se estendem. Um cheiro de baunilha atinge meus sentidos.

— James? — A voz de Wendy flui pelos meus ouvidos e, simples assim, minha irritação se esvai, um sorriso tomando conta do meu rosto.

— Querida — ronrono. — Que surpresa agradável.

— Digo o mesmo. — Ela sorri. — O que está fazendo aqui?

Eu me viro para a padaria, a esposa de George parada atrás do balcão da frente, movendo os olhos para a calçada a cada poucos segundos.

— Só passei para cumprimentá-los. Conheço os donos.

— Conhece? — pergunta Angie. — Ouvi dizer que os pãezinhos deles são um *espetáculo*.

Olho para a amiga de Wendy, meu sorriso ficando tenso.

— Tenho certeza de que são.

— Quer ficar conosco e comer alguma coisa? — pergunta Wendy.

— Infelizmente, não posso ficar, por mais que a vista tenha, de repente,

melhorado. — Meu polegar percorre sua mandíbula, um calor se expandindo no peito quando as maçãs de seu rosto ficam vermelhas. — Saia comigo amanhã.

— Trabalho até as três.

— Perfeito. Eu te pego lá. — Inclinando-me, beijo os lábios dela. Minha intenção era dar apenas um selinho, mas sua língua desliza para fora e se emaranha com a minha, e engulo um gemido, o barulho da calçada desaparecendo, e me perco em seu gosto.

Será mesmo uma pena quando eu tiver que destruí-la.

Vou seguir em frente, é claro, sem pensar duas vezes, a alegria de ter enfim realizado o desejo da minha vida levando embora qualquer empatia que tenho por saber que *ela* não fez nada de errado. Mas, às vezes, é necessário fazer sacrifícios por um propósito maior.

— Talvez a gente passe no bar hoje à noite — diz a amiga assim que interrompemos o beijo. — Você vai estar lá?

— Eu não estava planejando ir — comenta Wendy.

— Deveria — respondo. — Estarei ocupado, mas gosto bastante de saber que estará por perto.

Ela sorri, os olhos suavizando ao se inclinar sob meu toque.

— Está bem.

— Boa menina. — Beijo a testa dela e dou um passo para trás assim que os gêmeos saem. — Diga a Georgie para colocar tudo o que vocês quiserem na minha conta.

Os olhos de Wendy se arregalam.

— Você tem uma conta aqui?

Coloco uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Querida, fale meu nome em qualquer lugar desta cidade e nunca mais vai pagar por nada.

— Que nome? — sua amiga se intromete.

Olho para ela, a mandíbula tensa.

— Perdão?

Ela morde o lábio inferior.

— Só perguntei... qual nome? James? Ou...

O canto da minha boca se contrai.

— Acho que já sabe a resposta.

Wendy arqueja.

— Gancho?

Inclino a cabeça.

— É assim que me chamam.

— Por quê? — pergunta ela.

— Só um apelido infeliz, receio. — Pisco e me viro para os gêmeos, acenando com a cabeça para que sigam para o Escalade parado na calçada. — Faça-me um favor, querida?

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Quando for ao JR hoje à noite, use algo azul. — Eu me inclino, minha respiração roçando sua orelha. — É uma cor *tão* linda, e quero passar a noite inteira imaginando como vai ficar toda rasgada no chão do meu quarto.

Ela arfa, e dou um beijo em seu rosto antes de me afastar e entrar no carro, meu pau duro e o coração batendo forte.

19

WENDY

Estou sentada na sala de estar formal de casa, esperando Angie vir me buscar. *Vestindo algo azul.* Jon está na minha frente, montando mais um modelo de avião.

— Papai ligou hoje de manhã — diz ele, a voz atravessando o silêncio.

Meu coração dispara. Duvido muito que tenha sido uma ligação pessoal só para dizer oi. A decepção pesa dentro de mim, Jon nem precisa falar nada para eu saber que papai contou a ele. *Pelo telefone.*

O punho de Jon aperta o pincel, parando onde está preenchendo uma linha preta na lateral do avião.

— Olha, ele me contou, tá? Então pode parar de me olhar assim.

Inspiro profunda e lentamente.

— Disse o quê?

— Que vou para aquele internato idiota. Está tudo *bem*.

Respirando fundo, eu me inclino na cadeira, descansando os braços nas laterais almofadadas.

— Está mesmo?

Seus olhos me encaram por sobre a borda de seus óculos.

— Importaria se não estivesse?

— Claro que sim.

Ele joga o pincel na mesa, passando a mão pelo cabelo muito preto, tão parecido com o da nossa mãe.

— Não há nada que você possa fazer para mudar isso, Wendy. É o que é, e

você ficar sentada aí com cara de quem está prestes a explodir em lágrimas não está ajudando em nada.

Meu peito aperta.

— Não estou...

Seus olhos se estreitam.

— Está *sim*.

— Só quero que você seja feliz. Só isso. — Ergo as mãos.

Ele não responde, sua atenção se voltando para o avião. O silêncio é sufocante, envolvendo minha garganta e alojando-se em meus ouvidos, dando espaço para meus pensamentos ficarem descontrolados e ininterruptos.

Esta é a *única* coisa que pedi ao meu pai e, ainda assim, de alguma forma, ele não conseguiu cumprir, escolhendo a saída mais fácil, deixando os sentimentos de Jon de lado como se algo tão importante como isso não fizesse diferença. Outro tronco carbonizado e pesado é jogado na fogueira que alimenta minha raiva, queimando lá no fundo.

— Ele disse que eu vou amanhã.

As palavras soam baixas e breves, e mesmo assim me atingem bem no peito.

— *Amanhã?* — ofego. — Ele vem para te levar lá?

Os lábios de Jon se curvam em um pequeno sorriso, mas não é felicidade que sinto vibrando no ar.

— Wendy, até parece. O motorista vai me levar.

Ira me envolve, aquecendo minhas veias.

— Eu te levo.

Ele nega com a cabeça.

— Não precisa fazer isso.

— Eu *quero*. — Forço um sorriso. — Tenho que ver onde é, se planejo visitá-lo toda semana.

Jon geme.

— Você *não tem* permissão para me visitar toda semana.

Meu sorriso cresce.

— Bom, então é melhor me deixar te levar amanhã, senão vou *o tempo todo*, e vou garantir que seja ainda mais constrangedor.

Jon ri, os olhos um pouquinho mais alegres.

— Wendy, você nunca é uma vergonha. Só... autoritária.

Minha mão voa para o coração.

— Devo me sentir ofendida?

— Não, é... — Ele balança a cabeça. — É legal.

O nó na garganta se desfaz com a nossa brincadeira, a familiaridade me dominando como um velho amigo distante. Mas logo é levada embora pelo conhecimento de que, depois de amanhã, realmente ficarei sozinha.

*

Estamos no JR há duas horas e ainda não vi James.

Maria, que não está com a gente esta noite, disse que ele é dono do bar, mas quanto mais fico aqui sentada sem sua presença dominadora para confundir meus pensamentos, mais percebo que, na verdade, não sei nada sobre ele.

Bem, isso não é verdade. Eu sei *algumas* coisas, tipo o fato de ele ter um apelido ridículo e, pelo visto, tem tanta influência nesta cidade que esse apelido vale tanto quanto ouro. Mas, para alguém que diz que sou dele, sinto que não passa de um estranho.

Como eu poderia ser tão burra a ponto de não perguntar?

— Obrigada por cobrir meu turno amanhã — digo a Angie, tomando um gole da água com gás.

Ela acena para mim, sorrindo.

— Sem problemas. Algumas horas extras serão bem-vindas, de qualquer maneira. — Seus olhos passam por mim. — Além disso, você tá namorando um cara que usa ternos de três peças por *vontade própria*, então acho seguro dizer que preciso mais do dinheiro do que você. Ah, e você mora numa mansão. — Ela gargalha. — Sua vagabunda. Meu Deus, não é justo.

A risada que forço parece lâminas, rasgando através do aperto repentino na minha garganta.

Ela vira o resto de sua bebida e suspira.

— Aff... onde está o seu homem, gata? Já que tenho que trabalhar cedo por você, preciso ir para casa. Sono de beleza e tudo mais.

Fico tensa e olho ao redor, procurando por um sinal de James em qualquer lugar. O bar está esvaziando, estamos aqui há horas, mas ainda não tem nenhum sinal dele. Meus dedos se retorcem no colo.

— Ele deve estar ocupado. Pode ir, posso pegar um táxi depois.

Eu me encolho quando as palavras saem dos meus lábios, esperando que não soem tão patéticas quanto parecem.

— Tem certeza? — Seus olhos passam pelo bar.

— Sim, ele disse que estaria aqui. — Faço que sim com a cabeça.

Ela morde o lábio.

— Bem, sim, mas... ele nem deu as caras. Não quero deixar você aqui sem carona.

Estendendo a mão, toco seu braço.

— Agradeço, mas não precisa se preocupar, de verdade.

Ela suspira, levantando-se.

— Tudo bem, mas me manda uma mensagem se ele não aparecer. Posso voltar.

Fico no bar um tempão depois que ela vai embora, observando as bolhas estourarem e borbulharem na minha bebida. Eu poderia pedir algo além de água com gás, afinal, sequer fui barrada na entrada desde aquela primeira noite e meu aniversário é em três dias, mas a verdade é que não sou muito de beber. Não gosto de como fico quando bebo.

— E então sobrou uma. — Uma voz invade meu torpor e ergo o olhar, encontrando os olhos âmbar de Curly. — Quer uma bebida, docinho?

— Não vão fechar logo? É melhor eu ir embora... Ele não está aqui, está? — pergunto, quebrando o contato visual.

— Vai ter que ser mais específica. — Ele apoia o cotovelo no balcão. — Há muitos “eles” por aqui.

— Ja... Gancho. — O desconforto me preenche quando percebo que não tenho certeza de como me dirigir a ele quando estou falando com outras pessoas. Mais uma coisa que mostra que não sei absolutamente nada a respeito desse homem.

Mas *sei* que isso não vai me impedir de sair com ele esta noite... se ele aparecer.

Pode ser estúpido. É imprudente, com certeza. Mas também é emocionante ter alguém como ele prestando tanta atenção em mim. Faz eu me sentir menos inocente e mais mulher.

Algo no jeito com que ele me olha me faz sentir *viva*.

Uma risada à minha esquerda interrompe o que Curly estava prestes a dizer. Minha cabeça se vira e meus olhos observam a beleza curvilínea de cabelos negros que está lustrando taças de vinho e as pendurando na prateleira do bar.

Curly fecha a cara para ela.

— Pare com isso, Moira.

— Desculpa. — Ela dá um sorrisinho, seus olhos travando nos meus. — Você está mesmo esperando aqui pelo *Gancho*?

Outra dose de dúvida rasteja pela minha consciência, espalhando-se pelo meu corpo todo feito lodo. Há um sorriso no rosto dela, mas seu tom é tudo menos amigável e me deixa arrepiada. Uma réplica está na ponta da língua, mas a engulo e aceno, meus dedos ficando brancos pela força com que meus se entrelaçam um no outro.

Ela bufa, soltando outra risada.

— Moira — Curly diz entredentes.

— O quê? — pergunta ela, arregalando os olhos ao olhar para ele. — Não é possível que esteja levando isso a sério? — Sua mão dispara em minha direção. — Outra fanática aparecendo aqui e que não sabe *nada* do homem, achando que a encenaçãozinha inocente vai funcionar? É patético, sério. Você não devia incentivá-la.

Minha mandíbula se contrai, suas palavras batendo na minha parede de confiança — já abalada pelos meus próprios pensamentos distorcidos.

— É, mas esta aqui ele conhece — responde Curly.

A mão de Moira para na borda da taça de vinho, os olhos voltando-se para mim.

Arrisco um olhar para Curly, meu peito se enchendo de calor pela forma como me defendeu. Pelo jeito como suas palavras simples me fizeram sentir um pouco menos idiota, menos como apenas mais uma garota boba com uma paixonite.

— Hmm — cantarola ela. — Bem, vai ficar esperando muito tempo esta noite, *docinho*, porque o Gancho nem está aqui.

Curly inclina a cabeça.

— Ele estava mais cedo.

— Sim, mas isso foi antes. — Um sorriso se esgueira em seu rosto e ela exhibe os dentes brancos. — Ele me fez dar um tchau *adequado* antes de ir embora.

Percebi que ela está tentando arrancar uma reação de mim, portanto, não demonstro nada, mas isso não impede que suas palavras me atinjam, plantando raízes e espalhando suas sementes.

— Moira. — Uma sombra aparece atrás dela, James surgindo sob a luz do bar. Seus olhos brilhando e o cabelo preto despenteado, como se suas mãos o tivessem puxado pela raiz. *Ou talvez tenha sido Moira quem puxou.* — Sabe muito bem que não se deve mentir para meus convidados especiais.

O corpo de Moira endurece, o pano e a taça congelados no ar.

— Gancho — diz devagar. — Você voltou.

Um raio de satisfação atravessa a minha nuvem de dúvida.

Ela o chamou de Gancho. Não de James.

A cabeça de James se inclina quando ele para ao lado dela.

— Não cheguei a sair.

Ele pega a taça da mão dela, segurando-a contra a luz como se estivesse verificando se há manchas. O ar fica denso, algumas vozes dos clientes restantes se misturando à tensão e uma música suave flutuando pelos alto-falantes. Mas nenhum de nós se move. Nenhum de nós fala.

— Hum. — Ele estala a língua, colocando a taça em cima do balcão. — Você não está polindo direito, receio.

— Gancho, eu... — ela começa.

Ele se vira para ela, o movimento tão repentino que faz minha respiração ficar presa nos pulmões. Nunca vi esse lado dele antes e, embora isso devesse me deixar preocupada, percebo que o calor fervendo no fundo da minha barriga é *excitação*.

— Passei a impressão de que gostaria que falasse de mim quando não estou por perto? — questiona ele.

Os olhos dela se arregalam, os lábios se abrindo.

— Não, eu...

— Não — interrompe ele, irritado. Seus olhos piscam para mim, a dureza de seu olhar se suavizando. Ele estala o pescoço, passando a mão na frente do terno e gesticulando em direção às taças. — Estão terríveis. Comece de novo e, se ficar alguma mancha no final, nem se preocupe em voltar amanhã.

— *O quê?* — diz, bufando.

Mas não importa, porque ela já perdeu a atenção dele, os olhos focando em mim enquanto ele se aproxima, um sorriso aparecendo em seu rosto.

Minha cabeça gira com a cena que acabei de testemunhar, perdida entre o que eu deveria sentir e como de fato me sinto. Sua mão toca minhas costas exposta pelo vestido, arrepios percorrendo minha pele com o calor de sua palma.

Sinto sua respiração no rosto, os lábios de James pressionando a minha bochecha em um toque suave.

— Querida, você está deliciosa. Eu me arrependo de desperdiçar minha noite com reuniões, em vez de te mostrar o quanto gosto de você nessa cor.

O sangue corre para o meu rosto, aquecendo-me de dentro para fora.

Pode me chamar de mesquinha, de vingativa, mas não consigo parar de

olhar para Moira, a satisfação enterrando-se no peito pelo jeito que ela o está vendo *me* tocar e sussurrar em *meu* ouvido.

— Oi. — Sorrio para ele.

— Está pronta para ir? — Seu polegar pressiona meu lábio inferior.

— Com você?

— Como se eu fosse permitir você ir embora com qualquer outra pessoa.

Ele segura a minha mão, puxando-me do banco para seus braços.

E, apesar de todas as coisas não ditas entre nós, de todas as maneiras que ainda preciso conhecê-lo, eu o deixo me levar.

20

JAMES

As pessoas fazem o que eu digo. Isso não é nada de novo, na verdade, quando *não fazem* que é raridade. No entanto, normalmente é medo ou respeito que os levam a se curvar aos meus caprichos.

Então, ver Wendy entrar no meu bar usando o mesmo vestido azul-bebê da primeira noite em que a vi, mexe comigo. O prazer desliza pelo meu corpo, sabendo que ela fez isso por nenhuma outra razão além de me agradar. *Como um bom animalzinho de estimação.*

Foi mais difícil do que eu esperava ficar sentado no meu escritório, observando-a pela câmera de segurança, testando para ver se esperaria pelo tempo que eu precisasse. Mas, assim que a vi interagir com Moira, soube que precisava encerrar meu experimento. Não posso permitir que uma garçonne idiota atrapalhe meus planos, assustando a garota.

Apesar de achar que seria difícil eu me livrar dela. Embora a mídia sempre a tenha pintado como o orgulho e a alegria de viver de Peter, ela está sucumbindo a mim tão fácil. Quase como se estivesse desesperada por atenção.

Se eu ainda pudesse sentir as coisas do jeito que uma pessoa normal sente, seu apego faria com que a simpatia crescesse em meu peito. Suponho que, afinal, é algum tipo de trauma que a faz se apegar tão depressa. Mas meu coração não bate mais como deveria. E embora meu sangue ainda seja quente, qualquer alma que eu já tive foi corroída pelo ácido que corre nas veias.

Mesmo quando menino, havia algo em mim que atraía a escuridão até mesmo na mais leve das almas, puxando-a para a superfície até transbordar em

cascata de seus corpos e encharcar minha pele, queimando feito asfalto em um dia ensolarado.

— Talvez seja por isso que eu ache Wendy tão revigorante. Porque é tão fácil me perder dentro dela. Pois ela é a única pessoa que não foi engolida pela minha doença. Pelo menos, ainda não.

— Onde está Smee? — pergunta, esparramada no sofá da minha sala.

Eu me sento ao lado dela, ofereço um copo de água e cruzo o pé sobre a perna oposta.

— Não tenho certeza. — Olho em volta. — Ele controla o tempo dele, tento ficar de fora da sua vida pessoal, e espero que ele faça o mesmo em relação a minha. Tenho certeza de que vai aparecer em algum momento.

Ela concorda, tomando um gole de água antes de colocar o copo na mesa.

— Que legal. Você parece um bom chefe.

Sorrio, minha mão se estendendo e percorrendo sua coxa nua.

— Acho que vai descobrir que sou *fenomenal* dando ordens.

Ela ri.

— E muito humilde, também.

Sorrindo, meus dedos provocam a bainha de seu vestido. Ela estremece sob minha mão e meu pau endurece de tão responsiva que ela é ao meu toque.

— Eu... — Ela engole, balançando a cabeça. — Tenho algumas perguntas.

Aborrecimento faísca no meu peito, mas o ignoro, erguendo uma sobrancelha.

— Tudo bem.

Seus dedos se retorcem enquanto ela olha para baixo, algo que percebi que faz sempre que está nervosa.

— Você trabalha com o quê?

A pergunta me surpreende. Fui tolo ao presumir que, se ela não tinha perguntado até agora, não perguntaria mais. Eu me inclino para trás, os braços esticados pelo comprimento do sofá.

— Sou empresário.

Ela revira os olhos.

— Sim, meu pai, também. Mas, quero dizer, qual é o *seu* ramo de negócios?

A menção de seu pai acende uma chama dentro de mim e, de repente, estou desesperado para saber tudo a respeito dele pelo ponto de vista dela.

— Seu pai?

— Argh. — Ela acaricia o rosto. — Na verdade, não estava planejando

falar dele. Mas, sim. Ele é um “empresário”.

— Ah. — Passo a língua nos dentes. — Talvez eu tenha trabalhado com ele.

Ela dá de ombros.

— Pode ser. Ele é bastante conhecido.

— Quem é ele? — Faço um grande esforço para manter a voz baixa e firme, o nervosismo dançando descontrolado sob a minha pele.

— Peter Michaels.

Passando a mão no cabelo, suspiro.

— Nunca ouvi falar dele.

Seus olhos se arregalam, mas não deixo passar a forma como seus ombros relaxam, como se tivesse tirado um peso deles.

— Sêrio? Isso é meio... surpreendente.

Meus dedos esfregam a mandíbula.

— É? Lamento não ser tão entendido como deveria, então.

Seu sorriso aumenta e ela se inclina na minha direção.

— Gosto que não o conheça. Estava tão preocupada em dizer a você, para ser honesta. Não queria que sua opinião a meu respeito mudasse.

Eu me aproximo, os braços envolvendo sua cintura, puxando-a pelo resto da distância até mim. Ela solta um arquejo quando seu corpo se encaixa no meu, seus seios fartos pressionados de um modo delicioso em meu peito.

— Querida, ninguém neste mundo poderia mudar o que penso de você. Receio que já esteja sacramentando.

Ela levanta a cabeça, os lábios a centímetros dos meus.

— Então, o que é?

— O que penso? — Minha boca mergulha para deslizar em seu pescoço, a mão segurando sua cabeça por trás e entremeando pelos fios de seu cabelo sedoso. — Posso te mostrar, se quiser.

Sua respiração vacila quando aumento meu aperto e puxo os fios, a extensão de seu pescoço se alongando. Pressiono beijos em sua garganta, indo até seus lábios. O gosto dela invade meus sentidos, a necessidade espiralando por dentro e aquecendo meu sangue.

Ela geme, os quadris se pressionando contra meu membro através do tecido fino da calça, criando uma fricção que faz um formigamento de prazer subir pelas minhas costas. Solto sua boca e relaxo, permitindo que ela estabeleça um ritmo. Está me provocando. *Torturando-me*, mas, *puta merda*, ela é uma visão e tanto. Seu vestido azul está amontoado nos quadris, os lábios de um

vermelho rosado combinando com as bochechas, e os olhos semicerrados fixos em mim.

Meus dedos soltam os fios de seu cabelo e meu braço a envolve conforme me sento, nossos corpos de repente encostados um no outro.

Nossos narizes roçam enquanto empurro em seu centro coberto pela calcinha. Inspiro e faço de sua respiração a minha, pressionando os lábios nos dela. Ela geme, seus braços envolvendo meu pescoço, uma dor aguda irradia na minha boca e o gosto de cobre inunda meu paladar. Eu me afasto, o polegar roçando meu lábio inferior e manchando de vermelho. *Ela me mordeu.*

Normalmente, a visão do meu próprio sangue me faz vomitar, mas, por alguma razão, a excitação toma conta de mim. Meu aperto se intensifica ao redor de sua cintura enquanto deslizo para frente, meus lábios se moldando aos dela, o gosto do meu sangue se misturando à sua saliva. Ela chupa minha língua como se quisesse me engolir inteiro e eu gemo, empurrando-a para deitá-la no sofá, meus quadris se acomodando entre suas coxas.

Eu me afasto de seus lábios, movendo a boca até sua orelha. Minha mão envolve sua garganta e aperta.

— Vai me deixar ver essa boceta linda?

Seus dentes afundam em seu lábio inferior, os quadris vindo de encontro aos meus. Meus dedos deslizam para longe de seu pescoço, descendo por seu torso para encontrar seu centro. Enrolo a calcinha de algodão na mão e puxo até rasgar. Seu ofegar é audível e faz meu pau pulsar, desesperado para senti-la por dentro.

Jogando o tecido rasgado para trás, afasto suas coxas, meu nariz passando por sua fenda úmida. Um gemido ressoa na garganta. Ela tem um cheiro *delicioso*. Almiscarado, feminino e de tudo que é puro, como se seus feromônios tivessem sido criados apenas para mim. Minha boca enche d'água com a necessidade de prová-la enquanto ela se desfaz debaixo de mim.

Eu me aproximo de sua abertura, lambendo a umidade que está vazando de sua entrada, cobrindo a língua com seu gosto.

Ela ri, suas mãos entrelaçadas aos fios do meu cabelo.

— Faz cócegas, James.

Abro um sorriso, meu braço pressionando firme em sua barriga.

— Pare de se mexer, gatinha.

Meus dedos deslizam para dentro dela ao mesmo tempo em que chupo seu clitóris inchado, sentindo-o pulsar na língua. Seu corpo estremece debaixo do meu braço e eu a seguro com mais força, meus quadris pressionando o sofá para

aliviar a dor latejante no meu pau.

Ela é *apertada*, e o pré-sêmen vaza da minha ponta ao imaginar como será quando suas paredes estiverem abraçando a espessura do meu pau em vez de sugando meus dedos. Tenho uma suspeita sorrateira de que ela é virgem e pensar em ser o primeiro homem a tê-la, aquele que vai arruiná-la para todos os outros, deixa-me faminto para destruir seu corpo, mente e alma.

Continuo a bombear os dedos, a umidade de sua boceta encharcada cobrindo minha mão. Tiro o braço de sua barriga, subindo-o até envolver seu pescoço, meus dedos tocando a pulsação de seu coração.

Soltando seu clitóris da boca, olho para cima, notando seu rosto corado e a forma como seus seios sobem e descem sob o lindo azul de seu vestido.

— Respire fundo por mim, gatinha, e não solte até ver estrelas.

Ela me atende no mesmo instante, sua garganta para de se mexer depois que inspira e segura a respiração. Minha mão envolve seu pescoço e mergulho de volta em sua boceta, aumentando aos poucos a pressão na garganta ao mesmo passo da sucção em seu clitóris.

Suas mãos agarram meu cabelo, as coxas tremendo ao se fecharem ao redor da minha cabeça. Meus dedos se enrolam dentro dela, esfregando o ponto poroso de suas paredes internas, e meu olhar trava nela de onde estou entre suas pernas. Seus olhos estão revirando, os lábios entreabertos enquanto me certifico de que não consiga respirar, mesmo se quisesse.

Meu pau pulsa quando penso em seus lábios ficando azuis, seu corpo prestes a ceder; a desistir, logo antes de permitir que ela goze, deixando o ar fresco expandir-se em seus pulmões e trazê-la de volta à vida.

Suas costas se curvam para fora do sofá quando explode, os dedos quase arrancando meu cabelo pela raiz, a pontada de dor fazendo minhas bolas se contraírem e o calor se acumular na base da coluna.

Solto sua garganta, deleitando-me com sua respiração ofegante, e continuo a lamber enquanto ela aproveita seu clímax.

Enfim, solto seu clitóris, meus dedos fazendo um barulho audível quando saem de sua boceta encharcada. Meu olhar trava no dela enquanto minha língua desliza pelos meus lábios, limpando seu gosto da boca.

Meu peito se contrai, o interior se contorcendo ao olhar para ela, quando percebo que nunca tive tanta beleza em minhas mãos.

E, neste momento, não tenho certeza de como vou deixá-la partir.

21

WENDY

Ninguém nunca fez isso comigo antes e, enquanto meu corpo flutua de volta à Terra, os tremores do meu orgasmo dão lugar a uma tensão nos meus músculos – uma necessidade de agradá-lo de volta. Dar a ele o que acabou de me dar.

Nunca me senti tão desejada. Tão sensual. Tão... *livre*.

Claro, ainda não conversamos, não tivemos os diálogos significativos que sempre imaginei que teria com a pessoa a quem presenteari a minha primeira vez, mas, por algum motivo, isso parece suficiente. Como se ele já me conhecesse sem precisar falar. É possível que eu esteja cometendo um erro, talvez eu acorde pela manhã arrependida da minha escolha, mas nunca tive tanta certeza de uma coisa na vida como tenho nesse momento.

Eu só quero, por um único segundo, ser capaz de *me soltar*.

Se for honesta comigo mesma, nas partes mais profundas da minha mente e nas cavidades mais escuras do meu coração, há pedaços meus com esperança de que, talvez, assim que minha virgindade se for, a marca de inocência da qual não consigo me livrar também desaparecerá.

É cansativo quando todos te tratam como se fosse delicada. Frágil. Inferior.

As palavras que Moira disse mais cedo passam pela minha cabeça, assim como os fortes ataques de Maria. Todo mundo me vê como uma criança; uma jovem inexperiente no mundo e, por muito tempo, permiti que falassem seus desrespeitos e insultos disfarçados de elogios. Deixei pensarem que, por eu ter características suaves e não falar sem permissão, significa que estão certos quanto a mim.

Mas estou *cansada*.

E James, ele me faz sentir uma mulher. De igual para igual. Como se eu tivesse o poder de escolha e me respeitasse quando a faço.

Ele se levanta do meio das minhas pernas, a língua rosada lambendo os lábios ao olhar para mim. A excitação me preenche por dentro e fico louca com seu olhar intenso.

Eu me sento, apoiando-me nos cotovelos, aquecida por dentro e com a cabeça flutuando. James me fez chegar ao limite da consciência, a escuridão cercando minha visão e a euforia inundando minhas veias – a tensão serpenteando pelo meu núcleo combinada com a pressão de sua mão fazendo a endorfina explodir feito fogos de artifício. E agora ainda estou em êxtase. Rastejo até ele, as almofadas do sofá macias sob meus joelhos, rezando para não parecer ridícula. Não faço ideia do que estou fazendo, mas, pela primeira vez, destravo o que prende meus desejos mais profundos e apenas faço o que me faz sentir bem.

Minha mão corre pela perna dele, sentindo o tecido macio da calça. Seu olhar acompanha todos os meus movimentos, as narinas dilatadas ao me encarar de cima.

Continuo avançando, meu estômago num turbilhão como de uma montanha-russa quando minha mão encontra o comprimento grosso entre suas pernas. Para minha surpresa, está bem duro, diferente do que eu esperava, e o calor se acumula no meu centro, desesperado para saber como é senti-lo na palma da mão.

— Posso tocar em você? — pergunto.

Seus olhos azuis se iluminam e ele segura meu rosto. O toque é tão suave que meu coração quase para, o calor se espalhando e derretendo no meu peito, e eu me inclino em sua mão, querendo me aquecer no conforto que ela proporciona.

— Você nunca precisa de permissão para me tocar, querida. — Ele se senta mais à frente e me beija, sugando meu lábio inferior antes de se afastar. — Sou seu tanto quanto você é minha.

Suas palavras se espalham pelo meu corpo como um incêndio. Eu o empurro de volta para o sofá, minhas mãos indo até seu cinto e abrindo o zíper da calça. Seus quadris se levantam, permitindo que eu tire a calça até seu pau estar livre, ereto e apontando para o teto.

Sento-me sobre as pernas dobradas, o coração batendo forte no peito, com os nervos à flor da pele e as mãos úmidas.

É maior do que eu pensava. E grosso, uma grande veia vem da parte inferior e desaparece sob a cabeça. Minha língua escapa da boca para lambar os lábios e fico toda tensa por dentro.

James se abaixa, as veias da mão se flexionando ao enrolar os dedos em volta de si, acariciando-se, lascivamente. Minha barriga se contrai, uma necessidade surgindo entre as coxas e meu clitóris, já sensível, incha ao vê-lo se dar prazer.

Sua mão livre percorre o cabelo, bagunçando os fios já despenteados, e fico paralisada com a visão dele tão desarrumado, o completo oposto de como todos os outros o veem.

É intoxicante saber que *sou eu* quem o está deixando assim.

— Tire a roupa. — Sua voz rouca me arranha por dentro.

Um arrepio me percorre e me afundo no conforto que sua orientação proporciona, a ansiedade se dissipando porque sei que ele me dirá do que precisa.

— Tá bem. — Trago as pontas dos dedos até o topo da garganta, descendo aos poucos pelo pescoço dolorido e por cima da clavícula, deslizando por baixo da alça do vestido, permitindo que o tecido se solte de onde está apoiado no meu ombro.

Meus olhos não desviam dos de James uma vez sequer, sua mão tocando seu comprimento bem devagar, o olhar fixo onde meus dedos estão brincando com o tecido fino do vestido.

— Eu disse para tirar a roupa, gatinha, não me torturar até a morte.

Suas palavras penetram na minha pele e se fundem com a medula dos meus ossos, fazendo-me sentir poderosa. Fazendo-me sentir que, se eu posso deixar *este* homem de joelhos, então posso fazer qualquer coisa.

Deixo a alça cair do ombro. Primeiro de um lado e depois do outro. Ele morde o lábio, os dedos apertando a ponta do pau. Suas bolas se contraem de modo visível e a visão me faz estremecer.

Meu braço vai de encontro ao peito, segurando o tecido no lugar, um pequeno sorriso esgueirando-se no meu rosto.

— Diga: *por favor*.

As narinas dele se alargam.

— Você está jogando um jogo muito perigoso.

Ergo um ombro.

— Só estou garantindo que não se esqueça das boas maneiras, *querido*.

Rápido igual um raio, ele sai do sofá e meu corpo é jogado para trás,

apoiado de volta nos cotovelos. Ofego, assustada, meus olhos vagando de seu rosto para sua mão, que ainda está em torno de sua ereção. O pau esticado, o líquido escorrendo da ponta ao mover a palma da mão para cima e para baixo, masturbando-se *bem* na minha frente. Minhas pernas se apertam para aliviar a dor intensa que lateja entre elas.

— Você gosta de me observar? — ronrona. — Gosta de saber que estou *desesperado* por você? — Sua mão solta seu comprimento, movendo-se para a minha cintura. Sinto um frio na barriga quando ele passa os dedos pelo meu torso até descansar na curva dos seios.

Ele desliza sob o decote em coração do vestido, indo para frente e para trás em uma carícia provocadora, faíscas de excitação ricocheteando dentro de mim e parando no fundo do meu núcleo.

Ele pausa, a mão se curvando sob o tecido.

— Eu não peço permissão — diz ele. — *Nunca*. — Minha respiração para conforme um pequeno sorriso chega a seus lábios.

Então, ele puxa.

Forte.

Meu corpo é arremessado para frente quando ele arranca o vestido, rasgando o tecido, fazendo minha pele arder. Respiro com dificuldade, adrenalina e excitação se misturando nas veias como um coquetel letal, deixando-me tonta de desejo.

Sua mão segura meu peito, manipulando a pele sob os dedos.

— Linda.

Ele me solta e volta para a extremidade oposta do sofá, retornando à posição reclinada.

— *Agora tire a roupa.*

Eu me levanto sobre as pernas trêmulas, as palmas seguindo uma linha do topo do peito até os mamilos, agarrando-os entre os dedos e torcendo-os. A cada puxada, arrepios disparam pelo meu corpo, então continuo o movimento, meus olhos se fechando conforme me perco no que estou sentindo.

— *Porra* — sussurra.

Meu olhar se abre ao ouvir o palavrão. É a primeira vez que ele xinga e ouvir isso agora faz meu núcleo latejar.

Sua mão desliza pelo abdômen, envolvendo o pau grosso.

— Você sempre é uma senhora visão, querida, mas fica absolutamente *devastadora* enquanto se toca.

Sinto-me como uma deusa sob seu olhar e, ao me despir dos restos

rasgados do vestido e caminhar até ele, permito que minha confiança recém-descoberta deslize pela minha pele e preencha todos os poros. Subindo no sofá, eu me ajoelho entre as pernas dele. Minhas mãos voltam para onde estavam em suas coxas, traçando os músculos até cercar a base da virilha, meu rosto a centímetros de seu comprimento.

Um nervoso se infiltra na minha confiança recém-descoberta e solto um sopro trêmulo. Devagar, deslizo a palma para cima até os dedos envolverem seu membro. Por um momento, fico apenas com a mão parada ali, sentindo-o. É mais maleável do que imaginei e, quando aperto meus dedos, ele pula. Uma risadinha escapa de mim.

Uma risada baixa vibra pelo corpo dele, os dentes brancos aparecendo através do grande sorriso.

— Posso garantir que uma risada não é algo que um homem quer ouvir quando você está com a cara no colo dele.

Balanço a cabeça.

— Não, desculpa, é só que... Eu nunca... — Experimento movimentos com a mão, deslizando-a pelo comprimento e passando os dedos na ponta. — Pode me mostrar como gosta?

Sua mão envolve a minha, aumentando o meu aperto antes de nos mover em conjunto, acariciando-o, girando no topo e depois descendo. Respiro fundo, meu núcleo se contraindo.

Ele se endireita, a mão livre segurando meu rosto, como se soubesse que preciso do conforto.

— *Gosto* que nunca tenha feito isso antes. Não há nada que possa fazer comigo que eu não vá gostar. Entendido?

Confirmo com a cabeça.

— Boa garota. — Ele relaxa no sofá. — Agora coloque sua boca nele.

Meu peito se expande com o elogio dele, o desejo de agradá-lo transbordando de dentro para fora. Inclino-me, a boca se abrindo ao sugá-lo entre os lábios, minha mandíbula se estendendo para acomodá-lo.

Sua mão desce para se enrolar no meu cabelo.

Minha língua gira em torno da pele, surpreendida com o sabor, e quando a ponta encontra o topo de sua cabeça e a lambe, ele geme, a palma da mão me empurrando para avançar mais.

Meus olhos se arregalam, mas não resisto, permitindo que ele me empurre para baixo.

Uma das mãos dele sai do meu cabelo e desce para minha mandíbula, os

dedos massageando os músculos, como se estivesse pedindo para relaxarem.

— Que garota perfeita — murmura.

Uma sensação de orgulho dispara através de mim feito uma bala de canhão e redobro meus esforços, seu comprimento preenchendo minha boca até que atinge o fundo da garganta. Meus olhos lacrimejam com o golpe, uma leve dor irradiando através da mandíbula.

Como devo continuar fazendo isso?

A veia na parte inferior de seu membro pulsa na minha língua e solto um gemido, uma onda de desejo surgindo em mim. Nunca me senti tão poderosa como neste momento, curvando-me sobre um homem que exala domínio e fazendo-o desmoronar.

Ele puxa minha cabeça para trás, seu pau literalmente pulando da minha boca. A corrente de ar me faz ofegar e os olhos lacrimejam pela mudança repentina.

— Foi... — Respiro fundo. — Não foi bom?

Ele sorri, mas não responde, avançando até seus braços envolverem meu corpo para me levantar. Ele me carrega pelo corredor e entra em seu quarto, jogando-me em sua cama, meu corpo quicando no colchão macio com lençóis de seda.

— Você foi maravilhosa, gatinha. — Os lábios dele sobem pelas minhas pernas, beijando cada centímetro do meu corpo. — Boa *demais*.

Ele se levanta acima de mim, os joelhos posicionados entre minhas coxas, seu corpo lançando uma sombra sobre o meu. Estendo a mão, meus dedos agarrando os botões de sua camisa, mas sua mão desce e me para, a mandíbula ficando tensa enquanto nega com a cabeça.

A rejeição me atravessa, queimando, e puxo a mão, a vergonha fazendo meu rosto queimar. Espero uma explicação, que nunca vem, e não quero estragar o momento com uma pergunta.

Seu toque percorre o comprimento do meu corpo enquanto ele se abaixa sobre mim, os dentes raspando ao longo da minha mandíbula. Um jorro de umidade escorre do meu núcleo, acumulando-se debaixo de mim nos lençóis.

Ele empurra os quadris para frente, a ponta do pau deslizando contra o clitóris inchado, o prazer se agitando no fundo da minha barriga.

— Diga que você é minha.

Meu centro se aperta, a tensão ficando cada vez maior.

— Sou sua.

— Prove. — Ele encaixa a ponta na minha abertura, seu pau molhado por

deslizar entre meus lábios. Mas não se mexe. Ele apenas espera.

— Continue, James — afirmo. Os olhos dele se fixam nos meus por longos instantes e estendo a mão, acariciando seu queixo. — Confio em você.

Um lampejo de *algo* passa por seus olhos.

— Não deveria.

Não tenho tempo para pensar em suas palavras porque ele desliza para dentro de mim, uma dor aguda atravessando meu corpo. Respiro fundo várias vezes, meu corpo se tensionando ao redor dele e no mesmo instante querendo lutar contra a intrusão.

Ele range os dentes.

— Você precisa relaxar, ou nunca vou caber dentro de você.

Mordo o lábio e concordo com a cabeça, o medo de desapontá-lo é maior do que o receio da dor.

Sua mão agarra a minha nuca, trazendo meu rosto para o dele.

— Vou cuidar de você, querida. Respire para a dor passar.

Ele solta um suspiro e eu o inalo, uma lágrima escapando do canto do meu olho. *Idiota*. Tento mover a mão para limpá-la do rosto, mas ele a afasta, sua boca pressionando beijos ao longo do meu queixo até alcançar a umidade, lambendo-a.

Seus quadris se movem para frente, mas param quando atinge a resistência e, em seguida, com um único impulso, empurra. Meus braços voam e envolvem seus ombros, as unhas fincando na pele com tanta força que tenho certeza de que tirarei sangue.

Nossas respirações se misturam no espaço entre nós e, quando ele começa a se mover devagar, seus lábios roçam os meus a cada impulso. A dor agora está acompanhada por uma pulsação profunda, como um hematoma ao fundo, mas me concentro na plenitude em vez da dor.

— Está gostando? — pergunto.

Seus quadris pressionam mais fundo.

— Você é *incrível*.

Enquanto ele continua se movendo dentro de mim, a dor dá lugar a uma dormência feliz, permitindo que eu me concentre nos ângulos agudos de seu rosto. No jeito com que seus olhos me reverenciam como se eu fosse o sol e ele estivesse desesperado pelos raios de calor.

Ainda sinto o desconforto, mas também há uma pontada de prazer se desenrolando em meu centro só por senti-lo dentro de mim. Por saber que sou eu quem o está fazendo se sentir assim. Que ele está baixando a guarda *por mim*.

Ergo meu torso da cama, os seios se espremendo no tecido da camisa dele.

— Vai gozar dentro de mim? — sussurro em seu ouvido, meu corpo corando com as palavras safadas deixando os meus lábios.

Não sei o que me faz ter coragem para dizer isso, mas, de alguma forma, sempre que estou com ele, faço coisas das quais nunca imaginei que seria capaz de fazer.

Seus quadris vacilam, ele agarra meus braços e os prende acima da cabeça, as mão envolvendo meus pulsos.

— É o que você quer? — pergunta ele. — Quer que eu acabe com você e goze tão fundo que vai me sentir por dias?

Solto um gemido, minha barriga ficando tensa e as pernas tremendo.

— Sim.

Seus quadris empurram mais rápido, as bolas batendo em mim a cada impulso, as mãos dele apertando meus pulsos tão forte que as minhas formigam. E, de repente, ele fica tenso, os movimentos ficando mais intermitentes à medida que me penetra o máximo que consegue.

Posso senti-lo pulsar, jorro após jorro, disparando fundo dentro de mim, seu gemido baixo fazendo minhas paredes internas se contraírem, tentando sugar tudo.

Ele desaba em cima de mim, as mãos soltando meus pulsos, e, juro por Deus, aqui e agora, nunca me senti tão próxima de ninguém quanto me sinto dele.

Só conheço esse homem há dias e, ainda assim, ele me trata como se eu fosse preciosa.

Como se eu fosse *dele*.

Sua respiração está ofegante, o rosto descansando na curva do meu pescoço. Minhas mãos sobem até sua cabeça, acariciando seu cabelo e ombros. Ele estremece sob meu toque e eu sorrio, meu coração parecendo que vai explodir.

Estava preocupada em me arrepender de permitir que ele tirasse minha virgindade, mas tudo o que sinto é alívio por não ser mais virgem.

James pegou aquela garota frágil e a jogou em algum lugar que não consigo determinar e, pelo menos por enquanto, estou me deleitando com a ausência dela.

22

JAMES

Faz anos desde a última vez que meus pensamentos deram uma trégua. Mais tempo ainda desde que consegui relaxar, mesmo no conforto da minha própria casa. Mas, ontem à noite, caí num sono profundo e sem sonhos e acordei enrolado nas curvas de Wendy.

Não tinha planejado gozar dentro dela. Mas pensar nela barriguda com um filho meu bem debaixo do nariz de seu pai – logo antes de cortar sua garganta – fez minhas bolas se contraírem e o esperma jorrar antes que eu pudesse terminar de visualizar a fantasia.

Ela me *abala* de um jeito que não entendo muito bem. Mas gosto das noites sem sonhos e do conforto que ela me proporciona ao acordar.

Eu me aproximo dela, respirando seu cheiro, e meu pau cresce contra sua bunda. Ela se mexe em meus braços, murmurando algo ao abrir os olhos.

Sinto um aperto no peito.

— Bom dia, querida.

Ela sorri, o rosto ainda relaxado de sono, e ergue os braços acima da cabeça, espreguiçando-se. O movimento faz seu corpo se pressionar no meu, meu sangue dispara para a virilha.

Eu quero possuí-la de novo.

Mais forte desta vez. Porém, resisto, sabendo que ela deve estar dolorida. Para minha surpresa, pensar nela com dor não me excita em nada.

— Bom dia? — Ela se senta com um salto, passando a mão pelo cabelo bagunçado. — Que horas são?

— Não sei.

— Você não tem relógio? — Sua testa franze.

Minha mandíbula se contrai.

— Não andei muito preocupado com o tempo, já que há algo muito mais importante na minha cama.

Os movimentos frenéticos dela param, as bochechas corando.

— Ah — sussurra.

Eu me inclino, pressionando os lábios nos dela.

— É. Ah.

Seu corpo se derrete no meu enquanto ela me observa através dos cílios.

— Tenho que ir. Prometi ao meu irmão que o levaria para a escola nova hoje.

Irmão. Eu sei que ela tem um irmão, é claro, mas me ocorre que *Wendy* não sabe que eu sei, assim, arqueio as sobrancelhas no que espero ser uma expressão surpresa, inclinando a cabeça um pouco.

— Irmão?

— Sim. — Ela ri, balançando a cabeça. — Às vezes, é fácil esquecer que não nos conhecemos tão bem.

Meus braços envolvem sua cintura, puxando-a para o meu peito.

— Sinto como se tivéssemos nos conhecido bastante ontem à noite. — Mordisco a orelha dela.

Ela ri.

— Você sabe o que quero dizer. — Ela se vira em meus braços, olhando para mim. — Tem algum irmão?

Gelo percorre minhas veias, congelando qualquer calor remanescente.

— Sem família, receio. Apenas eu.

Seu olhar salta dos meus olhos para os meus lábios e sobe de novo.

— Ah, me desculpe.

Ignoro sua preocupação.

— Não se sinta mal, querida. Uma família não poderia lidar com alguém como eu, de qualquer forma.

Sua boca se curva para baixo, mas ela não pressiona. O que agradeço, porque não quero ter que inventar uma história elaborada de como amei e perdi, quando na realidade foi a família *dela* que tirou a minha.

— Meu irmão tem 16 anos e vai começar numa escola nova hoje — explica.

— Qual escola?

Seu rosto fica tenso.

— Um internato fora da cidade. Ele diz que está bem com isso, mas... — Ela suspira, passando a mão pelo cabelo. — Não se dá muito bem com outros adolescentes. E eu não quero que ele fique preso *vivendo* em um lugar onde não pode escapar do tormento. — Seus olhos ficam cheios de lágrimas e estendo a mão, enxugando uma que escorre. — Argh, me desculpe. Ando chorando muito perto de você. — Ela enxuga as bochechas. — Juro que não sou assim o tempo todo.

— Não se desculpe. *Quero* ser aquele a quem você recorre quando tudo fica difícil.

Seus olhos ganham um brilho curioso e ela se aproxima, beijando-me suavemente. Beijinhos simples e breves, mas que mexem comigo do mesmo jeito.

— Tudo bem.

— Quer que eu vá com você? — As palavras saem da minha boca antes que eu possa pensar direito e engulo a careta que quer se formar no meu rosto. *Por que eu ofereceria isso?*

Seus olhos se iluminam como o céu no Ano-Novo, os dedos agarrando o tecido da minha camisa.

— Você iria? Eu... — Ela engole. — Seria muito bom. Além disso, você poderia conhecer Jon.

Forço um sorriso, repreendendo-me em minha mente por oferecer algo que, na verdade, não tenho tempo para cumprir. Mas não posso voltar atrás agora e, se isso der a ela um pouco de apoio e conforto, do tipo que seu pai claramente não está dando, é o que farei.

*

Estou no meio da casa de Peter Michaels.

Wendy subiu para se trocar, pois precisou vestir as roupas minhas na volta, já que rasguei as dela.

E me deixou sozinho.

Porque *confia* em mim.

Ando pela sala, fervendo de raiva ao ver os rostos sorridentes nos retratos – uma família feliz criando memórias enquanto eu estava vivendo nada

além de pesadelos.

Caminhando pelo longo corredor, espio algumas salas diferentes até que por fim chego ao escritório.

Fico tenso quando entro, o coração martelando na garganta. O ambiente em si é aconchegante, cheio de cedro e carvalho, mas parece não ser usado. Vazio. Duvido que ele tenha vindo aqui muitas vezes.

Ainda assim, ter acesso ilimitado desse jeito é... *emocionante*.

— Quem diabos é você?

Eu me viro, ficando cara a cara com um garoto alto e magro usando óculos de armação metálica e uma camisa polo marrom comprida com uma sereia estampada na frente.

Reconheceria esse logotipo em qualquer lugar. *Escola Preparatória Rockford*.

A lembrança da primeira vez que o vi retorna com força: na página da frente de um folheto que estava em cima da mesa do meu tio. Eu tinha 14 anos na época e, conforme folheava as páginas, tomado pela expectativa, comecei a pensar se meu tio enfim havia se cansado de abusar de mim. De me lembrar como odiava meu pai de todas as maneiras, pregando em meus ouvidos que eu deveria pagar por seus pecados.

Enfiei o folheto no bolso e o levei direto para Ru.

— *Acha que o tio vai me mandar pra lá? — Não consigo evitar a empolgação nas palavras, esperança brotando na voz.*

Ru sussurra, fumando um charuto:

— *Pra que quer ir à Ilha dos Piratas?*

— *Pra onde?*

Ele aponta para o folheto.

— *Escola Preparatória Rockford. É um internato que fica na Ilha dos Piratas, uma ilha no litoral. Precisa pegar um barco para chegar lá e eles têm fama de...* — *Ele hesita.*

Meus olhos se estreitam.

— *De quê?*

— *De consertar jovens problemáticos, garoto. E seus métodos não são conhecidos por serem amigáveis.*

Meu estômago revira, mas contraio a mandíbula.

— *Bem, ainda quero ir.*

Ru bufa, soltando uma risada, e olha para mim com um sorriso malicioso.

— *Ah, é? Acha que seria útil levar umas boas surras pra arrancar esse ar*

britânico de você?

Irritação por sua brincadeira se mistura com a vergonha que vive na trama da minha alma até que explode.

— Já passei por coisa pior e por muito mais tempo. — Eu me levanto, indo em direção a Ru, meu terno um pouco largo no meu corpo de 14 anos. — Eu faria qualquer coisa pra ficar longe dele. — Minha voz está baixa.

O sorriso de Ru desaparece, sua cadeira rangendo quando ele se levanta e se aproxima, encontrando meu olhar.

— Que merda ele está fazendo com você, garoto?

Nunca fui para o internato Rockford. Confessei a Ru alguns dos meus segredos mais sombrios naquele dia, o desespero soltando minha língua, na esperança de que alguém agisse a meu favor. Que alguém finalmente me visse e entendesse. E ele compreendeu.

Não sei dos detalhes, mas, depois daquela noite, o pior passou. Claro que as surras continuaram até eu ficar velho e forte o suficiente para revidar, mas meu tio nunca mais entrou de fininho no meu quarto.

Mesmo que Ru não tenha dito uma palavra desde então, sei que ele foi o motivo.

Sorrindo, eu me forço a voltar ao presente, colocando as mãos nos bolsos e me apoiando nos calcanhares.

— Você deve ser Jon.

Fico surpreso ao ver como ele é diferente de Wendy.

Seu queixo se ergue.

— Quem está perguntando?

Sorrio. Acho que vou gostar bastante desse garoto.

— Sou James, amigo de sua irmã. Ela me pediu para vir aqui.

Seus olhos se estreitam antes de acenar com a cabeça, andando até mim e estendendo a mão.

— Ótimo. Ela precisa de um amigo.

Cumprimento-o e uma pequena admiração pelo menino cresce, sua lealdade para com a irmã é algo que eu respeito. Ele não desvia o contato visual por um segundo sequer e seu aperto é forte e seguro.

— Ah. — A voz de Wendy vem da porta do escritório. — Vocês já se conheceram. Excelente. — Ela olha ao redor. — O que estão fazendo aqui?

Abro a boca para responder, mas Jon interfere:

— Estava apenas mostrando a casa a ele — responde.

Minhas sobrancelhas se erguem com a minha surpresa.

Ela sorri.

— Que legal. Está pronto?

Os olhos do garoto perdem o brilho, o dedo empurrando os óculos no nariz para cima.

— Sim. Vamos.

Enquanto caminhamos para o meu Audi, meu celular vibra no bolso. Eu o pego, olhando para o identificador de chamadas, o nome de Ru aparecendo na tela.

Acaricio o cabelo de Wendy, dando a volta por ela para abrir a porta do passageiro.

— Tenho que atender esta ligação. Já volto.

Ela acena e os dois se acomodam enquanto me afasto um pouco.

— Roofus.

— Garoto, onde você está? Temos uma reunião em três horas. Vou dizer a ele que estamos fora. Outro de nossos investimentos não deu muito certo e não confio nem um pouco nesse cara novo.

Fico tenso quando olho para Wendy e Jon, a cabeça dela jogada para trás enquanto dá risada.

— Estou bastante ocupado agora, mas devo ficar livre ao meio-dia. Onde vamos nos encontrar?

— No mesmo lugar. Estou indo para lá em algumas horas, mas vou levar um dos rapazes, não se preocupe.

Meus dentes rangem com tanta força que receio que vão acabar quebrando, a cabeça em conflito com a indecisão. Não quero que Ru vá sem mim, mas dei minha palavra a Wendy e, se desistir agora, perderei toda a vantagem que conquistei.

Suspirando, meu estômago revira.

— Te encontro lá assim que puder.

— Tudo bem, garoto. E não faça planos esta noite, cansei de perder tempo. Temos trabalho a fazer.

Ele desliga e eu fico paralisado olhando para o celular, analisando todos os cenários possíveis que podem me levar até lá a tempo. A Escola Preparatória Rockford fica a uma hora de carro nos dois sentidos e mais meia hora até a Caverna do Canibal, mas, se eu me apressar, dá tempo.

Guardo meu celular de volta no bolso e vou para o carro, o desconforto me corroendo por dentro.

Primeiro, vou cuidar de Wendy.

E, depois, lido com o pai dela.

23

WENDY

Não tinha percebido que a escola ficava em uma ilha. Apesar de toda a preocupação que senti nos últimos dias, nem passou pela minha cabeça pesquisar o endereço no Google.

À medida que nosso carro entrava na balsa, fiquei mais nervosa, a tal ponto que mal conseguia me concentrar na conversa casual entre James e Jon – os dois se dando muito bem, parecendo velhos amigos. Mas assim que desembarcamos, consigo me concentrar, e meu peito se aquece ao ouvir James dando atenção ao meu irmão, da maneira que sempre desejei que nosso pai desse. Em algum momento, sei que vou precisar abrir mão da minha visão ingênua dele. Terei que parar de me lembrar dele como o pai que me levantava em seus ombros e dizia que eu podia ajudá-lo a governar o mundo e começar a vê-lo como o estranho que gosta de me manter inferior e insignificante.

É difícil renunciar às pessoas, apenas deixá-las se afastar até que só existam em suas memórias. Pois, assim que fizer isso, precisarei admitir que talvez esta versão nunca tenha existido de verdade.

— Você está bem, querida? — A voz de James me tira dos meus pensamentos, nosso carro parando no estacionamento da Rockford.

Forço um sorriso, não querendo me concentrar na ausência do meu pai, escolhendo pensar em como é *James* que está aqui agora, garantindo que Jon e eu não façamos isso sozinhos.

A escola em si é grande, pairando sobre nós como um castelo com torres altas e janelas arqueadas, mas o ar em torno dela é pesado. Sufocante. Afasto

essa sensação, torcendo para que sejam apenas minhas emoções voláteis me fazendo ver as coisas de forma distorcida.

Talvez ele goste daqui.

— Parece bom — digo, tentando trazer um tom animado à minha voz.

Jon fica ao meu lado, os olhos observando o prédio.

A mão de James descansa na parte baixa das minhas costas.

— Parece um pouco sombrio, não é?

Jon sorri para ele.

— Pesquisei antes de vir. Sabia o que esperar.

Fico surpresa, meu coração apertado por ele ter contado tão facilmente a James o que não contou para mim.

Entramos, um aperto melancólico me sufocando. Não quero deixar Jon aqui, nem que seja pela saudade que vou sentir dele. A família sempre foi a coisa mais importante na minha vida e agora parece que estou no meio de uma correnteza, assistindo tudo ser levado embora pela onda, sendo deixada sozinha para lutar contra a sua força.

O ar na secretaria me pressiona a cada passo e é só quando sinto a mão de James nas minhas costas que endireito a coluna, permitindo que ele me passe um pouco de sua confiança para os meus ossos. Eu me aproximo dele em busca de apoio.

Tem uma mulher sentada atrás da mesa da recepção, seus cabelos grisalhos amarrados em um coque apertado, óculos pendurados por uma cordinha de miçangas junto à camisa.

— Oi — começo a dizer. — Estou aqui para deixar meu irmão. Ele deve começar hoje.

Os lábios da mulher se estreitam conforme me analisa, depois desvia o olhar para Jon antes de, por fim, pousá-lo no homem ao meu lado.

— O diretor Dixon estará disponível em breve — avisa. — Até lá podem se sentar, aviso quando ele puder recebê-los.

— Certo, obrigada. — Eu me viro para ir me sentar, mas o aperto forte de James nas minhas costas me mantém no lugar.

— Peço desculpas, senhorita... — Ele se inclina por cima da mesa.

Os olhos da mulher ficam arregalados, os lábios se curvando para cima nos cantos.

— Sra. Henderson.

— Sim. Claro, você é casada. — sussurra. — Que pena.

— Ah, que isso. — Ela olha para baixo, o rosto ganhando um tom rosado,

e a diversão dança em meu peito por ele parecer estar *flertando*.

— Entendo que você e o diretor Dixon devam ser pessoas extremamente ocupadas — continua ele —, mas *estamos* com muita pressa.

Minhas sobrancelhas se franzem. *Estamos?*

— Você estaria me fazendo um grande favor se o avisasse que estamos prontos *agora*.

O sorriso dela desaparece e isso não me surpreende, porque mesmo que ele soe nada menos do que um cavalheiro, há um fundo de ordem em seu tom, um que não deixa espaço para discussão.

Ela acena devagar com a cabeça, estendendo a mão e pegando o telefone, antes de falar algumas palavras e desligar.

— Vou levá-los até ele. — Ela sorri.

— Ótimo. — James junta as mãos.

Jon e eu trocamos um olhar, a mão de James voltando a descansar na base das minhas costas, conduzindo-me pelo corredor.

O diretor Dixon é um homem baixo e corpulento que estufa o peito e sorri tanto que dá para ver os dentes do siso. Ele passa pelo histórico escolar e promete que Jon estará em boas mãos, ainda mais por ele ser filho de *Peter Michaels*; de quem o diretor nos lembra, milhares de vezes, ser amigo. Mas, por mais autoridade que ele pareça ter, não é capaz de comandar um ambiente igual a James, que o faz só com sua simples presença. E, para cada pergunta que James faz, a voz do diretor Dixon fica mais tensa.

— Vocês têm mais alguma pergunta antes de nos despedirmos? — pergunta Dixon. — Vou pedir para um dos monitores vir e mostrar o quarto ao Jon.

Minha garganta começa a se fechar, sem querer me despedir, e estendo a mão, meus dedos se entrelaçando com os de James.

Ele aperta minha mão na dele, trazendo nossas mãos unidas para a boca e dando um beijo na minha. Sinto frio na barriga.

— Você e Jon me esperem no saguão, está bem? — pede James. — Vou dar uma palavrinha com o diretor.

Inclino a cabeça.

— Por quê?

— Querida. — Ele coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Quero cuidar de você, e isso se estende ao seu irmão. Só estou garantindo que estamos todos de acordo.

Eu me derreto toda com a gratidão que me invade. Porque ele está aqui.

Porque vai garantir que Jon tenha tudo o que precisa. Porque ele *se preocupa*. Fico na ponta dos pés e dou um beijo em seus lábios.

— Muito obrigada.

Ele pisca e me gira, empurrando-me com gentileza para o corredor. Eu viro uma última vez e o vejo fechar a porta, os olhos do diretor se arregalando de modo quase imperceptível.

— O que acha que ele está fazendo lá? — pergunta Jon quando voltamos para a secretaria.

Dou de ombros.

— Não sei. Coisas de negócios, acho.

Jon cantarola.

— Gosto dele.

Sorrindo, olho para ele.

— Eu também.

— Tudo bem, sabe? — diz ele.

— O quê?

— Ficar triste por eu estar indo embora.

Minha garganta aperta e olho para o teto, tentando conter as lágrimas. Juro que chorei mais nos últimos dois dias do que desde a morte da minha mãe e já estou cansada disso. *Odeio* me sentir tão fraca.

— *Estou* triste. — Sorrio para ele. — Mas você não está muito longe, e é só me ligar.

Ele acena com a cabeça.

— Também vou sentir saudades.

Os braços dele me envolvem e fecho os olhos, o nó na garganta aumentando até queimar.

— Eu te amo, Wendy.

A dor se move até parar atrás dos meus olhos e meus braços se apertam ao redor dele.

— Eu também te amo. Sinto muito que o papai não esteja aqui.

Ele se afasta, a mandíbula tensa.

— Não precisamos dele.

James vem pelo corredor alguns instantes depois, indo direto para Jon e entregando a ele um pedaço de papel.

— Gostaria que pegasse este número e gravasse no seu celular. Se precisar de *qualquer coisa*, me ligue. — Meu coração acelera com o gesto dele.

O músculo na mandíbula de Jon treme, as narinas dilatando.

— Vou ficar bem.

— Não tenho dúvidas disso — responde James. Sua mão aperta o ombro de Jon quando ele se abaixa para falar em seu ouvido.

Eu me aproximo, tentando ouvir o que ele diz.

— Lembre-se de que, sempre que as coisas parecem insuportáveis, todas as situações são temporárias. Não é a sua circunstância que determina o seu valor, é como você renasce das cinzas depois que tudo queima.

24

JAMES

Deixo Wendy na casa dela e mal me despeço, a impaciência me deixando mais tenso a cada segundo desperdiçado.

A ida até Rockford demorou mais do que o previsto, mas achei importante informar ao diretor o que espero de sua equipe quando se trata de Jonathan Michaels. Não sei por que sinto tanta afinidade com ele. Talvez porque seja irmão de Wendy e, como ela é minha, por consequência ele também é. Ou, talvez, seja porque vejo muito de mim nele. Reparo na forma com que seus músculos ficam tensos, defendendo-se de um ataque que ele sabe que não pode controlar.

Em ambos os casos, só de olhar nos olhos de Wendy, pude ver que hoje foi difícil. Com certeza, ela teria dado conta de tudo sozinha, no pouco tempo que estou com ela, é fácil dizer que, embora seja dócil e bem-educada diante da maioria das pessoas, ela também é forte e leal até demais. Ama o irmão e, por algum motivo, esse tipo de vínculo familiar ressoa em mim e me faz querer garantir sua felicidade quando se trata das pessoas que ela ama.

Demora mais trinta minutos até meus pneus começarem a esmagar o cascalho pelo caminho que leva à Caverna do Canibal. O sol acabou de se pôr, banhando a paisagem com um tom rosado, não claro o bastante para ver com nitidez e nem escuro a ponto de não enxergar nada.

Eu me aproximo do nosso ponto de encontro de sempre, meu peito se contraindo ao perceber que não tem outros carros aqui. Estou atrasado, mas não *tanto* assim e um arrepio percorre minha espinha, meu instinto me dizendo para

ficar alerta. Estaciono o carro, deixando-o ligado enquanto observo os arredores.

Vazio.

O meu gancho pesa no bolso e estendo o braço pelo console do carro para abrir o porta-luvas, pegando minhas luvas e a pistola H&K USP 40. Em geral, gosto das lâminas, preferindo uma abordagem mais *íntima*, mas minha intuição nunca me deixou na mão e seria negligente da minha parte levar o gancho para o que poderia muito bem ser um tiroteio.

Visto as luvas, um dedo de cada vez, e inclino a cabeça para o lado, um estalo profundo reverberando pela minha espinha. Saindo do carro, guardo a pistola nas costas, prendendo-a no cós da calça antes de continuar a avançar. Ando devagar, sem querer perturbar o ar tranquilo. Meus ouvidos estão bem atentos, à espera de ouvir a risada espalhafatosa de Ru ou talvez suas palavras incisivas. Mas está silencioso, nada além do som das cigarras nas árvores e da brisa que farfalha entre as folhas. O céu escurece conforme o sol continua a deslizar no horizonte, fazendo minha visão se distorcer ao caminhar até a entrada da caverna. Normalmente a gente faz reuniões do lado de fora, mas talvez, por algum motivo, foram mais adiante.

Meu coração bate em um ritmo lento e constante dentro do peito, tendo aprendido a controlar o ritmo há muito tempo, quando meu tio costumava dizer como gostava de senti-lo acelerar sob suas mãos.

Tem alguma coisa errada.

Está quieto demais. Meu pé escorrega em algo duro e paro, olhando para baixo quando levanto a sola do sapato.

Um brilho colorido chama minha atenção.

Ofego, meu coração vacilando em seu ritmo constante.

Agachando-me, afasto os restos de galhos caídos e folhas secas, revelando um brilho vermelho ofuscante.

Rubis, para ser exato.

Meu estômago se revira.

Não.

Endireitando-me, pego minha arma atrás das costas, a tensão tomando conta enquanto seguro o isqueiro personalizado de Ru. Eu me aproximo da beirada da caverna, então paro bruscamente.

O baque da minha pistola caindo no chão é quase inaudível através do zumbido pesado em meus ouvidos.

Porque, bem na minha frente, está Ru. Preso a uma árvore, suas mãos e pés pregados nos troncos, a barriga aberta de fora a fora.

Gelo corre pelas minhas veias, abalando meu sistema nervoso até que ele vibra, parecendo uma TV cheia de estática. Avanço com cautela, os pés pesados feito chumbo, querendo correr na direção oposta – voltar no tempo para desfazer esse erro.

Respirando fundo pelo nariz, engulo o grande nó na garganta e ergo o queixo ao perceber a extensão do dano causado a ele.

Os olhos de Ru estão abertos e vermelhos – os mesmos olhos que me mostraram bondade quando eu era um garoto acostumado a ver apenas ódio.

Sua boca pende, frouxa – a *mesma* boca que me ensinou a nunca desistir. Nunca me entregar. Aquela que me disse que eu era como um filho.

Meu peito se contrai com tanta violência que eu vomito, meu corpo se dobrando ao meio enquanto apoio as mãos nos joelhos, tentando controlar as ânsias.

Devagar, eu me endireito e o olhar vai para a pele rasgada de suas mãos – as mesmas que me ensinaram como empunhar uma faca e como atirar com uma arma. As que me salvaram de anos de tormento causados por um mal que nem *eu* consigo compreender.

Meu estômago volta a se revirar e desvio o olhar, as narinas dilatando quando tento afastar a onda de memórias que ameaçam vir à tona. Mas é tarde demais, a onda de dor aumenta e me atinge parecendo um furacão, minha cabeça não é capaz de conectar o cadáver mutilado na minha frente ao homem que me ensinou tudo o que sei.

O homem que me defendeu de meus pesadelos.

Aproximo-me ainda mais, meus pés se atrapalhando no chão, mãos trêmulas quando chego à árvore. Meu sapato escorrega em uma poça, o líquido espirrando na barra da calça. Fico paralisado, olhando para a poça de sangue; a força vital do único homem neste planeta que se importou a ponto de me acolher. A dor explode por dentro, arranhando minha garganta e escorrendo pelos meus olhos. Lágrimas descem pelo meu rosto e meu queixo, o buraco no meu peito racha e treme até que tudo dentro de mim parece que vai rasgar ao meio com o tremor.

A bile queima o fundo da garganta com o cheiro de suas vísceras, mas ignoro o fedor, meus dedos alcançando e agarrando o prego cravado em sua mão esquerda. Está escorregadio, coberto de sangue que está começando a secar, e conforme firmo o braço e puxo, o estalo doentio do ferro se soltando da pele é suficiente para fazer até o estômago mais forte revirar.

Olho para o prego na palma da mão, sentindo como se *eu* estivesse sendo

pregado, até que algo escuro e pesado rompe as rachaduras, deslizando por mim e envolvendo uma corda invisível no meu pescoço.

Enquanto me obrigo a soltar seus outros membros, seu corpo deslizando da árvore e caindo no chão, percebo que mesmo o mais destruído dos corações ainda possui capacidade de sofrer mais.

Porque o meu acabou de ser dizimado a cinzas.

Eles não apenas o mataram.

Eles o *evisceraram* e o amarraram para os animais comerem os restos.

Mas sou pior do que qualquer animal selvagem que vive nestas florestas e vou caçar todos os envolvidos como presas, banhando-me em seu sangue e dançando ao som de seus gritos até que se arrependam de seus pecados.

Meus dentes rangem com tanta força que a mandíbula estala, minha visão ficando embaçada quando uma dor profunda se instala no peito.

Eu poderia ter evitado isso.

Mas estava com...

Wendy.

Minha cabeça se ergue para o céu, os pensamentos se estilhaçando em um milhão de pedaços ao mesmo tempo em que me pergunto se de alguma forma ela participou desse plano. Se sabia disso e me distraiu, permitindo que seu pai se esgueirasse e mais uma vez tirasse a única coisa que me importa.

Sua pequena sombra.

As palavras de George, o padeiro, passam pela minha cabeça, só que, desta vez, vejo de um ângulo diferente. Minha cabeça está clara, sem a névoa da luxúria pela mulher que tem o mesmo DNA do homem responsável por boa parte da minha dor.

— *Era uma mulher. Disse que havia um novo chefe na cidade.*

O choque me atravessa feito uma corrente elétrica, colidindo com a raiva fervendo até que queimam e explodem, a ira chamuscando em minhas veias e rompendo por meus poros.

Sinto o ácido no fundo da garganta.

Tinha presumido que era Tina, a assistente de Peter. Mas Wendy estava lá naquele dia. *Ela estava lá.* Solto um suspiro profundo.

Minha mão enluvada percorre a boca, o couro áspero contra os lábios secos.

— Eles não vão se safar. — Minha voz falha. — Vou fazê-los sofrer por cada momento de dor que você suportou.

Meu polegar roça a inscrição no isqueiro, ainda firme na palma da mão.

Sempre em frente até o amanhecer.

Com uma respiração profunda, eu o abro, o tilintar da tampa e a faísca da chama os únicos sons, além dos gritos silenciosos arranhando minha alma.

— Descanse em paz, amigo.

A dor me atravessa quando jogo o isqueiro nas folhas caídas, observando conforme pegam fogo e se espalham, o corpo de Ru sendo engolido pelas chamas aos poucos.

25

WENDY

Um único e triste cupcake está no centro da minha ilha de cozinha, com glacê branco e granulado espalhados de qualquer jeito, colorido demais numa casa cinza e vazia. Já se passaram três dias desde que Jon se foi, deixando-me completamente sozinha e, para ser sincera, deprimida.

Sempre dediquei meu tempo à família, não estando disposta a deixar nossas raízes frágeis quebrarem após a morte de minha mãe.

Mas, agora, não vejo muito sentido.

— Feliz aniversário para mim. — Suspiro, apagando a vela.

Olho para o meu celular e o peito aperta. São quase sete da noite e, além de uma curta mensagem de aniversário de Angie, ninguém ligou o dia todo.

Nada do meu pai.

Nem Jon.

Ou James.

Embora, em defesa de James, nunca disse a ele quando era meu aniversário. Só que ele sumiu desde segunda-feira, quando me ajudou a levar Jon até Rockford.

Tirei o dia de folga do The Vanilla Bean, mas agora estou me arrependendo da decisão, o vazio da solidão ecoando pelos tetos altos e pisos de mármore da minha casa.

De repente, meu celular toca e a expectativa me ilumina. Mas, quando olho para o identificador de chamadas e vejo que é meu pai, a decepção lança uma sombra sobre mim.

Eu queria que fosse James.

Essa revelação em si me assusta, porque, em algum momento nas últimas semanas, meu pai escorregou de seu pedestal, a dor de sentir falta dele silenciada e entorpecida.

— Oi, pai.

— Pequena Sombra, feliz aniversário.

Meu estômago se contrai.

— Obrigada. Queria que você estivesse aqui para comemorar.

— Eu também.

Que decepção, eu me sinto idiota mais uma vez por esperar que talvez ele estivesse ligando para dizer que estava a caminho.

— Escute — continua —, vou mandar um novo segurança para a casa amanhã.

Que estranho.

— O quê? Por quê?

Meu pai vive com seguranças, mas sempre mantivemos nosso endereço particular com *mais discrição*.

— Alguns babacas andaram me chantageando e preciso ter certeza de que está segura. Que a casa está segura.

Mordo o lábio. *Chantagem?*

— O quê? Não, pai... eu... eu não preciso de um maldito *guarda-costas*. É ridículo. — Dou risada. — Vou ficar bem.

— Isso não está em discussão, Wendy. — Sua voz é severa e me atravessa feito uma faca, fazendo meus pulmões doerem no peito. Ele fala como se eu fosse uma criança, incapaz de me cuidar sozinha. Como se eu não fosse inteligente suficiente para lidar com a verdade do que quer que esteja acontecendo.

Chantagem. Fala sério.

— Pai, não sou mais criança, só me diga o que está acontecendo. Talvez eu possa ajudar.

Ele ri.

— Wendy, você não pode ajudar. Só precisa ouvir e fazer o que eu digo.

A raiva nada em minhas veias e minha mandíbula enrijece. Talvez algumas semanas atrás, eu tivesse *apenas ouvido*, mas, depois de estar com James — depois de ser tratada como uma mulher cuja voz é ouvida e as opiniões consideradas —, rastejar de volta para o papel que meu pai espera que eu desempenhe é como sentir barras de aço reprimindo minha alma.

E não vou fazer isso.

Mas brigar com meu pai é igual falar com uma porta, então fico em silêncio, pensando em como vou lidar com as coisas quando desligar.

Talvez James possa ajudar.

— Tudo bem, pai. Estou ouvindo.

— Ótimo — diz ele. — Estarei em casa nas próximas semanas e podemos jantar. Uma noite só para nós dois, está bem?

Minha garganta arde.

— Uhum — eu me obrigo a responder.

Uma voz feminina aparece ao fundo da ligação.

— Pete, aonde vai me levar hoje? Quero saber se devo colocar algo elegante ou se vamos pedir para entregar aqui.

Sinto os pulmões arderem, percebendo que ele não está trabalhando, só preferiu levar Tina para sair no *meu* aniversário em vez de estar em casa para passá-lo comigo. E tudo bem. Está tudo absolutamente *bem*.

Desligo o telefone sem me despedir, sem saber se conseguiria impedir que as palavras ríspidas voassem da língua, e não quero dizer algo do qual possa me arrepender.

Sinto uma dor latejante no estômago, uma sensação doentia e horrível que pesa e me faz querer desabar.

Mas não vou ceder.

Subo as escadas e vou para o meu quarto, decidindo fazer uma mala e ir embora. Tenho alguns milhares de dólares em minha conta bancária e, embora tenha certeza de que meu pai não ficará feliz, não há nada que ele de fato possa fazer. Ele não pode me *obrigar* a ficar, afinal.

Está um breu aqui, o sol se pôs enquanto eu encarava o meu cupcake. Então, acendo o abajur ao lado da cama, meus olhos se fixando na foto que tenho com a minha mãe de quando eu era criança.

Eu me pergunto se ela está em algum lugar olhando para nós, sentindo-se triste por não poder ficar por perto. Talvez, se ainda estivesse aqui, meu pai também estaria.

Balançando a cabeça, ignoro o ardor que irradia do peito enquanto vou até o meu espelho de corpo inteiro. Minhas mãos alisam meu vestido verde-claro, desamassando as rugas conforme olho para o espelho.

Pego a escova de cabelo na penteadeira ao meu lado e aponto para o meu reflexo.

— Você não é criança, Wendy. Você é uma *vadia má*. — Rindo com a

frase, passo as cerdas no cabelo, repetindo a afirmação na cabeça.

— Concordo, você definitivamente não é criança.

Quase morro de susto, a escova caindo no chão quando encontro um frio olhar azul no espelho. Minha boca se abre ao ofegar, o espanto ao vê-lo no meu quarto me fazendo congelar no lugar. Ele se move depressa, seu corpo empurrando o meu até que fico presa contra o espelho, a ponta de uma lâmina brilhando quando ele a pressiona no meu rosto, sua mão enluvada tampando meus lábios e abafando meu grito antes que eu sequer seja capaz de pensar em escapar.

— Ora, ora, Wendy, querida. — Ele estala a língua. — Nada disso.

Meu coração bate forte no peito e me sinto confusa, presa em uma teia de aranha. Gostaria de pensar que isso é uma brincadeira elaborada, mas a pressão de seu aperto faz o pavor subir pelo meu corpo. Eu o observo no espelho, mechas de seu cabelo escuro caindo na testa, seu casaco preto e as luvas de couro fazendo com que pareça o anjo da morte. Sua lâmina brilha no reflexo do espelho e sinto o metal frio quando a ponta em forma de gancho pressiona minha pele.

Fisgada.

Meu estômago se revira e se retorce, percebendo de onde vem o apelido dele.

Sua mão livre envolve meu cabelo, puxando minha cabeça para o lado, seu nariz deslizando ao longo da extensão pálida do meu pescoço.

— Você sabia que o medo tem cheiro?

Minhas narinas se dilatam quando tento respirar, o terror pulsando no ritmo acelerado do meu coração. Sinto a dor de onde ele puxou meu cabelo e me concentro nela para não surtar.

— Não, suponho que não. — Sua boca se curva para baixo. — Tem tudo a ver com feromônios, na verdade. O cheiro do medo desencadeia uma reação na amígdala e no hipotálamo. Um tipo de aviso, por assim dizer, o qual os humanos há muito tempo se tornaram insensíveis. — Ele volta a se aproximar, inalando fundo, as pontas de seu cabelo fazendo cócegas na minha pele.

Tento manter o olhar firme, meu corpo tremendo com a adrenalina que está pulsando nas veias, meus pensamentos disparados ao tentar pensar em uma saída para esta situação.

Ele vai me matar?

Tudo se aperta por dentro, olhos ardendo ao perceber que tudo o que pensei saber a respeito dele era mentira. O pânico me deixa sem ar, as mãos

tremendo quando pressionam o espelho.

— *Seu* medo tem um cheiro doce — sussurra.

A mão dele desce pela frente do meu corpo, deslizando por baixo do vestido e se alojando entre minhas pernas. O tecido da luva é áspero contra a pele sensível, e o horror transborda de minhas veias feito veneno, congelando meu sangue e parando meu coração.

— Diga-me, querida... — A voz dele ressoa em seu peito, vibrando nas minhas costas e me fazendo arrepiar. — Seu plano sempre foi me enganar?

Fico tensa, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e se arrastando pelas costas de sua mão, misturando-se ao couro sem chegar a pingar no chão. Balanço a cabeça, meu cabelo enganchando em seu casaco. Luto para respirar, queria que ele soltasse minha boca para eu poder perguntar de que *merda* ele está falando.

— Acho que não acredito em você. — Sua mão empurra o meu centro e meu clitóris traidor incha contra ele. — Afinal, você sempre foi uma *boa menina*. Tão obediente, sempre seguindo ordens.

Ele dá um beijo leve na minha garganta antes de descansar o queixo na junção entre meu pescoço e ombro, sorrindo para o nosso reflexo.

— Tão linda — diz, deslizando a ponta achatada de seu gancho pela minha bochecha até a ponta parar no arco dos meus lábios. É sensual de um modo estranho e minha respiração vacila enquanto tento manter uma fachada calma em contraste com a dicotomia de suas ações e seu toque carinhoso.

Quem é este homem?

— Que pena. — Ele suspira, afastando a faca do meu rosto, seus olhos travando nos meus através do espelho. — Só vai doer por um segundo.

Minhas sobrancelhas se franzem e meu peito se contrai quando vejo uma seringa sendo puxada de seu bolso. Meu corpo entra em modo de sobrevivência, meu coração dispara quando minhas mãos tentam agarrar seus braços e então...

Nada.

26

WENDY

É o latejar na minha cabeça que me acorda. Meus cílios tremem, uma dor aguda perfurando entre meus olhos. Tento pressionar a mão no lugar para diminuir a dor, mas meu movimento é impedido, algo tilinta quando me movo.

Volto a puxar e meu corpo dá um tranco para frente antes de cair em algo duro. Meu cérebro está lento, como se estivesse saindo de uma tempestade só para acabar em uma névoa espessa, porém, quando começo a acordar, percebo que, *sem sobra de dúvidas*, não estou deitada. E meus braços estão presos.

Pensar em abrir os olhos faz meu estômago todo revirar, ainda assim, abro as pálpebras, uma de cada vez, o rosto franzindo enquanto me preparo para a luz.

Quando consigo focar o olhar, percebo que está escuro.

Escuro *mesmo*.

A consciência volta e meu coração ganha velocidade, ricocheteando contra minhas costelas.

Cerro os olhos, tentando me orientar, só que é difícil de me concentrar. De pensar.

Engolindo, estremeço com o arranhão na garganta e descolo a língua seca do céu da boca. Tento mover as mãos de novo, mas não se mexem muito, aquele mesmo barulho de tilintar de antes reverberando em meus ouvidos e nas paredes. Olho para baixo, quase não consigo distinguir as grossas algemas metálicas presas nos pulsos. Meu estômago revira, uma dose de pânico me inundando. Abro os dedos, sentindo algo frio e duro embaixo de mim.

Tudo bem, Wendy. Está tudo bem.

Meu coração bate descontrolado e pisco sem parar, tentando ajustar a visão para ver no escuro. Mas não adianta. Os tentáculos gelados do medo serpenteiam pelas minhas costas, enrolando como videiras ao redor do meu corpo e apertando mais forte a cada respiração. Puxo os braços contra as correntes de novo, mais forte desta vez, o que causa uma dor aguda no meu braço e uma ferroada nos pulsos. Fechando os olhos, minha cabeça bate em uma parede fria enquanto tento acalmar a respiração.

Entrar em pânico não vai ajudar.

O que aconteceu?

Meu aniversário.

Então, James.

Gancho.

A lembrança vem igual a uma enxurrada, inundando a barreira mental da minha sonolência e partindo meu peito ao meio.

Um clique soa do lado oposto da sala e minha cabeça se vira em direção ao barulho, meus olhos semicerrando quando uma porta se abre e a luz de um corredor entra.

— Que bom. Você está acordada.

Meu corpo treme assim que vejo Curly entrar. Ele encosta a porta, deixando-a entreaberta para permitir que um pouco da claridade penetre.

— O q... — Estremeço, a garganta arranhando e dificultando a fala.

Seus passos são audíveis no chão conforme se aproxima e tento me enrolar em mim mesma, esconder-me desse homem o máximo possível, mesmo que não haja para onde ir.

Curly para na minha frente, o lado direito de seus lábios curvando-se para cima.

— Oi, docinho.

Olho para ele por longos segundos, o desgosto me invadindo e revirando o estômago. Ele sempre foi tão gentil. Na verdade, achei que talvez pudéssemos ser amigos, mas aqui está ele, olhando para mim acorrentada a uma parede e *sorrindo*.

— Porra. — Minha voz falha, mas engulo através da dor e continuo. — Você.

Ele se agacha na minha frente, um prato de plástico nas mãos.

— Bem, isso não é muito legal. Até parece que *eu* te coloquei aqui.

A raiva ferve lá no fundo.

— Trouxe comida para você. — Ele estende a mão, pegando um pedaço

do que parece ser pão. — Abre a boca.

Aperto os lábios, virando a cabeça.

Ele suspira.

— Não complique isso mais do que o necessário.

Algo dentro de mim estala e meus olhos se estreitam, meu rosto se voltando para ele. Um pouco de saliva se reúne na boca quando sinto o cheiro do pão à minha frente. Eu a junto na ponta da língua e cuspo em seu rosto.

O som do prato caindo no chão é o único ruído no lugar além das batidas do meu coração e o som da nossa respiração.

Seu sorriso desaparece, os olhos calorosos esfriando conforme enxuga o cuspe do rosto.

— Tudo bem. — Ele se aproxima. — Que morra de fome, porra.

Ele pega o prato do chão e vai embora. A porta se abre e fecha, e estou sozinha no escuro de novo.

Meu estômago doí, algo pesado e pontiagudo se expandindo por dentro, dilacerando a calma até me deixar ofegante, meu coração batendo tão rápido que acho que vou infartar.

*

O tempo se move de um jeito diferente quando se está acorrentado em um lugar vazio. Minha cabeça ainda está tonta e meu corpo treme com um arrepio tão profundo que o sinto nos ossos. Entro e saio de um sono inquieto, não importa o quanto tente ficar acordada – para bolar algum tipo de plano.

Meus olhos se abrem depois de outro ataque de perda de consciência. *Eu devo ter sido drogada.*

Não tenho certeza de quantas horas se passaram, ou talvez tenham sido dias, mas minha visão se acostumou à escuridão há algum tempo e consigo distinguir com clareza uma longa mesa empurrada na extremidade do ambiente, um pequeno monte do que parece ser algum tipo de pó embalado e empilhado no canto.

Semicerro os olhos, tentando ver com mais nitidez, descobrir se é algo que posso alcançar e usar a meu favor de alguma forma.

Mas sei que é inútil. Não há nada que eu possa fazer. Nada de armas à minha disposição, não que eu soubesse como usá-las, mesmo que houvesse. E

mesmo que eu fosse capaz de manusear uma, não tinha chance de chegar até lá, já que estou presa a uma parede.

Tudo o que tenho agora é a minha fé.

Confiança.

— Pó mágico.

Meu coração para ao ouvir o sotaque sedoso, o estômago se agitando feito uma montanha-russa. Viro a cabeça para a direita, notando pela primeira vez desde que acordei que tem uma cadeira a poucos centímetros de distância. E James está sentado nela, com as pernas abertas enquanto me observa, as mãos enluvadas pousadas no colo e segurando uma faca.

Ele aponta a cabeça para a mesa que eu estava olhando.

— O que você está vendo. É pó *mágico*.

Fico nervosa quando ele se levanta e caminha até mim, sua beleza fazendo meu corpo se acender. A forma que meu corpo reage a ele me faz sentir náusea logo depois. Por eu ter *dado tudo a ele* e ele ser ninguém menos que o vilão disfarçado.

O ruído de seus passos ecoa nas paredes, a vibração abrindo meu peito e fazendo o sangue ferver. Ele para na minha frente, seus sapatos pretos perfeitamente polidos diante das pontas dos meus pés descalços.

Ranjo os dentes, uma pontada aguda de dor vibrando na mandíbula.

— Você deveria comer.

— Vá se foder — cuspo.

Ele estala a língua.

— O que eu te disse dessa sua boca suja?

Minha cabeça se inclina quando olho para ele.

— Você disse muitas coisas, *Gancho*. Acontece que na verdade, na verdade *mesmo*, não estou nem aí para nenhuma delas. — Os insultos soam estranhos quando saem dos meus lábios, mas, agora, são tudo o que tenho. Sei que o incomodam e, como não posso me libertar e arrancar seus olhos com as unhas, tenho que me contentar com o que tenho.

Seus lábios se curvam em um sorriso estreito, o que me faz arrepiar. Ele aponta para mim com a faca.

— Não sou o mentiroso aqui, querida. Quem tem telhado de vidro não atira pedra no do vizinho.

— Nem sei o que está acontecendo! — Meu corpo estremece quando puxo as correntes, as mãos batendo inutilmente no chão.

Seus olhos vão do meu rosto para onde estou presa à parede, o sorriso

desaparecendo do rosto.

— Fazer-se de vítima é uma característica muito imprópria. — Sua voz soa monótona e o tom vazio faz meu peito se comprimir, percebendo que o charme caloroso ao qual estava acostumada desapareceu por completo.

Solto um suspiro, a descrença me apertando por dentro.

— Você me acorrentou a uma parede — afirmo.

Ele concorda.

— Uma tática temporária, lhe garanto.

Meus olhos se estreitam, a raiva borbulhando no estômago.

— Você me drogou.

Ele gira a faca entre os dedos, o movimento tão praticado e fluido que faz uma pontada de medo disparar no meu peito.

— Você teria vindo por vontade própria? — Sua sobrancelha se arqueia.

Um caroço se aloja na garganta, tudo por dentro se quebrando com a força que faço para não deixar as lágrimas escaparem.

— Eu teria ido a *qualquer lugar* com você. — Minha voz falha. — Por favor, eu...

Perco a batalha para as emoções e a umidade escorre pelo rosto, as lágrimas quentes contra minha pele gelada.

Ele se agacha, a lâmina pendurada entre as pernas, seu olhar me desnudando e queimando viva.

— Seu pai pegou uma coisa... — Ele faz uma pausa, fechando os olhos por um instante. — Algo insubstituível para mim.

Meu coração para e eu fungo, tentando impedir que meu nariz escorra com minhas lágrimas.

— Meu pai? Eu não...

Ele se levanta e anda pelo lugar até chegar à cadeira, sua mão a segurando pelo encosto e a arremessando em mim. Meus pulmões param e entro em choque quando a madeira se estilhaça ao lado da minha cabeça, meu cabelo balançando com a força da batida na parede. Ele se aproxima de mim, avançando e segurando meu queixo com força.

— Não se faça de inocente, sua garota fútil e *burra*.

Meu coração me arranha no peito, os soluços me deixando sem ar conforme seus insultos e as pequenas lascas de madeira me ferem, parecendo cortes de papel na pele. Olhando bem em seus olhos, procuro por um sinal do homem que eu achava que conhecia. O homem a quem dei tudo.

Mas ele se foi há muito tempo.

Ou talvez jamais tenha existido.

Ele tem razão. Eu *sou* uma garota burra.

Minha língua desliza para fora, ficando presa nas bordas ásperas e rachadas dos lábios, e falo devagar, tremendo de dentro para fora. Este homem – Gancho – é um estranho. Algo sussurra na minha cabeça para ter cuidado. Para fazer o que for preciso só para sobreviver.

Meu pai virá por mim. *Ele tem que vir.*

— James — digo devagar. — Se meu pai... se ele fez alguma coisa.

Sua risada aguda vibra no ar, seu aperto aumentando até meus dentes cortarem a pele.

— Você apareceu no meu bar — diz entredentes. — E depois me distraiu quando outras pessoas mais precisavam de mim.

Tento balançar a cabeça, mas seu aperto é forte, seus olhos descontrolados encarando os meus antes de desviar para as correntes ao meu lado.

Sinto tudo revirar e ficar tenso por dentro, as terminações nervosas esgotadas e desgastadas, e observo esse estranho se enfurecer comigo com uma fúria infinita. Parece que ele quer me matar.

Meus dedos pressionam o chão, o coração batendo na garganta.

Inclinando a cabeça para o lado, seus olhos se fecham com um piscar lento. E, quando se abrem de novo, o fogo foi controlado.

Ele é uma lousa em branco. Seu olhar são apenas dois buracos vagos com bordas azuis.

O aperto no meu queixo afrouxa, os dedos enluvados acariciando a pele como se fosse um amante, antes de seu foco ir para as correntes na parede mais uma vez.

Eu inspiro e seguro o ar, com medo até mesmo de respirar, preocupada que isso possa fazê-lo explodir de novo.

Ele se levanta e tira algo do bolso.

Meu corpo se encolhe, o peito contraindo enquanto ele se aproxima. Ele paira sobre mim, seu cheiro forte invade minhas narinas e me faz me *odiar* pela forma com que meu coração dispara com a fragrância. Sinto um tranco no meu pulso e depois um clique, seguido por alfinetadas de dor descendo pelo braço conforme o sangue flui livre de volta para a mão.

Ele está soltando minhas correntes.

— Acho meio erótico ter você algemada nas minhas paredes — diz, enquanto se move para o outro lado. — Mas não é útil se estiver machucada.

Puxo os braços para o peito, meus dedos esfregando a pele em carne viva

do pulso.

— Pelo menos não no momento.

Seu rosto está a centímetros do meu e meu estômago se comprime com o movimento repentino.

— Se você fizer alguma gracinha, eu *vou* retaliar.

Sinto o peso da tristeza revirando o estômago e fazendo a bile ameaçar subir pela garganta.

— O que você poderia fazer que ainda não fez?

Seus olhos dançam pelo meu rosto, quase como se estivesse memorizando as linhas. A mudança repentina de comportamento faz com que o desconforto percorra todas as minhas células. Ele se aproxima, pressionando os lábios nos meus. Meu corpo paralisa no lugar, os olhos se arregalando.

Seu polegar acaricia minha bochecha.

— Você vai comer. Vai beber a água que trouxermos. — Seus dedos alcançam a minha nuca, apertando de leve. — E não fará nada *imprudente*, ou vou acorrentá-la ao teto e fazer seu sangue jorrar no chão.

A traição se aloja mais fundo a cada palavra que ele diz até que preenche todos meus poros e azeda meu sangue.

— Eu te *odeio* — sussurro.

Ele sorri antes de jogar minha cabeça com força para longe, minhas mãos envolvendo meu corpo quando caio de lado, os cotovelos estalando ao atingirem o chão.

Levantando-se, ele passa as mãos enluvadas pela frente do terno.

— Não cometa o erro de pensar que sou alguém que você pode desrespeitar.

A náusea aumenta.

Eu o obverso de onde estou no chão. Ele vai até a mesa, recolhe a pilha de pó mágico e segue em direção à porta. Faz uma pausa antes de sair, virando-se para olhar para mim.

— Tente se comportar, querida. Odiaria ter que puni-la. — Então ele se vira e, mais uma vez, estou sozinha.

27

JAMES

Já se passaram três dias desde que levei Wendy de sua casa e a escondi no porão do JR. Nesse meio tempo, senti mais emoções do que nos quinze anos anteriores juntos. Minhas noites estão agitadas de uma forma que jamais foram. Sonhos com Ru se levantando da sepultura e dizendo como falhei com ele me deixam com olhos estatelados e exausto.

Engraçado que uma vez ele acabou com os meus pesadelos apenas para, no final, acabar se transformando neles. A vida é sempre um círculo completo, acho.

Isso combinado com o desaparecimento contínuo de nossas cargas faz todo o meu corpo ficar tenso, pareço uma corda esticada prestes a arrebentar.

E Wendy... *Wendy*.

Bem, é uma pena que tenha chegado a este ponto, mas não há nada que se possa fazer em relação a isso agora. Ainda vou usá-la com o mesmo objetivo, só que, no final, em vez de permitir que fique livre, vou fazê-la assistir enquanto dreno a vida dos olhos de seu pai.

Em seguida, farei o mesmo com ela.

Sinto uma dor aguda no peito ao pensar nisso, mas tomo outro gole de conhaque e deixo a queimadura da bebida entorpecer a dor. O gelo tilinta no copo quando o coloco na mesa, e me acomodo na cadeira, assistindo Wendy pelas câmeras e girando nas mãos um convite para a festa de gala de caridade desta noite.

Ela está de pernas cruzadas no meio do porão, com os olhos fechados e as

mãos nas pernas, quase como se estivesse numa meditação profunda.

Starkey está sentado à minha frente, inclino-me em sua direção, apoiando os cotovelos na mesa.

— Me conta outra vez — digo, devagar. — Quem foi com Ru na reunião.

A mandíbula de Starkey está cerrada, o cabelo castanho claro bagunçado por seus dedos terem passado por ele.

— Ninguém.

— Ninguém — repito.

Ele levanta um ombro.

— Nem falou a ninguém que estava indo.

A irritação estala nas minhas veias, o papel sendo amassado sob meus dedos.

— Você tem certeza?

A perna de Starkey balança sem parar e meus olhos se abaixam, acompanhando o movimento. Aborrecimento me percorre como uma torneira estourada e mordo a bochecha com tanta força que gosto de cobre invade a minha boca.

— S-sim, chefe, tenho certeza.

Uma dor latejante aparece entre meus olhos e suspiro, apertando a ponte do nariz.

— Saia da minha frente.

— Mas ainda temos que...

Levanto-me da cadeira num pulo, pegando minha faca e a jogando na direção dele, ela finca na parede oposta.

— Eu disse para *sair*. — Meus dedos doem ao pressionar a madeira da mesa e olho para baixo, respirando fundo para manter a raiva sob controle. — Antes que minha mira melhore.

Ele sai em uma questão de segundos, o clique suave da porta fazendo meus ombros caírem.

As batidas nos meus ouvidos combinadas com o ranger de dentes é uma sinfonia, acompanhando o tornado de frustração incandescente que me chicoteia por dentro, tão potente que não consigo abafar.

Já faz quase uma semana desde o assassinato de Ru e ainda não estou mais perto de respostas.

As remessas estão desaparecendo, Peter Michaels está fazendo *de tudo* para controlar minhas ruas e, agora, devo me colocar no lugar de Ru e assumir oficialmente como chefe.

Um título que nunca estive interessado em ter.
Acrescente a isso a mulher irritante no meu porão e me sinto como um quebra-cabeça em branco com mil peças espalhadas.
Alguém bate na porta do escritório e eu suspiro.
— Entre.
Curly entra, o queixo descendo ao me cumprimentar de forma respeitosa.
— Alguma novidade? — pergunto.
Ele faz que não com a cabeça, caminhando até a tela onde Wendy aparece sentada, em silêncio.
— Não. Ela praticamente faz isso o tempo todo.
Olhando para o convite na palma da mão, uma ideia se forma. Afinal, sei que Peter estará lá, ele é o convidado de honra deles e é a primeira vez que estará em Massachusetts desde a noite da morte de Ru.
É hora de mostrar a ele o que acontece quando se subestima um monstro. Uma comoção me percorre, iluminando-me por dentro e eletrizando minhas veias ao pensar que *finalmente* vou colocar meu plano em ação.
E Wendy vai me ajudar. Quer ela queira ou não.

*

— Sentiu minha falta, querida? — pergunto quando entro no lugar escuro. Wendy ainda está sentada no meio, os olhos fechados e as pernas cruzadas.
— Nem um pouco — responde.
Uma risada borbulha na minha garganta, mas a engulo. Inclinando-me contra a parede, eu a observo, meu peito se contraindo conforme vejo os hematomas em seus pulsos e as mechas opacas de seu cabelo.
Ela abre um olho, então o fecha quando encontra meu olhar.
— As pessoas vão notar que desapareci, sabe.
Concordo com a cabeça, colocando as mãos nos bolsos.
— Estou contando com isso.
Ambos os olhos dela se abrem agora, seu olhar se fixando no meu, enviando uma onda de calor pelo meu abdômen.
— Meu pai virá me buscar.
Inclino a cabeça.
— Tem certeza?

Ela hesita, sua mandíbula se contraindo ao desviar o olhar.

— É claro que sim.

— Sei. — Afasto-me da parede, caminhando até ela. — De qualquer forma, ele não precisará vir. Nós vamos até ele.

Sua cabeça se vira rápido para mim e ela se levanta.

Continuo meus passos lentos em sua direção e ela fica tensa, seus pés indo para trás como se fosse capaz de escapar. Suas costas batem contra a parede de pedra e eu avanço contra seu corpo, meus quadris a pressionando, os braços estendidos para prendê-la.

— Para onde acha que poderia correr, Wendy, querida? — Afasto a mão da parede, meus dedos envolvendo o pescoço dela devagar. — Mesmo que fugisse daqui, não existe um lugar para onde pudesse ir que eu não a encontrasse.

Ela mostra os dentes, a respiração trêmula.

— Tire as mãos de mim.

Seu braço se move rápido, a mão espalmada e balançando para me dar um tapa no rosto. Eu me assusto e agarro seu pulso antes que ele me acerte, torcendo até seu corpo girar. Ela resmunga quando meu torso a empurra com força, minha mão livre pressionando a parte de trás de sua cabeça até sua bochecha estar esmagada na parede, seu braço travado atrás dela, preso entre nós.

Eu me inclino, meu queixo descansando em seu ombro.

— Não gosto de me repetir, então sugiro que ouça com atenção.

Ela sacode o braço, o cotovelo roçando minha barriga, então aperto mais forte.

— Vou te levar para a minha casa, onde vou permitir que tome banho e fique apresentável.

— Você é *nojento*.

Sinto um nó no estômago.

— Pode ser. Mas, até que eu decida o contrário, também sou seu *mestre*.

Ela bufa, seu corpo se contorcendo contra o meu, fazendo com que o sangue flua para a virilha, meu pau se contraindo. Sorrio.

— Continue assim, querida. Adoro quando você me enfrenta.

O corpo dela fica rígido.

Eu a solto e ela se vira, seus olhos se estreitando enquanto agarra seu pulso, os dedos massageando as marcas vermelhas. Um lampejo de preocupação me atravessa, mas afasto essa sensação. Um pequeno hematoma sequer vai chegar perto de doer tanto quanto as feridas que ela causou. E, no final, não importará, já que vai morrer.

— Tenho um evento hoje à noite — digo. — E gostaria que me acompanhasse.

Ela solta uma risada entrecortada, mas, depois de alguns segundos, para de rir e seus olhos se arregalam.

— Está falando sério?

— Estou.

— Vá para o inferno — cospe.

— Tudo bem. — Pego meu celular do bolso, levando-o ao ouvido.

— O que você está...

Ergo um dedo, silenciando-a.

— Oi, sim, sra. Henderson. Que bom ouvir sua voz. Aqui é James Barrie.

O arquejo de Wendy libera uma onda de satisfação em minhas veias.

Um sorriso surge em meu rosto e pisco para ela.

— A senhora poderia, por favor, avisar ao diretor Dixon que vou buscar Jonathan Michaels?

— Seu *cretino*. — Sua voz está embargada e meus olhos fixam nela, uma ponta de *algo* deslizando pelo meu peito.

Cubro o celular com a mão, as sobrançelas arqueadas.

— O que disse, querida? Não consegui te ouvir. — Aponto para o celular. — *Assunto* importante, sabe.

— Chamei você de *cretino* — sussurra. A palmas pressionam seus olhos, a cabeça balançando. — Farei o que quiser. Por favor, só...

O nó no meu estômago se afrouxa com sua concordância e eu aceno com a cabeça.

— Sabe de uma coisa? Pode deixar, sra. Henderson, parece que meus planos mudaram. Espero *mesmo* que tenha um dia maravilhoso.

Desligo, guardando o celular no bolso e caminhando em direção a ela. Paro quando as pontas dos meus sapatos pressionam a ponta de seus dedos dos pés descalços. Meus dedos levantam seu queixo.

— Lamento que tenha chegado a isso. Não precisava ser assim. Mas todos nós temos momentos em nossas vidas nos quais devemos escolher um lado.

Sua expressão mostra confusão.

— O quê? Eu...

Passo um dedo por sua mandíbula.

— Infelizmente, você escolheu o lado errado. — Afasto a mão de seu rosto e me viro em direção à porta. — Volto em breve. E seria bom que se lembrasse do que está em jogo.

28

WENDY

Meus pulsos estão presos de novo, só que, desta vez são algemas *mesmo*, em vez de grilhões pesados. Olho para o metal, os dedos se retorcendo no colo, antes de olhar para Curly no lado do motorista do carro.

— Não precisava me algemar. Até parece que vou correr.

O rosto de Curly permanece estoico, como se não conseguisse me ouvir falar.

Está assim desde que cuspi na cara dele. Mas não me arrependo e não tenho mais nada a dizer a ele – nada a dizer a *nenhum* deles.

Fecho os olhos e recosto a cabeça na janela, permitindo que os raios do sol penetrem no vidro e na minha pele. Sinto um peso constante dentro de mim agora, porém, neste instante, eu me agarro ao pouco de alívio por *enfim* estar na claridade. Não tenho ideia de quanto tempo realmente passou, mas, quando se está preso no escuro com nada além de seus pensamentos, um segundo parece um século.

Meu cérebro estava revirado como restos de uma macarronada, o isolamento se transformando em uma câmara de tortura mental, nada além de meus pensamentos e emoções para me fazer companhia, então comecei a me sentar no meio do lugar e tentar meditar. Não tenho certeza se estava fazendo direito, no entanto, parece que deu certo para acalmar o pânico. Permitiu que o tempo passasse de um jeito que não me fez sentir como se estivesse perdendo o controle da sanidade.

Foi durante um desses momentos introspectivos que percebi que parte da

minha dor não é nova, são apenas arranhões recentes em cicatrizes antigas. James – *não, James não*. Gancho é outro na fileira de pessoas que pensam que podem me dizer o que fazer, que acabam comigo com as palavras, que me dizem para me sentar e ficar quieta, esperando que eu me cale e sorria. E, é verdade, tenho feito isso a vida inteira. Nunca me defendi, engolindo os insultos dos “amigos” e os momentos de desprezo do meu pai como se fosse minha cruz para carregar.

Porém estou *cansada* de ser mandada e desmandada.

O carro entra na marina e meu estômago revira quando me lembro da última vez em que estive aqui. Foi só há alguns dias, mas, de alguma forma, parece que eu era uma pessoa totalmente diferente, que ainda via o mundo e todas as pessoas nele como boas por natureza.

Mas, num *flash*, estou vendo o mundo menos cor-de-rosa e a única coisa que enxergo são tons de cinza.

Curly estaciona o carro e está ao meu lado num piscar de olhos, abrindo a porta e me puxando pelo braço antes de destravar as algemas.

— Não faça nada idiota.

Como se eu fosse burra a ponto de colocar meu irmão em perigo.

Eu o sigo, descendo pelas docas até o ostensivo *Tiger Lily* no final da marina, observando enquanto Smee limpa o deque e três pássaros brancos voam acima de nós.

O sol está brilhando, a água está cintilante e é de um azul cristalino.

Tudo está normal. Bonito, até. Como se meu mundo inteiro não tivesse sido revirado, retorcido e ficado de cabeça para baixo. Como se eu não tivesse sido seduzida, drogada, sequestrada e mantida em um porão feito de pedra. O desespero toma conta de mim quando percebo que estou mesmo à mercê dos caprichos de Gancho.

Ele se chamou de meu *mestre*.

E, pelo menos até eu formular um plano que mantenha minha família segura, ele está certo.

— Andando, docinho. *Vamos*. — A mão de Curly empurra meu ombro por trás e, mesmo que minhas pernas pareçam chumbo, de alguma forma eu as forço a se mover, entrando no barco. Ele não me segue, fica parado do lado de fora, com os braços cruzados e os olhos semicerrados, como se esperasse que eu fizesse algo maluco, tipo pular pela lateral e tentar fugir.

Talvez eu devesse.

Mas não sei nadar e não sou burra assim para pensar que seria bem-

sucedida.

Smee acena e meus olhos o observam, o rosto de menino e o gorro vermelho brilhante fazendo-o parecer inocente como um cordeirinho. Meus lábios se estreitam. Não sei o quanto ele sabe, mas cansei de confiar em pessoas que não merecem. Meu estômago se agita de nervoso, as mãos tremendo quando estendo a mão e abro a porta, entrando na sala de estar e olhando ao redor da cabine.

Vazia.

Andando devagar, paro em frente à ilha da cozinha, a alguns passos de onde as facas estão, bem ao lado da tábua de madeira. Minha cabeça gira a quilômetros por hora. A vontade de pegar uma é forte, mas preciso ser inteligente e pensar no que Gancho vai fazer se me encontrar com uma arma me preocupa muito, um calafrio correndo pelas veias. Franzo a testa para as facas enquanto visualizo as imagens horríveis de como ele me mataria.

— Eu não faria isso se fosse você.

A voz faz meu estômago revirar e me viro, ficando cara a cara com um demônio de olhos azuis.

— Gancho.

Ele inclina a cabeça.

— Você ainda pode me chamar de James, se quiser.

Minha mandíbula fica tensa e cruzo os braços.

— *Não* quero.

Ele concorda com a cabeça.

— Muito bem. Por aqui.

Sua mão toca a parte baixa das minhas costas e me faz arrepiar, o ressentimento se acumulando na base da coluna pela forma que meu corpo reage ao seu toque. Ele nos conduz pelo corredor e segura a porta de seu quarto aberta, permitindo que eu entre primeiro antes de me seguir. Coloco os olhos em sua cama king size com lençóis de seda e edredom macio cor de vinho, as dores de dormir em um chão frio de pedra vindo à tona, fazendo meus ossos chorar.

— Tem toalhas limpas no banheiro e mandei trazerem um vestido.

Meus lábios se curvam para baixo, olhando para ele de canto de olho.

— Como sabe meu tamanho?

Ele sorri.

— Tenho uma excelente memória *tátil*.

Minhas bochechas esquentam, o desgosto se enrolando dentro de mim. Ele tirou minha *virgindade*. Eu o deixei, basicamente, me estrangular até a morte e

confiei nele para me proteger.

Lamentável, Wendy.

— O que você quer de mim? — pergunto. — O que *fiz* para merecer isso? Não... — As palavras ficam presas no carão na garganta e cubro a boca com a mão.

Seus olhos se estreitam ao se aproximar de mim. Eu me afasto por instinto, as pernas batendo na beirada da cama, fazendo-me tropeçar e cair no colchão. Eu me endireito, apoiando-me nos cotovelos enquanto meu olhar encontra o dele.

Ele paira sobre mim, mas não é sensual como um amante, é *intimidante*, sua energia emana em torno dele, parecendo uma tempestade de raios e fazendo eu me arrepiar toda.

Ele está tão perto, posso sentir sua respiração como se fosse a minha.

— O que eu *quero* — sussurra contra meus lábios — é que pare de me enganar. — Ele pressiona ainda mais, seus olhos rodopiando com a emoção. — O que eu *quero* é trazer almas de volta dos mortos, e deixá-las se deliciar com os gritos de seu pai. — Seu nariz percorre meu pescoço e ofego, meu coração batendo tão rápido que faz minha cabeça girar. — Pode me dar alguma dessas coisas, Wendy, querida?

Meu estômago dói. *Como eu poderia me esquecer?* Isso não tem a ver comigo. Tem a ver com o *meu pai*.

— Você sabia quem ele era? — consigo dizer. — Esse tempo todo...

Seus lábios se contraem e ele se afasta, o fogo em seus olhos desaparecendo tão rápido quanto surgiu.

— Sabia quem eu era? — A pergunta queima na garganta, as lágrimas borrando minha visão.

— É claro que sim. — Ele tira fiapos invisíveis de sua manga. — Eu sabia quem você era no instante em que entrou no meu bar.

Meu coração destroçado se parte com a pressão repentina no peito.

Claro que sabia.

Assentindo, um tipo sombrio de submissão se acomoda em minhas veias. É espesso e úmido, parece uma lama densa e sei que, quanto mais eu me esforçar, mais vou afundar.

— Acho que gostaria de tomar um banho agora.

Suas sobranceiras se erguem enquanto aponta para o banheiro.

Eu me levanto e entro, fechando a porta atrás de mim. Meus dedos seguram a maçaneta de metal, a cabeça descansando na madeira fria do batente. Prendo a respiração até meus pulmões clamarem por ar e, mesmo assim, não

deixo sair, com medo de que, quando deixar, vou gritar. Estou confusa, minhas emoções me puxando em mil direções diferentes. Não sei se sou burra por não tentar fugir, ou se sou esperta por tentar bolar um plano. Não tenho ideia se, depois de hoje, serei jogada de volta no porão escuro e frio ou se ele vai me matar de uma vez por todas.

Isso *com certeza* mandaria um recado ao meu pai.

E depois tem a culpa, e isso, acima de tudo, é o mais forte. Ela se parte na barriga e alcança o peito, arranhando meu interior até se prender à garganta.

Porque me sinto tão *aliviada* por estar aqui. Por tomar um banho. Por respirar ar fresco. Ter interação humana, mesmo que seja com o responsável por tudo. E que tipo de pessoa isso me torna – sentir-me grata pelo que há de bom, quando a fonte é um homem ameaçando todos que amo?

Vai ficar tudo bem.

Eu me recordo do momento em que deixei Jon na Rockford, e as palavras de Gancho, embora ele fosse James para mim na época, repassam repetidas vezes na minha cabeça.

— *Lembre-se de que, sempre que as coisas parecem insuportáveis, todas as situações são temporárias. Não é a sua circunstância que determina o seu valor, é como você renasce das cinzas depois que tudo queima.*

29

JAMES

— Ela vai ficar hoje, senhor? Posso arrumar o quarto de hóspedes, se ela for ficar.

Olho para onde Smee está parado na cozinha, bebendo uma caneca de chá.

Inclinando a cabeça, tomo um gole da minha, o líquido queimando minha língua quando engulo.

— Por que acha que ela ficaria em outro lugar que não na minha cama?

Seus olhos se arregalam de modo quase imperceptível e a curiosidade passa pela minha cabeça por seu interesse repentino.

— Motivo algum. Apenas pensei em me oferecer para deixar tudo organizado. — Ele caminha até a pia da cozinha, colocando sua caneca na cuba antes de se virar e se recostar na borda. — Não estarei por aqui hoje à noite e não queria deixar que o senhor tivesse que arrumar o quarto, só isso. Sei que gosta de privacidade em seu espaço.

Ergo o queixo, meu olhar absorvendo seus maneirismos. Ele parece nervoso, quase como se estivesse desconfortável por ela estar aqui.

— Algum compromisso importante? — pergunto.

Nunca me interessei pela vida pessoal de Smee e, para ser sincero, ainda não me importo. Mas falar com ele é uma distração da garota trancada no meu quarto, e me vejo desejando uma pausa da raiva que surge sempre que vejo o rosto dela ou penso em seu nome.

Smee sorri, passando a mão pelo cabelo, as luzes da cozinha refletindo em seus fios castanho-escuros.

— Pode-se dizer que sim.

— Bem, agradeço sua hospitalidade, mas não será necessária.

Estou indeciso em relação ao que fazer com ela depois do baile. Parte de mim quer jogá-la de volta no porão do JR e deixá-la apodrecer. Assim como ela merece. A outra parte quer amarrá-la à minha cama e usar *outros* meios para arrancar a verdade dela. E me *enfurece* que ela ainda aja como se fosse inocente. Como se não tivesse ideia do que fez.

Não importa, serei capaz de saber muito pelo comportamento dela ao interagir com o pai hoje. Mande os gêmeos na frente, garantindo que nossos lugares estivessem na mesa do convidado de honra, e *não vejo a hora* de ver o que está no cardápio.

Batidas altas soam do corredor e sorrio, tomando o resto do meu chá e colocando-o no balcão.

Os olhos de Smee se arregalam quando olha na direção do barulho e depois para mim.

— Ela está presa lá?

Eu me levanto, abotoo o paletó do smoking e passo por ele, parando para apertar seu ombro, o músculo tenso sob minha mão.

— O que eu faço com meus brinquedos não é da sua conta, Smee.

Seu olhar fica inexpressivo e ele inclina a cabeça.

— Desculpe, chefe.

Dispenso-o com um aceno da mão, sorrindo.

— Desculpas aceitas.

Minha mão desliza para o bolso, pegando a chave mestra enquanto ando até a porta do meu quarto. O barulho é alto, a força das batidas de Wendy fazendo a madeira chacoalhar contra as dobradiças. Deslizo a chave na fechadura, a porta abre com tudo e o rosto corado de Wendy me cumprimenta, seu punho posicionado no ar.

O canto do meu lábio sobe.

— Está tudo bem? Você parece tão incomodada.

A vermelhidão de suas bochechas me faz lembrar dela embaixo de mim e a excitação me atravessa em cheio. Afasto o pensamento e olho para ela, o vestido que pedi para Moira escolher abraçando cada curva sua.

Ela está deslumbrante. A imagem perfeita da graça e equilíbrio, um tecido azul-claro com decote em coração e costas de fora. Sofisticada o suficiente para ser vista ao meu lado, mas arrebatadora a ponto de todo homem desejar poder tê-la.

Minha gatinha perfeita.

Ela range os dentes.

— Você me trancou aqui.

— Medida preventiva.

Eu a encaro por mais alguns momentos, bebendo-a como um bom vinho, lembrando como foi estar dentro dela. O sangue corre para o meu pau, fazendo-o ficar ereto contra a minha perna.

Ela abre os braços.

— Bem, tenho sua aprovação?

Sinto a frustração inchar no peito diante da constante atração por uma garota tão calculista. Obrigó essa atração a sumir, substituindo-a pela massa negra que está queimando os fragmentos da minha alma desde a morte de Ru.

A morte da qual estou convencido de que ela está envolvida.

Meus olhos se estreitam, garras de raiva envolvem meus músculos parecendo uma hera.

— Vai servir — respondo.

Ela bufa, e eu lhe dou as costas.

— Venha, não podemos nos atrasar.

Seus saltos ressoam no piso de madeira polida e resisto à tentação de olhar para trás, mantendo o foco no fato de que ela é uma traidora. Ela está louca se acredita que caio nesse seu truque de obediência. É um erro me subestimar, pensar que vou cair em truques tão mesquinhos e bobos. E é por isso que tive que envolver o irmão dela, Jonathan, na briga. Particularmente, não gosto de usar crianças como isca e, na verdade, não pretendo machucar o garoto. Sequer fiz um telefonema de verdade. Mas a maneira mais rápida de se conseguir o que se quer é atingir alguém onde é mais vulnerável, e Wendy tem um fraquinho por *família*.

O trajeto até o centro de convenções é silencioso. Os dedos de Wendy se retorcem enquanto ela olha pela janela, o rosto contraído e carrancudo. Sento-me em frente a ela na limusine, o ódio misturado à luxúria parecerem um coquetel volátil, faíscas voando pelo meu corpo, fazendo-me vibrar com uma energia que me faz sentir como se estivesse prestes a explodir.

Acho muitíssimo irritante não ser capaz de controlar a reação do meu corpo a ela. Fiquei cego pela luxúria na primeira vez, tanto por ela quanto pela ideia de que a filha do meu inimigo estava se engasgando com meu esperma.

Na verdade, isso ainda me atrai, só que agora meus olhos estão bem abertos e nunca mais se fecharão. Eu a deixei chegar muito perto, relaxei demais,

mesmo nesse curto período de tempo.

Talvez porque nunca a vi como uma verdadeira ameaça.

— Acho que não preciso lembrá-la do que acontecerá caso se comporte mal esta noite? — pergunto quando a limusine para no meio-fio.

Seus olhos se estreitam.

— Vou a eventos assim desde que comecei a andar. Não preciso de um sermão.

Consigo sentir sua ira pelo carro todo e isso só alimenta as minhas chamadas.

— Pode até ser — respondo, inclinando-me para frente —, mas agora você está andando de *coleira*, gatinha. Portanto, não faça nada que me obrigue a agir. — Eu me levanto do assento, indo para o lado dela e pegando um estojo fino de veludo do bolso.

Seu corpo se encolhe contra a porta da limusine, como se até estar perto de mim fosse insuportável demais para ela.

Meus dedos trilham seu pescoço, afastando o cabelo sedoso para o lado.

— Você não vai tentar escapar. — Abro a caixa e ela solta um arquejo quando vê a gargantilha incrustada de diamantes. — Não dirá ou fará *nada* que possa levantar suspeitas.

Eu a tiro da caixa, as pedras estão frias na minha mão, e me inclino para frente, colocando-a em volta do pescoço dela, meus dedos percorrendo sua pele ao prendê-la nas costas. Meus olhos vão de seus lábios para sua garganta, uma onda de desejo se acumulando em mim.

— Pronto. — Minha mão roça as joias antes de descansar na curva do decote, minha palma subindo e descendo com sua respiração pesada. — Toda *cadela* boazinha precisa de uma coleira bonita.

Ela afasta a cabeça com força, olhando pela janela. Seguro seu queixo, virando seu rosto de volta para mim.

— Você não vai tirar esse colar em hipótese alguma. Entendeu?

Sua mandíbula se contrai.

— Entendi.

— Excelente.

Sinalizo para o motorista que estamos prontos para sair e a porta se abre para mim. Desço da limusine, virando-me para dentro do carro. Os dedos de Wendy fazem cócegas na minha palma quando coloca a mão na minha, eu a puxo e passo um braço por ela assim que os flashes disparam das câmeras alinhadas no tapete vermelho.

Envolvendo o braço por sua cintura, eu a puxo para mais perto,

observando como ela se transforma na frente dos meus olhos. Seu rosto se ilumina, um sorriso enorme estampado, os olhos calorosos ao encontrar os meus. Meu coração para, a repulsa vindo logo depois, porque mais uma vez meu corpo está fora de controle quando se trata dela.

Eu me inclino, o nariz inalando o cheiro de seu cabelo.

— Comporte-se e deixarei você dormir numa cama em vez de um chão de pedra.

Sua coluna fica tensa sob minha mão e ela sorri para mim, mas seus olhos têm algo frio e sombrio.

— Lidere o caminho, *mestre*.

Enquanto caminhamos para entrar no evento, sinto o estômago revirar de nervoso, a ansiedade inundando minhas veias.

Estou tão perto de conseguir o que quero que sinto na língua. E tem gosto de *vingança*.

30

WENDY

O jeito que o Gancho fala comigo me faz sentir um gosto amargo na boca.

Mesmo que eu *despreze* o que ele fez, ouvir seus insultos constantes é um tipo doloroso de tortura. Corta minhas veias e me faz sangrar, deixando-me frágil igual folhas secas caídas de uma árvore.

Meus dedos circulam a gargantilha, imaginando por que ele me disse para não a tirar. É linda, mas não consigo imaginar que sua importância vá muito além de seu valor, e saber que nem tenho controle do que estou vestindo é outro golpe contra meu orgulho recém-adquirido.

O calor da mão de Gancho queima meu quadril conforme caminhamos para o salão principal. É belíssimo – como esses eventos geralmente são –, com lustres incrustados de cristais e mesas arrumadas para reis, mas não estou impressionada. Não estava mentindo quando disse a ele que fui a milhares. Meu pai tem muito dinheiro e isso faz dele um convidado renomado em muitas festas de caridade.

Será que ele estará aqui? O pensamento é fugaz à medida que sussurra na minha cabeça, mas me agarro a ele e seguro firme, a esperança ardendo em meu peito pela primeira vez em dias.

Atravessamos os smokings e os vestidos de gala até chegarmos ao bar, Gancho pede um uísque puro para ele e me passa uma taça de champanhe. Tomo um gole, gostando de como as bolhas borbulham e estalam na língua. Normalmente, não aprecio como o álcool me faz sentir, mas vou precisar de *algo* para manter o sorriso falso colado no rosto.

— Feliz aniversário, a propósito. — Ele brinda com o copo na minha taça.
— Você tem que me perdoar por estar alguns dias atrasado, estava bastante preocupado.

Um golpe agudo de raiva me atinge no peito.

— Como sabe disso?

Ele sorri, colocando o uísque no bar.

— Ficaria surpresa com o quanto eu sei.

— O que isso significa?

— Significa o que eu *quiser*. — Ele se aproxima, os olhos ficando frios. — Sei a data do seu nascimento, Wendy Michaels. — Seus lábios beijam meu rosto.
— E saberei da data de sua morte.

Meu coração se contrai e despenca em queda livre até o chão.

— Isso é uma ameaça?

Ele suspira, afastando-se.

— Acho que as ameaças são terrivelmente inúteis. Só digo coisas que pretendo ver acontecer.

Queimo de dentro para fora, enchendo-me de raiva dessa situação toda.

— Se vai me matar de qualquer jeito, por que eu deveria me dar ao trabalho de ser sua *cadela* obediente? — Percebi um segundo tarde demais como minha voz soou alta e com que nitidez viajou pelo salão.

Sua mão se move rápido, envolvendo meu pescoço e me trazendo para ele. Para qualquer outra pessoa, devemos parecer amantes em um abraço apaixonado. Mas tudo o que sinto são náusea e pânico agitando-se no estômago e subindo pela garganta.

— Cuidado com o que vai dizer em seguida. — Ele afrouxa o aperto. — Você tem o coração mole, querida. Não é com a sua própria vida que deveria se preocupar.

Meu rosto vacila, os dentes rangendo com tanta força que tenho medo de quebrar um molar.

Ele se vira um pouco, sorrindo para um casal que está vindo em nossa direção.

— Se recomponha, querida, hora do show... Delegado, que bom vê-lo. — Sua voz derrete no ar parecendo chocolate puro, tentador e pecaminoso. — E sua esposa maravilhosa. Oi, Linda. É sempre um prazer. — Ele se inclina e beija a bochecha dela antes de se aproximar de mim, envolvendo minha cintura com um braço. — Esta é minha acompanhante, Wendy Michaels.

Aceno com a cabeça, abrindo um sorriso tão grande que minhas bochechas

doem.

O homem sorri, seu bigode loiro espesso se contorcendo.

— Wendy Michaels, a filha de Peter? — Ele ri, olhando para Gancho. — Como conseguiu pegar essa? Ela parece um pouco fora do seu alcance.

Meu peito arde com o insulto.

Linda ri.

— Ah, querido. Não seja rude.

Espero que Gancho dê risada, mas ele não ri, seu corpo fica tenso e sua cabeça se inclina.

— Receio não entender o que quer dizer, Reginald. Por um acaso está insinuando algo sobre *mim*? — Ele aponta para si mesmo. — Ou sobre quem escolho como companhia?

O ar fica denso enquanto o sorriso desaparece do rosto do delegado geral. A tensão persiste enquanto Gancho o encara.

— Um cavalheiro sabe quando se desculpar depois de insultar uma dama — continua ele, as sobrancelhas arqueando.

Meu coração dispara, meus olhos voando entre eles.

Reginald limpa a garganta, seu olhar repousando em mim.

— Peço desculpas, srta. Michaels. Não quis lhe desrespeitar.

Meus olhos se arregalam, a descrença revirando meu estômago quando percebo quanto poder Gancho de fato tem. Se ele pode falar com o delegado dessa maneira, como posso ter esperanças de me libertar?

O delegado geral se remexe, olhando em volta.

— Ru ainda está evitando essas coisas como se fosse o inferno na Terra, sim?

O corpo de Gancho enrijece, seu aperto aumentando na minha cintura até que começo a me mexer, um pequeno gemido me escapando. Ele olha para baixo, os dedos acariciando onde me beliscou.

— Temo que Ru tenha tirado férias repentinas e permanentes — diz em tom ríspido, os músculos do pescoço tensos como se tivesse que forçar as palavras a sair.

Linda suspira.

— Parece maravilhoso. Estou tentando fazer Reginald se aposentar há um tempo.

O delegado geral está encarando Gancho, rugas se formando entre as sobrancelhas.

— Que pena — diz, devagar. — Tinha uma reunião com ele na semana

que vem para tratar de uma possível doação.

Gancho dá um sorriso tenso, o pomo de adão balançando.

— Receio que terá que remarcar e se encontrar comigo.

O delegado assente, mordendo o lábio.

— Bem, sempre foi com o Ru que...

Fico confusa quando os dedos de Gancho esfregam a curva do meu quadril com força, seu braço me puxando para mais perto. Olho para ele, pensando se percebe o que está fazendo. Os músculos da mandíbula dele estremecem, mas os olhos ficam focados em Reginald e sua esposa.

Não sei o que me faz fazer isso, e tenho certeza de que no final da noite, quando for obrigada a voltar à realidade da minha situação, vou me arrepender, mas ergo a mão e toco no braço dele.

— *Querido*, meus pés estão começando a doer. Acha que consegue me mostrar nossos lugares?

O olhar de Gancho pousa em mim, as sobrancelhas disparando até a linha do cabelo e seus olhos se suavizando. Ele pega minha mão com a dele, trazendo-a à boca e roçando os lábios no dorso.

— Claro, querida.

Arrepios dançam no meu braço, aquele frio na barriga traiçoeiro me atacando.

Qual é o meu problema?

Ele acena para o casal.

— Delegado. Linda. Se nos derem licença.

Sinto o estômago revirar conforme caminhamos, o nervosismo me fazendo estremecer, imaginando se ele ficaria com raiva por eu ter interrompido sua conversa. *No que eu estava pensando?*

— Desculpa — murmuro quando chegamos à mesa. — Eu só... você parecia desconfortável e ele não parava e eu...

Gancho puxa uma cadeira para mim, fazendo eu me sentar e colocando o dedo nos meus lábios.

— Shhh.

Minha boca se fecha, a inquietação me atravessando como uma cobra. Nunca experimentei tanta ansiedade na vida como quando estou com ele. Na maioria das vezes, sua personalidade é de águas calmas, paradas, cintilantes e transparentes. Mas uma única gota pode perturbar toda a superfície, e nunca se sabe quando a tempestade vai cair.

Olho em volta para as poucas outras pessoas sentadas à mesa. No passado,

conhecia quase todo mundo nesses eventos. Mas estamos em Massachusetts, não na Flórida, então todas essas pessoas são desconhecidas. Nenhuma delas está prestando atenção em mim, de qualquer maneira. É *nele* que todos estão de olho, e não os culpo. Mesmo sabendo do que ele é capaz – sabendo do que ele fez comigo –, há certo tipo de sentimento que vem com o fato de se estar acompanhada do homem mais poderoso do recinto. Gostaria de poder ignorá-lo, mas está presente, quer eu queira ou não. Da mesma forma que não consigo deixar de lado a conversa entre ele e o delegado. Nunca vi Gancho abalado antes, e aquilo. *Aquilo* mexeu com ele. Tento afastar o pensamento da cabeça, sabendo que não devo dar a mínima.

Mas me importo.

Antes que ele mostrasse sua verdadeira natureza, eu estava me apaixonando por ele. Ou pela versão que ele mostrou, pelo menos. E os sentimentos não desaparecem assim, de uma hora para outra, eles só mudam e se transformam à medida que sua alma se quebra, moldando-se nas rachaduras. *Meus* sentimentos por Gancho podem estar mutilados e irreconhecíveis, mas não significa que desapareceram.

— Conheci Ru, não é? — pergunto, incapaz de impedir que as palavras saltem da língua.

Os dedos dele param onde estão batucando na mesa.

— Conheceu, sim.

— Legal ele ter se aposentado.

O rosto de Gancho se vira rápido para mim. Sua mão dispara, agarrando debaixo do meu assento e o puxa, a cadeira se arrastando com um ruído alto pelo chão de madeira. Ofego, o ar frio descendo pela garganta, colidindo com a onda de calor da vergonha subindo no peito.

Seu nariz roça o meu, a intensidade de seu olhar me congelando no lugar.

— Não sei o que você acha que está fazendo — sussurra —, mas isso acaba agora. Sugiro que não me teste.

Meu coração para.

— Eu não... Não estou fazendo nada.

Ele respira fundo, seu olhar cintilando dos meus olhos para a boca, depois subindo de novo, uma energia crepitando no espaço entre nós. Então, ele olha para além de mim e todo o seu comportamento muda.

Dou um pulo quando a palma da mão dele pousa na minha coxa por baixo da mesa, apertando-a até machucar.

— Lembre-se do que está em jogo.

Bufo, a raiva fervendo dentro de mim.

— Como se eu pudesse esquecer, eu...

— Wendy?

31

JAMES

Wendy se vira na cadeira, ficando cara a cara com Peter.

— Pai? — arfa. Ela começa a se levantar da cadeira e meu aperto em sua coxa aumenta, mantendo-a no lugar. Ela se volta para mim, suas sobrancelhas se franzindo. Inclino a cabeça, encontrando e devolvendo seu olhar.

É óbvio quando a percepção a atinge; seus olhos perdem o brilho e os lábios se curvam para baixo. Ela olha de mim para o pai e depois para Tina, que está parada ali, boquiaberta, em um vestido verde reluzente com acabamento dourado.

O rosto de Peter é uma máscara de pura confusão, a testa se enrugando à medida que olha entre nós. Tiro a mão da coxa de Wendy, colocando o braço no encosto de sua cadeira. Este é o momento em que ele vai perceber que seu pequeno plano não funcionou.

Que mesmo que tenham tirado Ru de mim, eu ainda a tenho. Ela não escapou.

— Peter — cumprimento. — Mas que *prazer*.

Seu lábio se curva.

— Gancho.

— Eu faria as apresentações, mas tenho certeza de que já está bem familiarizado.

Ele fica parado, as feições congeladas, até que os garçons trazendo a salada o forcem a se mover. Ele limpa a garganta, pressionando a mão nas costas de Tina e movendo-a em direção às cadeiras deles.

O corpo de Wendy murcha. Olho para ela com um sorriso largo. *Isso mesmo, gatinha. Fim de jogo.* Ninguém joga contra mim e sai ganhando.

Os garçons deixam os pratos de salada e pego meu garfo, a emoção correndo nas veias conforme espeto um tomate cereja, deliciando-me com a forma como Wendy se remexe, nervosa, e Peter encara.

Inclinando-me, com o braço ainda no encosto de sua cadeira, coloco o garfo na frente da boca de Wendy.

— Está com fome?

Ela aperta os lábios, negando com a cabeça.

Eu o como, o suco e as sementes explodindo na língua.

— Hum — murmuro. — Adoro estourar a *casquinha*. — Sorrio para Peter, meu braço descendo da cadeira para os ombros de Wendy, os dedos traçando sua pele exposta. Wendy fica rígida feito uma tábua debaixo de mim, seu olhar fixo no prato. Ela está quieta demais, a garota descarada que esteve no meu porão, de repente, desapareceu na presença de seu pai.

Isso me irrita mais do que deveria.

— Wendy — Peter suspira. — O que está fazendo aqui? Não deveria estar na mansão? — Os olhos dele percorrem a mesa. Temos a atenção de todos e é delicioso saber que ele quer fazer uma cena, mas não pode. Mas essa é a diferença entre Peter e eu. Ele precisa agir dentro das restrições da sociedade civil, enquanto eu me certifico de encher seus bolsos e dançar às suas margens.

A cabeça de Wendy se levanta com tudo diante da pergunta dele, os nós dos dedos ficando brancos ao agarrar o garfo com força.

— O que quer dizer com *estar na mansão*?

A mão de Tina se estende para tocar o antebraço de Peter, a mandíbula de Wendy tensionando com o movimento.

Interessante.

— Acho que o que seu pai está tentando dizer — começa Tina — é que este é o último lugar que imaginávamos que estivesse. — Os olhos dela disparam para os meus. — E menos ainda com essa... pessoa.

Abro a boca para falar, mas Wendy é mais rápida, minha mão caindo de seu ombro quando se inclina para frente, seus olhos furiosos.

— E por que seria tão surpreendente me ver aqui? Por que não me deram permissão *expressa*?

Peter limpa a garganta.

— Pequena Sombra...

O olhar de Wendy se volta para ele e a excitação me ataca ao ver a ira dela.

— Talvez não se lembre, *papai*, mas eu costumava vir a estes eventos com frequência com o senhor.

Peter olha ao redor, todos os olhos fixos no surto de sua filha.

— E, só para constar — continua Wendy, suas bochechas ficando rosadas —, nunca precisei, nem me preocupei com a opinião de Tina a respeito de *nada*, ainda mais sobre onde ela espera que eu esteja.

Tina fica de queixo caído.

Sorrio com a reação de Wendy, o calor inundando meu corpo por perceber como ela é atraente quando está fervendo de raiva.

— Não se preocupou em saber onde eu estava quando sua nova equipe de segurança não me achou?

Minha mão se move para descansar na sua nuca por cima da gargantilha, meus dedos deslizando por baixo do fecho e a puxando como um lembrete para tomar cuidado com a boca.

Peter ergue as sobrancelhas.

— É por isso? Está fugindo porque não gostou que eu estivesse tentando te proteger?

Wendy zomba, atacando a alface com o garfo.

— Controle sua acompanhante — Tina sibila para mim.

Sorrio, recostado na cadeira.

— E por que eu iria querer fazer isso?

Esta é uma bela reviravolta. Não esperava que ela fosse ficar tão incomodada com ele.

— Wendy, aqui não é a hora nem o lugar. — A voz de Peter é incisiva; em tom de comando, como se estivesse castigando uma criança. — Precisamos ir a outro lugar e falar em particular?

Os olhos dela piscam para mim. Eu não me mexo, querendo ver o que ela vai fazer se tiver a oportunidade.

Ela ergue o queixo, inspirando fundo e balançando a cabeça.

— Não. Não temos mais nada a dizer.

O prazer por sua obediência me transborda como uma enxurrada e preciso me lembrar de que ela não é alguém a quem eu deveria recompensar por se comportar. Ela é uma *traidora*.

Embora seja estranho o modo como está interagindo com o pai, como se não tivessem uma boa relação.

Os olhos dele permanecem nos dela por longos instantes, algo não dito passando entre eles antes de Tina interromper:

— Então, como se conheceram? — Ela gesticula com a taça de champanhe entre nós.

Tomo um gole de uísque. *Porque você a mandou para o meu bar, sua canalha miserável.*

— Ele já te disse, não foi? — Wendy inclina a cabeça. — Ele *estourou* a minha casquinha. — Arquejos soam ao redor da mesa e eu me engasgo com a bebida, minha mão disparando até o peito para controlar a tosse.

— Wendy — diz Peter entredentes.

Ela dá um grande sorriso.

— O que foi, papai? De repente, decidi voltar a se preocupar?

A confusão me atinge.

Entendo a raiva dela por ele não saber que ela sumiu. Na verdade, pensar nisso me irrita um pouco, mas não consigo imaginar o que ela está ganhando ao agir assim. Eles já estavam trabalhando juntos para me destruir. Não devia ser uma surpresa que tenhamos nos conhecido.

A não ser que não soubessem de nada.

Meu estômago revira, o coração machucado se contorcendo com a ideia.

— Acho que a pergunta mais importante — continua Wendy — é como *vocês* se conheceram? — Ela aponta o garfo para o pai e depois para mim.

Peter cruza as mãos na frente da boca, recostando-se na cadeira.

— Nada demais. Nós nos encontramos brevemente por causa dos negócios.

Dou uma risada baixa, as pontas dos dedos acariciando a lateral do pescoço de Wendy, e fico tenso por dentro a cada toque na gargantilha. *Minha marca de propriedade.* E um rastreador GPS, mas isso não interessa agora.

— Ah, não seja tão modesto, Peter — ironizo. — Nós mais que *nos encontramos*. Na verdade, acredito que conhecia muito bem aqueles de quem sou mais próximo. Parece justo que eu retribua o favor.

Os cantos dos olhos de Peter se estreitam enquanto ele acena com a cabeça, seus lábios abrindo e mostrando os dentes brancos brilhantes.

— Sim, é verdade. — Ele olha ao redor. — E onde estão hoje à noite?

Meu corpo enrijece, sinto a raiva espiralar dentro de mim parecendo uma tempestade de vento. O rosto de Wendy vira para o meu, seus olhos subindo e descendo por mim antes de voltarem para o pai, estreitando-se um pouco. Ela deixa o garfo cair e o barulho dele batendo no prato é agudo contra os meus tímpanos. A mão dela se estende, apertando meu peito e subindo até a palma da mão parar na minha mandíbula, tocando-a. O espanto de seu toque é suficiente

para limpar a névoa vermelha que passava por meus olhos.

Ela se inclina, dando um beijo no meu rosto.

— Respire fundo. As pessoas estão começando a encarar — sussurra.

Meus pulmões se expandem à medida que me recupero.

Wendy se afasta e dá uma olhada no pai.

— O que isso quer dizer?

Meu peito se contrai com a pergunta dela. Porque, mais uma vez, se ela fosse parte do plano de Peter, saberia *exatamente* o que isso significava.

— Wendy, foi uma pergunta simples. — Peter suspira.

— Está tudo bem. — Sorrio quando trago Wendy para perto, minha mão alisando o cabelo dela. — Encontrei uma companhia muito mais *sedutora*.

Peter fica tenso e ele se inclina para a frente, os olhos implorando à filha.

— Você não tem ideia de quem está sentado ao seu lado.

A mandíbula dela se enrijece.

— Sei *muito bem* quem ele é. É você quem estou começando a questionar.

Meu coração para, a frase dele cimentando a minha teoria dos últimos minutos.

Ela não sabe a respeito do pai.

E isso significa que nunca me traiu.

32

WENDY

O resto do jantar é cheio de olhares tensos, nada além do ruído de talheres e as pessoas que sobem ao palco falando bonito sobre resolver as injustiças do mundo ao dar festas de um milhão de dólares com assentos de mil dólares.

Mas, por dentro, estou furiosa.

— *Não deveria estar na mansão?*

Ele nem sabia que eu havia sumido. Fui *sequestrada* e ele nem sabia que eu desapareci.

Faz meses que tenho dito a mim mesma que preciso admitir que ele não é o homem de quem me lembro, mas este é momento em que o pedaço da minha alma que estava agarrado a ele, por fim, se quebra, caindo no chão e estilhaçando-se em cem pedacinhos.

Ele nem sabia que eu havia sumido.

Mas, é claro, a este baile ele podia vir.

Deus me livre que a imagem dele fosse manchada. A imagem pública dele, quer dizer. Agora está nítido que ele não se importa com qual é a impressão que tenho dele.

Além disso, alguma coisa está acontecendo com o amigo de Gancho, Ru. A conversa silenciosa com o delegado, a maneira que a menção do nome dele fez Gancho se descontrolar, e agora meu pai zombando de seus amigos desaparecidos – isso faz com que eu fique em alerta máximo.

Eu sei por que Gancho me trouxe aqui, isso ficou bastante óbvio, mas não consigo de jeito nenhum descobrir por que meu pai o está provocando.

A razão de ele sequer ter negócios com alguém como Gancho, para começo de conversa

A menos que ele não seja quem finge ser.

E isso, mais do que qualquer outra coisa, me faz sentir a pessoa mais burra do planeta. Porque como é possível viver com alguém, passar anos respirando o mesmo ar, adorando cada movimento seu, amando-o com todo o coração, e não saber quem essa pessoa é de verdade?

A percepção me rasga por dentro e quebra a tranca de todas as coisas que deixei de dizer, todas as vezes que quis revidar, mas acenei com a cabeça e sorri. Sei que Gancho provavelmente vai me machucar por ter surtado, mas não consigo ligar para isso. Ser capaz de enfim – *enfim* – falar o que penso é libertador. E quando Gancho não só permite, mas encoraja, sinto que tenho alguém ao meu lado.

Por mais distorcido que possa parecer.

Olho para ele enquanto concorda com a cabeça para algo que um homem ao seu lado está dizendo, meu estômago revoltado por tantas emoções. Como é possível que este homem, o que ameaçou minha vida há menos de uma hora e quem me acorrentou a uma parede de um porão, como pode ainda ser ele o único que parece me tratar como se eu de fato existisse?

Ele fez o delegado *se desculpar* por me insultar e acariciou meu pescoço enquanto eu enfrentava o meu pai e sua assistente vagabunda. E isso não se parece com Gancho.

Parece James.

Balanço a cabeça, lembrando-me de que ele está fingindo. Nada sobre como ele está me tratando é para o *meu* benefício e me esquecer disso não vai me fazer nenhum favor.

Meus olhos vão além do corpo de Gancho, notando que um dos gêmeos está caminhando em nossa direção. Ele nos alcança e se abaixa para sussurrar ao ouvido dele. Os dedos de Gancho, que se arrastavam pela minha coxa, paralisam no lugar e ele se endireita. Com um aperto na minha perna, ele se move, colocando o guardanapo na mesa.

— Se me derem licença por um instante, há um assunto urgente que precisa da minha atenção.

Ele se levanta, lançando um olhar mortal para meu pai, antes de se inclinar para dar um beijo no meu rosto, os dedos se entrelaçando no meu cabelo.

— Comporte-se — murmura na minha pele. — Você pode fugir para onde quiser, que te acharei.

A ansiedade se mistura à minha corrente sanguínea conforme ele se afasta, meu estômago se contraindo com indecisão. Meu pai está sentado *bem aqui* e é o único homem neste planeta que poderia me salvar, mas a que custo?

Não farei nada a menos que saiba que Jon estará em segurança, e meu pai provou inúmeras vezes que não faz dele uma prioridade.

Não. *Qual é o meu problema?* Ele não o deixaria morrer. Jon ainda é filho dele, afinal.

Sinto tudo revirar, o nojo tecendo seu caminho por dentro diante da facilidade com que passei de acreditar que as pessoas são boas para questionar que tipo de assassinato aprovariam. Alguns dias perto de criminosos e, de repente, aceitei tudo como verdade.

Fico incomodada que isso *não* me perturba do jeito que deveria.

— Wendy, gostaria de falar com você, por favor. — Meu pai limpa os cantos da boca com o guardanapo antes de colocá-lo na mesa. — Em particular.

Meu coração para, sabendo que é algo de que Gancho não iria gostar, mas... ele não está aqui e mereço algumas respostas. Aceno com a cabeça, empurrando a cadeira para trás e olhando em volta, meio que na expectativa de que alguém vá pular e me agarrar, mas, a cada passo que dou, respiro com mais facilidade, percebendo que ninguém virá.

Caminhamos pelo salão até chegarmos às portas dos fundos que dão para o pátio, meu pai me permitindo sair primeiro antes de me seguir. Somos as únicas pessoas aqui e um arrepio se acomoda em meus ossos quando estremeço com a brisa fresca.

— Ele está usando você para me atingir.

Eu me assusto com suas palavras repentinas, a mão vindo parar no meu peito. Não sei o que esperava. Talvez um pedido de desculpas por ele não ter percebido que eu tinha sumido, ou por ter conseguido vir até aqui, apesar de sempre perder todo o resto.

O fato de que não sei nada sobre meu pai escorre por minha garganta até que tudo o que eu consigo saborear é a verdade amarga.

Balanço a cabeça, soltando uma risada.

— Você realmente não sabia que eu tinha sumido?

— Wendy, seja sensata. Se está fazendo isso para chamar a atenção, eu...

— Responda à pergunta. — Meus punhos se fecham ao lado do meu corpo.

Ele suspira, esfregando a mão na testa.

— Minha equipe de segurança me disse que você não estava em casa e

presumi que estava fazendo pirraça.

Sinto suas palavras bombardearem meu peito, queimando tudo por dentro.
Pirraça. Como se eu fosse criança.

— Se soubesse que você estava ocupada brincando com um criminoso psicopata, eu teria vasculhado todo o planeta para rastreá-la.

Fico boquiaberta ao olhar para ele.

— Como sabe disso?

— Sei o *quê*?

— Que ele é um criminoso psicopata. — Meu estômago revira. — Como sabe disso?

— Como *você* não sabe? — Ele abre os braços. — Está jogando um jogo muito perigoso aqui, Wendy. Um que não conhece.

O ardor se expande, queimando minha garganta.

— Não me subestime!

Seus olhos se arregalam e dou um passo à frente, passando a mão no cabelo, meu coração batendo de modo descontrolado no peito.

— Estou farta de todos me tratarem como se eu fosse uma boneca de porcelana que deveria ficar de boca fechada e sempre bonita. Minhas opiniões *importam*.

Seu olhar se suaviza.

— Claro que importam, Pequena Sombra. — Ele se aproxima. — Estou me esforçando.

Dou uma risada irônica.

— Não tem se esforçado em nada desde que a mamãe morreu.

A mandíbula dele trava.

— Você não sabe nada a respeito da sua mãe.

Jogo as mãos no ar.

— Então sou muito burra. Não conheço o Gancho. Não conheço minha mãe. E, com certeza, não conheço *você*.

— Ele está te forçando a estar aqui? — Ele se aproxima ainda mais, sua voz baixa como se estivesse tentando atrair um animal para uma jaula. — Ele... ele te *machucou*?

Minha respiração vacila quando cerro os dentes, o desejo de dizer tudo a ele martelando no fundo da garganta.

— Como está Jon? — pergunto em vez disso.

Seus movimentos vacilam.

— O *quê*?

— Perguntei como Jon estava. Seu filho, sabe?

— O que isso tem a ver com nossa conversa de agora? — Ele franze as sobrancelhas.

— Muito, na verdade. — Meu coração incha com a esperança de que ele vá me dizer que foi vê-lo. Que acabou de falar com ele ao telefone e que Jon está se adaptando bem.

Ele passa a mão pelo rosto.

— Tenho certeza de que está bem.

A decepção pesa como um tijolo, atingindo-me direto na alma e fazendo um soluço parar na garganta. Ele nem sequer falou com Jon. E, se não pode ser confiável para fazer um simples telefonema, como posso confiar que ele vai se certificar de que Jon está fora do alcance de Gancho?

A culpa me envolve, percebendo que Jon está sozinho. Adaptando-se sozinho.

Fecho os olhos e expiro devagar, uma sensação doentia se acomodando e expandindo, até que a aceitação por minha situação me preenche e me toma.

— Ele não está me forçando — digo devagar.

— Ele está *usando* você para me atingir — repete.

Ele não está errado. Gancho me disse com todas as letras que só se importa em atingir meu pai. Mas, até agora, eu não sabia o quanto essa revelação doía. Os dias que antecederam este momento me entorpeceram com a dor, mas com a aceitação vem a percepção, e agora as feridas de onde Gancho abriu caminho em meu coração só para sair por ele outra vez estão latejando.

O som fraco de uma porta se abrindo e fechando soa de trás de mim, mas não me viro para ver quem é. Não há necessidade.

É impossível não o sentir quando ele entra em um lugar.

— Ora, ora. — O sotaque dele flutua na brisa, envolvendo meu pescoço como um laço. — Se isso não é aconchegante.

O calor envolve minhas costas, o braço de Gancho deslizando pela minha cintura e me puxando contra seu corpo. Meu coração acelera no peito, o jantar subindo na garganta até que preciso cobrir a boca para mantê-lo no lugar.

— Tentando roubar minha acompanhante, Peter? Ou só a está usando para planejar sua próxima aventura tola?

Os olhos do meu pai se estreitam.

— O que quer que esteja tentando, *garoto*, não vai dar certo.

O corpo de Gancho enrijece, a mão pressionando minha barriga. Minhas mãos se estendem para cobrir seu antebraço, então, rápido feito um raio, minha

cabeça é virada de lado, os tendões do pescoço se esticando até doer. Choramingo de dor, as unhas cravando na pele de Gancho.

— Está *tentando* matá-la?

Meu coração vacila com suas palavras, os olhos se arregalando enquanto encaro meu pai.

Mas tudo que ele faz é sorrir, seu olhar pousando em mim.

— Eu te avisei, Pequena Sombra. Ele não se importa com você. — Meu interior queima.

Uma risada profunda ressoa no peito de Gancho e vibra através dos meus ossos, incendiando meus nervos. Ele se inclina para baixo, pressionando os lábios macios na curva da minha garganta, a língua saindo para saborear a pele.

Um calor se espalha entre minhas pernas, seguido de perto pela repulsa pelo fato de meu corpo ficar excitado com essa situação *doentia*.

— Não cometa o erro de pensar que sou igual aos outros homens com quem lidou. — Gancho solta minha cabeça, empurrando-me com gentileza para o lado enquanto caminha devagar em direção ao meu pai. — Não me importo com a minha reputação. Não me importo com o dinheiro ou com os negócios que você *destrói*.

Os lábios do meu pai se curvam para baixo e minha cabeça gira, curiosa a respeito do que ele está falando.

— Na verdade, não existe nada que possa roubar de mim que já não tenha pegado. — Ele se aproxima até pairar sobre meu pai. — Estas ruas são *minhas* — continua. — E tenho tido muita paciência esperando que viesse brincar.

Ele coloca a mão no bolso, o cabo marrom de sua faca fazendo meu interior se contorcer de medo. Meu coração dispara, os pés se movem antes que eu possa impedi-los, e eu corro, colocando-me entre eles, meu pai tropeçando um passo para trás.

— Não — imploro. — *Por favor...* só... não o machuque.

Os olhos de Gancho se arregalam um pouco, mas ele permanece estoico, um sorriso lento aparecendo de modo sinistro em seu rosto. Seus dedos se estendem, roçando meu queixo.

— Tão leal.

Ele olha para trás de mim, para o meu pai.

— E onde estão seus apelos, Peter? — Ele arqueia a sobrancelha. — Ou talvez prefira que eu derrame o sangue dela para encobrir seus pecados? — Silêncio.

Silêncio doloroso e ensurdecador.

Os olhos de Gancho se fixam nos meus e o encaro de volta, meu estômago agitando-se junto às batidas descontroladas do meu coração, minhas narinas dilatadas com a dor agonizante do meu peito se partindo ao meio.

Ele expira, inclinando o pescoço de lado até estalar, então concorda com a cabeça, estendendo a mão.

— Muito bem.

O alívio me transborda, o corpo tremendo conforme coloco a mão na dele. Ele puxa e meu corpo voa para o seu. Meus dedos pressionam seu peito, seu braço envolvendo minhas costas e sua boca encontrando minha orelha.

— Quero que memorize este momento, querida. Lembre-se de como é perceber que seu pai estava disposto a deixá-la *morrer* para se salvar.

Em seguida, ele me leva embora, enquanto minha alma se desfaz em pó.

33

WENDY

Gancho fica em silêncio na limusine, mas posso sentir a raiva emanando dele e se espalhando no ar. É espessa. *Sufocante*. Meus olhos vão dele para as ruas que passam zumbindo, imaginando se está com raiva de mim e me perguntando por que me importo.

O carro vira a esquina da rua e minha respiração para quando os pontos de referência familiares aparecem. *Conheço* esta rua.

E não é a marina.

— Você disse que não me traria de volta para cá — digo assustada, o pânico se apoderando de mim.

— E você disse que não se comportaria mal. — Ele pega fiapos invisíveis do terno.

Meu queixo cai.

— Não me comportei mal! Fiz *tudo* o que você pediu.

— Acha que fugir com seu pai é algo que pedi? — retruca.

Meu coração gela.

— Aquilo não... — Eu engulo. — Não teve nada a ver com você. — Eu me contorço, sabendo como isso soa ridículo até mesmo para meus próprios ouvidos.

Ele ri.

— Querida, se espera que eu acredite nisso, então é mesmo uma menininha burra.

Meus dentes rangem, os punhos se fechando.

— Não sou uma menininha.

Sua cabeça inclina.

— Só burra, então?

Respiro fundo pelo nariz, tentando conter o turbilhão interno enquanto me imagino sendo jogada de volta naquela masmorra escura que é o porão.

— Por favor, não quero voltar para o porão.

Ele suspira, os dedos esfregando o queixo.

— Não vai voltar.

Minha cabeça se levanta, o alívio me inundando.

— Não?

O carro para, luzes azuis e vermelhas iluminando a minha pele através das janelas.

O que diabos está acontecendo?

A porta se abre e Gancho sai, sua mão aparecendo na minha frente. Meu coração dispara quando coloco a mão na dele, permitindo que ele me tire do carro. Ele é uma dicotomia, ameaçando minha vida num segundo e sendo um cavalheiro no seguinte. É aterrorizante como ele pode fazer os dois com tanta perfeição, como se fossem partes integrantes dele, coexistindo pacificamente. Joga tudo que aprendi sobre o bem e o mal pela janela, até ficar tudo confuso no meu cérebro.

Fico em estado de choque e sem fôlego quando saio do carro.

O cheiro de cinzas está forte no ar, fazendo meu nariz formigar com o fedor. Tem caminhões de bombeiros e ambulâncias, alguns carros de polícia de lado. E o JR não existe mais. Queimado até o chão, não sobrou nada além dos escombros.

Cubro a boca com a mão.

— Minha nossa. O que *aconteceu*?

O rosto de Gancho está estoico enquanto examina os danos.

— Seu pai, presumo.

— Não. — Meu coração se contrai, a defesa saltando da língua antes que eu consiga pensar. — Mas ele estava conosco hoje, não conseguiria...

Gancho então olha para mim e minhas palavras somem, a memória desta noite se repetindo na cabeça. Engulo a tristeza que cresce por dentro e se espalha por todos os membros.

Um lamento agudo vem da calçada e minha cabeça se vira na direção do som, a garçonete do JR correndo até Gancho e jogando os braços em volta dos ombros dele.

Meu peito aperta ao vê-los se abraçar, mas me afasto, permitindo que tenham privacidade. *O que me importa se proporcionam conforto um ao outro?*

Os braços de Gancho sobem aos poucos, arrancando-a dele.

— Moira.

— Gancho, foi terrível. Não sei... — Ela soluça. — Não faço ideia do que aconteceu. Eu... num segundo estava tudo bem e no outro... — Ela cobre a boca, desabando em soluços de novo, e olho em volta, sentindo uma tristeza profunda, torcendo para que ninguém lá dentro tenha se machucado.

Mas não consigo deixar de sentir alívio, porque, se o JR não existe mais, então o porão com as algemas e correntes também não.

*

Não ficamos no local por muito tempo. Gancho nos leva de volta à limusine e para seu barco.

De alguma forma, acabamos deitados em sua cama, ainda com as roupas de gala, sem falar e mal nos movendo. Minha cabeça repassa os últimos dias, indo e voltando por tudo, imaginando se o que Gancho diz é verdade.

Se meu pai é mesmo o responsável por tantos danos.

Meu estômago revira e meu coração acelera no peito.

— Vai mesmo me matar? — pergunto, olhando para o teto.

Seus dedos estão entrelaçados, descansando na barriga, subindo e descendo com a respiração constante.

— Ainda não decidi.

Um nó pesado se retorce no centro do meu peito.

— Acha mesmo que foi meu pai?

Ele suspira, a mão esfregando a testa, os olhos fechados.

— Querida, suas perguntas estão ficando muito cansativas.

Mordo a bochecha por dentro até sentir o gosto de sangue, segurando as palavras que estão morrendo de vontade de sair. Arrisco um olhar para o rosto dele. A tristeza atravessa suas feições; sutil, mas está ali no modo como seus olhos se voltam para baixo, e como o silêncio gruda em sua pele – uma aura de melancolia, quase como se estivesse de luto.

— Sinto muito pelo seu bar — sussurro.

— Não era meu.

Minhas sobrancelhas arqueiam, a surpresa se infiltrando em meu peito.

— Ah, é só que achei...

— Era de Ru.

Mordo o lábio, assentindo.

— E Ru está... onde?

Sua cabeça vira, os cabelos um pouco bagunçados no travesseiro, seu olhar fazendo minha pele se eriçar. Fico quieta e imóvel, esperando que ele encontre o que quer que esteja procurando.

Sua língua passa pelo lábio inferior.

— Morto.

A palavra – mesmo que já a esperasse – me atinge com força, as conversas da noite se juntando como peças perdidas de um quebra-cabeça. Ru está morto. E meu pai perguntou onde ele estava com um sorriso malicioso no rosto.

Raiva e descrença batalham dentro de mim, colidindo em uma explosão cataclísmica de tristeza. Luto pelo homem que me criou. Pelo pai que perdi.

Não digo que sinto muito pela morte de Ru. Algo me diz que Gancho não apreciaria as palavras, que só acabariam direcionando a sua raiva sempre crescente contra mim, e a última coisa que quero fazer é deixá-lo mais perturbado. Ainda mais quando encontramos um tipo estranho de equilíbrio, uma trégua temporária.

— Quando eu era criança — começo — meu pai me trazia bolotas de carvalho.

Gancho se enrijece ao meu lado e eu paro, mas, quando ele não fala, arrisco e continuo.

— Era... uma coisa *besta*, na verdade. Eu tinha 5 anos e era a maior garotinha do papai que existia, mesmo que ele ficasse fora a maior parte do tempo.

Meu peito se contrai com força.

— Mas, quando ele voltava para casa, entrava no meu quarto e afastava o cabelo do meu rosto, inclinando-se e dando um beijo de boa noite na minha testa. — Lágrimas embaçam minha visão e fecho os olhos, trilhas quentes e molhadas escorrendo pelo rosto. — Eu costumava fingir estar dormindo, com medo de que, se ele soubesse que eu estava acordada, pararia de entrar escondido.

Um nó se aloja na garganta e eu hesito, sem saber se conseguirei dizer as palavras.

— As nozes eram para quê? — A voz de Gancho está baixa e rouca, seus

olhos voltados para frente.

Sorrio.

— Eu costumava surtar sempre que ele ia embora, preocupada que fosse voar para longe e nunca mais voltar para casa. Uma noite, quando estava se despedindo, uma coisa entrou pela janela aberta e, quando acordei pela manhã, ele a havia colocado na beirada da minha mesa com um bilhete, prometendo que voltaria. — Dou risada, balançando a cabeça. — Era só uma bolota idiota, mas... Não sei. — Dou de ombros, estendendo a mão para enxugar uma lágrima perdida. — Eu era uma garota besta. Eu dava valor a gestos que provavelmente não mereciam. Mas, daquele dia em diante, sempre que ele saía, trazia outra e colocava na minha mesa, prometendo que voltaria.

A agonia atravessa meu coração partido e desce até as partes mais profundas da alma.

— E colecionei aquelas nozes com carinho.

— Por que está me contando isso? — pergunta ele.

Eu me viro para encará-lo, descansando a bochecha molhada nas costas da mão, minha cabeça se moldando ao travesseiro.

— Não sei. Para mostrar que ele nem sempre foi tão ruim? Que, uma vez, se importou de verdade. — Um soluço me escapa e minha mão voa até a boca, tentando engoli-lo de volta.

Gancho se vira para mim, então, sua mão se estende e segura o meu rosto, o polegar afastando as lágrimas conforme caem.

— É impossível não se *importar* com você, Wendy. Se não fosse assim, você já estaria morta.

Uma risada borbulha no meu peito com o absurdo de tudo isso – pelo jeito que o homem que me mantém refém está me consolando por causa do meu coração partido. Pela forma que é capaz de dizer algo tão vil e fazer parecer tão doce.

— Isso deveria ser romântico? — consigo dizer entre risos.

Um pequeno sorriso enfeita seu rosto.

— Era para ser a verdade.

A risada morre e ficamos presos olhando um para o outro, os sentimentos distorcidos espiralando por dentro e marcando cada parte do meu coração ferrado. E já sei, *sei* que deveria odiá-lo.

Mas, neste momento, não o odeio.

— Enfim. — Suspiro, quebrando o contato visual, querendo aliviar o fogo que está se acumulando em minhas veias. — As bolotas desapareceram quando

minha mãe morreu. — Eu fungo. — E meu pai também, eu acho.

Ele não diz mais nada e nem eu. Por fim, ele se levanta, indo até a cômoda do outro lado do quarto e me passando uma boxer e uma camiseta preta lisa. Roupas que eu não poderia imaginá-lo usando, nem se tentasse. E as pego sem discutir, colocando-as e rastejando de volta para a cama, sabendo que não tenho outra escolha.

— Gancho — sussurro no escuro.

— Wendy.

— Não quero morrer.

Ele suspira.

— Durma, querida. Sua alma está segura esta noite.

— Está bem.

Estendo a mão, meus dedos brincando com a gargantilha de diamante que estava com muito medo de tirar. Ele me disse para usá-la sempre e não sei se isso se estende a quando estamos aqui em sua casa, mas não quero arruinar a calmaria que criamos. Já estive na mira de sua ira antes e não tenho o menor desejo de experimentá-la outra vez.

— Gancho — repito.

O quarto permanece em silêncio.

Meu estômago pesa, mas sei que, se não falar agora, posso não ter outra chance.

— Eu te vejo, sabe? Qu-quando acha que ninguém consegue ver? — Meus dedos se movem, entrelaçados sob as cobertas. — E se meu pai tem algo a ver com o que te faz parecer tão triste... — Eu me estico às cegas, o lado da minha mão esbarrando na dele. — Eu *vejo* você. Só queria que você soubesse disso.

Ele não responde, mas também não afasta minha mão. E é assim que ficamos até eu dormir.

34

JAMES

Estou deitado na cama observando a subida e descida constante do peito de Wendy, admirando como ela parece tão tranquila mesmo enquanto murmura em seus sonhos.

Sem sono para mim esta noite.

Todos os meus planos anteriores em relação a Peter foram jogados pela janela, a raiva percorrendo minhas veias, moldando-se às células e cimentando o coração.

O JR não existe mais.

Totalmente queimado, nada além de escombros e poeira. E embora todos tenham saído em segurança, nada mais foi recuperado.

Não que eu tivesse algo importante lá. Quando se trabalha fora da lei, aprende bem depressa que manter as coisas onde as pessoas esperam que estejam nunca funciona a seu favor.

Ainda assim, o JR era a nossa maior fachada para lavar o dinheiro e, no final, tinha um significado mais *pessoal*. Foi onde cresci, onde aprendi a ser o *Gancho*, em vez de apenas um monstro preso em uma gaiola. Claro que possuímos outros negócios, alguns clubes de strip-tease às margens da cidade e uma boate no centro, mas o JR era o meu *lar*.

Além disso, agora não sei mais o que fazer com Wendy. Superestimei o relacionamento dela com o pai, presumindo, de modo idiota, que os jornais estavam dizendo a verdade quando falavam coisas bonitas a respeito do vínculo deles. Mas nenhum homem que tem qualquer senso de amor em seu coração

permitiria que sua filha ficasse na frente de um assassino e implorasse pela vida dele.

Ridículo.

Não acredito mais que ela me traiu. No entanto, por algum motivo, não quero deixá-la ir embora.

Mas se Peter Michaels acha que pode vir à minha cidade, roubar minhas drogas, incendiar meus negócios e matar meu povo sem enfrentar minha ira, terá uma surpresa bem desagradável.

Deslizo para fora da cama, saio do quarto e tranco a porta, antes de ir para a cozinha, parando quando vejo Smee sentado à bancada, uma xícara de chá na mão.

— Pensei que tinha dito que ia passar a noite fora.

Smee se vira, o gorro vermelho na cabeça escorregando para trás enquanto ele sorri.

— Resolvi as coisas mais cedo do que pensava. Precisa de algo? — Ele ergue a caneca. — Uma xícara de chá?

Faço que não com a cabeça.

— Não, tenho que cuidar de algumas coisas. Escuta, Wendy está aqui. E ela não deve deixar este barco. Entendeu?

Os olhos de Smee vão até o corredor antes de se voltarem para mim.

— Está tudo bem, chefe?

Confirmo com a cabeça.

— Se ela causar problemas, me ligue imediatamente. Não deve tocá-la sob nenhuma circunstância.

Ele toma outro gole.

— Entendido.

— Bom homem. — Sorrio.

Estou quase fora da cozinha quando ouço.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Minha cabeça fica tonta e o coração bate tão rápido que as veias parecem que vão explodir. Eu me viro aos poucos, os olhos fixos em onde Smee está brincando com algo no balcão da cozinha.

— Smee — digo devagar, as mãos tremendo ao lado do corpo. — *Que barulho é esse?*

Smee ergue o olhar, um dos lados de sua boca se curvando para cima.

— Hein?

Dou um passo brusco à frente, o nó no estômago crescendo com tanta violência que está me rasgando ao meio e, quando chego à bancada, respiro fundo, tentando manter o controle.

— Ah, isto? — Ele segura um relógio velho pendurado a uma corrente de ouro que pende do balcão. — Encontrei em uma loja de penhores e *tive* que comprar. — Ele passa o polegar no rosto. — Sei que é um pouco barulhento, mas...

Minha visão se desfoca de tanta dificuldade que sinto em evitar quebrar todos os ossos de sua mão apenas para parar o barulho *incessante*.

— Você está bem, chefe?

— Por favor — digo entredentes, nervoso. — Tire essa coisa da minha casa.

— Eu...

Minha mão dispara, jogando sua caneca longe, a bebida se espalhando pelo balcão e a porcelana se estilhaçando no chão.

— Eu disse *para. Tirar. Isso. Daqui.*

Seus olhos se arregalam, o corpo recuando.

— Tudo bem. — Ele corre para o convés, indo pela lateral e jogando o relógio no mar.

Fecho os olhos e me concentro no belo silêncio, respirando fundo enquanto a névoa furiosa diminui, permitindo que eu recupere o controle.

Smee volta, seus olhos saltando de mim para a caneca quebrada no chão.

Estalo o pescoço, soltando um suspiro pesado.

— Nunca mais traga um relógio para este iate. Entendeu? — Ele engole e concorda com a cabeça.

Eu me viro, saindo porta afora e sacudindo a cabeça para me livrar dos restos da minha raiva, sentindo o controle voltar aos poucos ao lugar.

*

A primeira coisa que faço é marcar uma reunião de emergência com os rapazes no The Lagoon – o clube de strip-tease. Não apareço muito por aqui, mas preciso de um espaço temporário, e ele é o que tem o melhor escritório.

A próxima ação que tomo é ligar para Moira e dizer para me encontrar

aqui. Eu deveria ter falado com ela logo ou mandado um dos rapazes para ficar com ela até que eu pudesse sair, mas estava muito envolvido com Wendy e com as minhas emoções conflitantes para pensar com clareza. Um descuido, com certeza.

Mas, agora que sei que está trancada no meu quarto, posso respirar mais tranquilo, permitindo que meu foco mude.

Trinta minutos após os rapazes receberem suas ordens, Moira entra desfilando no escritório, os olhos brilhando e os lábios pintados de vermelho vivo.

— Gancho — ronrona. — Já faz tempo.

— Estive ocupado.

Ela começa a andar ao redor da mesa, mas ergo a mão para detê-la.

— Você não está aqui para isso.

Seus lábios se curvam para baixo, sua expressão confusa.

— Ah.

— Me conta o que aconteceu ontem à noite. — Cruzo os dedos na frente dos lábios.

Ela suspira, passando a mão pelo cabelo quando se senta na cadeira em frente à mesa.

— Já contei tudo que sabia ao Starkey, Gancho.

Sorrio, minha paciência diminuindo.

— Conte de novo.

— Eu não sei, tá? — dispara, abrindo os braços. — Tudo estava bem, e, de repente... *bum!* — Ela bate palmas. — Tudo explodiu, ou algo assim. Para ser honesta, estava tão preocupada em garantir que todos saíssem, que não pensei muito no que mais estava acontecendo.

Meus dedos coçam a barba.

— Tudo bem.

Ela sorri.

— Está certo.

Aponto para ela.

— Fique aí e não fale.

Sua testa se enrug, mas ela faz o que digo. E, pelo menos de início, fica quieta, permitindo-me ver as despesas do The Lagoon. Não preciso necessariamente fazer isso, mas *preciso* passar o tempo, e embora no passado eu possa ter me interessado em usar o corpo de Moira para fazer isso, agora a ideia me causa repulsa.

Ela suspira alto, batendo as mãos nas coxas.

— Vamos fazer alguma coisa ou não, Gancho? Isso é *chato*.

Meus olhos disparam para os dela.

— Eu disse para não falar.

Ela se levanta e vem desfilando até mim.

— Posso pensar em outra coisa que eu poderia fazer.

Eu a vejo se mover em minha direção, a irritação ardendo em meu peito. Ela cai de joelhos, as unhas vermelhas deslizando pelas minhas coxas até espalmar meu pau, envolvendo os dedos em torno do comprimento por cima do tecido. Afasto a mão dela e seguro seu queixo, puxando-a com força até que seu rosto esteja nivelado com o meu.

— Eu te disse para me tocar?

Ela tenta balançar a cabeça.

O dorso da minha mão livre desce pela lateral de sua bochecha.

— Não quer me *agradar*?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Sim.

Aproximo-me, meu nariz roçando o dela.

— Então sente-se e fique quieta. Sua boca não tem mais utilidade para mim.

Seus olhos se fecham quando eu a solto e ela tropeça para trás enquanto esfrega a mandíbula e volta para a cadeira, cruzando os braços e olhando para o chão.

Ao longo da próxima hora, ficamos em silêncio. Às vezes, chamo alguns funcionários aleatórios para vir aqui, por nenhuma outra razão que não seja para ter certeza de que me vejam aqui, com Moira, neste exato momento.

Mas, desta vez, quando alguém bate, é justamente quem eu estava esperando.

— Entre — respondo, o alívio transbordando do peito quando os gêmeos aparecem. — Está feito?

Eles acenam com a cabeça, olhando para Moira.

Reclino-me na cadeira, a satisfação dançando por dentro.

Sabe, o que Peter não entende é que, enquanto ele tem dinheiro e posição social, eu tenho *lealdade*. E a lealdade vem do respeito. Você cuida das pessoas e elas cuidarão de você. E se há uma coisa que Ru e eu fizemos nesta cidade, foi cuidar do nosso povo.

Bloomsburg, Massachusetts, não é como qualquer outro lugar do mundo e

seus habitantes não gostam muito de sangue novo chegando e sua cidade em chamas.

Acontece que o segurança da nova pista de pouso da VoeAlém é um amigo pessoal. O filho dele teve uma batalha terrível contra o câncer há alguns anos e Ru pagou pela quimioterapia e todas as consultas médicas desde então.

Ele terá que desaparecer, é claro, depois de congelar o vídeo de segurança e permitir que meus rapazes entrassem e botassem fogo em cada um dos aviões. Mas as pessoas estão dispostas a fazer qualquer coisa por aqueles que amam, e ele sabe que sua esposa e filhos serão cuidados – protegidos pelos Garotos Perdidos até o último suspiro.

O amor verdadeiro às vezes requer sacrifícios.

Algo que Peter claramente não sabe.

Olho para Moira, um sorriso se espalhando pelo meu rosto.

— Pode ir agora.

Ela se levanta, o queixo marcado onde o agarrei, e se vira para sair sem dizer uma palavra.

— Moira — digo. Ela para na porta. — Sinta-se à vontade para dizer às pessoas que te comi muito bem hoje. Não quero manchar sua reputação, afinal.

Ela bufa, batendo a porta ao sair, e eu sorrio, levantando-me, o súbito desejo de voltar para o meu barco me deixando tonto.

Assim que chego no carro, meu celular vibra no bolso, uma única mensagem na tela.

Smee: Sua garota sumiu.

35

WENDY

Acordo e me alongo, meu corpo saindo do sono mais profundo que tive em muito tempo – mesmo antes de ser jogada no porão do JR. Bocejo, esfregando os olhos e me orientando, e, ao olhar em volta, metade de mim espera ver Gancho dormindo de forma tranquila ao meu lado.

Ele não está lá, é claro.

Estou sozinha. Eu me sento na cama, imaginando o que devo fazer. Vou ao banheiro, lavo o meu rosto e uso a escova de dentes que foi designada para mim ontem antes do jantar.

É estranho, acordar no luxo e usar essas instalações como se fossem minhas. O que me confunde e me tira do eixo, dificultando para o meu cérebro se lembrar de que, *na verdade*, não sou livre para fazer nada.

Mesmo que agora minhas correntes sejam invisíveis, ainda existem.

Meu olhar para na gargantilha.

Bem, quase invisíveis.

Volto para o quarto de Gancho, meus olhos indo para a porta, esperando que estivesse trancada do jeito que estava ontem à noite. Mas, quando me aproximo, seguro a maçaneta e puxo, ela se abre.

O iate está em um silêncio completo e a oscilação me abala, fazendo-me ficar nervosa ao caminhar pelo corredor e entrar na cozinha.

Quando chego lá, paro de supetão, vendo Smee ao lado da pia.

Coloco a mão no peito.

— Nossa, oi.

Ele sorri.

— Oi, srta. Wendy. Não queria te assustar.

— Não, eu deveria saber que alguém estaria aqui. — Aceno para ele, olhando ao redor. — Onde está Gancho?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Quer dizer James?

Inclino a cabeça. É a primeira vez que ouço alguém chamá-lo assim e isso me faz pensar quão próximos os dois são. Ele me disse uma vez que não se intromete na vida de Smee, mas não consigo imaginar que permita que *qualquer um* o chame pelo nome.

E, se são próximos, então isso significa que Smee é tão ruim quanto o resto do pessoal.

Espero que a raiva me possua, querendo destruir tudo e todos os responsáveis pela minha situação atual, mas ela não vem. Em vez disso, uma aceitação resoluta se apodera de mim. Uma sensação estranha vem depois, fazendo-me perceber a rapidez com que me adaptei a essa nova realidade.

— Ele está ocupado resolvendo algumas coisas. Me disse para fazer você se sentir em casa. — Ele sorri. — Quer café?

Eu o observo de perto, sem saber se deveria aceitar uma bebida de alguém que não conheço. Afinal, o dono deste barco me drogou, então todos devem ser capazes de qualquer coisa. Este é o mundo *deles* e estou aqui apenas tentando navegar em suas águas. Não é como se eu conhecesse as regras dos criminosos.

Embora, tecnicamente, acho que Smee não seja um criminoso. Ele só trabalha para um.

Balançando a cabeça, forço um sorriso.

— Acha que tem problema se eu me sentasse lá fora?

Ele me observa de perto por um minuto, seus olhos mudando, quase como se estivesse pensando em como responder. Prendo a respiração, torcendo para que ele diga que sim. Estou desesperada para respirar ar fresco, para me lembrar de que não continuo presa em uma sala escura e abandonada, com apenas meus pensamentos como companhia.

— Por favor, prometo que não vou a lugar nenhum. Eu só... — Meus dedos se entrelaçam sobre a bancada. — Quero tomar um pouco de sol.

Ele assente.

— Vá em frente, srta. Wendy.

Um sorriso atravessa meu rosto e eu me levanto num pulo, correndo pela porta lateral e indo até o solário.

Deito-me em uma das espreguiçadeiras, mas, não importa o quanto tente, não consigo ficar confortável, uma sensação de nervoso deixando as minhas pernas inquietas. Olho em volta e não vejo Smee em lugar nenhum. Olho a borda da doca a alguns metros de distância e a ideia de poder andar por aí, talvez colocar os pés na água, faz meus músculos se contraírem com a necessidade.

Volto para a porta, prestes a entrar e perguntar a Smee se posso ir até lá, mas paro. *O que é que eu estou fazendo? Não é como se eu fosse ir para longe.*

Qualquer um seria capaz de me ver do barco se estivesse no convés e olhando. Tiro a mão da maçaneta e, com o coração na garganta, ando até a saída, descendo do iate e pisando em terra firme.

Parte de mim esperava que, assim que saísse do barco, sentiria vontade de fugir. Mas, para minha surpresa, não sinto. E conforme ando até o fim da doca, os raios de sol se infiltrando na minha pele, percebo que, talvez, eu não esteja desesperada para fugir porque, se fizer isso, não tenho certeza do que vou encontrar me esperando.

Não consigo me imaginar voltando para a mansão e morando com meu pai. Não depois de saber de tudo agora. Não depois de como estou magoada.

Tenho certeza de que perdi o emprego na The Vanilla Bean. Não comparecer aos turnos é um jeito certo de ser demitida e já se passaram dias.

Angie ou está doida de preocupação ou me considerou um caso perdido. Não éramos melhores amigas e, por mais que nos déssemos bem, ela só me conhecia há alguns meses. Jon ainda está longe.

Eu ficarei sozinha. Sem emprego, sem perspectivas e sem família.

Sinto o coração se apertar.

Não tenho certeza de quanto tempo fico sentada aqui, meus pés pendurados acima da água, mas paro com a minha autoavaliação quando passos soam atrás de mim. Eu me viro, vendo Gancho marchando pela passarela de madeira, a boca retorcida e os olhos estreitos.

Ele parece *muito* infeliz.

Eu me retraio por dentro.

Abro a boca para dizer oi, mas, antes que eu tenha a chance, a mão dele envolve meu braço e me puxa com tudo, seu aperto me machucando. Tropeço quando me levanto e me agarro ao terno dele para me segurar.

Ele não diz uma palavra, apenas começa a me arrastar de volta para o *Tiger Lily*, os músculos da mandíbula se contraindo enquanto me atrapalho para acompanhar.

— Ai, você está me *machucando* .

Seus dedos apertam ainda mais quando digo isso, meus pés dando três passos para cada um dele. Olho em volta, querendo saber se há mais alguém na marina que talvez demonstre alguma preocupação, mas não há ninguém à vista. E, se houver, tenho certeza de que Gancho tem todos sob seu controle, de qualquer maneira. Ele parece capaz de ir a qualquer lugar; fazer *qualquer coisa* e permanecer intocável.

Voltamos para o iate e ele abre a porta, entra e me joga no sofá, meu corpo quicando quando bate nas almofadas. Meu cabelo voa no rosto e estico a mão para afastá-lo, a irritação borbulhando com seu manuseio áspero.

— Isso é mesmo necessário? — Meus dedos esfregam onde ele me agarrou, aliviando o local.

— Acha que isso é uma *piada*? — pergunta com a voz ríspida. Minhas sobrancelhas franzem.

— O quê? Eu...

— Deve achar — continua ele. — Porque não consigo, por mais que eu tente, entender o que faria você pensar que poderia sair deste barco.

— Eu...

Ele dá um passo à frente, seu corpo pairando sobre o meu. Meu coração bombeia adrenalina nas veias.

Seus olhos se fixam nos meus e meu estômago revira.

— Não confunda minha generosidade com fraqueza, Wendy. — O polegar dele pressiona meu lábio inferior. — Ou vou amarrá-la na minha cama até acabar com a sua vontade de ir embora.

— Argh! — grito, a raiva ardendo por dentro, exausta de seu comportamento oito ou oitenta. — Você é louco *pra cacete*!

Assim que as palavras passam pelos meus lábios, sei que cometi um erro. Minhas mãos disparam para cobrir a boca, meus olhos se arregalando.

Ele recua, a cabeça inclinada.

— Do que você me chamou? — Sua pergunta sai tão lenta que parece mel: grosso, composto e perigosamente doce.

Abaixo as mãos e, embora saiba que devo retirar o que disse e pedir desculpas antes que seja tarde demais, não digo nada, suas duas personalidades acabando comigo e me tirando do sério. Eu me apoio nos cotovelos até meu nariz roçar no dele.

— Eu te chamei de louco *pra cacete*.

Sua boca abre, a respiração o deixando em uma expiração lenta. Eu a sinto no rosto e minha língua desliza pelo lábio inferior como se procurasse seu gosto,

minhas mãos tremendo ao lado do corpo.

Ele agarra meu rosto e me beija.

O beijo me pega desprevenida, senti-lo é tão surpreendente que fico paralisada. Mas, quando sua língua abre minha boca, eu me perco na sensação, liberando todas as emoções e derramando-as nele.

Avanço, os braços voando até a mandíbula dele, nossos dentes batendo enquanto subo em seu corpo, tentando me aproximar mais, sentir um gosto *mais profundo*. Ele geme, uma das mãos emaranhada no meu cabelo, a outra envolvendo minha cintura e apertando.

O beijo é tudo, menos gentil. É retorcido e tóxico; um veneno mascarado de açúcar, fazendo com que você ame o sabor da morte.

Mas juro que não consigo parar.

Seus lábios se afastam, ele mordisca ao longo do meu queixo e do pescoço, minha cabeça caindo com um gemido enquanto me agarro aos ombros dele. Seus dedos apertam mais minha cintura e a mão solta meu cabelo quando ele me levanta e me gira, a frente do meu corpo batendo nas costas do sofá, os braços lutando para se segurar em algo. Suas mãos percorrem a lateral do meu corpo, a ereção grossa pressionando minha bunda e seu rosto descansando na curva do meu ombro. Ele desliza o braço pelo meu peito até sua mão envolver minha garganta. Meus mamilos endurecem, um pico de calor trovejando por dentro de mim.

Arrepios brotam enquanto ele desliza o toque pela minha barriga, deslizando por baixo das boxers que estou usando até que sua mão está entre minhas pernas, seus dedos deslizando pelas minhas dobras.

Meu abdômen fica tenso.

— Você acha que sou louco? — murmura no meu ouvido. — Você me *deixa* louco. — Seus dentes afundam na junção do meu pescoço ao mesmo tempo em que seus dedos mergulham dentro de mim, a dor aguda me atravessando e se misturando ao prazer de ser preenchida.

Deito a cabeça no peito dele, os olhos revirando com a sensação.

— Diga que gosta das minhas mãos em você, gatinha — exige ele. — Diga que senti falta da sensação.

— Eu... senti. Minha nossa. — O polegar pressiona firme no meu clitóris inchado, esfregando em círculos acentuados conforme seus outros dedos entram e saem, a mão livre manipulando as vias aéreas dos meus pulmões.

Minha cabeça está tonta de luxúria, meu útero tenso com o calor que se forma nele e se espalha para todos os lados, deixando-me entorpecida até estar

prestes a explodir.

— Você se desculpa por quebrar minhas regras? — Ele desacelera o movimento.

Meus quadris se pressionam contra ele, desesperados pelo contato, *tão* perto de gozar que não consigo me concentrar em mais nada.

— Sim — suspiro.

Seus dedos deslizam de volta para dentro, curvando-se e tocando em algo que faz minhas costas se arquearem. Minha boca se abre, ofegante.

— Boa menina — ronrona.

O prazer por suas palavras estoura dentro de mim parecendo uma estrela cadente, a umidade escorrendo por seus dedos e se acumulando em sua mão.

Sua pressão na minha garganta aumenta, a respiração agora limitada a pequenas quantidades de ar. O pânico começa a penetrar no momento, os recessos mais escuros da minha cabeça gritando comigo, implorando para eu lembrar que este homem ameaçou minha vida há menos de vinte e quatro horas, que se ele quisesse poderia acabar com tudo agora e eu morreria numa confusão lamentável e excitada.

— E você não vai me desobedecer de novo, vai? — Os dentes dele pegam o lóbulo da minha orelha, fazendo arrepios descer pelas costas.

— N-Não — gaguejo apesar do aperto na garganta. Tudo fica tenso por dentro, as pernas tremendo, o cabelo embaraçado no rosto enquanto o prazer faz minha cabeça delirar de desejo. Choramigo, meu corpo gritando pelo orgasmo, quase à beira da felicidade.

— Essa é minha garota — sussurra ele na minha pele.

Ele belisca meu clitóris, seus dedos apertando meu pescoço até cortar o oxigênio, e isso combinado com seu elogio faz meu corpo explodir, milhões de luzes brilhantes pontilhando minha visão conforme desabo em suas mãos.

Inspirando fundo, minhas paredes internas vibram ritmicamente ao redor dele e, quando volto à terra, meu raciocínio também começa a voltar aos poucos.

Meu corpo treme contra o dele, o peito arfando pela dificuldade de respirar.

Ele tira a mão, trazendo-a até a minha boca e deslizando os dedos cobertos pelo gozo entre os meus lábios. O meu gosto combinado com o sal de sua pele faz tremores de prazer me percorrerem e eu o lambo até ficar tudo limpo enquanto ele me segura.

— *Nunca mais* tente me deixar.

Quero discutir. Quero dizer a ele que eu *não estava* indo embora.

Que foi seu maldito “imediato” que disse que eu poderia sair. Mas estou cansada demais para brigar.

Então concordo com a cabeça em seu peito, escolhendo viver em minha felicidade um pouco mais, antes que a vergonha e a tristeza ressurjam e me engulam inteira.

36

JAMES

Não sei mais qual é o meu objetivo com Wendy. Quando Smee me disse que ela tinha sumido, centenas de cenários diferentes se passaram pela minha cabeça. *Peter a levou? Ou um dos meus outros inimigos?*

Só quando voltei à marina que percebi que meus pensamentos estavam centrados em torno da *preocupação*, e não no fato de que, se tivesse oportunidade, ela fugiria de mim e nunca mais voltaria.

Isso me deixa muito puto.

Tanto a possibilidade de ela ir embora como a de me importar com isso.

Mas evitar algo nunca leva ninguém longe na vida, só traz problemas. O verdadeiro domínio do controle é aceitar suas emoções e em seguida aprender a empunhá-las, apesar de como você se sente.

Meu problema agora é que Wendy me faz *perder* esse precioso controle.

Isso nunca aconteceu antes.

Eu a solto e dou um passo para trás, voltando a raciocinar, mesmo que meu pau esteja latejando dentro da calça.

Ela desaba no sofá, o corpo subindo e descendo com suas respirações ofegantes, e eu a encaro, o choque reverberando através de meus ossos. Ela não teve medo de mim, apesar de eu ter praticamente prometido sua morte.

Chamou-me de louco, mas qualquer pessoa que permita que sua vida fique tão vulnerável nas minhas mãos é a verdadeira maluca.

Estava com raiva por ela ter me deixado preocupado.

Fiquei furioso por ela me fazer sentir.

Agora só me restou pensar que ela de fato passou a significar alguma coisa; algo além de uma ferramenta ou de uma boa diversão, que seja.

Em algum lugar ao longo do caminho, comecei a me importar.

A percepção de que não quero mais usá-la contra seu pai me atinge, tirando o meu fôlego e fazendo meu coração torturado bater mais forte. Mas, se eu a libertar, ela fugirá para muito, muito longe.

Ela inclina a cabeça para trás, os olhos fechados e os lábios abertos ao respirar fundo. Meu coração martela no peito conforme a absorvo.

— Você é muito bonita, sabia?

Os olhos dela se abrem e sua língua aparece, lambendo o lábio inferior bem devagar. O sangue flui para minha virilha, meu comprimento já duro pulsando contra a perna.

Um sorriso preguiçoso se espalha por seu rosto.

— Aposto que diz isso para todas suas reféns.

— Hum — murmuro. — Você é bocuda, no entanto. — Vou até ela. — Sabe, acho que seu sarcasmo *piorou* desde que estive sob minha proteção.

Ela bufa, a cabeça inclinada quando me sento ao lado dela.

— É assim que chamamos agora? “*Proteção*”?

Dou de ombros.

— Acredita mesmo que estaria mais segura lá fora do que aqui comigo?

Suas sobranceiras arqueiam.

— *Gancho*.

O apelido me deixa tenso, do jeito que sempre faz quando ela o pronuncia. Não gosto que me conheça como Gancho, ainda mais quando é a única pessoa neste mundo que me faz sentir como James.

— Você literalmente ameaçou me matar várias vezes — continua.

Inclinando-me, afasto o cabelo dela do pescoço.

— Isso não te impediu de gozar nos meus dedos, sua safada. — Minha mão trilha ao longo de sua clavícula, apreciando o rubor que se espalha pela pele. — Te excita quando sua vida está em perigo?

Ela ri com escárnio, estremecendo sob o meu toque, e eu relaxo no sofá, um sorriso malicioso revestindo meu rosto.

Meu celular toca e, mesmo que eu não queira nada além de ignorar o mundo e ficar na bolha da Wendy, eu o pego do bolso, vendo o nome de Starkey aparecer na tela.

— Fala.

— Oi, chefe. Tem tempo hoje para uma reunião? Temos uma entrevista e

acho que vai querer participar.

Fico tenso, meu foco deixando Wendy e me concentrando mais uma vez nos problemas da minha vida. Entrevistas só significam uma coisa. Algo aconteceu e eles têm pessoas para interrogar.

— Muito bem. Onde estão sendo mantidas?

— The Lagoon.

Solto um suspiro, desligando e batucando com o celular no queixo enquanto encaro Wendy, sem saber o que fazer com ela. Poderia deixá-la aqui, mas Smee deixou mais do que óbvio que não é capaz de ficar de olho nela.

Embora não queira mais usá-la para ações nefastas, não quero deixá-la sozinha e arriscar que fuja. Não que isso importasse muito. Apesar de seu sarcasmo e postura, ela não tirou a gargantilha que coloquei em sua garganta. E, desde que a use, posso encontrá-la em qualquer lugar.

Mas se ela fugir, vou perdê-la para sempre. E acabei de perceber que ela é algo que quero manter.

— Como você saiu do quarto?

Ela passa os dedos pelo cabelo embaraçado.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que eu disse. A porta estava trancada, como você saiu?

Ela fez que não com a cabeça, devagar.

— A porta *não* estava trancada.

Meu peito se contrai.

— *Estava*, sim.

— Não quando tentei abrir. — Ela dá de ombros.

O desconforto me circula parecendo um tubarão rondando a presa.

— Está mentindo para mim?

— Que motivo eu teria para mentir?

Ergo uma sobrancelha.

— Posso pensar em vários, na verdade. Eu não deveria, a princípio, ser sua pessoa favorita neste momento.

Seus olhos se estreitam.

— Você *não* é minha pessoa favorita. Na verdade, você é minha pessoa *menos* favorita.

Rindo, eu me endireito, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar também. Ela a segura, permitindo que eu a levante, e puxo seu corpo contra o meu, minha mão estendida na base de suas costas, o algodão da camisa se aglomerando sob meu toque.

Sua respiração vacila quando deslizo a boca em seus lábios.

— Você tem um jeito engraçado de mostrar isso, querida. — Eu me afasto, vendo seus olhos dilatarem e o prazer flui através de mim. — Preciso fazer uma coisa e como não posso confiar em você, virá comigo.

Ela suspira.

— Tudo bem, mas o que quer que eu vista? *Isso?* — Suas mãos percorrem seu corpo, mostrando minhas roupas em seu corpo flexível.

Sorrio.

— Acho *muito* excitante você usando as minhas roupas.

Ela bufa.

— Pedirei a Moira para nos encontrar e trazer algo. — Meus olhos a devoram, meu corpo se deliciando com o modo como suas feições mudam com a menção do nome de Moira. — Vocês são mais ou menos do mesmo tamanho.

Seus olhos ficam sérios, um sorriso tenso abrindo caminho em seu rosto.

— E você sabe disso porque tem uma excelente memória “*tátil*”?

Meus dedos roçam a maçã do rosto dela.

— O ciúme fica bem em você. Infelizmente, não temos tempo para nos divertir com isso.

Ela cruza os braços.

— Não estou com ciúmes, só não gosto dela.

Sorrio, o prazer se espalhando pelo meu peito, enquanto me pergunto se ela sente mais por mim do que quer admitir. Talvez eu não tenha estragado tudo de vez.

*

O clube The Lagoon, como a maioria dos nossos negócios, tem um porão. Usamos mais como depósito ou esconderijo temporário para algumas das atividades ilegais que passam por nossas mãos.

Repito, fazer uma reunião aqui não é o ideal, mas já que o JR não existe mais e é o que temos.

Wendy está lá em cima no escritório, Curly a vigiando, e eu estou aqui embaixo cercado por caixas e engradados, encarando o rosto de *mais um* traficantezinho de drogas que achou sábio me trair.

Não sei o nome dele ao certo e, para ser sincero, não me importo. O que

me importa *de fato* é que meu tempo está sendo desperdiçado em assuntos triviais em vez de ser focado no panorama geral. Mas os rapazes não são tão habilidosos em tirar segredos de traidores e, quando se trata de alguém tentando me usurpar vindo de tão baixo, preciso de todas as informações que puder conseguir.

— Me diga. — Ando em direção ao homem amarrado e amordaçado. Tiro o pano branco de sua boca, fazendo-o se engasgar e tossir ao respirar fundo. Minha faca desliza por seu rosto. — Qual é o seu nome?

— To-Tommy.

— *Tommy*. — Assinto. — Então, Tommy, o que esperava ganhar me traindo?

Ele engole, olhando para o lado. Meus dedos enluvados agarram seu queixo, forçando-o a encontrar o meu olhar, e minha faca pressiona sua boca, gotas de sangue se formando pela pressão da lâmina na pele.

— Não tenho tempo para hesitações, *Tommy*. Então vamos parar de desperdiçar preciosos segundos e ir direto ao ponto. Você não sairá daqui vivo. — Dou um tapinha na bochecha dele, soltando o rosto. — Mas sou um homem justo. — Afasto-me, enrolando as mangas da camisa. — Deixarei você escolher se sua morte será dolorosa ou rápida. — Ele fica em silêncio.

Abro os braços.

— Então? O que será?

— Era uma mulher — ele se apressa em dizer. — Ela apareceu há alguns meses, começou a sair com a gente um pouco, sabe? Começou a... — Seus olhos percorrem o porão, indo para os gêmeos e Starkey, que ficam atrás de mim, depois de volta para mim. — Começou a trepar com todo mundo. Contando tudo do chefe dela e como ele poderia cuidar melhor de nós. Dar mais do que estamos...

Ele hesita e meu queixo se levanta.

— Mais do quê?

— Hã... mais do que o que estamos ganhando.

Minha mandíbula treme, a raiva fervendo por dentro. Eu me viro, olhando para os rapazes.

— Não sou um empregador generoso? — Eu me volto para Tommy. — Não dou acesso irrestrito ao seu produto e às minhas ruas?

Os olhos dele se arregalam.

— Claro. Claro, você é generoso, sim. É só que... Olha, eu queria dizer não. Mas quero fazer parte de algo, cara. — Ele se inclina. — Queria conseguir a

marca.

O interesse se aloja no meu interior. *Enfim*, informações novas.

— E o que é essa marca?

— É uma tatuagem. Legal pra caralho, mano.

A irritação ataca meus sentidos, eliminando os vestígios do meu controle.

— Entendo — digo enquanto me aproximo. Minha mão desce com tudo, a ponta da lâmina cortando seus tendões igual manteiga, alojando-se fundo em sua coxa. Ele grita, o som irritando e arranhando meus ouvidos.

Minha mão cobre sua boca, abafando o barulho, e eu me aproximo, o rosto a centímetros do dele.

— Sabe a minha parte favorita quanto a facas? — Minha outra mão ainda no cabo começa a girar bem devagar, empurrando através da resistência do músculo. — É a habilidade de ser tão delicadamente *precisa*. Sabe, oito centímetros mais para lá e eu teria cortado sua artéria femoral, fazendo com que sangrasse até a morte bem rápido. Sua mente teria cessado a consciência, permitindo uma morte tranquila.

Tommy geme, seu corpo vibrando ao se empurrar contra as braçadeiras que o prendem.

— Mas, já que decidiu que somos “manos”, acho que vamos passar bons momentos juntos. — Um sorriso reparte meu rosto. — Posso te mostrar o quanto gosto de brincar com coisas que *cortam*.

Retiro a mão de sua boca, meu estômago se revirando de nojo pelo jeito que as lágrimas e o ranho escorrem por seu rosto.

— É um crocodilo — revela ele. — Embrulhado em um... um relógio. É... é a marca que você recebe quando se junta a ele.

A surpresa me dá um soco no estômago, fico passado com o que visualizo a partir de suas palavras.

— O que mais? — murmuro, ríspido, pressionando a faca mais fundo.

— É só isso, cara. Eu juro.

Meus dedos se contraem.

— Starkey, traga o sal, por favor.

— Eles o chamam de Crocodilo! — grita Tommy. — Por favor, pare, eu...

Minha mão escorrega do cabo, mas recupero o controle, a fúria correndo pelo meu sangue, a escuridão avançando como uma tempestade de vento. Tiro a lâmina de sua pele e ataco de novo, desta vez mais para cima, arrastando-a através da pele em movimentos acentuados e irregulares enquanto ele grita em agonia.

— Mentiroso — sibilo. — Como sabe desse nome?

— Estou fa-falando a verdade. Eu juro. — O rosto dele está pálido, o sangue se acumulando no chão debaixo de nós. — As pessoas o chamam de Crocodilo. E-eu nunca o encontrei, mas o nome da mulher é... — *Bum*.

37

WENDY

Meu coração está pesando no peito enquanto fico sentada no escritório frio e úmido de um clube de strip-tease e espero que Gancho termine seja lá que coisas que precise fazer.

Que chatice.

Curly está sentado atrás da mesa, rolando a tela do seu celular, e *Moir*, por algum motivo, assumiu a responsabilidade de nos fazer companhia. Sinto seu olhar escorrer igual lava por dentro e sorrio para ela, torcendo para que esteja arrancando os cabelos ao saber que Gancho me trouxe até aqui. Ela trouxe roupas, mas as recusei, incapaz de evitar a faísca de prazer que fervia no peito à medida que ela reparava no que eu estava vestindo.

Tive as últimas duas horas para aceitar o fato de que estou emocionalmente fodida. Permitir que um homem como Gancho me toque e *desfrutar* do que sinto com isso parece, no mínimo, doentio. Ele deixou bem claro que não é um homem honesto. Ele faz coisas horríveis, a maioria das quais espero nunca ver.

Mas, apesar do que ele fez comigo, e tenho certeza de que com outras pessoas também, não posso mudar o fato de que, quando estou com ele – quando estou mesmo com *ele* – descubro mais a meu respeito. Quem eu *posso* ser.

Irônico o fato de como perder meu livre arbítrio me ajudou a encontrar minha voz.

Talvez isso me faça mais parecida com meu pai do que eu gostaria de admitir.

Porém somos todos um pouco perversos e não existe isso de bom e mau. Existem apenas perspectivas, e as percepções mudam dependendo do ângulo.

As pessoas não são estáticas. Nossa moral não é constante. É tudo variável, sempre mudando e se moldando em diferentes versões de nós mesmos; uma energia que pode ser realocada e realinhada.

— Pode me emprestar seu celular? — pergunto a Curly.

Seus olhos reviram.

— Docinho, a resposta agora é a mesma das últimas vinte vezes que me pediu: *não*.

— Só quero ver como estão as minhas amigas. E o meu irmão.

Moira ergue os olhos, parando de cutucar as unhas, seu olhar curioso se fixando em mim.

— Por que é mesmo que não está com o seu celular?

A coluna de Curly se endireita, lançando-me um olhar de aviso.

— Eu perdi — respondo, tentando encobrir meu erro.

— Ah. — Ela concorda com a cabeça. — Que pena. — Um brilho passa por seus olhos enquanto me olha de cima a baixo, seus lábios se curvando. — Sabe... Eu entendo. Também estava muito preocupada de ter perdido meu celular ontem à noite, mas percebi que saí com tanta pressa para encontrar Gancho, que nem o levei comigo.

Fico tensa. *Ela está mentindo*.

— Ontem à noite?

Moira me lembra muito a Maria, e nunca tive a chance de me defender dela, preocupada demais em ser aceita. Mas cansei de ser a garota dócil que só aceita os insultos das pessoas e os carrega como um fardo.

— Que interessante, porque Gancho estava comigo ontem à noite.

Seu sorriso se alarga, a cabeça inclinada.

— Tem certeza?

— Eu... — Faço uma pausa quando percebo que na verdade não sei para onde ele foi depois que dormi. Presumi que ele só tinha acordado mais cedo do que eu, mas sinto uma pequena dúvida e isso me deixa doida de ciúmes.

— Moira, cala a porra da boca — diz Curly, irritado. — Ninguém liga para as suas atividades extracurriculares com o chefe. Saia.

— Mas eu...

Ele se levanta.

— Eu disse para dar o fora.

Ela se levanta num pulo e sai brava pela porta. *Já vai tarde*.

— Então, ele *estava* aqui? — pergunto depois que ela sai, minha cabeça disparando para Curly.

Ele olha para mim com a mandíbula cerrada e os olhos um pouco caídos, como se tivesse pena de mim e não quisesse responder.

Suspiro, cruzando os braços. *Não me interessa*. Não importa com quem ele passa o tempo. Só fico muito enojada com a possibilidade de ele ter estado com ela e, depois que voltou para casa, colocado os mesmos dedos dentro de *mim*.

E deixei que fizesse isso sem nem resistir. Praticamente implorei.

A porta se abre e Gancho atravessa o escritório parecendo um furacão, sugando toda a energia do lugar no mesmo instante. O homem da primeira noite no bar – aquele que nos deixou entrar – vem logo atrás.

— Gancho, eu...

Gancho se vira para ele.

— Starkey, não *fale* a menos que queira perder a sua vida.

Fico nervosa na hora. Meus olhos se arregalam ao observar a aparência de Gancho. Ele está com aquelas luvas de couro preto e as mangas da camisa estão enroladas até os cotovelos. Vejo manchas vermelhas ao longo de sua pele e seu cabelo está todo desgrenhado, como se o estivesse puxando.

Starkey engole em seco, o rosto se enrugando enquanto abaixa a cabeça. Gancho estala o pescoço e, apesar de sua aparência, parece relativamente composto, posso ver o tremor leve em sua mão e como sua feição fica tensa. O ar... parece diferente. Não sei como explicar, mas consigo sentir sempre que o humor dele muda de um extremo para o outro. Como se buscasse me alcançar, atraindo-me para ajudar a salvá-lo de se afogar.

Posso sentir em meus ossos que ele está a segundos de explodir.

E, quando Gancho explode, imagino que não é bom para ninguém envolvido.

Não sei o que me leva a fazer o que faço a seguir. Talvez eu tenha tendências suicidas ou tenha me resignado ao fato de que, se ele quisesse me matar, já teria feito isso. Mas me levanto de onde estou sentada no sofá e ando bem devagar em sua direção, sem parar até estar bem na frente dele.

Ele dá um suspiro, soltando o cabelo, as narinas dilatadas ao olhar para mim.

— Oi — digo.

Seus olhos ficam sombrios.

— Oi.

— Sei que não é uma boa hora. — Tento brincar.

Os cantos da boca dele se contraem.

Chego mais perto, esperando que ele mantenha o olhar em mim, preocupada que, se ele desviar, eu o perderei para sempre, e o pequeno pedaço de *James* que ainda resta desaparecerá por completo.

Coloco a mão em seu peito, o ritmo constante da respiração dele faz minhas palmas subirem e descerem, e fico na ponta dos pés.

— Posso falar com você a sós?

Ele me agarra, seus olhos tão intensos que fico nervosa, eles me envolvem e puxam. Seus dedos se contraem na minha cintura.

— Por favor — sussurro, olhando para ele com olhos semicerrados.

— Saiam — esbraveja.

Meus sentidos estão confusos, o foco centrado apenas nele, mas ouço a porta quando se fecha atrás de nós.

Suas mãos traçam minhas costas, fazendo arrepios me percorrerem. De repente, não estou apenas tentando acalmar a situação. De repente, estou *desesperada* para tê-lo só para mim. Sou atacada pelas memórias de mais cedo, despertando o desejo até o calor ferver em minhas veias.

Desta vez, sou eu quem se inclina e o beija.

38

JAMES

Nunca usei nenhuma droga na vida, mas imagino que seja parecido com o que acontece quando a essência de Wendy corre em minhas veias.

Avassalador.

Eu a agarro forte enquanto sua língua se enrola com a minha, querendo me banhar em seu gosto para afogar as lembranças que estão tomando minha cabeça. Eu estava *tão perto* de me descontrolar. Medo e fúria bombeavam pelo meu sangue até que tudo o que eu podia enxergar era vermelho, mas segurei firme, esperando ouvir o nome *Tina Belle* sair dos lábios de Tommy.

Então Starkey, sendo o imbecil que é, meteu uma bala na cabeça de Tommy, dizendo que seu dedo escorregou no gatilho.

Ele deve ser idiota de pensar que acredito em uma desculpa tão esfarrapada. Mas lidarei com ele depois que enfrentar meus demônios.

Crocodilo.

Apenas o nome já me dá asco, a vergonha vindo logo atrás. É *impossível*. Peter não o conhece – *ninguém* o conhece.

A menos que tenham descoberto ao torturar Ru.

Pensar no meu amigo mais próximo revelando os meus segredos mais sombrios ao meu inimigo mortal desencadeia um inferno de fúria, que faço transbordar na boca de Wendy e ela o recebe como se fosse água, como se gostasse do sabor.

Estou fervendo e explodindo por dentro, a cabeça em guerra entre quebrar tudo no meu caminho ou me abrir até que a marca da memória do meu tio seja

drenada da minha alma.

Minha boca se afasta da de Wendy quando uma dor aguda atravessa meu peito, os pesadelos da infância reaparecendo na minha cabeça.

Wendy agarra minha mão e a coloca sobre seu coração, os dentes mordendo meu lábio inferior.

— Dê para mim — sussurra.

Balanço a cabeça, o corpo tremendo.

— Não tenho nada para dar.

Sua boca roça minha mandíbula, pressionando beijos suaves na pele.

— Então me dê todo seu *nada* — responde.

Suas palavras tocam o lugar mais profundo dentro em mim, misturando-se com a fúria até que eu explodo. Minhas mãos a agarram com força e eu nos viro, dobrando-a por cima da mesa, levantando seus braços acima da cabeça e prendendo os pulsos com minha mão.

— Não finja que se importa comigo — cuspo. — Agora não. Não vou ser capaz de suportar isso. — Minha voz sai engasgada com o ardor na garganta.

Os olhos de Wendy se arregalam quando ela olha para mim, os lábios inchados e rosados dos beijos.

— E se eu não estiver fingindo? — sussurra.

Meu estômago revira, o peito se contraindo com as palavras dela.

— Não te dei motivos para se importar. — Pressiono o peito no dela, meus quadris se acomodando entre suas coxas, os papéis na mesa amassando sob nosso peso. — Não sou um bom homem.

— Eu sei — suspira.

— Já torturei. — Mergulho os lábios, roçando-os em seu pescoço. — Já matei. — Levantando a camisa dela com a outra mão, meus dedos deslizam pela lateral de seu corpo, a boca provando sua clavícula, então se arrastando sobre o volume de seus seios. — E farei os dois de novo, sem nunca me arrepender de nada. Eu *gosto* de fazer isso.

As pernas dela se fecham em volta dos meus quadris.

Minha mão solta seus pulsos, movendo-se para segurar o rosto dela, a pele macia sob as pontas dos meus dedos. Meu peito se contrai enquanto meu coração bate forte.

— Mas me arrependo, com cada fibra do meu ser, que você tenha sofrido sob as minhas mãos por um segundo sequer.

Seus olhos se arregalam, os belos tons castanhos brilhando.

— Você é, sem dúvida, a única coisa boa que já conheci. — Descanso a

testa na dela, minha respiração trêmula se espalhando por seus lábios, meu polegar acariciando sua bochecha. — Então... não minta para mim, Wendy, querida. Porque meu coração não sobreviverá se mentir.

Ela sobe, sua boca colidindo com a minha, a paixão explodindo no meu paladar. Solto um gemido quando ela se enrola em mim, meu pau endurecendo conforme se esfrega nela.

Toda a minha turbulência está canalizada nela em vez de no mundo, e me perco no momento.

Seguro a gola da camisa dela e puxo até rasgar, expondo os mamilos que são cor-de-rosa, duros e *lindos*. Pego um com a boca, girando-o sob a língua enquanto minhas mãos tiram a boxer de suas pernas.

Ela arfa, as costas arqueadas para mim. Meu coração incha com a necessidade de fazê-la ver. De mostrar a ela como me sinto, porque nunca fui bom com as palavras. Não com as que importam, de qualquer maneira.

Quero que ela me *escolha*.

Não porque exijo, mas porque ela quer.

Meus dedos mergulham entre as dobras de sua boceta, deslizando pela umidade.

Abro caminho com a boca pelo seu peito, beijando e mordiscando — pedindo desculpas com a língua e os dentes por todas as maneiras que a machuquei, por toda a dor que sei que causei.

Meu rosto repousa entre suas coxas e inspiro fundo, o aroma de sua excitação fazendo o desejo revestir a minha pele.

— Sempre tão molhada para mim, gatinha. — Deslizo dois dedos para dentro, observando as paredes apertadas dela os envolverem. — Você é uma boa garota. Sabe disso?

Suas pernas tremem quando se espalham mais, abrindo-se para que eu faça um banquete. Ela fica excitada com o elogio. Emaranhando os dedos no meu cabelo, ela me puxa para frente. Eu vou de bom grado, girando o clitóris na minha boca, seu gosto explodindo na língua. Gemo, pressionando o rosto ainda mais contra ela, querendo me afogar em sua essência até senti-la em minha alma. Deslizo os dedos para dentro e os curvo para cima antes de tirá-los dela, depois os mergulho mais para baixo, para molhar uma abertura *diferente* com sua excitação.

Suas pernas se apertam em volta da minha cabeça e a saliva se acumula em minha boca. Eu me levanto um pouco, as mãos empurrando suas coxas até que estejam bem abertas e ela exposta. Faço a saliva pingar, observando enquanto

escorre da boca até o topo de sua linda boceta rosada, depois desliza por todo o caminho até embaixo, passando por sua boceta e descendo mais até chegar na mesa abaixo de nós.

Ela estremece e eu sorrio, meu pau pulsando com a imagem obscena. Meu dedo pressiona sua fenda, correndo por seus grandes lábios até chegar ao anel muscular apertado que agora está escorregadio e molhado.

— Você é tão safada, não é? — murmuro, excitado, tenso de desejo. Chupo seu clitóris, girando a língua em um oito, meu dedo provocando a borda de seu ânus.

— *Meu Deus* — ela geme.

Abro mais a boca, minha saliva se misturando com sua essência, encharcando-a até uma poça se formar na mesa.

— Acho que não...

— Shh — murmuro. — Não pense, gatinha. Apenas aceite.

Empurro a ponta do dedo para dentro, certificando-me de que há lubrificação suficiente para que seja agradável em vez de doloroso.

— *Porra* — ela geme alto.

Minha boca mergulha de volta, a língua alternando entre mergulhar em sua boceta e girar em torno do clitóris. Gemidos ininteligíveis saem de sua boca, o corpo se sacudindo, e minha outra mão se levanta, pressionando a superfície plana de sua barriga.

Quando sua respiração ofegante cessa, sei que ela está quase lá.

Ela está prendendo a respiração.

Meu dedo mergulha para dentro e para fora de seu buraco apertado em sincronia com a língua em sua boceta, o polegar fazendo círculos firmes no clitóris.

Todo o seu corpo começa a tremer e olho para cima, meu pau pulsando quando vejo o rubor manchando sua pele.

Ela abre a boca em um grito silencioso, seu corpo arqueando para fora da mesa, e os músculos internos de sua bunda agarram meu dedo com força.

Eu a toco através do orgasmo, bebendo seus fluidos e gemendo por causa de seu gosto. A tremedeira se transforma em arrepios e vou lambendo seu corpo até meus lábios chegarem à sua orelha. Deslizo da bunda dela até deixar só a ponta do dedo a pressionando.

— Um dia — sussurro — vou te pegar aqui. Sentir seus músculos ordenharem a porra do meu pau enquanto você masturba essa bocetinha gostosa.

Ela respira fundo, os olhos arregalados e as bochechas avermelhadas.

— Você gostaria disso? — sussurro, esfregando o nariz no rosto dela.

Ela estende as mãos e agarra meu rosto, puxando-me para si. Então *lambe* os fluídos da minha boca, os olhos com as pálpebras pesadas enquanto geme ao sentir o sabor.

Eu me contraio por dentro, meu comprimento estremecendo.

Ela tira a mão do meu queixo enquanto a língua escorrega entre meus lábios, as palmas deslizando para baixo e lutando contra a fivela do cinto. Eu ajudo a acelerar o processo, tirando as calças até que meu pau esteja livre, grosso e inchado, pingando com a *necessidade* de estar dentro dela.

Seus dedos se movem para a camisa e eu congelo, minhas mãos disparando para cobrir as dela, sem querer que veja as imperfeições do passado marcando a minha pele.

— Está tudo bem — diz. Ela se senta, nivelando o rosto com o meu, a palma da mão no meu peito, bem sobre meu coração. — *Não* estou fingindo.

Respiro fundo, minhas emoções descontroladas, o medo inundando as veias conforme ela abre a minha camisa devagar, um botão de cada vez, até deslizar as mãos por baixo das mangas, o tecido escorregando da minha pele. Fico parado, a mandíbula tensa, preparando-me para o que sei que ela está prestes a ver.

Ela se aproxima, as pernas envolvendo meus quadris, aninhando meu pau em seu centro.

— James — sussurra.

O nome deslizando de sua língua me desarma, algo quente e carente explodindo no peito. Ergo os braços, permitindo que ela tire a camisa e a jogue de lado.

Então, aguardo.

Seus dedos percorrem meu torso e me arrisco a olhar para baixo, temendo ver o olhar de piedade em seu rosto.

Mas não vejo.

Seu olhos estão arregalados enquanto toca cada cicatriz, muitas delas das noites em que meu tio decidiu cortar minha pele, sabendo que ver meu próprio sangue fazia com que o terror me paralisasse.

Meu coração bate erráticamente no peito. Sua mão resvala ao longo do meu quadril, a cicatriz irregular na lateral do corpo queimando com seu toque.

— O que aconteceu aqui? — pergunta.

Cerro os dentes.

— Acidente de avião.

Seus olhos encaram os meus, em seguida, ela se inclina e pressiona os lábios na cicatriz. Meus pulmões se apertam, a garganta se fechando com o gesto. Quero dizer que ela está beijando a cicatriz que o pai dela ajudou a criar e que, de alguma forma, o toque dela aliviou a dor.

Mas não sei como, então puxo o rosto dela para a minha boca e mostro com o corpo.

Sugo a sua respiração, jogando-a de volta na mesa, meu pau escorregando entre as dobras de sua boceta e criando um atrito que me deixa tenso, o prazer arrepiando minhas costas.

— Repete — digo contra seus lábios.

— O quê?

— Meu nome. — Eu me esfrego nela, o calor se espalhando por todas as células.

Os olhos dela reviram quando a ponta do meu comprimento pressiona seu clitóris.

— James — sussurra.

Meu pau desliza para dentro de uma só vez, até o talo.

Ofegamos juntos, a sensação de estar cercado por ela sobrecarregando todos os meus sentidos. Temo que, se me mexer, vou explodir, e quero que isso dure para sempre.

Lentamente, saio antes de voltar a entrar, o poder dos meus quadris combinado com a onda da minha emoção me fazendo delirar com a necessidade de ir o mais fundo que puder.

Inclino-me para baixo, a língua lambendo sua orelha.

— Você é tão perfeita. É *tão* gostosa.

Ela geme, as unhas cravando no meu ombro enquanto seus quadris se erguem para encontrar os meus.

Não há troca de poder aqui, nenhuma demanda por obediência ou necessidade de manter tudo sob o meu controle. Só tem Wendy.

Apenas Wendy.

Fazendo o que ela faz de melhor, consumindo cada parte de mim.

Meu coração dilacerado vibra em sua gaiola enegrecida, batendo apenas por ela, com a esperança de que ela aprenda a amá-lo mesmo com toda a sujeira.

— Mais uma vez — mando.

— James — geme ela.

Mordo o lábio, tudo dentro de mim enfurecido pelo tesão conforme os quadris penetram nela, as bolas batendo em sua bunda a cada estocada.

— Quero que diga que é minha.

Ela grita quando mudo o ritmo, meu pau encaixado todo dentro dela, os quadris esfregando o clitóris.

— Sou...

Eu a interrompo com um beijo, precisando que entenda o que estou pedindo.

— Eu quero que você diga, mas não porque mandei, não porque pedi. — Deixo a cabeça cair na curva do pescoço dela, a respiração superficial e quente, meu orgasmo crescendo lá no fundo enquanto saio e deslizo de volta para dentro, girando os quadris contra ela. — Quero que diga isso porque você é minha. Porque vai ficar, mesmo que a gente saiba que deveria ir embora.

A respiração dela vacila, as mãos emoldurando meu rosto conforme olha no fundo dos meus olhos.

— Sou *sua*, James.

O calor irrompe dentro do peito e acelero, suas palavras fluindo em minha alma e preenchendo as rachaduras no meu coração.

O som da nossa pele colidindo se misturando com seus gemidos até que ela fica tensa e depois explode. As paredes de sua boceta me apertam, incitando minhas bolas a se comprimir, meus músculos tensos até doerem. O gozo pulsa pelo meu pau, fazendo-o estremecer de forma descontrolada dentro dela enquanto cubro seu útero com meu esperma.

Desabo em cima dela, a respiração ofegante, minha cabeça finalmente em paz.

É neste momento que percebo, por mais louco que possa ser, que a amo.

E isso me aterroriza mais do que qualquer outra coisa.

39

WENDY

Estou na frente do espelho, arrumando as roupas com caimento ruim que Moira comprou, já que o que eu estava vestindo agora está rasgado no chão – algo que notei que James adora fazer. Meus olhos flutuam até o reflexo dele no espelho enquanto ele se arruma atrás de sua mesa. Ele enfim lavou o sangue de seus braços e agora está abotoando a camisa, cobrindo as cicatrizes que marcam cada centímetro de seu torso. Meu coração se contorce, imaginando como foram parar lá e sentindo um pesado senso de propósito, sabendo que ele me deixou vê-las.

Ele abre uma gaveta e pega uma pistola, colocando-a na cintura atrás das costas, antes de pegar e vestir seu paletó, abotoando-o na frente.

Fico tensa com a visão.

— Você é mesmo muito atraente para o seu próprio bem — comento.

Sua cabeça se ergue, um sorriso esgueirando-se em seu rosto enquanto caminha, parando atrás de mim e dando beijos no meu pescoço.

— James? — Sinto o latejar da minha pulsação nos ouvidos.

Não tenho certeza de qual é a nossa situação agora, parte de mim sente como se estivesse me equilibrando no meio de uma gangorra, sem saber para que lado vai pender.

— Hum? — cantarola contra mim.

— Posso... — Eu giro, apoiando as mãos no peito dele. — Quero ver meu irmão.

Ele concorda.

— Tudo bem.

O alívio flui através de mim.

— E... — Mordo o lábio. — Quero meu telefone de volta.

— Pode deixar. — Ele arqueia a sobrancelha. — Mais alguma coisa?

— E quero que me diga que não estive com Moira — digo de uma vez, o calor chamuscando minhas bochechas.

Ele pausa.

— Nunca?

Eu me contorço.

— Bem, é claro que agora não. Sei que estaria mentindo.

Seus dedos inclinam meu queixo para cima até que eu esteja olhando em seus olhos.

— Não estive com a Moira, ou com qualquer outra mulher, desde o momento em que te toquei.

Solto a respiração que estava segurando, a tensão em mim se desfazendo.

— Tudo bem.

Os lábios dele se contraem.

— Está certo.

— Tudo bem — repito.

— E, só para esclarecer — ele aperta o polegar no meu queixo —, se *alguém* tocar em você, cortarei as mãos dele para nunca mais conseguirem sequer *tocar* em nada.

Meu peito se contrai.

— Você é tão violento.

Ele sorri.

— É quem eu sou, querida.

— E eu estou...? Nós estamos... Não estou mais sendo mantida em cativeiro...?

— Wendy, você é livre para fazer o que quiser. O seu pai, ele...

— Não, eu sei — interrompo, não quero falar do meu pai, as feridas ainda estão muito recentes.

— *Não*, não sabe. — Ele toca a lateral do corpo, onde a cicatriz feia marca a sua pele. — O acidente de avião? — Suas narinas dilatam. — Foi num dos voos do seu pai.

Arfo.

— O quê?

Ele balança a cabeça.

— Aqui não é o lugar para falar disso, querida.

A irritação me queima por dentro, sem querer ser calada, do jeito que sempre fui quando quis saber o que estava acontecendo.

Abro a boca, mas o dedo dele cobre meus lábios.

— Vou contar tudo o que quiser saber, mas não aqui.

Uma sensação pesada afunda na minha alma.

— Você vai matá-lo? — sussurro.

Ele suspira.

— Você precisa entender, seu pai tirou quase tudo de mim. — O polegar dele roça meu lábio. — E, apesar de que eu faria *qualquer coisa* que você me pedisse, por favor, não me peça isso.

Meu coração aperta, a desolação correndo nas minhas veias.

— Mas eu... — Os olhos se enchem de lágrimas. — Ele é meu *pai*.

— Sim, bem. — A cabeça dele se inclina para o lado. — Foi ele quem matou o meu.

*

Estou de volta ao barco do James, sentada no convés no mesmo exato lugar em que ele me trouxe para o nosso primeiro encontro. Faz dois dias que ele me fodeu na mesa do seu clube de strip-tease e depois destruiu minha cabeça quando se abriu a respeito de seu passado. E do meu pai.

A bile queima no fundo da garganta quando penso em James, uma criança, passando pelo que ele passou nas mãos do tio. Viver a dor de perder os pais e ver o responsável por essa perda sorrir nas capas das revistas por anos sem nenhuma consequência.

Minha alma está doente ao pensar no tormento que *marcou* seu coração.

Ainda assim, não consigo ficar em paz com ele querendo matar meu pai e eu apenas aceitar. Mas como posso pedir que não faça isso depois saber o que o meu pai fez?

Além disso, não consigo entender o *porquê*. Por que mataria o sócio de James? Por que mataria Ru?

Não faz o menor sentido.

Dito isto, saber a raiz do problema ameniza um pouco a dor de James ter feito o que fez comigo. Não me faz esquecer, mas entendo a raiva dele, pelo menos em partes.

E, talvez, isso me faça ser boba. Talvez eu ainda seja ingênua, mas James é o único que já confiou em mim a ponto de me dizer a verdade. De contar o que está acontecendo para que eu possa entender um pouco as coisas. Ele se arriscou me contando. Assim, também posso me arriscar em confiar quando ele diz que se importa comigo.

Estou com meu celular de volta há mais de 48 horas. Verifiquei as mensagens e ligações da Angie, e da The Vanilla Bean, que me demitiu por não aparecer. Mas não havia uma única ligação perdida do meu pai.

Nem *umazinha*.

Nada de Jon, também, embora eu tenha mandado mensagem e perguntado como as coisas estavam indo.

A porta deslizante se abre e Smee entra no deque com uma bandeja de salada e um sorriso no rosto. Ele a coloca na mesa e se senta.

— O chefe disse para garantir que você coma enquanto ele estiver fora.

— Eu poderia ter pegado algo para mim. — Sorrio para ele.

Smee dispensa o meu comentário com um aceno de mão.

— Não é nada demais. Este é o meu trabalho, lembra?

Ele empurra a bandeja para mim sobre a mesa e estendo a mão, pegando um pimentão verde e colocando-o na boca enquanto ele abre uma cerveja, dando um longo gole.

— De onde você é, Smee? Como acabou trabalhando para James?

Ele pega uma cenoura e dá uma mordida, relaxando na cadeira.

— Ah, não é tão interessante assim. Passei uns tempos difíceis anos atrás, e ele me ajudou.

Sinto tanto orgulho.

— Ajudou?

Ele concorda.

— Me tirou das ruas e me colocou aqui, disse que eu poderia ficar, desde que aprendesse tudo o que havia para saber de manutenção de barcos.

— E você cresceu aqui em Bloomsburg?

Não sei por que estou fazendo tantas perguntas. Talvez seja porque, se estou planejando ficar no barco, eu me sentirei mais confortável se conhecer seus residentes, ou talvez seja porque estou desesperada por uma distração da agitação que as revelações recentes de James causaram.

Ele toma outro gole de cerveja.

— Sim, aqui mesmo. Estive aqui a vida toda.

— Que bom — cantarolo. — Tem algum familiar?

Algo sombrio atravessa o olhar dele.

— Sinto muito. — Eu me encolho, sentindo-me mal por causa de sua expressão. — Estou sendo intrometida.

Ele ri, ajeitando o gorro vermelho na cabeça.

— Não, está tudo bem. Minha mãe ainda deve estar por aí, procurando a próxima dose.

Sinto a culpa por bisbilhotar escorrer por mim.

— Ah, desculpa.

Ele faz um gesto de indiferença com a mão.

— Já aceitei quem ela era há muito tempo. Mas meu pai era um cara legal. Embora eu não soubesse quem ele era até alguns anos antes de ele morrer.

— Minha mãe também faleceu — comento, o coração doendo. — A dor pelo tempo perdido nunca ameniza, né?

Seus lábios se curvam para baixo, os dedos apertando o gargalo da cerveja.

— Com certeza não, srta. Wendy.

O som de passos chama minha atenção e vejo James subindo no convés, impecável como sempre em seu terno de três peças.

Smee se levanta, tirando a sujeira da frente da bermuda.

— Preciso voltar ao trabalho. Obrigado pela companhia.

Sorrio.

— Obrigada pela comida.

Eles passam um pelo outro e James sequer o olha direito.

— Não sente calor nisso? — pergunto.

Ele ignora minha pergunta, abaixando-se e buscando meus lábios para me beijar. Sua língua desliza em minha boca e meus olhos se fecham, perdida em seu gosto.

— Hmm. — Ele se afasta, descansando a testa na minha, o polegar acariciando meu rosto. — Infelizmente, tenho negócios que precisam da minha atenção. Vai ficar bem aqui?

— Sim. Vou ficar bem. Estava pensando em ir à The Vanilla Bean, de qualquer maneira.

Ele parece não gostar muito.

— James, você *disse* que eu estava livre para ir aonde eu quisesse e agora está...

— Querida, por favor. — Ele suspira, dando outro beijo nos meus lábios. — Você está. Perdoe-me por querer mantê-la só para mim. Deixarei as chaves do Aston se quiser usá-lo.

O nó no meu peito se solta.

— Obrigada.

— Faz um favor para mim? Não tire a gargantilha.

Minhas sobrancelhas franzem.

— *Ainda?*

— Me agrade. — Ele sorri. — Gosto de saber que as joias estão decorando sua pele. — Seus dedos roçam os diamantes. — Volta para jantar em casa? Tenho uma surpresa.

— Tudo bem. — Sorrio, sentindo um frio na barriga.

Casa.

Ele diz isso sem esforço, como se este lugar fosse meu também... e ao qual pertença. Mas ainda estou no limite, sem saber se isso é bom demais para ser verdade – se talvez ele ainda está me usando para algum grande plano.

Afasto os pensamentos e entro, escolhendo ignorar os sussurros da dúvida.

40

JAMES

Suspiro, tirando do canal do noticiário. Não têm falado de nada além dos incêndios da VoeAlém e, apesar de ficar satisfeito cada vez que vejo os escombros e a destruição, não posso deixar de me sentir frustrado por nada ter acontecido.

Na verdade, para um homem tão popular quanto Peter, parece que ele desapareceu da face da Terra. Isso me deixa *desconfortável*. Tudo nos últimos dias parece estar me deixando inquieto, um pressentimento, uma tempestade se formando fora do radar, sem ideia de quando cairá ou da destruição que deixará para trás.

Os gêmeos estão sentados à minha frente, os rostos sombrios ao me falarem de mais um carregamento desaparecido, um milhão de dólares em pó que simplesmente evaporou no ar.

A raiva me envolve por dentro enquanto estou sentado atrás da mesa, sentindo como se estivesse olhando para um quebra-cabeça gigante e não enxergando a peça principal.

Onde foi que Peter se meteu?

Olho para os gêmeos, expirando fundo ao tentar conter a ira crescente.

— Preciso que façam as rondas. *Hoje*. Vão a todas as esquinas e peguem *todas* as pessoas que já tocaram no nosso produto, tirem as roupas delas e as revistem. Se virem uma tatuagem de um crocodilo, um relógio, ou qualquer mistura dos dois, tragam essas pessoas até aqui e as prendam no porão. Está entendido?

— Pode deixar, Gancho.

— Ótimo. — Estalo o pescoço. — Por favor, mande Starkey entrar quando saírem.

Eles saem e meu estômago se revira com a lembrança da tatuagem, como se tivesse sido arrancada direto dos meus pesadelos e tatuada na minha pele. Mas isso é *impossível*.

Starkey abre a porta, os olhos arregalados e cautelosos.

— Senhor.

Minha mandíbula se contrai quando me levanto, abotoando a frente do paletó e andando ao redor da mesa em direção a ele. O silêncio permanece por longos momentos até eu, por fim, falar:

— Lembre-me de novo, Starkey, por que interferiu naquele dia?

— Foi um acidente, Gancho. Não foi porque eu *quis*. — Ele abaixa o olhar. — Estou disposto a aceitar qualquer punição que achar adequada.

O canto da minha boca se curva para cima, embora, por dentro, o estômago esteja se revirando.

— E se eu achar adequado acabar com a sua vida? Afinal, a punição deve ser igual ao crime, não concorda?

Ele engole em seco, os dedos tremendo ao lado do corpo. Meus olhos acompanham o movimento.

— Foi um acidente — repete.

Concordo com a cabeça, dando um passo até ele.

— Não te pago para causar *acidentes*.

Minhas narinas se dilatam, os dedos trêmulos para agarrar meu gancho e afundá-lo em sua pele. Mas não seria bom para a moral se eu o matasse neste momento. Até agora, Starkey nunca foi um incômodo, e entre a morte de Ru e os rumores nas ruas, a última coisa de que preciso é que meu círculo íntimo sinta que não está seguro na minha presença.

— Você sempre foi leal ao extremo, Starkey. Um dos melhores. Um em quem, até o outro dia, eu teria confiado com a minha vida.

A mandíbula dele fica tensa. Pego meu gancho, virando a lâmina e usando a ponta para levantar seu queixo.

— Não faça algo tão bobo de novo ou, da próxima vez, não serei tão tolerante.

Ele concorda com a cabeça, os olhos olhando onde meus dedos pressionam o metal na pele.

— Obrigado — diz. — E peço desculpas, não foi por querer...

Ergo a mão, dando um passo para trás.

— Quero que encontre a assistente de Peter Michaels, Tina Belle. E quero que a traga até mim. Entendeu? — Ele engole e concorda com a cabeça. — Vá.

A cada minuto que passa depois que Starkey sai, meu corpo fica mais tenso, parecendo que estou assistindo a uma TV com estática. *Devo ter deixado passar alguma coisa*. Mas, por tudo que me é mais sagrado, não consigo descobrir o que é.

Quando finalmente volto para a marina, parando antes de ir para casa para comprar uma garrafa de champanhe e um buquê de rosas, estou exausto. Não quero nada além de me perder na presença de Wendy.

Entrando na cozinha, coloco o champanhe para gelar, o silêncio no ar fazendo meu coração parar, imaginando se talvez ela tenha mudado de ideia e decidido me deixar, afinal. Esfrego a mão no peito, sem gostar do modo como minha pulsação está de repente descontrolada.

— Romântico.

Giro com a voz, Smee entrando no ambiente.

— Sim, bem, acho que poderia dizer que estou começando uma nova fase da minha vida. — Dou um sorriso tenso.

Os olhos dele brilham quando se aproxima de mim, a cabeça se inclinando ao me analisar.

— Você gosta mesmo dela, né?

Meu peito se contrai, mas faço que sim com a cabeça. Não sou de falar de emoções de maneira tão aberta, mas imagino que o que sinto seja bastante óbvio, ainda mais quando estamos aqui, na minha casa. Não faz sentido tentar negar.

— Ela passou a ser *primordial* para a minha felicidade.

— Hmm. — Smee para na frente do buquê, inclinando-se para cheirar as rosas. — É — suspira, endireitando-se. — Esperei muito tempo para que trouxesse alguém aqui.

Ergo as sobrancelhas.

— Ah, é?

Ele sorri.

— Para te ver feliz, quero dizer.

Desabotoando o paletó, eu o tiro, colocando-o no encosto de um dos bancos do balcão da cozinha.

— Para ser honesto, não sei bem o que fazer comigo mesmo. — Passo a mão no cabelo. — Nós não começamos com o pé direito, para ser exato.

Smee ri.

— Às vezes, chefe, você só tem que ser paciente e deixar tudo acontecer.
Esfrego a barba que começou a crescer no queixo, concordando com as palavras dele.

— Ela está aqui? — pergunto.

Ele inclina a cabeça para o quarto.

— Acho que não saiu o dia todo.

O desejo de vê-la é forte demais para resistir, então começo a ir para o quarto, parando antes de chegar ao corredor.

— Smee — digo.

— Sim, senhor?

— Você é um bom homem. E agradeço tudo o que faz. Tenho certeza de que não digo isso tanto quanto deveria.

Ele inclina a cabeça, depois disso, vou até a mulher que se tornou o centro do meu universo.

41

WENDY

Eu me acovardei e não fui à The Vanilla Bean, pois não queria ficar cara a cara com uma Angie zangada e sincera demais. Se suas mensagens são qualquer indício, ela não está muito feliz comigo, presumindo que não apareci e desisti, decidindo que não precisava do dinheiro. Então, escolhi ser covarde e mandei uma mensagem em vez de ir. Ela não respondeu.

Não que eu a culpe, pois, da perspectiva dela, parece que sou alguém irresponsável, que só permaneço em algo por um tempo e depois deixo todos na mão. Talvez seja melhor que eu permita que se lembrem de mim assim. Não sei se consigo arrumar uma desculpa por ter desaparecido, além da verdade. De alguma forma, não acho que vai dar muito certo aparecer e dizer que fui mantida refém, mas que está tudo bem, porque acho que estou apaixonada pelo sequestrador.

Dou uma risada irônica, revirando os olhos e recostando-me na cama de James, rindo ao me lembrar de uma das primeiras conversas que tivemos aqui. Uma brincadeira a respeito da *síndrome de Estocolmo*, por mais incrível que pareça. Que ironia.

Uma risada irrompe de mim assim que a porta se abre e James entra, seus olhos vazios e assombrados.

— O que é tão engraçado, menina bonita? — pergunta, vindo se sentar ao meu lado na cama. Estende a mão, roçando-a sob meus olhos, e me derreto toda com suas palavras e seu toque.

Sorrio.

— Só estou pensando na primeira vez que acordei aqui, lembra?

Ele se aproxima, roçando os lábios nos meus.

— Lembro-me de cada momento entre nós, querida.

— Bem... não é meio engraçado que nós conversamos sobre sequestradores legais e então você deu uma de *Gancho* pra cima de mim e fez tudo isso comigo? — Ele faz cara de espanto.

Volto a rir.

— Só estou dizendo. — Minha mão sobe. — É engraçado quando você para pra pensar nisso.

Ele inclina a cabeça.

— Você está bem?

Suspirando, eu me encosto nos travesseiros.

— Estou bem. Só estou tentando achar um pouco de graça no nosso começo um pouco conturbado. Que história para os netos, hein?

Os olhos dele queimam e percebo o que acabei de dizer, sentindo a tensão.

— Não que eu ache que vamos ter filhos, ou que *eles vão* ter filhos. É só uma expressão, na verdade. Sei que somos um casal supernovo, mesmo que tecnicamente a gente *more junto*, né?

Um sorriso cresce em seu rosto e ele se levanta, tirando o terno e subindo na cama, pairando sobre mim.

— Não sei se já ouvi você divagar antes, querida.

Inclino-me para trás, seu peso se acomodando em cima do meu.

— Só para constar... — Ele abaixa a cabeça, as pontas do cabelo fazendo cócegas no meu pescoço enquanto dá beijos na minha pele. — Eu te daria o mundo. Você só tem que pedir. Quer filhos? Está feito. — Ele pressiona os lábios no meu queixo. Fico tensa. — Quer ficar aqui e nunca mais trabalhar? — Outro beijo, desta vez bem debaixo da orelha. — Feito.

Vibro por dentro, o calor se espalhando por mim.

— Quer ver o mundo queimar até as cinzas?

— Deixe-me adivinhar, você vai colocar fogo nele? — pergunto.

Ele ri, o som vibrando em mim e se acomodando nos meus ossos.

— Não, querida. Eu lhe darei o fósforo e ficarei ao seu lado, vendo você se tornar a rainha das cinzas.

Paro de respirar com as palavras dele. Com o que ele está realmente dizendo. E *isso*, por mais mórbido que pareça, me atinge bem no peito, fazendo com que o calor se espalhe a cada batida do meu coração.

Porque James me vê de igual para igual. Como alguém digno de ficar ao

seu lado.

Seus lábios encontram os meus, e me afundo no beijo, cedendo por completo, aceitando que é isso que quero.

Todas as suas partes profundas, sombrias e um pouco desequilibradas. Escolho aceitar cada uma delas.

Escolho *ele*.

Ele sobe a minha camisa enorme – outra dele que vesti –, mergulhando os dedos entre minhas pernas e gemendo quando encontra a pele nua. Puxo o rosto dele de volta para o meu, olhando em seus olhos, observando as linhas brancas que atravessam o azul cor de céu. Inclinando-me, eu o beijo.

Ele geme, tirando a cueca boxer, os dedos passando pela minha abertura.

— Planejei o jantar, mas sinto como se merecesse um agrado.

Minha barriga vibra, o corpo se iluminando com calor, amor e *aceitação*.

Cansei de lutar.

James pode não ser um herói, mas até os vilões podem ter sentimentos. E você não escolhe quem ama.

Ele agarra seu comprimento, passando a ponta de cima para baixo na minha entrada, o prazer serpenteando por dentro de mim.

— Você é uma garota tão boa, pronta e esperando para receber o meu pau — murmura no meu ouvido.

O frio na barriga sobe e vai até o peito, meus quadris se levantando para forçá-lo a entrar, *desesperados* para senti-lo me preencher do jeito que só ele é capaz.

— James, *por favor* — imploro.

Ele circula meus nervos sensíveis com sua ponta até que minhas pernas comecem a tremer e, só então, vai para minha abertura e desliza para dentro de mim. Ele se inclina para trás, os quadris perto dos meus, e arranca a camisa, seu corpo marcado pelas cicatrizes pairando sobre mim.

— Você é lindo — ofego quando ele sai e entra de novo.

Ele sorri.

— Sou?

— Sim. — Meu coração incha no peito e estendo a mão para trilhar o queixo dele. — Você é mais sombrio que a escuridão, mal-humorado e misterioso. Mas lindo.

Inclinando-se até mim, ele suga minha língua para dentro de sua boca e define um ritmo constante, minhas paredes apertando em torno de seu comprimento como se meu corpo o quisesse mais perto. *Precisasse* dele indo

mais fundo. Seus lábios se afastam, a mão envolvendo minha garganta do jeito que ele sabe que eu amo.

— Querida, se eu sou a escuridão, então você é as estrelas.

Então ele aperta, cortando meu ar, minha visão ficando embaçada segundos depois. Minhas mãos cravam em seus ombros, as unhas cortando a pele enquanto eu me rendo aos meus pulmões ardendo, sentindo a tensão aumentar a cada segundo que me aproximo da inconsciência. Explodo, minha visão escurecendo, a cabeça confusa e minhas paredes se contraindo ao redor do pau dele. A euforia borbulha sob a minha pele.

Ele geme no meu ouvido, continuando seu ritmo irregular enquanto volto a mim, os pulmões se expandindo a cada respiração.

— Você quer meu gozo, gatinha? — pergunta.

Solto um gemido.

— Quero, *por favor*.

— Adoro quando você implora. — Ele sai de mim, subindo pelo meu corpo até seus joelhos se acomodarem em ambos os lados do meu peito. — Seja minha boa menina e chupe até sair.

Seu comprimento salta na minha frente, brilhando com a minha essência e latejando pela sua vontade de ejacular. Eu o seguro, sentindo-o pulsar sob meus dedos, e o puxo para a boca, gemendo com o gosto do meu gozo em sua pele.

Giro a língua em torno da cabeça e relaxo a mandíbula enquanto ele bombeia os quadris, o comprimento batendo no fundo da garganta. Meus olhos lacrimejam, mas respiro fundo pelo nariz, suas mãos agarrando meu cabelo e sua cabeça jogada para trás, a boca um pouco aberta.

Vê-lo no meio do prazer envia uma onda de poder avassaladora através de mim. Chupo com força conforme ele empurra, engasgando quando ele avança no fundo da minha boca e desliza pela garganta, a saliva escorrendo pelos cantos dos meus lábios e deslizando no rosto. Meus olhos ardem, as lágrimas embaçando a visão quando seus quadris empurram até encostarem no meu rosto.

— Essa é a minha garota — elogia ele. — Engolindo meu pau como uma perfeita puta.

O insulto me machuca, mas o jeito que ele diz me faz *querer* ser sua puta. Ser indecente e depravada só para ele.

Sempre só para ele.

De repente, ele sai da minha boca e eu arfo, a mandíbula doendo. Ele se agarra e começa a mexer a mão, os quadris indo de encontro ao punho. Eu observo, o desejo se acumulando na barriga quando seu corpo fica tenso, a veia

na parte inferior do pau pulsando enquanto jorros grossos de esperma disparam. Eles pousam, quentes e pegajosos, no meu rosto, escorrendo pela bochecha e caindo no peito.

Ele solta um longo gemido à medida que pinta minha pele com seu prazer. Vê-lo se desfazendo acima de mim me deixa tonta de desejo.

O peito dele sobe e desce ao recuperar o fôlego, a mão subindo para acariciar meu cabelo e meu rosto, esfregando seu gozo na minha pele.

— Tão boa para mim — elogia. — Absolutamente perfeita.

Meu peito se aquece, a satisfação me envolvendo como um cobertor quente em uma noite de inverno. Inclino-me para encontrar seu toque.

— James?

— Sim, querida?

— Acho que amo você.

42

JAMES

Ela me ama. E é a primeira pessoa, além da minha mãe, que já me disse essas palavras.

Até agora não tinha percebido o quanto precisava ouvi-las. Mas, em vez de retribuir as palavras, eu a beijei de um jeito bobo e dei a ela comida e rosas, como se isso compensasse a minha incapacidade de fazer com que essas palavras passassem pelos lábios. Não que não as sinta, eu sinto sim. Só não sei como *dizer*. E é aí que está o problema.

No entanto, mesmo que o medo se agarre à minha alma, preocupado que ela vá se arrepender de tê-las dito, ou ainda pense que a estou usando para algum outro propósito, afasto esse sentimento, porque estou prestes a participar de algo que não tem nada a ver com amor.

Meus olhos observam os três homens que estão amarrados e amordaçados, acorrentados às paredes do porão do The Lagoon. Estão nus, seus corpos lamentáveis tremendo com o frio do piso de concreto úmido e do ar-condicionado central gelado.

Caminho em direção a eles, os meus passos são o único som além dos seus gemidos, e meus dedos se flexionam dentro das luvas. Olho para baixo, vasculhando suas peles, procurando pela *marca* lendária.

E, quando eu a encontro, desejo nunca a ter visto.

É exatamente como Tommy a descreveu: um relógio de bolso dourado com um crocodilo enrolado em volta dele. A imagem me faz ter *náusea*. Parece pessoal. Mas como é possível que alguém saiba? Por outro lado, como é possível

que seja coincidência?

Os gêmeos caminham até os três homens, tiram os sacos pretos de suas cabeças e puxam as fitas de seus lábios. Os olhos deles se arregalam quando me veem parado no meio do lugar, observando-os.

— Oi, rapazes. — Sorrio. — Tatuagens lindas. Digam-me... — Inclino a cabeça. — Onde as fizeram?

Nenhum deles fala.

— Ah. — Estalo a língua. — O tratamento silencioso. Entendo. — Minhas mãos descansam nos quadris enquanto solto um suspiro. — Bem, esperava fazer isso do jeito fácil, mas agora vejo que não vai ser assim.

Um deles cospe aos meus pés.

— Vá se foder, Gancho.

Levanto a cabeça para o teto, rindo.

— Ora, não precisa ser rude.

Tiro o gancho do bolso, girando-o na mão. Virando-me, aceno para os gêmeos, que caminham até a parede mais distante, buscando três baldes.

— Normalmente, gosto deste tipo de conversa. Mas, vejam, estou um pouco perturbado, porque tem alguém tentando acabar com meu bom humor. E *ouvi dizer* que os rapazes aqui talvez saibam quem é?

Os baldes batem no chão quando os gêmeos os colocam ao lado dos homens.

Eu me aproximo, agachando-me na frente daquele que cuspiu, a raiva retorcendo meus traços em um sorriso largo.

— Gêmeos — digo, sem desviar o olhar do homem diante de mim. — Vocês se importariam de me trazer nossos convidados?

— Pode deixar, chefe. — Um quarto balde aparece, ruídos de algo arranhando as laterais e guinchos vindo de dentro.

— Vocês ouviram? — Faço uma concha perto da orelha com a mão. — Parecem *animados*. — Coloco a mão dentro do balde, pego um pequeno animal peludo, sua cauda batendo na manga do meu paletó. Eu o trago até o rosto, olhando para seus olhos pequenos e redondos. — Provavelmente por estarem com tanta fome. — Meu olhar desliza para o traidor patético que está acorrentado à minha parede. — Afinal, os ratos sempre sabem quando estão à beira da morte.

Coloco o primeiro rato dentro do balde ao lado do homem, antes de pegar outro e repetir o processo até que haja meia dúzia de animais lá, arranhando nas laterais, tentando escapar.

Os gêmeos aparecem, entregando-me um maçarico logo antes de se aproximarem, pegando o balde e virando-o de cabeça para baixo até que fique sobre a barriga do homem. Eles se agacham, os antebraços descansando ao longo da borda, garantindo que permaneça no lugar.

O homem grita, sem dúvida sentindo os ratos andando sobre sua pele.

— Agora — digo. — Vou perguntar mais uma vez e de modo gentil: quem fez essa tatuagem em vocês?

O corpo do homem treme, gemidos ridículos saindo de sua boca, mas ele continua sem falar

— Muito bem. Gostaria que tivesse mostrado esse tipo de lealdade a *mim*, mas a respeito da mesma forma. — Acendo o maçarico. — Sabe o que acontece quando um rato está morto de fome? — pergunto, sorrindo para o patético desperdício de gente — Em geral, não precisam de muita comida. Mas, se impedi-los de comer por tempo suficiente, vai descobrir que se tornam bastante vorazes.

O primeiro grito atravessa o ar logo após eu colocar a chama no fundo do balde, aquecendo-o de fora para dentro. Ergo a voz para falar sobre o barulho.

— Acrescente um pouco de calor e ficam frenéticos pela necessidade de escapar. — Dou risada. — Acho que vão descobrir que são belos sobreviventes. Eles até vão mastigar a pele... e os intestinos... e os ossos.

— Pare! — grita. — Por favor! Meu Deus! Era uma mu-mulher!

Mantenho a chama acesa, a sede de sangue tomando conta do meu cérebro até que começo a enxergar apenas a fúria, meu coração bombeando nada além de *vingança* contra todos os que se atrevem a me enfrentar.

— Eu já sei que era uma mulher, seu idiota chorão. Me diga algo útil antes que te comam inteiro.

Mas é tarde demais, seus olhos reviram, ele perde a consciência enquanto os ratos se banqueteam em sua barriga.

Suspirando, apago a chama e olho para os outros dois idiotas acorrentados.

— Quem é o próximo? — sorrio, girando o maçarico entre os dedos.

— A mulher — um deles se apressa a dizer. — Ela trabalhava no bar.

Meus movimentos paralisam e fico tenso por dentro.

— Que bar?

— O seu! — choraminga. — O JR.

Estalo o pescoço, soltando uma risada longa e alta, a descrença disparando pelas veias. Porque é impossível que este homem esteja dizendo o que eu acho que está. Que a mulher não é Tina Belle, nem uma estranha. Disparo até ele, os

dedos agarrando seu queixo, pegando o gancho em um piscar de olhos e cortando a bochecha dele.

— Por favor — implora.

— Não minta para mim — exijo. — Está insinuando que alguém está se aproveitando da minha hospitalidade? — pergunto, o fogo transbordando dos meus olhos. — Qual é o nome dela?

O corpo dele treme sob o meu aperto, seu choro e soluços pesados fazendo suas palavras saírem gaguejadas.

— Me diga! — grito, o gancho pressionando mais fundo, gotas de sangue escorrendo pelo rosto dele.

— Moira! — choraminga. — O nome dela é Moira.

43

WENDY

— Wendy?

O alívio flui através de mim quando ouço a voz de Jon. Estava no banho e quando saí e vi que tinha perdido a ligação dele, comecei a ligar de volta sem parar até ele atender, não queria fazer nada até ouvi-lo falar.

— Jon, oi — suspiro na linha. — Como você está?

— Estou bem.

— Sinto tanto a sua falta, cara. — Minha voz vacila, as emoções das últimas semanas transbordando. — Desculpa não ter ligado até agora.

— Ah, está tudo bem, James me disse que você estava doente.

Fico sem ar.

— Ja... o quê?

— É, disse que é por isso que ele ligou e não você. Escuta, não preciso de babás, sério.

Meu coração explode no peito, a mente acelerada com o que ele está dizendo; com o que isso significa.

— Quando foi que... — Limpo a garganta. — Quando você falou com James?

— Quase todos os dias desde que vim pra cá, Wendy. É o que estou tentando dizer. É um pouco superprotetor.

— Ele te liga? — Minha garganta fecha.

— Liga, você não sabia?

Meu peito arrebenta, as lágrimas escapando dos meus olhos. Mesmo

quando estava me ameaçando, ele verificava se Jon estava bem. *Significa que sempre esteve blefando?*

— Não, eu sabia. — Fungo. — Vou pedir para ele dar uma segurada.

— Certo, obrigado. Ei, vai estar em casa hoje à noite?

Fico confusa e olho em volta.

— Vou, por quê?

— Papai disse que vai vir me buscar e pediu pra eu ligar e te avisar.

Fico nervosa quando percebo que ele está falando da mansão.

— Papai está indo te buscar? — repito, sem saber se ouvi direito.

— Sim. Disse que tem uma coisa pra contar a nós dois. Não sei, mas não quero ficar sozinho com ele.

Minha lealdade se divide, querendo permanecer fiel a James e sabendo que ele não vai querer que eu chegue nem um centímetro mais perto do meu pai, mas também querendo estar lá com Jon. Por mais que eu queira dizer não, esperar James chegar em casa e fingir que meu pai não existe, sei que não posso. Não se isso me der a chance de ver meu irmão.

— Tudo bem. Vou para lá agora mesmo.

— Legal.

— Legal — repito, sorrindo ao desligar.

Sinto uma leveza flutuando em mim com a expectativa de vê-lo, mesmo que a culpa me envolva por dentro, sabendo que James vai odiar que eu esteja lá. Mas espero que ele consiga ver as coisas do meu ponto de vista.

Fiquei me sentindo meio estranha a manhã toda. Eu disse a James que o *amava*, e ele não pôde me dizer o mesmo. Não que eu estivesse esperando que dissesse, ainda assim, quando você expõe suas emoções, dói quando não são retribuídas. Mas o fato de ele verificar se Jon estava bem, mesmo contando uma história diferente para mim? Isso significa mais do que qualquer palavra. Procuro o número de James no celular e ligo, meu coração inchando de gratidão pelo que ele fez. Quero que ele saiba que *eu* sei e, além disso, informar onde estarei. Não ficará feliz, mas prometeu não controlar minha vida.

Não sou mais uma refém e não vou deixar que me diga quem posso ou não ver.

O celular dele toca e toca, mas ele não atende. FRANZO a testa, tentando dissipar a inquietação que sinto começar a se espalhar por dentro. Deixo uma mensagem na caixa postal e depois envio uma mensagem só por precaução e solto um suspiro, afastando a ansiedade.

Uma hora depois, encosto o Audi de James na entrada da mansão e sou

parada nos portões.

Minhas sobancelhas se franzem, fico surpresa com os novos e extensos recursos de segurança que cercam o perímetro. Quatro homens estão posicionados do lado de fora e um caminha até a minha janela, batendo no vidro.

Abro a janela, a confusão me dominando.

— Hã... Oi. Meu nome é Wendy.

As sobancelhas dele sobem.

— A filha do Peter? Ele está me esperando, provavelmente.

O homem não fala, apenas acena com a cabeça e se afasta, sussurrando no ouvido de outro cara antes de abrir os portões e me deixar passar.

Que merda foi essa?

Sinto o nervosismo disparar sob a minha pele, parecem formigas correndo pelas veias. Sinto tanto nojo do meu pai que mal consigo enxergar. Não que eu seja a dona da moral, afinal, estou apaixonada por um homem cuja moral, na melhor das hipóteses, está em falta. Mas, pelo menos, ele assume quem é. Meu pai encena, enganando todo mundo.

Enganando a *mim*.

Estaciono o carro e subo o caminho de tijolos, abro a porta da frente e entro. Está um silêncio estranho e isso me deixa tensa.

— Jonathan? Pai? — Minha voz ecoa pelos tetos altos do *foyer*, mas ninguém responde.

Estranho.

Entro na sala de estar, pego meu celular para ligar para Jon.

— Você veio.

A voz me assusta e eu giro, o celular voando pela sala e se quebrando quando cai no chão. Seguro o peito, meu coração batendo sob a palma.

— Jesus, Tina. Você me assustou.

Tina sorri, entrando na sala e parando a alguns metros de distância.

— Desculpa.

— Onde está o meu pai? — pergunto, olhando em volta. — Foi pegar o Jon?

Os olhos dela estão um pouco desfocados, as pupilas dilatadas enquanto sorri.

— Tina. — Aceno com a mão na frente do rosto dela.

Ela pula, saindo do transe.

— O quê?

— Meu pai está aqui? — Um calafrio sobe pela espinha enquanto a

observo, algo parecendo muito estranho neste encontro. De repente, desejo ter esperado James chegar em casa, para que pudesse pelo menos ter tentado me convencer a não vir.

Essa situação não parece *certa*.

— Hmmm, não. — Ela ri. — Mas ele me disse para esperar por você.

Inclino a cabeça, meu batimento cardíaco ecoando nos ouvidos, os olhos observando ao redor.

— Tudo bem.

Ela se aproxima de mim, tropeçando antes de recuperar o equilíbrio.

— Você está bem? — *Ela está bêbada?*

— Estou. Seu pai tem um novo sócio. Novinho, na verdade, e eu que testei o produto para ver se estava no ponto. — Ela bate no nariz.

Meus olhos se arregalam, o estômago se contraindo.

— Você está *drogada*?

— Cheirei só um pouco de pó mágico. — Ela sorri. — Pete não gosta de tocar nas coisas, mas alguém tem que garantir que ele não está sendo enganado.

— Ela estreita os olhos. — E não existe ninguém em quem seu pai confie mais do que em mim.

Ela solta o insulto e cumpre seu objetivo, mas não me machuca do jeito que faria antes. Quase não dói; uma dor fantasma em comparação ao que poderia ter sentido.

Não que eu *já* fosse concordar em usar drogas para beneficiar o negócio dele.

Meus olhos se estreitam.

— Você é nojenta. Como pode ficar bem com o que ele faz?

Ela solta uma risada.

— Essa é boa. Me diga, você se pergunta a mesma coisa enquanto deixa Gancho te arrebentar com o pau dele?

Meu rosto esquenta e cerro os dentes.

— Isso não é da sua conta.

Ela me encara, o sorriso desaparecendo de seu rosto.

— Argh, isso é mesmo um saco. Me disseram para não te machucar.

Fico arrepiada, um alarme disparando com suas palavras. Afasto-me devagar, sem querer fazer nenhum movimento brusco.

— Quem te disse isso?

— *Todos*. — Ela me encara. — Wendy *isso*, Wendy *aquilo*. “Não a machuque, Tina”, “*Precisamos dela, Tina*”, “Ela é minha *filha*, Tina”.

Minhas costas batem na parede, a mesa ao meu lado tremendo com o baque. A ansiedade me inunda conforme ela continua a se aproximar, seus olhos pequenos semicerrados.

— Sabe como é cansativo ficar sempre em segundo lugar?

Aceno que não sei com a cabeça, colocando as mãos na minha frente, meus olhos disparando para o meu celular do outro lado da sala.

— Nunca pedi para ser colocada em primeiro lugar.

— Mentirosa! — grita. E ela me dá um tapa no rosto, minha cabeça se virando para o lado, a bochecha ardendo pela dor. Cerro os dentes, tentando de modo desesperado manter a compostura. Piscando devagar, respiro fundo e, quando volto a abrir os olhos, percebo como errei ao fechá-los.

Porque Tina está bem na minha frente com um vaso de vidro azul na mão, bem no alto. Meus braços se estendem para tentar detê-la, mas ela é rápida e o vaso bate na minha cabeça. Caio no chão, a dor reverberando no meu crânio conforme ela me ataca de novo, e tudo fica escuro.

44

JAMES

Meu escritório está destruído.

Olho para Curly, Starkey e os gêmeos enquanto me observam andando de um lado para o outro. Eles são espertos o suficiente para saber que não há nada que possam dizer que vai acalmar a raiva causando sérios estragos internos. Chamei Curly em específico porque sei que ele e Moira são próximos.

Moira.

Inacreditável.

Virando, aponto para Curly, o dedo trêmulo.

— Você sabia?

Suas narinas se dilatam, os dedos estalando enquanto aperta o punho na outra mão.

— Claro que não, Gancho. Nunca deixaria aquela vagabunda se safar dessa.

Acenando com a cabeça, apoiando as palmas das mãos na borda da mesa e apertando com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Traga ela para mim.

— Eu não sei se...

Meu braço varre a mesa, derrubando tudo no chão, fios arrancados de seus soquetes e canetas rolando pela madeira.

— Traga ela para mim. *Agora.*

Curly assente, pegando o celular e se afastando. Mas não precisa ir a lugar nenhum, porque, quando abre a porta, Moira está do outro lado.

— Oi, rapazes.

Ergo a cabeça de uma vez, a fúria indomada rasgando meus músculos e sangrando pelos ossos.

— Moira — ronrono. — Que adorável de sua parte aparecer. — Ando ao redor da mesa, meus dedos segurando o cabo do gancho com tanta força que machuca.

Ela entra, encontrando-me na metade do caminho, e sorri. Tiro o cabelo dela do pescoço, o dorso da mão na bochecha dela.

— Diga-me, querida, achou que iria se safar? Ou simplesmente quer morrer?

Ela me olha direto nos olhos e sorri.

— Ainda acho que vou me safar. *James*.

Dou um tapa nela com as costas na mão com um estalo agudo e seu corpo cai no chão. Minhas narinas se dilatam enquanto me aproximo dela, o calcanhar do meu sapato cravando-se em suas costas. Apoio o peso do meu corpo nela, deleitando-me em como geme de dor debaixo de mim. Meus olhos se fixam naquela tatuagem de crocodilo nojenta que enfeita a sua nuca quando me lembro de uma coisa.

— *Desculpa, tatuagem nova. Ainda está um pouco dolorida.*

Balanço a cabeça, rindo da minha própria estupidez. Abaixando a mão, eu a viro, usando o antebraço sobre seu peito para prendê-la.

— Ah, tantas lembranças suas embaixo de mim, como a puta indecente que sempre foi.

Suas mãos batem no chão e ela solta um grito rouco.

— Vá se *foder*, Gancho. É por isso mesmo que o trai. Você trata as pessoas feito merda.

— Poupe-me do teatro. Eu trato *você* feito merda porque nunca valeu mais do que isso. — Pressiono a lâmina na jugular dela. — Diga-me o que eu quero saber.

— Prefiro morrer — diz, com raiva.

Sorrio.

— Ah, tenha certeza de que vai. — Eu me aproximo, os lábios em sua orelha. — Você cometeu um erro escolhendo Peter.

Ela faz cara de confusa e então *ri*, a cabeça batendo no chão até que as lágrimas escorem pelos cantos dos olhos.

— Meu *Deus*, você nem sabe, né?

Minha mandíbula se contrai, a outra mão se estendendo e agarrando seu

cabelo, levantando a cabeça dela e a batendo no chão. Ela grita quando empurro seu rosto contra o chão, meu gancho de volta em sua garganta.

— Fale em enigmas de novo e vou cortar seus lábios fora.

Ela estremece.

— Não conheço o Peter, está bem? *Meu* homem é o Crocodilo. — Ela empurra o pescoço na ponta da lâmina. — E ele está vindo atrás da sua cabeça.

Afasto o gancho, substituindo-o pelos meus dedos, apertando até sentir a traqueia dela na palma da mão. Ela tosse, os olhos inchados pela pressão.

— Você não... não quer fazer isso — ofega.

— Eu juro que quero.

— Ele está com a sua *preciosa* Wendy. E eu sei onde.

*

Antes deste momento, sempre pensei que sabia o significado de medo. Tinha assumido que olhar para o rosto do meu tio – ouvir os tiques de seu relógio enquanto ele trancava a porta do meu quarto – era o epítome da palavra.

Eu estava errado.

Porque nunca conheci as garras geladas do terror verdadeiro, não como o que senti quando o nome de Wendy passou pelos lábios de Moira.

O cabo do gancho desce em sua cabeça antes que ela possa falar de novo, fazendo-a desmaiar. Deixo o corpo dela cair no chão, correndo para encontrar meu celular e abrir o rastreador instalado em seu colar, torcendo mais do que tudo para que ela ainda esteja com ele.

Ela está.

E está na Caverna do Canibal.

Mas, se não é o Peter, então por que estão lá?

Assim que vejo a localização dela, saio pela porta, Starkey e os gêmeos vêm comigo enquanto Curly fica para trás. Ele ficará esperando minha ligação. Assim que eu tiver certeza de que Wendy está de fato lá, vai meter uma bala na cabeça de Moira.

Gostaria de prolongar a tortura dela, mas a segurança da Wendy é primordial e não quero deixar pontas soltas.

O trajeto até a Caverna do Canibal demora metade do tempo que normalmente demoraria, meu pé parecendo chumbo no acelerador, a mente

girando em mil direções diferentes.

Sou tão burro por acreditar que meus inimigos não a tirariam de mim.

Que *Peter* não usaria a própria filha. Subestimei-o mais uma vez.

Os rapazes estão um tanto quietos no carro, Starkey sentado no banco do passageiro com uma pistola no colo e os gêmeos falando baixinho um com o outro no banco de trás. Eu me sinto furioso, rezando para um deus que já me sentenciou ao inferno, oferecendo minha alma em troca desde que mantenha Wendy segura.

Ela tem que estar segura.

Assim que chegarmos à entrada da caverna, estaciono o carro.

— Tudo bem. — Respiro fundo, visto as luvas e verifico a minha arma. — Estão prontos, rapazes? — Sorrio. — Chegou a hora de cobrar o pagamento. — Não espero que me sigam, sabendo que me protegerão. Estou apenas focado em encontrar Wendy, deixá-la em segurança e depois matar todas as pessoas que pensaram que poderiam usá-la contra mim. A surpresa cintila por dentro ao perceber que agora a vingança não importa mais para mim, não se for às custas da vida dela.

Passando pelas árvores carbonizadas, ignoro como meu peito se contrai ao lembrar do corpo de Ru pegando fogo e entro na caverna. Atravesso a entrada estreita e rochosa, dando em um lugar amplo, meus passos vacilando quando vejo Wendy inconsciente, amarrada a uma cadeira com sangue seco no rosto.

Fico sem chão, o fogo me queimando por dentro ao vê-la assim.

Vou *queimar* todos eles.

— Gancho, que bom que veio!

Fico tenso ao ouvir a voz de Peter. Tinha esperanças de que não fosse o próprio pai de Wendy que faria tudo isso apenas para me atingir.

— Peter. — Coloco as mãos nos bolsos. — Engraçado ver você aqui, sendo uma figura paterna desastrosa, mais uma vez.

Ele ri enquanto olha para a filha.

— Sim, bem, às vezes sacrifícios devem ser feitos.

Inclino a cabeça.

— Você machucaria sua própria filha?

Seus olhos ficam sombrios.

— Ela não deveria estar ferida. Tina exagerou um pouco.

— Hmm. — Olho para ela de novo, focando na subida e descida constante seu peito, o alívio de vê-la respirar fazendo com que eu seja capaz de me concentrar em Peter. — Talvez precise manter sua cadela na rédea curta.

Ele passa a mão pela boca, os ombros se levantando.

— Talvez tenha razão certo. Mas o que se pode fazer? Mulheres.

Suspiro.

— Cansei de jogar esses jogos, Peter. Diga-me por que me trouxe até aqui.

— Abro os braços ao lado do corpo. — Presumo que tudo isso seja para...

— Não foi ele.

Uma nova voz vem de trás de mim e meu sangue congela com a familiaridade.

Não é possível.

Resisto ao desejo de me virar, não quero dar as costas para Wendy, nem por um segundo. Mas, em pouco tempo, ele se move para ficar na minha frente.

Ele está diferente. Seu cabelo está penteado para trás, um terno preto o vestindo com perfeição. Ele se *parece comigo*.

Abre um sorriso largo em seu rosto jovem.

— Oi, chefe.

Fico boquiaberto e solto um suspiro, a traição afundando no peito, abrindo-me ao meio.

— Smee.

— Surpresa! — Ele solta uma gargalhada, girando em círculo. — Uau, isso é *muito* mais do que eu esperava que fosse. — Ele coloca a mão no peito. — Perdoem-me, claro, pela minha empolgação. Estive esperando por este momento há muito tempo.

Meu estômago se revira, a raiva e a dor se misturando até minha visão embaçar. Meus olhos passam dele para Wendy, a cabeça dela balançando para frente e para trás, o corpo lutando contra suas amarras quando acorda. Alívio me invade.

Ótimo. É um bom sinal.

Smee para na minha cara.

— Presta. Atenção. Em. *Mim*.

Sorrio, trincando os dentes enquanto estendo a mão para o bolso e puxo meu gancho, girando-o devagar entre os dedos.

— Sabe — começo —, é incrível que, depois de todos esses anos, eu encontraria você aqui. — Eu me aproximo dele. — Me traindo.

Os olhos dele se estreitam.

— Tem razão. Estamos *mesmo* juntos há anos. E todos os dias foram uma tortura, sabendo quem você era e sem te matar enquanto dormia — cospe, um sorriso irônico estragando suas feições.

Pressiono a mão no peito, fazendo biquinho.

— Isso dói, Smee. Achei que a gente era amigo.

Ele ri.

— Ah, nós somos mais que amigos, James Andrew Barrie.

Fico sem ar com o uso do meu nome completo.

— Somos primos.

45

JAMES

Minha respiração congela, o coração quase para no peito.

Se somos primos, significa que ele é filho do meu tio.

Mas meu tio não tinha filhos.

— Impossível — digo.

— *Improvável*. Mas é a verdade. — Smee balança a cabeça. — Eu estava lá na noite em que você matou meu pai.

Minhas sobrancelhas sobem, surpreso ao relembrar da noite em que tirei a vida do meu tio. Eu estava com um pouco de raiva, então suponho que exista a possibilidade de que alguém estivesse olhando.

Olho para trás de Smee, para onde Wendy está olhando ao redor, seus braços se movendo como se estivesse tentando se libertar das restrições. Peter fica parado no canto, mas seus olhos estão fixos em mim, o rosto tenso e seus olhos sérios.

— Você vai encontrá-lo de novo, em breve — respondo. Saltando para a frente, meu gancho está em sua garganta em questão de segundos. — É muita burrice sua me trazer até aqui, achando que conseguiria sair vivo.

Ele ri, o pomo de dão pressionando a ponta do gancho.

— Você sempre superestimou sua própria importância. Foi o que fez ser tão fácil entrar em sua vida, fingindo ser um sem-teto ao ficar sentado do lado de fora do bar onde trabalha. — Ele ri. — É também por isso que foi tão fácil convencer as pessoas a virem trabalhar para mim.

Minha faca pressiona mais fundo em sua pele.

— Meu pessoal é leal a mim.

— Seu pessoal *tem medo* de você. — Os olhos dele faíscam. — Mas não fui atrás deles. Encontrei os que foram injustiçados. E, quando disse a eles que faria justiça, assumindo o controle e tratando-os bem... ora. — Ele ri. — Foi fácil depois disso.

— É uma pena — digo. — Tentei tanto te manter longe desta vida. — Uma pulsação surda espreita em meu interior. — Não vou gostar de te matar.

— Eu não o mataria se fosse você. — O calor se acumula no sangue quando meus olhos encontram Starkey, manchas vermelhas cobrindo sua camisa e um hematoma inchando na lateral do rosto, presumo terem vindo dos gêmeos. Eu diria que me sinto traído, mas a verdade é que, com Starkey, já desconfiava.

No entanto, nada disso importa, porque tudo no que consigo focar agora é que ele está com a arma pressionada na têmpora de Wendy, o dedo posicionado e pronto no gatilho. Meus olhos a observam, passando por seu corpo para ver se foi machucada de novo. Mas ela parece bem. A mandíbula está rígida e ela está encarando o pai.

— Sammy. — Peter se endireita de onde estava encostado na parede da caverna, puxando a própria arma da cintura. — Isso *não* fazia parte do plano.

A cabeça de Smee se mexe, ainda pressionada sob minha faca.

— Os planos mudam, Peter. Eu disse que a única maneira de pegar James era colocando-a em perigo. Você sabia dos riscos e concordou.

Os olhos de Wendy se arregalam, a boca se abrindo com um arquejo.

— Você *o quê*?

— Oi, querida — interrompo, meu olhar se voltando para Starkey. — É maravilhoso ouvi-la falar. Você está bem?

Os olhos dela se suavizam.

— Além da arma na minha cabeça, você quer dizer?

Sorrio e o corpo de Starkey se enrijece, a mão tocando o cano da arma antes de pressioná-la na mandíbula dela.

— Isso *não é* uma piada — diz, puto de raiva. — Solta o Crocodilo.

Wendy estremece quando Starkey empurra a pistola em seu queixo e o medo dispara dentro de mim.

Seus olhos se arregalam quando foca seu olhar nos meus.

— James. *Não*.

Starkey surta, sua mão puxando o queixo dela para baixo e enfiando a arma na boca.

A raiva me consome e um terror como nunca senti a segue. Porque, por

mais que eu fosse gostar de arrancar a pele do corpo de Starkey e quebrar todos os ossos dele por pensar que podia *tocá-la*, estou do outro lado da caverna.

E não estou disposto a arriscar a vida dela com a chance de ele estar blefando quando sei, no fundo, que não está.

Lambendo os lábios, meus dedos apertam o cabo antes de afastá-lo, levantando as mãos para o ar, o gancho caindo no chão.

Smee sorri, abaixando-se no mesmo instante para pegá-lo. Ele o vira algumas vezes nas mãos, os olhos absorvendo cada detalhe. Voltando a olhar para mim, ele aponta a ponta da lâmina na minha direção.

— Mais alguma arma da qual eu deva saber? — Ele olha atrás de si para onde Wendy está, o rosto molhado, a arma de Starkey ainda presa dentro de sua boca. Estendo a mão atrás das costas, puxando a pistola e a soltando no chão.

Rindo, Smee se vira para Peter e bate palmas.

— O que eu te disse, Pete? O garoto está *apaixonado*. — Ele suspira, olhando de novo para mim, colocando a mão no bolso e puxando algo volumoso, coberto por um pano. Devagar, ele começa a desenrolar o tecido. — Para abafar o barulho. — Ele dá um piscadela. — Para efeito dramático.

O pano cai no chão e, com ele, minha cabeça também.

Tique-taque.

Tique-taque.

Tique-taque.

Cerro os punhos ao lado do corpo.

Smee segura um relógio de bolso de vidro, seu sorriso tão largo que estica suas bochechas.

— Gostou do meu novo brinquedo? É *quase* tão barulhento quanto o que me fez jogar no mar no outro dia. — Ele ri, balançando a cabeça.

Meus pulmões se contraem com o barulho, vislumbres de botas de crocodilo e o clique de portas trancadas aparecendo na minha cabeça, fazendo meu peito se abrir, as memórias reabrindo as feridas.

Ele anda em minha direção até que as pontas de seus sapatos encontrem as minhas, trazendo o relógio para cima e o pressionando no meu ouvido.

— Sabe como é difícil encontrar um relógio que de fato funcione? O que eu costumava ter era especial. Era igual ao do meu pai. — Ele franze a testa. — Mas eu precisava ter certeza de que o que Starkey me disse era verdade.

Minhas mãos voam para a cabeça, tentando abafar o barulho, as terminações nervosas arranhando a pele como se fossem mil insetos desesperados para fugir. O vermelho começa a tomar conta da minha visão, a

névoa trazendo raiva e vergonha – uma mistura volátil que vive constantemente dentro de mim. Minhas mãos disparam, segurando a camisa de Smee com as mãos, amassando o tecido e o levantando até seus pés mal tocarem o chão.

— Na-na-ni-na-não — cantarola. — Se me machucar, ele a matará.

Eu o solto na hora, o coração batendo forte enquanto luto contra os pensamentos maníacos. Considero por um instante pegar meu gancho da mão dele e tentar cortar minhas orelhas fora, fazer qualquer coisa para parar a tortura.

Ele se afasta, o *tique-taque* se tornando um pouco menos intenso antes de seu braço voltar com tudo, o vidro do relógio se quebrando em meu rosto, meu corpo batendo no chão enquanto a dor se espalha pela minha mandíbula. Ele se agacha, com *meu* gancho pendurado entre os joelhos.

— Eu estava lá na noite em que matou meu pai — sussurra. — Eu vi você pela janela enquanto pegava *esse* gancho. — Ele o levanta até meu rosto, traçando-o pelo meu corpo antes de enfiá-lo na lateral do meu corpo, *fundo*. — E o fez sangrar no chão até morrer.

Uma dor abrasadora flameja em meu torso enquanto ele retorce o cabo, meus dentes rangendo com o golpe.

— Você se arrepende? — pergunta.

Meu rosto está no chão de terra, mas viro a cabeça só o suficiente para que ele possa me ver sorrindo.

— Eu o mataria mais mil vezes e forçaria você a ver cada uma delas.

Ele puxa o gancho, o sangue jorrando da ferida e encharcando minha camisa, a pele ficando pegajosa.

— Ele deveria ser meu — diz ele. — Ele *prometeu* que me acolheria assim que você fosse embora. Ele ia te mandar embora, mas, de repente, mudou de ideia. — O cabo desce contra meu rosto. — Então, esperei... *três anos* até você completar 18 anos e então você estragou tudo.

Sinto a boca cheia de gosto de cobre e cuspo no chão, sentando-me, a cabeça ficando confusa com o movimento repentino. Reclino-me contra a parede, a mão disparando para apertar a ferida e tentar estancar o sangramento.

— Eu te fiz um favor.

— Você tirou *tudo* de mim! — grita. — Então, vou tirar tudo de você.

Embora tenha certeza de que ele queria que suas palavras inspirassem medo, só trazem compreensão. Porque pensei a mesma frase. Imaginei isso de mil maneiras diferentes enquanto visualizava as palavras finais que diria para Peter. Uma risada sobe pela garganta, a dor na ferida latejando, embora não seja nada comparado à verdade devastadora: que Smee é igual a mim.

E, para ele, sou igual ao Peter.

— Você quer a minha vida? — Eu tusso, o sangue borbulhando no fundo da garganta. — Tudo o que tinha que fazer era pedir. É sua.

As sobrancelhas de Smee se franzem.

— Isso não é suficiente. — Ele se aproxima devagar de mim, inclinándose até seu rosto estar bem na frente do meu. — Quero ver a sua cara enquanto mato a única pessoa que demonstrou amor por você.

Ele está falando da Wendy. *Claro* que é ela. Porque a vida é um círculo completo e é justo que ele tire de mim o que eu desejava tirar de Peter.

Bang! Bang!

Meu coração bate forte no peito quando os tiros soam, meu estômago se revirando enquanto meus olhos viram para Wendy, com medo.

Não. Ela não. Qualquer um, menos ela.

O alívio escorre pelas veias quando vejo que está bem, a arma longe de sua boca, seus olhos arregalados enquanto vê o corpo desajeitado de Starkey morto a seus pés.

Outro *bum* soa e Peter dá um passo à frente quando atira na nuca de Smee, que também cai no chão.

Não me sinto satisfeito com a morte dele. Entendo muito bem a raiva de querer vingança. Como esse sentimento transborda de seus poros e envenena o sangue até que você não consegue pensar em nada além dele. Só espero que, na morte, ele encontre paz.

— Idiotas — murmura Peter, caminhando e desamarrando Wendy. — Tina, já pode sair agora.

Tina se levanta de onde estava agachada atrás de uma grande pedra, *escondida* esse tempo todo. Eu me contorço ao me levantar, a mão apertando a ferida, a dor irradiando no peito. Meus pés tropeçam quando a tontura me atinge, mas respiro fundo, tentando manter os olhos focados.

— Seu nome é James Barrie? — pergunta Peter, inclinando a cabeça.

— É — respondo.

Imaginei este momento por anos, a expressão no rosto de Peter quando percebesse quem eu sou. Mas, agora, só me sinto vazio. Obrigo meus pés a se mover conforme caminho em direção ao meu gancho, grunhindo de dor ao me curvar para pegá-lo, um jorro de sangue fresco vazando da ferida e escorrendo pela camisa. Não tenho certeza se é muito profunda, mas meu corpo está esfriando e tenho certeza de que estou perdendo mais sangue do que alguém consideraria normal.

— Você se parece muito com seu pai — continua Peter. — E seu irmão se parece com você.

46

WENDY

Quantos parentes secretos James tem?

Meus pulsos ardem de onde a corda estava amarrada. Sacudo os dedos, ignorando o latejar na cabeça e o sangue seco que repuxa a pele do rosto.

Acordei confusa, com uma arma pressionada na têmpora e Smee ameaçando a vida de James. Tem cortes no meu pulso pelo esforço contra a corda e, sendo sincera, nunca me senti tão impotente como quando vi James cair de joelhos – um escravo de seu trauma.

Se meu pai não tivesse matado Smee, eu teria feito isso.

A raiva me inunda como lava quente pela forma como meu pai me enganou. Usou meu irmão para me trazer até aqui e permitiu que a Tina me machucasse e me amarrasse.

Isso não é amor.

James ri, seus olhos estremecendo ao se curvar. A preocupação se agarra ao meu peito com força, imaginando o quanto está ferido.

— Está brincando comigo — diz ele. — Um primo e um irmão? Deve ser meu dia de sorte.

Meus olhos se fixam em Tina enquanto ela se aproxima de onde estou.

Meu pai bate a arma na perna, a postura rígida e os olhos duros feito aço. Se você tivesse me perguntado há um mês, eu teria dito que era impossível meu pai ter armas. No entanto, aqui está ele, parecendo um gângster de marca maior.

— *Gostaria* de estar brincando — responde.

James balança a cabeça e tropeça, a mão deixando o gancho cair no chão.

Fico perplexa e começo a me mover, mas sou puxada pelos cabelos, Tina me agarrando com força.

— Pode parar por aí.

Considero lutar contra seu controle, mas não quero tirar os olhos de James, com medo de que, se o fizer, algo terrível vá acontecer. O pânico se espalha pelas minhas veias.

Meu pai dá um passo à frente, chutando o gancho para longe, indo para a frente de James e empurrando a arma em sua testa até ele cair de joelhos.

— Pai — imploro, meu coração batendo forte no peito. — Pare com isso.

Ele olha para mim.

— Não vê a semelhança, Wendy?

— Semelhança com *quem*?

Tina puxa meu cabelo, fazendo-me estremecer.

— Com Jon! — explode. — O filho bastardo de sua mãe e meu antigo sócio, *Arthur*.

Fico sem ar, o susto fazendo meu estômago revirar.

— O quê? Não, mamãe nun...

— Por favor, Wendy. — Meu pai ri. — Você é sempre tão ingênua.

James fica boquiaberto, o rosto empalidecendo.

— Jonathan é... meu irmão?

— Tecnicamente, meio-irmão. — Meu pai se agacha, enfiando dois dedos na ferida de James. — Pensei que você tinha morrido com eles.

James se encolhe, gemendo de dor, o rosto franzido.

Meu estômago revira enquanto sufoco com as palavras gaguejadas.

— Pai, *por favor* — imploro. — Se você me amou alguma vez, vai parar. — Meu peito arde, e Tina ri atrás de mim. — Já não basta o que fez? — arfo, as lágrimas quentes escorrendo pelo rosto.

Meu pai para, retirando os dedos ensanguentados e ficando em pé. Ele olha para mim, o olhar se suavizando.

— Eu te amo, Pequena Sombra, de verdade. Mas não posso deixar este homem sobreviver. Ele *queimou* todos os meus aviões. Ele desrespeitou minha oferta de negócios. Cuspiu na minha cara e exibiu a minha filha em seu braço como uma puta barata.

Fúria e tristeza disputam o primeiro lugar na minha alma.

À medida que todas as suas declarações se encaixam no meu cérebro, qualquer confusão que eu já tive desaparece, a clareza superando todos os outros sentidos. Agora entendo por que meu pai nunca se importou com Jon.

Porque Jon tem cabelo preto e características morenas, tão parecidas com as da nossa mãe, mas também muito parecidas com *James*.

A descrença me atravessa, uma pergunta sussurrada dançando dentro do meu cérebro.

Meu pai se vira para James, pressionando o cano do revólver na cabeça dele e destravando a arma.

— Quais são suas últimas palavras, Gancho?

— Que falta de educação, Peter — murmura James. — Não é uma luta muito justa. — Ele afasta o olhar do meu pai, fixando seus olhos turvos em mim. Ele lambe os lábios, o sangue escorrendo do canto da boca.

— Não fale — digo, ríspida, meu estômago revirando até doer. — Não *se atreva* a dizer.

Ele sorri, e juro por Deus que a imagem me faz querer morrer.

— A melhor coisa que já fiz na minha vida foi te amar, Wendy, querida.

Meu coração se parte, a agonia me rasgando tão fundo que marca minha alma. Um soluço gutural escapa da garganta, fazendo meu pai se virar. Bato o corpo com força contra o aperto de Tina, a cabeça colidindo com a dela e seu aperto enfraquece.

Correndo, tropeço no chão, engatinho até o corpo de Starkey, estendendo a mão no mesmo instante em que Tina agarra meu tornozelo. Ela foi rápida.

Mas não o suficiente.

Eu me viro em seu aperto, erguendo o revólver e apontando para o rosto dela e, sem pensar, atiro.

O sangue explode da lateral de sua cabeça e sinto uma ânsia quando espirra nas minhas pernas, seu corpo sem vida caindo para trás e se amontoando no chão.

Limpo a boca com as costas da mão, levantando-me devagar e focando os olhos onde meu pai tem James de joelhos em sua mira.

Ambos olham para mim, paralisados e com os olhos arregalados.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto, os fragmentos do meu coração partido rasgando a pele enquanto ergo os braços trêmulos, apontando a arma para meu pai.

— Não tinha que ser assim — sussurro.

— Wendy — diz James, sua voz soando mais forte do que soou a noite inteira. — Pare com isso.

— Mamãe morreu em um acidente de carro? — pergunto, meu dedo se curvando no gatilho.

— Pequena Som...

— Morreu?! — vocifero, a garganta ardendo com força do grito.

O rosto de meu pai se entristece, todos os fingimentos se foram, uma expressão vazia e sem vida entrando em seus olhos.

— Não.

— E Jon? — continuo, embora a angústia esteja me dividindo ao meio.

Ele levanta o queixo.

— Jon não é meu filho. Ele é um *bastardo* e a personificação viva do desrespeito de sua mãe.

Fecho a cara, a verdade excruciante abrindo uma ferida no meio do meu peito. Respiro fundo, acolhendo a dor, permitindo que me abasteça.

Olho para James, depois de volta para o meu pai. Minhas mãos tremem tanto que fico surpresa em conseguir mantê-las erguidas. Mas cerro os dentes e afasto os tremores.

— Não me obrigue a fazer isso. — Minha voz fica presa nas bordas ásperas da garganta.

Meu pai ri, mas seus olhos disparam, nervosos, entre a arma e meu rosto.

— Wendy, não seja ridícula. Sou seu *pai*.

Dou passos lentos à frente.

— Wendy. — A voz do James é ríspida. Seu olhos estão bem abertos, numa expressão de aceitação resoluta. — Está tudo bem, querida — ronrona. — Abaixar a arma.

Lágrimas embaçam minha visão, a dor devastando minha alma, mas faço o que ele diz, baixando a arma.

Os ombros do meu pai relaxam, as sobrancelhas se estreitam.

— Sinto muito que tenha que ser assim, Pequena Sombra. Mas com o tempo vai entender que foi o melhor.

Ele gira, empurrando o revólver na cabeça de James. James fecha os olhos, como se estivesse pronto e disposto a aceitar seu destino.

Mas eu não estou.

— Papai? — Ergo a arma e miro. — Também sinto muito. — Então, puxo o gatilho.

Meu corpo cai no chão antes do dele, os soluços pesados me rasgando enquanto desabo, a angústia do que acabei de fazer é insuportável. Meus braços envolvem a cintura, a náusea fazendo minha pele suar e meu corpo esquentar, e eu vomito, o conteúdo subindo pelo esôfago e se derramando da boca para o chão.

Minha garganta arde e a alma está em um milhão de pedaços, meus olhos tão inchados que mal consigo ver.

Toques suaves acariciam minhas costas e sou puxada para um colo, os lábios de James pressionando meu rosto.

— Shh, querida. Está tudo bem. Vai ficar tudo bem. — Seu aperto é trêmulo e fraco, mas eu o sinto.

E, agora, é exatamente do que preciso.

47

WENDY

Faz uma semana desde que os matei, e a dor pesa na alma.

Não tenho certeza se haverá um momento em que o peso não estará lá, mas não me arrependo do que fiz. Já estava de luto pelo meu pai muito antes e, se tivesse que fazer tudo de novo, ainda estaríamos onde estamos hoje.

Em seu funeral, sentada na primeira fila, com centenas de pessoas atrás de nós.

As lágrimas que escorrem pelo meu rosto são verdadeiras, lembrando-me do pai que me trazia bolotas e sempre dizia boa noite. Mas aquele homem não existia no final e rezo para que eu tenha ajudado sua alma a encontrar a paz. Porque ele não a estava achando por aqui.

Não sei como tudo foi encoberto e não me interessa. Mas, para o resto do mundo, Peter Michaels foi morto por um criminoso qualquer chamado Sammy Antonis, o filho secreto do falecido senador Barrie, conhecido pelo submundo como *Crocodilo*.

James, de alguma forma, nos tirou da Caverna do Canibal, achando os gêmeos amarrados a árvores, muito machucados, mas vivos.

Quando conseguimos chegar ao *Tiger Lily*, James não estava mais consciente. Curly nos encontrou lá com o médico particular e, embora eu tenha gritado até a voz ficar rouca para levá-lo a um hospital, eles se recusaram.

Muitas perguntas e muitas testemunhas.

Quarenta e sete pontos, algumas bolsas de sangue, uma semana de descanso depois e ninguém poderia dizer que ele esteve tão perto de perder a

vida.

Eu, por outro lado, tive que aceitar o fato de que minha alma agora está manchada de sangue. Uma marca pesada, mas que usarei com orgulho.

James diz que às vezes o amor verdadeiro requer sacrifícios. Sacrificarei minha alma milhares de vezes para ficar com a dele.

Depois que o funeral se encerra, nos acomodamos no carro, os braços de James envolvendo meus ombros e me puxando para o seu lado. Ele entrelaça a outra mão com a minha, levando-a até a boca e beijando cada dedo.

— Você está bem, querida?

— Tão bem quanto poderia estar, acho.

— Já checkou Jonathan?

Suspiro e nego com a cabeça. Jon não veio ao funeral. Quando soube da morte do meu pai, pareceu *feliz*. E quando dissemos a verdade a respeito de seu pai verdadeiro, pareceu aliviado.

É estranho saber que James e eu temos um irmão em comum, mas agora que ele não está mais em Rockford e mora com a gente no iate, estou animada para que se conheçam. Para que amem um ao outro tanto quanto eu amo os dois.

Se tem uma coisa que aprendi nos últimos meses, é que família é você quem faz.

— Ei, acha que podemos passar na The Vanilla Bean? — pergunto, de repente querendo ver o rosto sorridente de uma amiga.

Angie entrou em contato depois de saber da morte de meu pai e continuamos a nossa amizade de onde paramos. Ela não perguntou o que aconteceu enquanto estive fora e eu não dei uma explicação. Embora ainda não tenhamos nos visto pessoalmente, portanto, vai saber se isso vai mudar.

James se aproxima, pressionando os lábios na minha orelha.

— Podemos fazer o que quiser, querida. Tudo que precisa fazer é dizer.

— Tudo bem. — Sorrio, virando-me para ele. Estendo a mão para segurar seu rosto. — E você? Como estão as coisas?

Ele sorri.

— Estou pronto para voltar para casa e amarrá-la na minha cama.

— Comporte-se, *querido*. — Dou um beijo nele. — Ah, não querendo mudar de assunto, mas quer fazer um funeral para Ru?

Seus olhos ficam sombrios, a mandíbula tensa sob minha mão. Ele me contou mais do seu relacionamento com Ru na semana passada. Ele disse que estava entediado por estar preso na cama e precisava conversar, mas tenho uma suspeita sorrateira de que foi sua maneira de me ajudar a passar pelo luto.

Quando meus pensamentos me dominavam e meu coração doía demais, James me envolvia em seus braços e me contava histórias dos Garotos Perdidos, liderados por Ru e seu cabelo vermelho vivo.

E deu certo. Ajudou, quer dizer.

Ele balança a cabeça.

— Não. Ele não iria querer.

Meu coração aperta no peito.

— Certo, mas podemos fazer. Se você quiser.

Ele beija meus lábios, os dedos descendo pelo vestido e mergulhando sob a bainha.

— Você é uma mulher muito carinhosa, gatinha. Permita-me mostrar o meu apreço.

— James — ofego. — Você ainda está se *recuperando*.

Ele sorri enquanto desliza para fora do assento da limusine, as mãos abrindo as minhas pernas para que possa se acomodar entre as coxas.

— Você está absolutamente certa a respeito disso — diz, os dedos colocando a calcinha para o lado e mergulhando nas minhas dobras. — Você negaria a um homem machucado um pouco de prazer?

— Eu só acho que você precisa ter... — Minha voz para quando ele se inclina, a língua subindo pelo meu núcleo e girando ao redor do clitóris. Minha mão desce, agarrando seu cabelo, os quadris indo ao seu encontro.

Meu ritmo cardíaco acelera quando olho para o motorista, mas a divisória está levantada e as janelas são escuras, então tenho certeza de que ele não consegue ver. Ainda assim, pensar nele ouvindo é suficiente para deixar meu corpo excitado.

Os dedos dele mergulham dentro do meu núcleo, enrolando-se contra as paredes internas e arrancando um longo gemido da minha boca. Mais algumas lambidas e é tudo o que basta, meu orgasmo me assola igual a uma avalanche, as coxas pressionando seu rosto com força.

Ele coloca a calcinha de volta no lugar, dando um beijo suave sobre o tecido antes de deslizar o corpo pelo meu e encontrar meus lábios para um beijo.

— Essa é a minha garota — diz.

Eu sorrio contra ele, o calor se espalhando pelo peito, os braços envolvendo seu pescoço.

— Só sua, James Barrie.

— E sempre seu, Wendy, querida. — Ele beija meu queixo. — Toda noite.

— Sempre em frente até o amanhecer.

EPÍLOGO

JAMES

DOIS ANOS DEPOIS

Eu costumava odiar o mar.

Não que desse para saber pelo jeito que fico no convés do *Tiger Lily*, a brisa de água salgada soprando no rosto.

É o segundo ano com Wendy ao meu lado e o primeiro ano dela como minha esposa. E ela prometeu que *finalmente* me deixaria levá-la ao mar.

Ela também não gostava, mas acho que está começando a gostar agora.

Olho para a mesa onde tivemos nosso primeiro encontro, antes de saber que ela logo eclipsaria meu mundo e se tornaria a única razão da minha existência. Ela está sentada lá agora, com a barriga redonda do nosso segundo filho, o primeiro já com idade suficiente para andar sozinho.

Não sabíamos, mas ela estava grávida quando enterramos seu pai.

Um menino. Chamado Ru.

Jon e ela riem do nosso bebê enquanto ele requebra os quadris com a música que toca pelos alto-falantes. Um calor se espalha no peito, a felicidade penetrando em cada poro.

Nunca pensei que teria isso.

Uma família.

Uma vida.

Mas então Wendy me assolou com sua lealdade infalível e sua maneira altruísta de perdoar até mesmo o pior dos erros, e me mostrou que mesmo o mais danificado dos corações ainda pode aprender a amar.

Em algum momento, teremos que voltar para casa, é claro. Eu ainda tenho um império para comandar e Jon está começando sua primeira semana na faculdade de engenharia.

De tudo que ele podia querer, escolheu construir aviões.

Pouco depois de a poeira abaixar, Wendy tentou conseguir seu emprego de volta na The Vanilla Bean, mas negaram, citando as várias vezes em que ela não apareceu. O que foi minha culpa, na verdade.

Então, eu comprei a cafeteria para ela.

Antes que o pequeno Ru aparecesse, ela passava seus dias preparando café e criando laços com suas melhores amigas, Angie e Maria.

Maria demorou um pouco para se juntar a elas, mas, assim que começou a namorar Curly, ela amoleceu e, hoje em dia, estão sempre juntas.

Olho para o mar, fechando os olhos e vendo o futuro no qual a aventura espera, sentindo-me grato por termos chegado até aqui.

E pensar que tudo começou com um pouco de fé. Enganos. Pó mágico desaparecido.

E um vilão que só precisava roubar um pouco de amor.

AGRADECIMENTOS



Se tivessem me dito há um ano que eu estaria lançando meu quinto livro, eu teria rido na cara de vocês.



No entanto, aqui estamos nós. Cresci MUITO como escritora e, honestamente, como pessoa desde que lancei *Beneath the Stars* em setembro de 2020. Então, gostaria de reconhecer meus esforços por nunca desistir, por acreditar em mim mesma, mesmo nos dias difíceis, e por sempre escrever com o coração, mesmo quando sei que meus livros não serão para todos.



Ao meu marido, Mike, obrigada por ser minha rocha e por me apoiar mesmo no começo, quando eu não tinha certeza do que estava fazendo. Nada disso seria possível sem você.



À minha melhor amiga, Sav R. Miller. Obrigada por estar sempre presente a cada passo do caminho, por me presentear em todas as ocasiões, por me convencer a ultrapassar os limites e ir com tudo. Por ser uma amiga genuinamente leal até o fim e uma das melhores pessoas que já conheci. Sinto-me honrada em conhecê-la.



Às minhas leitoras alfa e beta: Sav R. Miller, Anne-Lucy Shanley, Michelle Chamberland, Ariel Mareroa. Vocês são as pessoas mais incríveis, sempre trabalhando nos meus prazos ridículos e garantindo para que eu não escreva um lixo total.



À minha editora Ellie e revisora Rosa: desisti de aprender a diferença entre além e adiante e é importante que vocês apenas aceitem isso.

À minha designer de capa, Cat, da TRC Designs: você é incrivelmente talentosa. Obrigada por pegar o que idealizo e trazer à vida.



Ao meu Street Team: não consigo expressar o quanto sou grata por tê-los

ao meu lado, do fundo do meu coração. Obrigada por tudo que fazem, todas as maneiras que aparecem e toda a luz que trazem para a minha vida.

Aos meus leitores: obrigada por sempre ler minhas palavras e ajudar a espalhar meus livros com suas resenhas. Muito do meu sucesso é graças a vocês.



Ao meu Glam FAM (Em-C Glammers): é irônico eu nos chamar de glamorosas quando eu literalmente vivo em um roupão e de coque bagunçado, mas aqui estamos. Obrigada por se juntarem aos meus grupos e lerem tudo o que escrevo. Ter pessoas que amam meus livros é um sonho realizado, estou muito feliz em ter o apoio de vocês. Estou vivendo meu sonho por causa de vocês.

E guardando o melhor para o final, à minha filha, Melody: você é agora e sempre será a razão de tudo.

SOBRE A AUTORA



Emily McIntire é uma autora de best-sellers do Amazon Top 20 de romances dark complicados e belos. Não gosta de se rotular com um subgênero, mas no centro de todas as suas histórias está o amor profundo da alma.

Compositora de longa data e leitora ávida, Emily sempre teve paixão pela palavra escrita e, quando não está escrevendo, é possível encontrá-la esperando sua carta de Hogwarts há muito tempo perdida, perseguindo sua criança agitada ou perdida entre as páginas de um bom livro.